

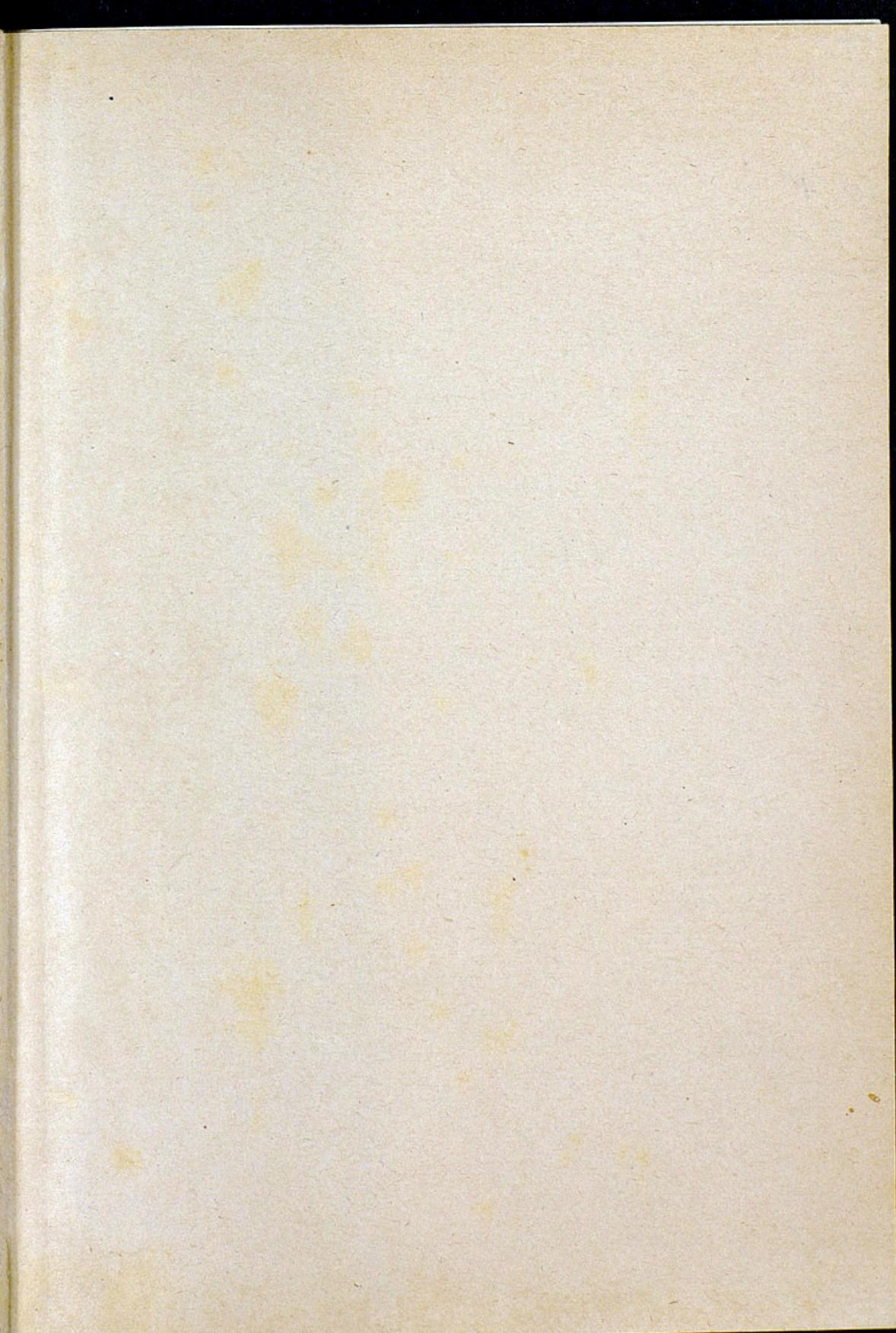


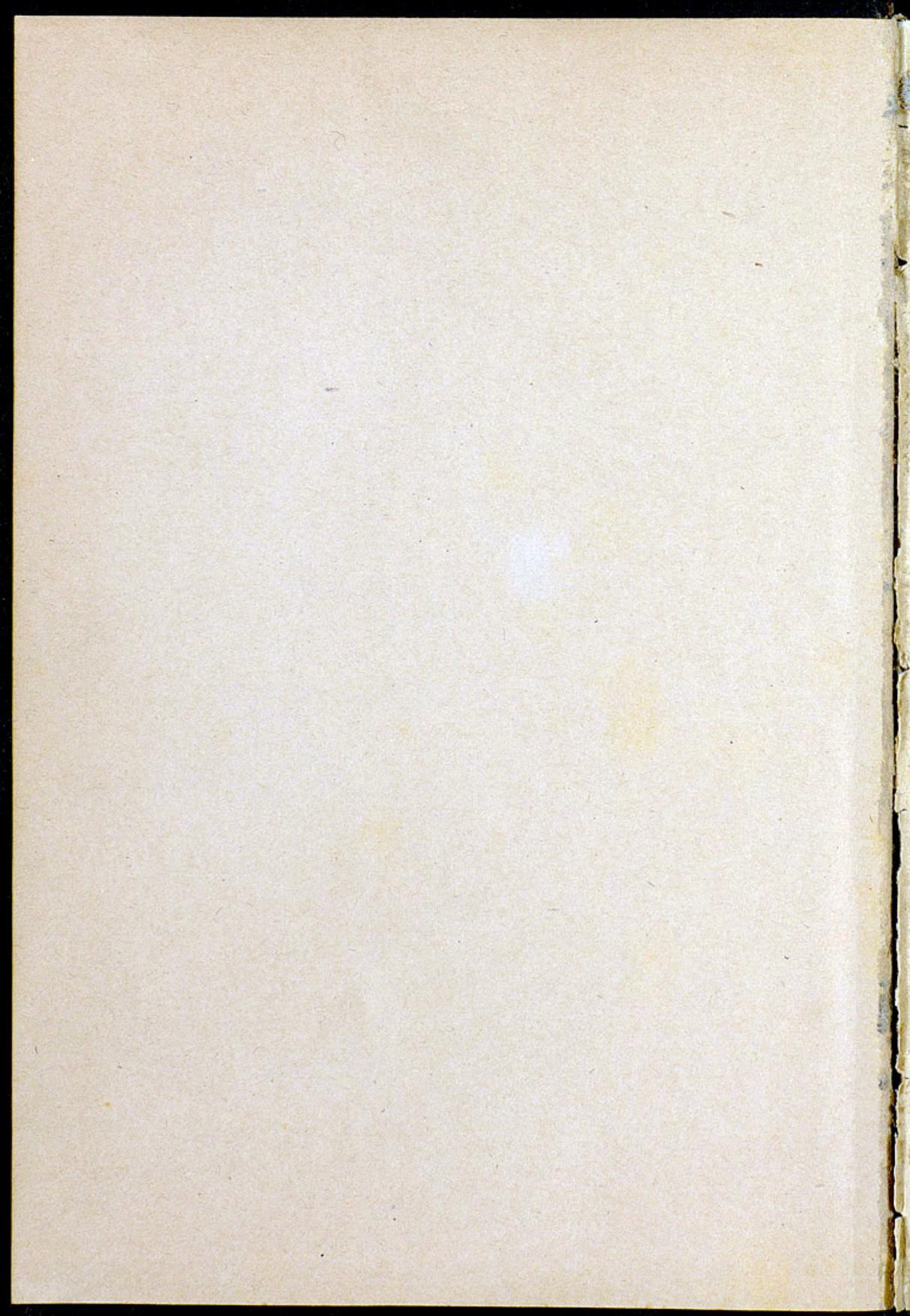
ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA

Inst. Bot. de Coimbra

B-84/
1-1

MEN-1048





COLOQUIOS
DOS
SIMPLES E DROGAS
DA INDIA
POR
GARCIA DA ORTA

EDIÇÃO PUBLICADA
POR DELIBERAÇÃO DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
DIRIGIDA E ANNOTADA
PELO
CONDE DE FICALHO
Socio efectivo da mesma academia

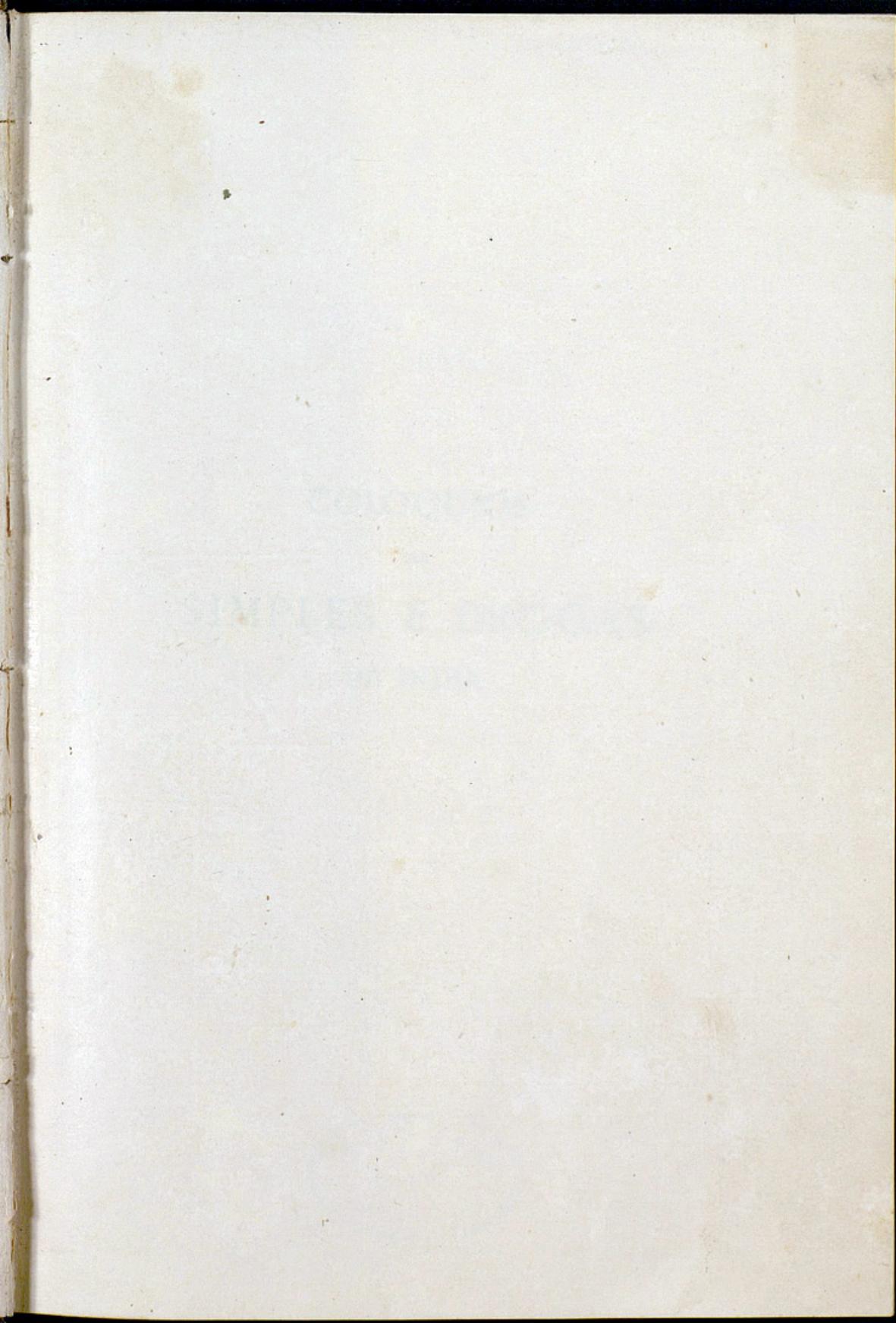


LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

1891

10.

0



THEATRUS DRUGARUM

COLOQUIOS
DOS
SIMPLES E DROGAS
DA INDIA



Oferecido à Biblioteca do Inst. Botânico

por

A. Quintanilha

COLOQUIOS

X-69-126547-9

DOS

SIMPLES E DROGAS
DA INDIA

POR

GARCIA DA ORTA

EDIÇÃO PUBLICADA

POR DELIBERAÇÃO DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DIRIGIDA E ANNOTADA

PELO

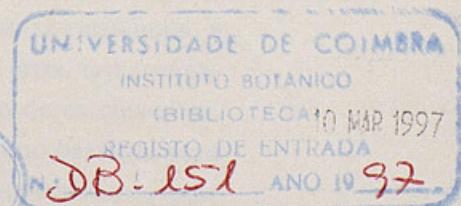
CONDE DE FICALHO

Socio efectivo da mesma academia



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

1891



SIMPLES E DROGAS DA HINDIA

PARA
CARIGA DA ORTIGA

EMICIGA DA TANAGRA

EGOLOGIA REAL DA SOCIEDADE DA FRANCIA

EMOCIONES DE MEXICO

EMOCIONES DE MEXICO

LOBOS DE SICILIA

LOMOS DE SICILIA

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Uma nova edição dos COLOQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS E COUSAS MEDICINAES DA INDIA de Garcia da Orta é de ha muito um *desideratum* para todos os que, em Portugal e fóra d'elle, se interessam pela historia da Sciencia, e tambem para todos os que pretendam estudar a accão e influencia dos portuguezes nas terras orientaes durante o xvi seculo. Os exemplares da edição de Goa tornaram-se rarissimos, e sobre isso estão crivados de innumeraveis erros typographicos. Raros são os que têem tido o ensejo de os consultar, e raros tambem os que se sentem com animo bastante para penetrar nas asperezas de um texto incorrectissimo, pessimamente pontuado, e de uma leitura ingrata e difficil. Existem na verdade varias edições da chamada traducçao latina do botanico francez Carlos de l'Escluze, mais conhecido pelo seu nome latinisado de Clusius; mas a obra de Clusius não é uma traducçao, e sim um resumo ou epitome, diverso e muito diverso do original. O mesmo se pôde dizer da cha-

mada traducçao italiana de Annibal Briganti, e da franceza de Antonio Colin. São effectivamente versões; mas do resumo de Clusius, e não do livro portuguez¹. Assim, enquanto estes epitomes corriam mundo na lingua latina, italiana ou franceza, sendo dia a dia consultados e citados pelos homens de sciencia, o livro de Orta na sua forma portugueza completa, com a caracteristica linguagem do tempo, com os seus modos peculiares de pensar e de dizer, com as suas interessantes notícias sobre a vida íntima da India, o livro de Orta permanecia quasi ignorado.

N'estas condições, a reimpressão dos *Coloquios* impunha-se como uma necessidade urgente para os estudiosos, e quasi como uma obrigação de decoro nacional. Isto sentia já ha perto de meio seculo a Sociedade das sciencias medicas de Lisboa, quando no anno de 1841 empenhava louvavelmente todos os seus esforços para que se fizesse aquella reimpressão. Com o fim de a levar a cabo nas melhores condições, a Sociedade dirigiu-se então a alguns dos homens mais notaveis na litteratura e na sciencia do nosso paiz, pedindo-lhes os seus avisos e conselhos. De dois sabemos nós que foram consultados, ambos eminentes nas letras patrias, posto que desigualmente, Almeida Garrett e fr. Francisco de S. Luiz. Garrett abraçou com entusiasmo a idéa da Sociedade, e na resposta ao officio, que esta lhe dirigiu em 2 de março de 1841, poz á sua disposição a grande influencia de que dispunha, para que se promovesse a reimpressão dos *Coloquios*... «este precioso documento portuguez, infelizmente mais avaliado até aqui dos estrangeiros do que dos nossos proprios, que o iam perdendo, como tantos outros de que apenas alguns conservamos o nome, e bem pou-

¹ Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, de p. 373 a p. 385.

cos a saudade¹». O erudito prelado respondeu tambem á Sociedade, mostrando todo o interesse que o animava pela sua empreza de fazer mais conhecida uma obra «*digna do maior apreço*»; empreza — dizia elle — que devia dar á Sociedade «*grande nome e credito, mórmente se ao texto se ajuntarem algumas das importantes notas, a que elle offerece largo campo e feliz oportunidade²*». Ambos davam, nas respostas á Sociedade, o seu parecer sobre as regras a observar na nova edição, parecer a que teremos de nos referir mais de uma vez nas paginas seguintes.

Devido sem duvida aos esforços e influencia d'estes dois illustres litteratos, o governo decidiu auxiliar a empreza da Sociedade das sciencias medicas, e uma portaria de 27 de maio de 1841, assignada por R. da Fonseca Magalhães, determinou que a reimpressão fosse feita na Imprensa Nacional, e que a dirigesse o conselheiro João Baptista de Almeida Garrett³.

¹ Veja-se o officio da Sociedade, e a resposta de Garrett no livro de Francisco Gomes de Amorim, *Garrett, memorias biographicas*, II, 606, Lisboa, 1884.

² Minuta mss. da resposta do cardeal Saraiva, communicada pelo dr. Venancio Deslandes.

³ Damos em seguida o texto da Portaria:

«Ministerio do reino — 1.^a Repartição. — N.^o 1016. — L.^o 2.^o — Sua Magestade a Rainha, attendendo ao que lhe representou a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, pedindo que na Imprensa Nacional se faça a reimpressão mais nitida de 1:000 exemplares, extrahidos de outro, que adquirira, dos *Coloquios dos simples e drogas e couzas medicinaes da India*, impressos em Goa em 1563, e escriptos pelo medico portuguez Garcia da Orta: manda, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, que o administrador geral da dita Imprensa Nacional faça reimprimir n'ella o sobredito escripto em numero dos mencionados 1:000

Pareciam assim as cousas bem encaminhadas; mas, ignoro por que motivo, os trabalhos da nova edição nunca foram levados a cabo, e nem sei mesmo se foram encetados, pois não encontrei vestigio algum de que se começasse a impressão. E é pena que assim sucedesse, porque a edição de 1841, se se tivesse feito, seria recommendavel por mais de um titulo. Garrett não tinha talvez a instrucção especial, necessaria para esclarecer scientificamente alguns pontos obscuros dos *Coloquios*, mas tinha mais e melhor do que isso. O seu espirito, que foi litterariamente o mais alta e finamente dotado de todos quantos produziu o nosso paiz n'este seculo, o seu espirito abrangia com a mesma lucidez as mais variadas e diversas questões; e elle possuia o íntimo conhecimento da lingua, o amor e o respeito ás suas antigas fórmas, e o impeccavel bom gosto, necessarios para levar a bom termo uma obra de reconstituição litteraria. Póde-se affoitamente afirmar, que uma edição dos *Coloquios*, dirigida por Almeida Garrett, teria sido, quanto ao texto e ás notas historicas, absolutamente definitiva. Pelo

exemplares, depois de praticadas as emendas, que a Sociedade se propõe fazer-lhe, attentos os erros que na sua primeira impressão se introduziram; bem entendido que esta de que se trata tem de verificar-se debaixo da direcção da Sociedade supplicante, ha de ser dirigida pelo Conselheiro João Baptista de Almeida Garrett, a quem se faz a competente participação, recommendando-se ao administrador geral que seja a mais perfeita que for possivel, e havendo-se o pagamento da sua despesa pelo numero de exemplares, cujo preço for igual ao custo, afóra os que, segundo o estylo, ficarem para a casa. O que assim se participa ao administrador geral para sua intelligencia e execução. Paço das Necessidades, em 27 de maio de 1841. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

(Arquivo da Imprensa Nacional, Livro 9.^o de registo de Decretos e portarias, fol. 14.)

que diz respeito ás notas scientificas e botanicas, não era possivel fazer-se em 1841 uma edição definitiva, fosse quem fosse que a dirigesse.

Abandonado, ou protrahido indefinidamente aquelle plano de reimpressão, ficou o assumpto esquecido¹ até ao anno de 1872. N'esse anno, F. A. de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, deu á estampa em Lisboa uma edição dos *Coloquios*². Varnhagen, investigador, erudito, bastante versado em questões e assumptos de historia natural, possuia as qualidades necessarias para dirigir uma boa edição do antigo livro portuguez; e d'isso tinha dado provas nas notas á obra de Gabriel Soares, e em outros trabalhos seus. Infelizmente a edição dos *Coloquios* foi feita em más condições, rapidamente, sem os cuidados e o estudo indispensaveis, e em parte sem a assistencia do proprio editor, como elle mesmo explica no *post-editum*. D'ahi resultaram as suas numerosas lacunas e imperfeições. Em primeiro logar, aquella edição é uma pura reimpressão do texto modernizado, sem notas ou esclarecimento de especie alguma, nem mesmo a simples identificação das plantas mencionadas por Orta com os seus nomes scientificos. E por infelicidade, na unica nota d'este genero que se encontra em todo o livro, n'aquella em que se pretende identificar o *durião* com uma especie de *Anona*, vae envolvido um erro botanico grosseiro. Esse erro foi na verdade reconhecido e emendado pelo

¹ Parece que Rodrigo de Lima Felner, o erudito editor das *Lendas da India*, do *Lyvro dos pesos da Yndia*, e de outros valiosos documentos da nossa historia oriental, se occupou tambem de uma edição dos *Coloquios*; mas o seu manuscripto não foi encontrado.

² *Colloquios dos simples e drogas etc.*, 2.^a edição, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1872.

proprio editor no *post-editum*; mas nem por isso deixa de ser para sentir, que a *unica* identificação botanica apontada fosse incorrecta. Em segundo logar, a propria revisão do texto é muito defeituosa, á parte mesmo qualquer discussão ácerca do plano adoptado. São frequentes as passagens em que o sentido da phrase, obscurecido pelos numerosos e graves erros typographicos, foi mal interpretado por simples desleixo e falta de attenção. Bastará citar um exemplo. Orta, fallando da planta, de que exsuda a gomma-resina, conhecida pelo nome de *asa-fætida*, tem na edição de Goa a seguinte phrase: «e o arbore de que se tira ou mana se chama Anjuden». Esta phrase é clarissima, e vae impressa na presente edição, apenas com uma leve correccão orthographica e a introducção dos caracteres italicos: «e o arvore de que se tira ou mana se chama *anjuden*.» Pois, apesar de clara, foi assim impressa na edição de Lisboa de 1872: «e a arvore de que se tira o *maná* se chama *anjuden*». Não ha realmente desculpa para esta confusão entre um tempo do verbo manar e o nome de uma droga; e as cinzas de Garcia da Orta estremeceriam no seu tumulo, se podessem saber que lhe attribuiam um erro d'esta ordem, fazendo-o produzir o *manná* e a *asa-fætida* pela mesma planta. Este exemplo é suficiente para mostrar, que a edição de 1872 de modo algum dava satisfação ao *desideratum* apontado, de modo algum podia servir aos que pretendessem consultar com facilidade e ao mesmo tempo com segurança a obra de Orta.

Estava a questão n'este ponto, quando a Academia real das sciencias de Lisboa deliberou, que se publicasse uma nova edição sob os seus auspicios, e me encarregou d'esse trabalho, tanto na parte da publicação e revisão do texto, como na da redacção das notas, deixando-me a mais abso-

luta liberdade pelo que dizia respeito ao plano e regras a adoptar em um e outro ponto. Sabia eu perfeitamente que esse trabalho seria arduo e longo; mas nem podia esquivar-me ao que me era determinado pela Academia, nem — devo dizer-o como franqueza — tive a tentação de o fazer. Sem me illudir sobre as difficultades da empreza, nem sobre os requisitos que me faltavam para o seu bom desempenho, seduzia-me esta obra paciente de investigações, de pesquisas e de reconstituição. Puz por consequencia mãos á obra, e o primeiro resultado do meu trabalho foi o livro que publiquei no anno de 1886¹.

N'esse livro, e pelos dados escassos que me foi possivel encontrar, procurei eu reconstruir approximadamente a biography do auctor dos *Coloquios*: esforcei-me tambem por estudar o meio em que elle viveu, e as influencias que actuaram no seu espirito, já na Europa, nas universidades da Hespanha e na côrte de Lisboa, já no Oriente, tanto nas suas viagens como na sua longa permanencia na capital da India portugueza, que então era tambem uma verdadeira côrte: tentei finalmente determinar o valor e a significação da sua obra, a qual fechava, resumindo-a, a epocha de fragmentarias e nebulosas noções da Antiguidade e da Idade-media sobre a historia natural do Oriente, e abria o periodo das investigações modernas. O meu trabalho, publicado vae já para cinco annos, constitue, pois, propriamente uma *introducção* á presente edição dos *Coloquios*, e dispensa-me de entrar de novo em questões, que ali foram tratadas tão completamente quanto eu podia e sabia. Resta-me apenas dar conta succinctamente das regras adoptadas na reprodução do texto e na redacção das notas.

¹ *Garcia da Orta e o seu tempo*, Lisboa, 1886.

Pelo que diz respeito á primeira parte, apresentavam-se naturalmente tres systemas diversos a seguir, expostos já em 1841 pela Sociedade das sciencias medicas nos seguintes termos:

«Reimprimir a obra tal qual se acha, erros e tudo;»

«Reimprimil-a expurgada sómente do que se julgasse erros typographicos, attendendo á doutrina e orthographia d'aquelle epocha;»

«Reimprimil-a reduzida á orthographia e linguagem hodiernas.»

Os dois systemas radicaes, o primeiro e o ultimo, pareceram-me absolutamente inadmissiveis; e não fiz mais n'este ponto do que seguir e adoptar o parecer dos dois illustres litteratos, já citados, e consultados n'aquelle epocha pela Sociedade.

A modernisação da fórmula seria talvez applicavel á reimpressão de uma obra puramente scientifica, quando a nova edição tivesse unicamente o fim de facilitar a leitura, generalisando e vulgarisando o conhecimento dos factos apontados e das doutrinas expostas. Mas taes obras não se compunham n'aquelles bons tempos da Renascença, em que não existiam *especialistas*, em que todo o homem instruido escrevia e tratava mais ou menos promiscuamente dos variados assumptos que o interessavam. Os COLOQUIOS têm este carácter da epocha; e nas pachorrentas conversas de Ruano e de Orta falla-se de tudo, de plantas e de medicina, dos reis da India e do jogo do xadrez, da situação geographica de Babilonia e da etymologia do nome das Maldivas. Como bem sentia e dizia Garrett, «a obra de que se trata reune á importancia scientifica o interesse litterario e historico: quero dizer, não é sómente um tratado de sciencia, é tambem um monumento da historia da arte e da linguagem». Vestir uma

obra d'esta natureza com a nossa linguagem moderna, seria deturpal-a, prival-a de todo o encanto, de toda a singeleza, de todo o cunho da epocha em que foi escripta. Convinha pois — ainda na phrase de Garrett — que a *orthographia e termos antiquados* se conservassem *religiosamente*. O argumento, algumas vezes adduzido contra este modo de proceder, e derivado da maior facilidade de leitura, de pouco ou de nada vale no nosso caso. Os *COLOQUIOS* são hoje um livro forçosamente destinado a uma classe muitissimo restricta de leitores instruidos. Todos os que o lerem ou consultarem não hesitarão por certo diante de uma forma orthographica obsoleta, de uma palavra pouco corrente, de uma volta grammatical antiquada. E aquelles, que taes formas poderiam embaraçar, de certo se não lembrarão de o ler. Haveria, pois, em modernisar o livro, o inconveniente de lhe tirar o seu caracter de *monumento da historia da arte e da linguagem*, sem com isso o tornar de leitura geral, o que elle nunca pôde ser, e nunca ha de ser.

Reimprimir a edição de Goa tal qual está «erros e tudo», seria um systema ainda menos acceitável. A este proposito dizia fr. Francisco de S. Luiz: *E primeiramente entendo que é demasiadamente escrupuloso, para não dizer impertinente, o methodo de imprimir ou reimprimir qualquer mss. ou impresso com todos os erros, que n'elle se achão, sem exceptuar aquelles que são manifestamente erros typographicos, ou sobre os quaes não pôde ocorrer consideração alguma pela qual se devão conservar.* Esta opinião do erudito academicó pôde ser discutivel pelo que diz respeito aos *manuscriptos*; mas está fóra de toda a contestação quando se trata de uma *obra impressa*. Se nós possuissemos o manucripto de Orta, seria opinião minha, que o deveríamos imprimir com escrupulosa fidelidade; mas o respeito, que po-

deriam merecer os seus erros, de modo algum merecem os de um aprendiz typographo pouco perito. O mais simples bom senso está dizendo, que se devem emendar todas as faltas commettidas na officina de João de Endem.

Foi este o plano que adoptámos—emendar na presente edição, tudo quanto na de Goa nos pareceu erro de composição, deixar inalterado tudo quanto se nos afigurou ser a fórmula primitiva de Orta. Seguimos á risca o preceito estabelecido por fr. Francisco de S. Luiz: imprimir a obra com *a doutrina, linguagem e orthographia do auctor, e expurgada tamsómente dos erros que se julgarem meramente e manifestamente typographicos*. Admittimos apenas um pequeno numero de excepções a esta regra; e essas mesmas já admittidas em principio pelo illustre academico citado, que foi incontestavelmente um mestre da nossa lingua. D'estas excepções, a mais importante e que mais merece ser apontada, é a seguinte: Na edição de Goa encontram-se em geral os artigos *o*, *a*, e a conjuncção *e*, escriptos *ho*, *ha*, *he*. Não ha n'este ponto erro typographico; e Orta, como todos então, escrevia evidentemente d'aquelle modo. No entanto pareceu-nos mais conveniente suprimir os *hh*, evitando assim a confusão com alguns tempos de verbos de occorrecia frequente. Em outros pontos não introduzimos verdadeiras alterações, e simplesmente adoptámos fórmulas typographicas mais usadas hoje, como em *que* por *q̄*, *confessar* por *cōfessar*, *abundancia* por *abūdācia*, ou em outras abreviaturas, que nos pareceu melhor escrever por extenso. Tambem julgámos necessário regularizar o emprego das letras maiusculas, extremamente caprichoso e sem regras fixas no xvi seculo; e adoptar os caracteres italicos nas palavras latinas, nos nomes das drogas, e em outros casos, onde nos pareceu que essa adopção facilitaria a leitura e as pesquisas no

livro. Pelo que diz respeito á pontuação fomos obrigados a tomar grandes liberdades com o texto. N'esta parte, os erros da primeira edição são tantos e taes, que, em algumas paginas, as virgulas e os pontos parecem distribuidos ao acaso; ás vezes um nome proprio está cortado por dois pontos, como em *Aleixos diaz: falcam*. Era evidente, que, n'este como em muitos outros casos, a pontuação se não podia respeitar, tornando-se necessário adoptarmos uma pontuação nossa, que naturalmente procurámos cingir ao sentido da phrase e ás intenções do auctor, sem que, no emtanto, nos possamos lisonjear de ter acertado sempre. Ainda nos resta uma ultima explicação a dar, pelo que diz respeito á variabilidade da orthographia. Pareceria, que nós, acceitando uma fórmula qualquer, a deveríamos seguir em todo o livro; e pôde causar estranheza, o encontrar —com poucas linhas de intervallo— as fórmulas *muito* e *muyto*, *razão*, *razam* e *rezam*, *qua* e *ca*, *cinco* e *cinquo*, *o arvore* no masculino, e *a arvore* no feminino. Considerámos, porém, que esta incerteza constituia um dos caracteres da orthographia do tempo, que de modo algum se podia attribuir a simples impericia do compositor, e pelo contrario devia representar o modo por que Orta escreveu, convindo por isso respeitá-la.

Em resumo, o nosso desejo e a nossa intenção foi a de conservar ao livro todo o carácter que o auctor lhe deu, limpando-o apenas dos erros, e ás vezes contrasensos, introduzidos durante a impressão. Claro está, que nem sempre podémos attingir o nosso fim. Garcia da Orta não escrevia bem, nem mesmo correctamente, e o seu livro foi evidentemente redigido com bastante desleixo de fórmula. Em taes condições, tornava-se extremamente difficult destriñçar os erros do auctor das faltas do typographo; e seguramente nos

succederia mais de uma vez, o termos emendado erros commettidos por elle proprio, ou termos respeitado como suas algumas faltas do compositor. Seja como for, o texto, tal qual hoje sáe impresso, é de uma leitura facil para todos os que tenham um leve habito do antigo portuguez; e —á parte uma ou outra passagem mais incorrecta, ou mais obscura— o sentido das phrases é em geral claro, e as intenções do auctor perfeitamente intelligiveis.

Assentes assim as regras adoptadas na reimpressão do texto, devemos dar conta do que pretendemos conseguir pela redacção das notas. Julgámos em primeiro logar, que nos deveríamos afastar de tudo quanto se approximasse de um *commentario*. Esta fórmá é pouco acceitável nos nossos dias; e é —permitta-se a expressão— offensiva para o escriptor e para o leitor. As idéas e as doutrinas de Garcia da Orta são bem claras; e nem elle necessita de que lh'as interpretem, nem o leitor carece de que lh'as expliquem. O *commentario*, alem de dispensavel, seria, portanto, impertinente; mas os factos apontados reclamavam em muitos casos uma confirmação, ou uma rectificação. Orta fez um grande numero de observações pessoaes e directas, colligiu tambem um grande numero de informações de diversas e variadas procedencias, e pôde assim consignar no seu livro muitos factos interessantes. É notavelmente verídico quando falla do que viu, e tem uma critica severa quando discute o que lhe diziam; mas, apesar d'isso, se acerta em muitos casos, engana-se em alguns. Claro está, que o leitor não tem o vagar necessario para fazer pesquisas longas e fastidiosas, com o fim unico de averiguar o que deve acceitar ou rejeitar nas suas affirmações. Para lhe evitar este trabalho; e unicamente para isso, nós procurámos indicar nas notas o que recentemente se tem apurado de mais se-

guro em relação aos assumptos tratados pelo nosso antigo escriptor. Por este modo, e sem nos substituirmos ao seu juizo, pômos ao alcance do leitor um meio facil de verificar ou completar as noticias encontradas no texto.

Naturalmente, as notas referem-se pela maior parte á *botanica* e á *materia medica* do Oriente. Este era o assumpto principal do livro; e esta era tambem a parte em que o presente editor podia ter uma tal ou qual competencia. Identificámos sempre que nos foi possivel — e foi-nos quasi sempre possivel — as plantas mencionadas por Orta com o seu actual nome scientifico. Não nos limitámos, porém, a uma simples e secca identificação, e démos sobre a planta, e sobre a droga que d'ella procede, algumas noticias, necessarias para esclarecer as informações de Orta. Essas noticias são pela maior parte extrahidas de livros recentes, e alguns muito recentes. Com efeito, sem a *Flora Indica* de Roxburgh e os volumes publicados da *Flora of British India* de Hooker, sem a *Materia Indica* de Whitelaw Ainslie e a *Materia medica of western India* do sr. Dymock, sem os trabalhos do professor Flückiger e de Daniel Hanbury, sem as *Useful plants of India* do coronel Drury e as *Useful plants of the Bombay presidency* do dr. Lisboa, sem outras e numerosas publicações scientificas que seria longo enumerar, muitas passagens dos COLOQUIOS careceriam ainda hoje de confirmação ou de explicação. Eis o motivo por que eu pude dizer antes, que ahi pelas proximidades do anno de 1841 teria sido impossivel fazer uma edição definitiva dos COLOQUIOS. Este facto é todo em louvor de Garcia da Orta. Elle penetrou tão profundamente no assumpto, que os livros dos dois seculos seguintes ao seu pouco elucidaram o que deixou escripto. E foi só no nosso seculo, e sobretudo na segunda metade do nosso seculo, que numerosas publicações

scientificas vieram confirmar, explicar, ou rectificar as suas observações. Procurámos pôr em relevo nas notas essas confirmações ou rectificações, resultantes dos trabalhos dos ultimos e mais modernos botanicos e pharmacologistas. O que, em ultima analyse, nos interessa saber, é se Orta observou bem ou mal, se os factos que aponta são verdadeiros ou falsos; e isto deduz-se sobretudo das investigações mais recentes. Dos autores de *materia medica*, contemporaneos ou quasi contemporaneos de Orta, pouco nos occupámos. Tudo quanto havia a dizer sobre as obras de Laguna, de Matthioli, ou de Antonio Musa, disse-o Orta; e não havia o minimo interesse em discutir de novo as suas opiniões, geralmente menos correctas que as do proprio Orta. Mas não succedia o mesmo com todos os livros contemporaneos. Os livros portuguezes do tempo, particularmente os que foram escriptos no Oriente, podiam prestar-nos auxilios valiosos. E de feito, na *Asia* de Barros, nas *Lendas* de Gaspar Corrêa, no *Livro* de Duarte Barbosa, no *Livro dos pesos* de Antonio Nunes, no *Tombo* de Simão Botelho, e em outros, encontrámos muitas noticias que vieram explicar ou completar de um modo interessante as que os COLOQUIOS nos forneciam.

Como disse antes, Orta não se limita a tratar os assuntos da sua especialidade; e, ao correr da penna, vae-nos citando os nomes de pessoas suas conhecidas, ou contando factos da historia da India, ou narrando anecdotas curiosas. Às vezes desculpa-se de «gastar hum capitulo em cousas que não são de sciencia», ou previne desde logo o leitor de que o *Coloquio* «não serve de cousa alguma de fisica»; mas vae sempre escrevendo o *Coloquio*, e estas excursões fóra do dominio da *materia medica* não são a parte menos interessante do seu livro. A nossa litteratura indiana é ri-

quissima, e ás glórias dos homens de accão, como Vasco da Gama ou Affonso de Albuquerque, nós podemos juntar as glórias dos seus admiraveis historiadores, como João de Barros ou Diogo de Couto, sem fallarmos mesmo de Luiz de Camões que tem um lugar á parte. Mas esta litteratura, tão rica em geral, é singularmente pobre pelo que diz respeito a informações sobre a vida commum e corrente. Apenas Gaspar Corrêa, descendo ás vezes das sublimidades da historia pura, nos dá uma ou outra noticia um pouco mais íntima. Certas paginas dos COLOQUIOS vem de algum modo preencher esta lacuna, e deixam-nos entrever a maneira de viver e de sentir do tempo e da região. As suas visitas medicas a casa de uma mestiça de vida pouco edificante, ou a casa de um fidalgo doente; as suas disputas scientificas com o poderoso sultão de Cambaya, ou com o Nizam Scháh; a sua conversa com o baneane no Bazar de Diu, ou a sua contenda com o velho boticario na presença do governador, são documentos historicos mais suggestivos sob este ponto de vista do que muitos capitulos de Barros ou de Couto. Em geral, estas paginas de Orta têm em si a sua explicação; mas ás vezes, n'aquellas excursões fóra da sua sciencia predilecta, elle deixa caír laconicamente algumas referencias a factos, que são ao mesmo tempo interessantes e pouco conhecidos. Tal é, por exemplo, no *Coloquio da canella* a referencia ás viagens dos Chins nos mares da India e no Golpho Persico; tal é todo ou quasi todo o *Coloquio do ber*, com as suas referencias interessantissimas á historia interna do Deckan, e aos «nomes e appellidos» dos seus reis. Pareceu-nos, que ainda n'estes casos convinha esclarecer o texto com algumas notas geographicas ou historicas, como o havíamos esclarecido com as notas botanicas, embora n'este caso luctassemos com mais diffíuldades, pois saímos do

campo dos nossos estudos especiaes. Obedecendo sempre ao mesmo plano de pormos ao alcance do leitor as informações que lhe possam ser necessarias, ou simplesmente agrada-veis, procurámos tambem identificar todas as pessoas mencionadas¹. Com efeito, quando o leitor encontra no texto uma referencia succinta a um irmão do rei de Dehli, ou a um bispo de Malaca, ou a um rei destronado de Ternate. interessa-o encontrar nas notas, que o tal irmão se chamava Mohammed Zéman Mirza, que o bispo era D. fr. Jorge de Santa Luzia, e o rei tinha o nome gentio de Tabarija e o nome christão de D. Manuel.

Taes foram, brevemente indicadas, as regras que nos guia-ram em geral na redacção das notas. Escusado será dizer, que ficámos muito áquem do que desejavamos, e do que me-recia o livro. Orta deveria ter encontrado um editor — como Marco Polo teve em Yule — que a uma erudição profunda e muito geral, reunisse o conhecimento directo e pessoal das regiões orientaes. Faltava-me erudição geral, e faltava-me aquella impressão immediata e *de visu* da natureza tropical e dos aspectos do Oriente, que nenhuma leitura pôde suprir. Faltava-me tambem — e esta foi para mim uma dificuldade grave — o conhecimento das linguas orientaes. Uma das feições mais interessantes dos COLOQUIOS, é a sua abundante nomenclatura vulgar de plantas e de drogas. Encontram-se ali nomes arabicos, nomes indianos, tanto das linguas sanskriticas do norte, como das linguas dravidicas do sul, nomes

¹ E procurámos igualmente identificar os livros citados. N'esta parte pouco tinhamos a acrescentar á lista já publicada (*Garcia da Orta e o seu tempo*, 285 a 297); mas conseguimos encontrar noticia de mais al-guns livros; assim como devemos confessar, que um ou dois escaparam completamente ás nossas investigações.

singhalezes, nomes malayos e outros. Orta dá estes nomes como os pôde apanhar de ouvido, e nas irregulares transcripções alphabeticas do seu tempo, quer dizer com muita incorrecção. Havia todo o interesse em reconstruir aquelles nomes, e em provar que, sob as suas alterações, eram pela maior parte verdadeiros e conhecidos; e para isso foi necessário dal-os em caracteres arabicos, e uma ou outra vez em caracteres devanagricos, naturalmente com a sua transcripção ao lado. Tudo isto levantava para mim graves dificuldades. A minha sciencia em arabico pouco vae alem de conhecer o alphabeto, ou de poder procurar uma palavra em um diccionario; em sanskrito ainda é menor; e em tamil ou malayo, escuso dizer que é absolutamente nulla. N'estas condições, e apesar de todo o meu cuidado, eu devo ter commetido erros numerosos, sem os poder evitar. Podia na verdade evital-os, se suprimisse nas notas tudo quanto diz respeito á nomenclatura dos COLOQUIOS, mas pareceu-me esta suppressão uma lacuna tão sensivel, que preferi arriscar-me a commetter erros crassos, a deixar de pôr bem em relevo, quanto a nomenclatura de Orta é completa e — para o seu tempo — exacta. O leitor, versado n'aquellas linguas, desculpará as faltas de quem não é, nem pretende ser um orientalista.

Já vão longas estas explicações, e não me compete apon-
tar outras lacunas d'esta edição, que todos poderão sentir,
que em parte resultariam da impericia do editor, mas em
parte resultaram tambem das faltas de publicações e ou-
tros recursos litterarios e scientificos com que luctâmos
todos os que trabalhâmos em Lisboa. Ao publicar este pri-
meiro volume, ao qual se seguirá brevemente o segundo,
eu posso unicamente dizer, que o estudei com cuidado e com
amor. As longas horas gastas em pesquisas apparentemente

fastidiosas, em indagações na nova e na velha bibliographia, em leituras dos nossos antigos livros portuguezes, deixam-me uma impressão de repouso e de absoluta tranquillidade de espirito; e este trabalho foi e é como um refugio, como um asylo moral, apartado e remoto, ao qual chegam já muito enfraquecidos os ruidos dos successos actuaes.

Antes de terminar, eu devo agradecer de um modo geral a todos os que uma ou outra vez me auxiliaram nas minhas pesquisas, e de um modo muito especial ao sr. Venancio Deslandes. O ilustrado administrador geral da Imprensa Nacional não poz unicamente ao serviço d'esta obra os vastos recursos do estabelecimento que dirige; mas tambem o seu trabalho pessoal. Bastará dizer, que elle copiou da sua letra todo o texto dos COLOQUIOS, e fez pela sua mão toda a fastidiosa revisão das primeiras provas, para mostrar que —em tudo quanto se refere á reimpressão do texto— foi mais do que um auxiliar, foi o mais valioso e dedicado dos collaboradores.

Lisboa, Novembro de 1890.

Conde de Ficalho.

¶ COLOQUIOS DOS SIMPLES
e drogas e couzas mediçinais da India, e
assi dalgumas frutas achadas nella, onde
se tratam algumas couzas tocantes a me-
dicina pratica, e outras couzas boas pera
saber, compostos pello doutor Garcia
d'Orta, fisico del-rey nosso senhor, vistos
pello muyto reverendo senhor, o
liçençiado Aleixo Dias Falcam,
desenbargador da Casa da
Supricaçam, inquisidor
nestas partes.

¶ Com privilegio do Conde Viso-Rey.

Impressos em Goa por Joannes
de Endem aos x dias de
abril de 1563. annos.

O CONDE VISO-REY DA INDIA

O CONDE VISO-REY DA INDIA, etc., faço saber a quantos
este meu alvará virem que o doutor Garcia d'Orta me
inviou dizer que elle tinha feito hum livro pera enpremir das
mézinhas e fruitas da India, que era muyto proveitoso,
pedindome que ouvesse por bem e mandasse que, por tem-
po de tres annos, nenhuma pessoa o podesse enpremir sem
licença delle doutor, por quanto era em seu prejuizo, e
visto por mim seu pedir e avendo respeito ao que diz:
ei por bem e por este mando que pello dito tempo de tres
annos, que se começarão da noteficaçam deste em diante,
nenhuma pessoa, de qualquer calidade e condiçam que seja,
possa enpremir nem mandar enpremir por nenhuma via o
dito livro sem licença do dito doutor, so pena de qualquer
que o contrairo fizer paguar por cada vez duzentos crusad-
dos, metade pera elle ou pera quem o acusar, e a outra
metade pera as obras pias, e ser preso até minha mercê, e
aver a mais pena que eu ouver por bem. Por tanto notifico
assi ao ouvidor geral e a todas as mais justiças e oficiaes
a que pertençer, e lhe mando que asi o cumpram e guar-
dem e façam comprir e guardar inteiramente sem duvida,
nem embarguo algum. Rui Martíz o fez. Em Goa a 5 de
novembro de 1562.

¶ CONDE VISO-REY.

AO MUYTO ILLUSTRE SENHOR MARTIM AFONSO
de Sousa, do conselho real, senhor das villas de Alcuen-
tre e o Tagarro, seu criado o doutor Orta lhe deseja per-
petua felicidade com inmortal fama pera seus decenden-
tes.

He aprovada de todos a sentencia de Salustio em que
encomenda aos homens que trabalhem exceder e ter primi-
nencia sobre os outros animaes, que não passem a vida em
silencio como fazem os brutos, que não tem mais cuidado
que de comer e beber: conforme a esta sentença he o com-
mum dito de todos, que não somos menos obriguados a dar
rezam e conta do ocio que do negocio; e, per esta causa,
dizia Catam Censorino, que das cousas de que avia de fa-
zer penitencia era de passar algum dia per esquecimento
sem fazer obra alguma; e daquelle famoso pintor Apelles
se conta que não pasava dia algum sem deitar linha. E
certamente que os que asi passam a vida, e com tanta
preguiça adormesçem as forças do corpo e da alma, e não
leixam, aos que ham de vir depois, mostra alguma de seus
trabalhos, como fazem os brutos animaes, não se podem
chamar homens pois tem pouca deferéncia dos brutos, e
por esta causa, illustrissimo senhor, sam eu digno de grande
reprensam, porque estando nesta terra trinta annos, nunqua
deitei fruto algum pera aproveitar aos mortaes com alguma
escritura; porque aos que Deos dotou de tanta perfeiçam e
exçelencia, que fizessem feitos tam heroicos por onde os ou-
tros escrevessem delles, como vossa senhoria fez em estas
partes e em outras, não tem neçesidade de escrever pois a
fama inmortal os çellebra. Ó quem podera, illustrissimo se-
nhor, tornarse Homero ou Virgilio pera escrever vossas gran-
des façanhas, pera com isto deixar fruto de mi aos vindo-
rios: mas pois que a fortuna isto me negou, e foi amoestado
e reprendido desta oçiosidade, da qual tambem foi acusado
dalguns que esta terra governaram; e porque o vosso con-
selho he mandado pera mi, determinei de fazer este breve
tratado; mas temia o oçioso povo e mordaces linguoas, por

onde o tratado tinha neçesidade de hir arrimado a quem o defendese dellas, assi como fazem os esprementados agricultores que, querendo plantar algumas dellicadas plantas as arrimam a alguns fortes arvores pera que as defendam dos tempestuosos ventos e fortes chuivas e asperas geadas, assi quis eu plantar esta fraca planta debaixo do emparo de vossa senhoria, com o qual será defendida de toda a mór parte do mundo, pois a vossa fortaleza he tam co-nheçida, não tam somente por todas as tres partes do mundo, mas polla outra quarta parte, que aguora os cosmografos acrecentam, e não tam somente sois por vossa fortaleza temido nestas partes, mas, por vossa beninidade, e outras graças, que o Senhor Deos vos dotou, sois amado. Bem podeis, illustrissimo senhor, defendelo do envejoso povo aquelle a quem até o presente criastes, ajudastes, e favoreçestes, e finalmente lhe déstes o nome de vosso, com o qual nome será este livro temido dos envejosos e amado dos bons e curiosos da verdade; e não he muyto de emparardes este meu tratado pois he de vosso criado, e nelle se dizem cousas que me ensinastes, e outras, que eu aprendi na vosa escola militar e cortesãa. Bem pudera eu compor este tratado em latim, como o tinha muytos annos antes composto, e fora a vossa senhoria mais aprasivel; pois o entendéis melhor que a materna linguoa, mas traladeo em portugues por ser mais geral, e porque sei que todos os que nestas indianas regiões habitam, sabendo a quem vai entitulado, folgaram de o leer. Ora pois, enpareo e defendao pois a sua casa o mando pera ser emmendado. Deos prospere o illustre estado de vossa senhoria e, por longos annos, acreçente com honrosos titulos como desejo.

DO AUTOR FALANDO COM O SEU LIVRO,
e mandaõ ao Senhor Martim Afonso de Sousa.

Seguro livro meu, daqui te parte,
Que com huma causa justa me consolo
De verte oferecer o inculto colo,
Ao cutello mordaz, em toda parte:

Esta he, que daqui mando examinarte
Por hum Senhor, que de hum ao outro polo
Só nelle tem mostrado o douto Apolo
Ter competencia igual co'o duro Marte.

Ali acharás defensa verdadeira,
Com força de razões, ou de ousadia,
Que huma virtude a outra não derroga;

Mas na sua fronte a palma e a oliveira
Te diram que elle só, de igual valia
Fez, co'o sanguino arnes, a branca togua.

AO CONDE DO REDONDO, VISO-REY DA INDIA
Luiz de Camões.

Aquelle unico exemplo
De fortaleza eroyca e de ousadia,
Que mereceo, no templo
Da eternidade, ter perpetuo dia,
O grão filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troianos;

Não menos insinado
Foi nas ervas e medica noticia,
Que destro e costumado
No soberbo exercicio da milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.

E não se desprezou
Aquelle fero e indomito mancebo
Das artes que insinou,
Para o languido corpo, o intonso Phebo:
Que se o temido Heitor matar podia
Tambem chagras mortais curar sabia:

Tais artes aprendeo
Do semiviro mestre e douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, sciencias, e conselho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só delle pode ser depois curado.

Pois ó vós, excellente
 E illustrissimo Conde, do ceo dado
 Pera fazer presente
 De heroes altos o tempo já passado;
 Em quem bem trasladada está a memoria
 De vossos ascendentes a honra e a gloria:

Posto que o pensamento
 Occupado tenhais na guerra infesta,
 Ou do sanguinolento
 Taprobanico Achem, que o mar molesta,
 Ou do cambaico occulto imiguo nosso,
 Que qualquer delles treme ao nome vosso:

Favorecei a antigua
 Sciencia que já Achiles estimou;
 Olhai que vos obrigua,
 Verdes que em vosso tempo se mostrou
 O fruto daquella Orta onde florecem
 Prantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai que em vossos annos
 Produze huma Orta insigne varias ervas
 Nos campos lusitanos,
 As quaes, aquellas doutas e protervas
 Medea e Circe nunca conheceram,
 Posto que as leis da Magica excederam.

E vede carreguado
 De annos, letras, e longua experienzia,
 Hum velho que insinado
 Das guaneticas Musas na sciencia
 Podaliria subtil, e arte siluestre,
 Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

O qual está pidindo
Vosso favor e ajuda ao grão volume,
Que agora em luz saindo
Dará na Medicina um novo lume,
E descobrindo irá segredos certos
A todos os antiguos encubertos.

Assi que não podeis
Neguar (como vos pede) benina aura,
Que se muyto valeis
Na polvorosa guerra Indica e Maura,
Ajuday, quem ajuda contra a morte,
E sereis semelhante ao Greguo forte.

DO LICENCIADO DIMAS BOSQUE,
medico valençiano, ao leitor.

Comum doutrina foy de todos os filosofos, prudente leitor, os homens, por causa e razam dos proprios homens serem naçidos, e de seu proprio naçimento terem obrigaçam de aproveitar aos outros: isto sentia o divino Platão quando dizia, não ser naçido o homem pera si só, mas tambem pera sua patria e amigos; e ainda que os homens, comprindo com sua humana enclinaçam, aproveitando aos outros façam aquillo pera que naturalmente foram gerados, comtudo se lhes deve muyto, pois, não receando trabalhos, puseram suas forças em descobrir a verdade, tirando a nevoa e véo, que empidem os humanos entendimentos no prefeito conhecimento della, e, o que mais he pera arreçear, sugeitarse á opiniam de tantos e tam diversos pareçeres. E verdadeiramente que se os que vivemos aos pasados devemos muyto por seus trabalhos se endereçarem a nosso proveito, não podemos negar esta obrigaçam e divida ao doutor Garcia d'Orta, cuja curiosidade e trabalhos neste livro se vê claramente quanto proveito e fruto o curioso leitor, que com animo repousado e despido da mordaz emveja os quiser ler, alcançará. Forçê tambem a autoridade do autor, aos que este seu livro lerem, ter as cousas delle na conta e estima que ellas mereçem, pois sam de homem, que, do principio da sua edade até autorisada velhiçe, nas letras e faculdade da mediçina gastou seu tempo com tanto trabalho e diligencia, que duvido achar na Europa quem em seu estudo lhe fizesse vantagem. Saindo ensinado nos principios de sua faculdade das insignes Universidades de Alcalá e Salamanca trabalhou de comunicar o bem da ciencia, que nas terras alheas tinha alcançado, com sua propria patria, lendo nos Estudos de Lisboa por alguns annos com muyta diligencia e cuidado, e exercitandose na cura dos doentes até vir a estas partes da Asia, onde por espaço de trinta annos, curando muyta deversidade de gentes não somente

na companhia dos viso-reys e governadores desta oriental India, mas em algumas cortes de reis mouros e gentios, comonicando com medicos e pessoas curiosas, trabalhou de saber e descobrir a verdade das medeçinas simples, que nesta terra naçem, das quais tantos emganos e fabulas não somente os antigos mas muytos dos modernos escreveram: e o que elle por tantos annos e por tam diversas partes alcançou, quis que o curioso leitor em huma ora, neste seu breve tratado, visse e entendesse; o qual teve começado em lingua latina, e, por ser mais familiar a materia de que escrevia, por ser enportunado de seus amigos e familiares pera que o proveito fosse mais comonicado, detriminou escrevello na lingoa portugueza a modo de dialogo, e isto causa, algumas vezes, apartarse da materia medicinal e traçar de algumas cousas que esta terra tem dinas de serem sabidas. Não pos seu trabalho em estilo elegante, nem em palavras reitoricas apraziveis ás orelhas, tratou puras verdades com puro estilo porque isto só á verdade basta. Teve na empresam alguns erros por faltar o principal empresor e ficar a obra em mãos de hum homem seu companheiro, que não era ainda mui destro na arte de emprimir, e pouco corrente no negocio da empresam. Receba pois o discreto leitor o fruto que desta orta de simpres e fruitas da India o doutor Garcia d'Orta lhe offereçe pera que, satisfazendo com o animo grato a seus trabalhos, tenhamos ousadia, seus amigos, de o emportunar pera que em cousas maiores e de mais quilates se ocupe. Em Goa aos dous dias d'abril de 1563 annos.

PRAESTANTISSIMO DOCTORI THOMAE
Roderico, in Conimbricensi Academia medicorum primo
Dimas Bosque, medicus valentinus S. P. D.

Simplicium medicamentorum originem et facultates artificiose Dyoscorides Anazarbœus descriptsit, sed Græcorum more græca brevitate usus, plantarum historiam alioqui amplissimam, obscuram fecit, et earum virium cognitionem obscura dicendi norma difficilem reddidit.

Copiose etiam Galenus, sed multa in multis desiderantur, si recte quæ de ipsis scripsit, contempleremur, aut quæ ab ipso incognita relinquuntur, aut quia earum vires index omnium rerum tempus non adhuc demonstraverat. Arabum relinquamus doctrinam, allucinantur enim passim in simplicibus describendis, et ita rem hanc tractantes in limine cespitant, ut vix ex eorum dictis certum aliquid colligi possit, cui et nostram fidem et ægrorum salutem committere valeamus. Multa nostra tempestate multi scripserunt, sed de iis quæ in orientali India nascuntur hactenus incognita, nunc autem lusitanorum navigatione notissima figmenta narrant ridicula. Sunt qui ebur fossile dicant, alii verum non reperiri: cùm tanta ejus in hac regione copia sit, ut Invictissimus Lusitanorum et Indiarum Rex Sebastianus non regiæ domus solum summa fastigia (ut de Apoline dicebat Ovidius) tegere possit, sed amplissimam civitatem ex nitidissimo ebore construere valeat. Alii de espodio diversa dicunt de ipsis natura inter se disceptantes, cùm inter nos notissimum sit, et ingentem ejus quantitatem ex insulis Maluchiis quotidie videamus, et parem copiam in montibus nobis vicinis reperiamus, in quo cuncta quæ de ipso scripta sunt, lucidissime discernuntur.

Omitto quæ de radice Cinæ dicunt in altissimis montibus nasci, et a ferocissimis animalibus venenatisque serpentibus custodiri. Nulla enim Cinæ regionis in littoribus pars reperitur, quæ hac radice non sit referta, sed distantia loci et incognitæ regionis ignorantia facile viros

alioqui doctissimos a manifestissimis erroribus et ridiculis fabulis excusabit; nam simplicium historiam depingere volentes herbas nascentes intueri debent, adolescentiam earum contemplari, et florum ornatum atque varietatem respicere, et tandem maturitatis tempus cognoscere, ut diversas ipsarum mutationes per aetates intellectas possint inter veritatis limites collocare: quod ego de te intellexi, doctor amplissime, cum in florentissima Conimbricensi Academia medicæ facultatis præceptis, te docente, operam dabam; curabas enim agrestes herbas ex silvestribus montibus in domesticum hortum deduci, ut ipsas nascentes, adolescentes, floribus refertas, et tandem maturas, cognosceres: te etiam in iis perpetuum habui præceptorem; et quidquid in Apolinea facultate et morborum curatione boni natus sum, tibi acceptum referam; et cum in hac regione doctorem Garciam ab Horto, summa mihi familiaritate conjunctum de simplicibus sribentem reperissem, ut librum tuæ comitteret inter doctos tutellæ monui, quod ipse libenter fecit. Sciebat enim, prudentissimus senex, te nunc in Europa medicorum omnium esse patronum, et tuam erga doctos benignitatem non ignorabat; adde quod tuum in dignoscendis simplicibus, et eorum viribus et facultatibus discernendis studium ac diligentiam millies narrabam. Eia igitur, præstantissime doctor, audeat liber tuo clipeo munitus, et tanti viri auctoritate frætus inter doctos procedere, Zoilum non timens cunctas Europæ Academias peragrare, ut Indiae fructus et simplices medicinas sincera veritate depictas medica recipiat juventus.

Vale. Goæ primo nonis Aprilis.

AD GARCIAM AB HORTO MEDICUM APUD

Indos, doctoremque clarissimum, epigramma

Thoma Caiado auctore.

India quos fructus, gemmas, et aromata gignat,
Garcia perscribit Dortius illa brevi.

Hoc opus, ó medici, manibus versetur ubique,
Quod veteres olim non valuere viri.

Multa quidem vobis, per quæ medicina paratur,
Occurrent, tenebris quæ latuere diu.

Rarus honos, doctor, tantas aperire tenebras!
Plinius es terris atque Dyoscorides.

Qui, quamvis ausi magnis de rebus uterque
Scribere, judicio cedet uterque tuo.

Namque potens herbis, toto Podalirius orbe,
Diceris, et vera laude parare decus.

Forsitan et quæras, cur non sermone latino
Utitur, ó lector; consultit indocili.

Floret utraque nimis lingua, cùm postulat usus,
Excellens medicus, philosophusque simul (1).

NOTA (1)

Duas palavras apenas, ácerca das pessoas, cujos nomes figuram nos documentos de introducção.

O «conde viso-rey», que assignou o alvará de privilegio para a impresa dos *Cologuios*, foi D. Francisco Coutinho, terceiro conde do Redondo, vigesimo governador da India e oitavo com o titulo de vice-rei.

Depois de ter sido capitão de Arzilla, passou á India no anno de 1561, e tomou posse do governo no mez de setembro d'esse anno. Morreu em Goa aos 19 dias do mez de fevereiro do anno de 1564 (Cf. Couto, *Asia*, dec. vii, liv. x; de Couto parece deduzir-se que elle foi segundo conde do Redondo, mas a *Historia genealogica* dá-o como terceiro).

O licenceado Aleixo Dias Falcão, «desenbargador da casa da supri-
caçam», que viu os *Coloquios* e os deixou correr, era um dos dois primeiros inquisidores que passaram á India; o outro chamava-se Francisco Marques Botelho. Estes dois canonistas e letrados foram na armada do anno de 1560, juntamente com o primeiro arcebispo de Goa, D. Gaspar. Com elles entrou a inquisição nas terras da Asia, porque, se alguns annos antes a bulla havia sido lida no pulpito da sé de Goa, pelo bispo D. João de Albuquerque, parece que se não applicavam todas as suas disposições—*todas as sustancias da santa inquisição*, como ingenuamente diz Gaspar Corrêa. Aleixo Dias Falcão ficou muito tempo pela India, pois do *Livro vermelho da Relação de Goa* consta, que elle prestou ali um juramento a 30 de abril do anno de 1572. (Cf. Couto, *Asia*, vii, ix, 5; *Lendas da India*, iv, 294; *Archivo portuguez-oriental*, fasc. 5.º, parte II, p. 842, Nova Goa, 1865).

De Martim Affonso de Sousa, o amo e amigo do nosso naturalista, já dissemos o sufficiente na *Vida* d'este. Bastará agora notar, que depois de voltar da India foi senhor de Alcoentre e de Tagarro—os titulos que lhe dá Garcia da Orta. D. Antonio Caetano de Sousa diz que elle comprou o senhorio de Alcoentre ao marquez de Villa Real, e provavelmente o de Tagarro andava annexo a este, pois vemos o seu filho, Pedro Lopes de Sousa, herdando os dois (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 65 a 84; *Historia geneal. da caça real portugueza*, XII, parte II, 1105 e 1109).

O licenceado Dimas Bosque, medico valenciano, foi para a India —ao que parece— com o vice-rei D. Constantino de Bragança; pelo menos acompanhô-o nas suas expedições, e era o unico medico na grande armada com que este vice-rei passou a Jafnapatam, na ilha de Ceylão. Pelos annos de 1560 ou 1561 intervinha elle officialmente nos negocios da sua profissão, pois vemos que D. Constantino decretára algumas modificações na pauta dos preços das drogas e medicamentos, depois de tomar «verdadeira informação com o licenceado Dimas Bosque». E no anno de 1562 é intitulado «fisico mór» na carta de arrematação de uma pequena ilha no rio de Goa a velha. De Dimas Bosque, dos seus trabalhos scientificos, e da sua ilha, teremos de fallar mais largamente em outras notas. (Cf. adiante o *Coloquio das cousas novas*; *Jorn. de pharm. e de med. da India portugueza*, n.º 7, 1862; *Archivo portuguez-oriental*, fasc. 5.º, parte II, p. 505 e 877).

O *Thomæ Roderico*, a quem Dimas Bosque dirige a sua epistola latina, era sem duvida o bem conhecido professor, o dr. Thomaz Ro-

drigues da Veiga. Havia-se doutorado na universidade de Salamanca, onde obteve por oposição ou concurso uma cadeira de medicina; e foi depois chamado a leccionar na de Coimbra, sendo ali durante muito tempo lente de prima da facultade de medicina. Esta identificação de pessoas já vem apontada pelo erudito e minucioso Leitão Ferreira (Cf. F. Leitão Ferreira, *Not. chron. da universidade de Coimbra*, p. 522, Lisboa, 1729; veja-se tambem Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*).

Thoma Caiado, o auctor do *Epigramma*, devia ser um cidadão de Goa, que por aquelles tempos gosava da fama de bom latinista. Diogo do Couto, descrevendo a entrada triumphal de D. João de Castro em Goa, depois de levantado o cerco de Diu, diz o seguinte: «Posto tudo em ordem, abalou o Governador do caes em meio do Capitão e Vereadores; e chegando á porta do muro que se rompeu, achou hum cidadão, chamado Thomé Dias Cayado, que lhe fez huma falla em Latim mui eloquente e elegante, toda em louvor da vitoria que lhe Nossa Senhor deo dos Capitães de El-Rey de Cambaya, com que toda a India ficava segura, e fora de receios, louvando-lhe sua prudencia, segurança e presteza». Parece-me lícito admittir, que este fosse o auctor do *Epigramma*, em vista da concordancia de nome e de predicados litterarios (Cf. Couto, *Asia*, vi, iv, 6).

Reservámos para ultimo lugar o grande Luiz de Camões, de cuja pessoa e vida nada será necessário dizer, por demasiado conhecidas. Devemos, no entanto, explicar brevemente os motivos que nos levaram a adoptar a lição que damos da sua *Ode*.

Como é geralmente sabido, foi esta a primeira composição de Camões que se imprimiu; e, do mesmo modo que o resto do livro, saiu mutilada por aquelle aprendiz, «que não era ainda mui destro na arte de emprimir». Se os erros de imprensa eram graves na prosa de Orta, eram muito mais graves no verso, e em versos do Camões. A *Ode* reclamava pois urgentemente algumas correcções. Mas quando de novo saiu impressa (1598), não veiu simplesmente corrigida, veiu profundamente alterada. E esta nova fórmula, com ligeirissimas modificações, tem-se reproduzido nas successivas edições até ás mais recentes. Se nós hoje tratássemos de uma nova edição do Camões, teríamos de examinar uma questão interessante, procurando saber, se as alterações são devidas ao proprio Camões, como dá a entender Manuel de Faria e Sousa. N'este caso, e só n'este caso, conviria adoptar a lição das edições de 1598 e posteriores. Mas não se provando — o que julgo difícil provar — que as emendas são do poeta, é claro que se deve preferir a lição de 1563, a qual, alem de ser a primeira, é superior á outra em muitos pontos.

Não tratámos, porém, de uma edição do Camões, e sim de uma edição dos *Coloquios*; e portanto não tivemos de examinar miudamente

o valor e supposta procedencia das variantes. Unicamente nos competia reproduzir o que está no livro de 1563, emendando pura e simplesmente os erros, que fossem claramente typographicos. Estas emendas são pouco importantes, e duas apenas interessam o sentido da phrase; uma é no verso:

Que o temido Heitor matar podia

o qual vae impresso:

Que *se* o temido Heitor matar podia

como requer o sentido, e com vantagem para o metro; a outra é no verso:

Olhai que nos obrigua

e claramente deve ser, como agora se imprime:

Olhai que *vos* obrigua.

As restantes emendas não merecem ser notadas. A *Ode* saé pois como a encontrámos na primeira edição dos *Coloquios*; e como já saiu — salvas diferenças orthographicas — em um interessante folheto, tirado n'um pequeno numero de exemplares (*A Ode de Luiz de Camões ao Conde do Redondo, restituída á sua primitiva lição*, Lisboa, 1884).

Comquanto não seja este o logar proprio para examinar todas as variantes introduzidas na lição de 1598 e posteriores, ha uma que merece ser notada, porque é curiosa. Não ha interesse particular em saber por que rasão substituiram *medica policia* a *medica noticia*, nem porque chamaram a guerra *sanguinosa* em vez de *polyorosa*. Mas não succede o mesmo com o verso:

Taprobanico Achem, que o mar molesta

Quem emendou este verso, fosse quem fosse, teve o louvavel intento de evitar um erro de geographia ao Camões. *Taprobana* era a ilha de Ceylão, *Achem* era em Sumatra; dizendo *taprobanico Achem*, o nosso poeta confundia Ceylão com Sumatra — erro grave. Foi de certo este o motivo que levou a substituir áquelle o duro verso:

Taprobano ou Achem, que o mar molesta.

Mas quem fez esta emenda, não reparou em que o erro era natural, e Camões tivera n'este ponto muitos e muito bons companheiros.

É certo que a *Taprobana* dos antigos gregos se deve identificar com a ilha de Ceylão; e é certo que o poeta fez correcta e claramente esta identificação nos *Lusiadas*. Não talvez na primeira estancia, onde *Taprobana* tanto pôde ser Ceylão como Sumatra, pois os portuguezes passaram além de ambas; mas na estancia 51 do canto x, quando diz:

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana.
Pela cortiça calida, cheirosa.

e de um modo bem explicito na estancia 107:

.....que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.

Tudo isto é assim; mas, por outro lado, temos que a *Taprobana* foi muitas vezes identificada com a grande ilha de Sumatra. Nos ultimos tempos da idade-media e no correr da renascença, houve sobre este ponto graves duvidas. Nos *Coloquios* encontraremos vestigios d'essas duvidas, n'esta phrase singular a proposito de Ceylão: «que alguns disseram ser Taprobana ou Çamatra». E a opinião de que *Taprobana* era Sumatra, foi corrente entre viajantes, como Nicolo di Conti; entre cartographos, como fra Mauro; entre os mais eruditos geographos, como Sebastião Munster, Ortelius e Mercator, para citarmos unicamente os mais conhecidos. É pois explicavel, que o Camões tivesse um momento esta opinião, e escrevesse *taprobanico Achem*, embora mais tarde se encostasse ao parecer de João de Barros, e o significasse claramente nos *Lusiadas*.

O verso, tal qual o deixâmos, não é portanto desdouro para o nosso erudito poeta, e é uma prova interessante da sua hesitação em um ponto controvertido.

COLOQUIO PRIMEIRO, EM QUE SE

INTRODUZ O DOCTOR RUANO, MUITO CONHECIDO DO auctor em Salamanca e em Alcalá, o qual vem á India com hum seu cunhado, que he feitor de huma não, e nam vem qua por mais que por saber das mézinhas da India e de todos outros simples que nella ha, e como chegou a Goa e ouvio nomear o autor, conhecendose ambos, vay pousar com elle e decraralhe sua entençam, e o autor lhe responde.

INTERLOCUTORES

ORTA, RUANO.

ORTA

Pois que já temos praticado na vida que fizestes depois que nos apartámos do estudo, e porque causa viestes á India, será razão que me digais se ha alguma cousa em que vos eu possa servir, porque desdagora me aperceberey pera isso.

RUANO

Saiba que posto que vim qua porque tenho parte nesta não em que veo meu cunhado por feitor, bem podéra escusar com a sua vinda delle a minha a esta terra, mas porque tenho grande desejo de saber das drogas medicinais (as que chamão lá em Portugal de botica) e destoutras mézinhas simples, que qua ha, ou fruitas todas, e da pimenta, das quais cousas queria saber os nomes em todas as linguas, assi das terras donde nascem e dos arvores ou prantas que as crião, e assi queria saber como usão dellas os fisicos indianos, e tambem queria saber dalgumas outras plantas e frutos desta terra, ainda que não sejão medicinais, e assi dalguns custumes desta terra, ou cousas que nella acontecerão, porque todas estas cousas ham de ser ditas na verdade, vistas per vós ou per pessoas dinas de fé.

ORTA

Em todas estas couosas vos servirey e vos direy a verdade, mas temo que as couosas que eu dixer nam sejão dinas de notar, porque a hum tam grande letrado, e que tanto soube no especulativo nam lhe contentão senam raras couosas.

RUANO

Se ellas contentárao a vossa merce contentarão a mim, e já pode ser que elle, porque as bem sabe, não as estime, e eu, porque as não sei, telasei em muito preço como he razam: porque alguns fisicos que de qua forão a Espanha, nam me souberão dar razam disto, nem satisfizerão a meu intendimento: e sabey que quanto comvosco falo, tudo ey de escrever, que pera isso tenho hum livro e nelle escritas as perguntas pelo a b c.

ORTA

Digo senhor que pois vós quereis saber com vossa curiosidade o pouquo e mal rezoado que qua soube, eu volo direy de manhãa por diante, e pois a nossa amizade he tam grande e tam antigua, o que vos diser ha de ser com protestaçam que o que nam for bem dito, sem nenhuma adulaciaçam nem lisonja mo digais, e, com estas condições, prometo de vos servir e dizer o pouquo que souber, e logo vos ey de dizer as couosas que sey bem sabidas e as em que tenho duvida, com juramento de falar muyta verdade.

RUANO

Nisso, como vos digo, receberey muita merce, e dormiremos, se fordes servido, mas nam sey se poderey pollos desejos que tenho de perguntar pella manhãa (1).

NOTA (1)

Garcia da Orta introduz nos seus *Coloquios* varios personagens reaes, como é sem duvida alguma o licenciado Dimas Bosque, como são provavelmente a sua creada Antonia, Paula de Andrade, o milanez

André e outros. O dr. Ruano, porém, deve ser um personagem ficticio. Dada a fórmula dialogada, e sem examinar agora se a escolha d'essa fórmula foi feliz, Orta necessitava de um interlocutor que o interrogasse; e não só o interrogasse, mas lhe offerecesse objecções, e lhe formulasse duvidas. D'ahi a escolha de um medico, formado como elle em Salamanca e Alcalá, tendo toda a sciencia dos livros, e tão desejoso de a completar pelo resultado das observações feitas no Oriente, que a sua impaciencia lhe tirava o sonno.

Ruano representa-nos, pois, Garcia da Orta, como este chegou á India, munido de toda a erudição classica e universitaria, sabendo o que tinham escripto Dioscorides, Plinio e os auctores modernos, forte nas suas affirmações, e um tanto respeitoso ainda em frente de alguns dos seus erros: o Orta dos *Coloquios* representa-nos a transformação operada por perto de trinta annos de observações directas. Como eu dizia na sua *Vida*: «Os dois personagens são os dois caracteres reunidos em Garcia da Orta, as duas faces do seu espirito postas em frente uma da outra». Este modo de ver parece-me ainda hoje exacto; e não só eu não tenho noticia alguma da existencia de um dr. Ruano na India, como a leitura de todo o livro me dá a impressão de um personagem criado e inventado para as necessidades da exposição e da controvérsia (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 299 e seg., Lisboa, 1886).

1838. - *Journal of the American Antislavery Society*

1839. - *Journal of the American Antislavery Society*

1840. - *Journal of the American Antislavery Society*

1841. - *Journal of the American Antislavery Society*

1842. - *Journal of the American Antislavery Society*

1843. - *Journal of the American Antislavery Society*

1844. - *Journal of the American Antislavery Society*

1845. - *Journal of the American Antislavery Society*

1846. - *Journal of the American Antislavery Society*

1847. - *Journal of the American Antislavery Society*

1848. - *Journal of the American Antislavery Society*

1849. - *Journal of the American Antislavery Society*

1850. - *Journal of the American Antislavery Society*

1851. - *Journal of the American Antislavery Society*

1852. - *Journal of the American Antislavery Society*

1853. - *Journal of the American Antislavery Society*

1854. - *Journal of the American Antislavery Society*

1855. - *Journal of the American Antislavery Society*

1856. - *Journal of the American Antislavery Society*

1857. - *Journal of the American Antislavery Society*

1858. - *Journal of the American Antislavery Society*

1859. - *Journal of the American Antislavery Society*

1860. - *Journal of the American Antislavery Society*

1861. - *Journal of the American Antislavery Society*

1862. - *Journal of the American Antislavery Society*

COLOQUIO SEGUNDO DO ALOES INTERLOCUTORES

ORTA, RUANO.

RUANO

Já me parece tempo pera responderdes ás minhas perguntas, e porque a ordem aproveita muito á memoria será bem começar pello a b c, e alguns nomes que falecerão aleembrarmoeis.

ORTA

Isso que dizeis da ordem do alphabeto acho nam ser bom, e a causa he porque pôde acontecer as cousas ditas ao principio serem pouquo proveitosas ou muito notas, ou sem gosto pera serem lidas; quanto mais que sempre ouvi dizer que os peccados mais graves se havião primeiro de confessar aos confessores, e as melhores rezões se havião de dizer primeiro quando leião algumas lições, e que quando se havião de pedir algumas cousas, as mais necessarias havião de ser as primeiras.

RUANO

Antes senhor (salvo melhor juizo) me parece o contrairo em muitas cousas, porque nos principios das orações nam se hão de mover os affectos e vontades tanto como nas outras partes da oraçam, e mais porque o fim fica mais na memoria que as cousas, que primeiro se dixerão, nem os que lêem hão de dizer a doctrina muy sotil no principio, senam prometer de a dizer, pera fazer os ouvintes atentos.

ORTA

Ainda me nam satisfizestes ao que vos dixe, e he que se este livrinho quizerem alguns imprimir, ou por zombar de mim, ou por descobrir meus erros e minhas mal compostas razões, e lendoo alguma pessoa e nam achando no principio

cousa de que goste, sem mais esperar razão, dará este livro ao quarto elemento, e dirá em mim mil pragas e vituperios, e, o que pior he, farão contra mim invectivas; e outros, por me não terem por digno de tanto, farão trovas e outras cousas mais baixas.

RUANO

As vossas cousas nam tem outro mal pera os mordaces leitores que serem verdadeiras e muitas nunqua sabidas dos fisicos, que de qua forão a Espanha, quanto mais aos fisicos da Europa, porque já perguntey em Espanha a fisicos que qua andarão, e não me deram mais razam que a que lá sabiamos todos, e destes homens alguns erão doctos, senão o tempo que andarão qua trazião mais os pensamentos em enriquecer, que em filosofar; porque, como diz o filosofo*, que ainda que filosofar he melhor em si que enriquecer, porém que ao necessitado melhor he enriquecer; e porque estes o serião, quizerão primeiro enriquecer que filosofar; e porque vos tire deste arreceo, digo que este trabalho vosso quero eu pera mim só, e pera muito poucas pessoas outras a quem o direy em Espanha (levandome Deus a salamento), e serão alguns condiscípulos nossos, que vos não pesará de o saberem, e alguns discípulos vossos, tam doctos, que assi vós, como eu, poderemos aprender delles, porque elles se derão pouquo á pratica e muito ás escholas, e vós e eu fizemos o contraíro, e o que me doy mais d'isto he que não tendes vós nem eu mestres ou preceitores a quem eu possa mostrar vossos trabalhos nem em Salamanca nem em Alcalá, porque todos são já mortos e desterrados longe de Espanha: e tornando ás nossas perguntas me diga do *aloes* os nomes em todas as linguis que sabe e como se faz, e qual é o melhor, porque o desta terra louva muito Plinio e Dioscorides**.

* Aristot. Topic., libro 3 (nota do auctor).

** Plin., libr. 27, cap. 4; Diosc., libr. 3, cap. 21 (nota do auctor).

ORTA

Do *aloes* ha poucas couzas que dizer que sejão notaveis, e porém fazervosey a vontade, e digo que o *aloes* ou *aloa* he latino e grego, e os Arabios o chamão *cebar*, e os Guzarates e Decanins *areá*, e os Canarins (que são os moradores desta fralda do mar) o chamão *catecomer*, e os Castelhanos *acibar*, e os Portuguezes *azevre*: fazse de çumo de huma herva depois de seco, e he chamada em portuguez *herva-babosa*, da qual herva ay muita quantidade em Cambaya e em Bengala e em outras muitas partes (1), mas a de Çocotora he muito mais louvada, e he mercadoria pera a Turquia, a Persia e Arabia, e pera toda a Europa; e por isso o chamam *aloes cocotorino*; e dista esta ilha ou está apartada das portas do estreito 128 leguas, por onde tanto se póde dizer da Arabia como da Etiopia, pois nas portas do estreito huma banda he Arabia e outra Etiopia: e não he isto onde se faz cidade, como diz Laguna, senão he toda a ilha, a qual não tem cidades, senão povoações com muito gado; e não se ladrilha o chão pera colher a lagrima que cás, porque nem he cidade nem na ilha ha tanta policia, nem se falsifica polla muita abundancia que nella ha desta herva, senão polla pouca curiosidade que os negros desta terra tem em não apartar as hervas que com esta *herva-babosa* vem misturadas, e por isso hum não parece tam bom como outro: e tambem não creais que he melhor o de cima que o do meio, e peor o do fundo, nem he cheo de area, si se faz com diligencia, porque todo he bom; nem se falsifica com goma arabica e acacia (como dizem Plinio e Dioscorides), porque ha nesta terra pouca goma e acacia ou, por fallar verdade, nenhuma, segundo mandey saber per pessoas dignas de fé que isto me contarão; e já pode ser que este mesmo *azevre* se falsifique em outras terras (2).

RUANO

Como soubestes que o de Çocotora he melhor, porque alguns escriptores o chamão *suco-cetrino*?

ORTA

Não faz o nome ao caso.

RUANO

Como sabeis que sabem descernir hum do outro os Persios, Arabios e Turcos em Ormuz, onde o levão a vender, como dizem?

ORTA

Alem da fama comum o soube de hum rico mercador e bom letrado, a sua guisa, que servio de secretario aos governadores, chamado Coje Perculim (3), ao qual como hum dia lhe perguntasse como se chamava em turco, em persio e arabio, me dixe que *cebar* se dizia em todas estas linguas e, sem lhe mais perguntar, me dixe que o melhor de todos he o de Çocotora, e que o avia em muitas outras partes da India, donde o levavão a Ormuz e a Adem e a Gida, e dahi por terra o levavão ao Cairo, donde o levavão a Alexandria, porto do Nilo, e que facilmente conhecião os mercadores qual era o de Çocotora, e qual o de Cambaya e das outras partes, e que valia o de Çocotora quatro vezes tanto como o das outras partes. E despois disto fui ver ao Nizamoxa, que he um rey dos mais grandes do Decam, chamado o Nizamaluco (4), alem de ser letrado pello seu modo, sempre tem fisicos da Persia e de Turquia, a quem dá grandes rendas, dos quais soube isto mais perfeitamente: e mais me dixerão que se descernia o de Çocotora, porque nelle as partes se juntavão bem humas com outras, e no outro *azevre* não fazião perfeita mixtão, porque o çumo era de diversas hervas, e que isto era cousa muyto conhecida, e que o proprio rey, seu amo, o tinha sempre trazido de Çocotora, de modo que não são duas, nem tres especias, como dizem os doctores, senão huma só, e isto entendey, senão quereis que o logar varie as especias: somente ay bom e mao, scilicet, sofisticado, de modo que nem as hervas são diversas em bondade, porque a diversidade na bondade não faz que as partes não se misturem bem, pois são de huma mesma especia, e chamarem alguns doctores *suco-cetrino* não he muito,

porque não olharão mais que á côr, mas a verdade he que se chama assi.

RUANO

Pois que diremos a Plinio e a Dioscorides* que dizem que o melhor de todos he o da India, e dizem outros que o de Alexandria ou da Arabia?

ORTA

A isto vos respondo que não entendais simplesmente que o trazido da India he o melhor, senão acrecentardes que o tragão á India primeiro de Çocotora, porque, como já vos dixe, tambem levão de Cambaya e Bengala *azevre* a Ormuz e a Adem, e a Judá (como nós, corrompendo o nome, a chamâmos, porque elles a chamão Gida), e com tudo isto sempre o levão destoutras partes, e, como digo, o de Çocotora he melhor, e levão de todo, porque quem diabos compra, diabos vende.

RUANO

Logo melhor diz Mesué que ha hum trazido de Çocotora, e outro da Persia, e outro da Armenia, e outro da Arabia?

ORTA

Não diz Mesué melhor, mas diz menos mal que os outros: porque verdadeiramente o que de qua vay pera Portugal, que eu o vejo todo, he trazido de Çocotora, e quando lá os vossos doctores dixerem de Alexandria trazido, entendey que nos annos passados se levava muita quantidade de drogas a Ormuz e dahi a Baçora, e dahi as levavão a Adem e a Gida, e dahi, por terra, em cafilas de camelos, o levavão ao Suez, que é cotovelo do mar, e a Alexandria, porto do Nilo, donde vão ter nas galés de Veneza pera se venderem e comunicarem a toda a Europa, e não porque em Alexandria ouvesse *azevre* pera fazer caso delle (5).

* Plin., lib. 24, cap. 4; Diosc., lib. 3, cap. 4 (nota do auctor). O cap. de Dioscorides está errado; deve ser 21, 22 na edição de Sprengel.

RUANO

Se não ay em Alexandria *azevre*, tambem dizeis que não ha *ruibarbo*: logo mal dizia aquelle escritor que não faria a huma pessoa purgar nem desopilar quanto *ruibarbo* ha em Alexandria?

ORTA

Entendo esse doctor quanto *ruibarbo* vem das outras partes a Alexandria.

RUANO

Ácerca dos nomes estou hum pouco duvidoso, e não de Mateo Silvatico, que o chama *saber* ou *canthar*, ou *real-mal*, porque este podia errar, pois não era arabio; mas que diremos a Serapio, que, sendoo, o chamou *saber*?

ORTA

Não o chamou senão *cebar*, e depois, corronpendose por tempos o nome, se chamou *saber*: por onde não tem culpa senão o traductor, ou os tempos, que gastão tudo; mas no arabio está *cebar*.

RUANO

Ácerca dos indios he usado?

ORTA

Ácerca dos fisicos da Persia, Arabia e Turquia se usa desta mézinha, porque sabem elles de cór Avicena, a que chamão elles Abolahi e a seus cinquo livros *Canum*, e sabem Rasis, a quem chamão Benzacaria, e a Halirodoam e a Mesué, posto que não he este de que usamos, e tambem tem todas as obras de Hypocras e Galeno, de Aristoteles e de Platão; posto que as não tem tão inteiras como na fonte grega (6): e os fisicos gentios da India tambem usão delle em purgas e lombrigas e coliros, e tambem quando quierem encarnar algumas chagas, e tem pera isto nas suas boticas huma mézinha chamada *mocebar*, feita de *azevre* e *mirra*, á qual elles chamam *bola*, e desta usam muito para curar cavalos, e para matar os bichos das chagas, e por tanto nam he muito chamarse ácerca de nós o *aloes ruym*

cabalino, como escreve um moderno doctor, dizendo que o mais ruym se gasta ácerca dos alteitares; mas de meu voto he que nem pera curar bestas nem homens se gaste nem se use do *aloes* chamado *cabalino*, senão do *cocotorino*; de modo que o que diz Serapiam, por autoridade de Alcamzi, se deve entender, que pera alteitaria e chagas se pôde usar com menos damno do *cabalino*; e mais vy qua usar a um fisico gentio do gran Soldão Badur, rey de Cambaya, pór mézinha familiar e benedicta, tomando talhadas das folhas da *herva-babosa* cozida com sal dentro nellas, e deste cozimento dava a beber oito onças com que fazia quatro ou cinco camaras, sem molestia nem damno algum a quem o tomava. E aqui n'esta cidade de Goa tomão desta herva pisada e misturada com leite e dão a beber aos que tem chagas nos rijs ou na bexiga, ou mejão materia por alguma outra maneira: e he cousa muito boa pera guarecer asinha, e já nós alguns tomámos desta mézinha e achámos nos bem della. E nós tambem usâmos do *azevre* nas quebraduras das pernas das aves, cousa bem usada dos cetreros (7), e qua na India pera madurar os fremões, por isso nam parece dizer bem Mateolo Senes, o qual diz que a herva he mais pera ver, que pera uso de fisica.

RUANO

Todas essas couosas que dizeis não carecem de razam, e porem me dizey se probastes *herva-babosa*, e se vos amarga e cheira com cheiro forte?

ORTA

Lendo em Antonio Musa e em outros modernos por dizerem que o amargar falecia á *herva-babosa* de nossa terra, provey esta muitas vezes, e achava muyto amargosa, e quanto era mais perto da raiz amargava mais, e nas pontas de cima sem nenhuma amargura, e com horrido cheiro em toda, de modo que o que diz Antonio Musa que o de *Cocotora* he mais amargo, he falso; porque esta herva da India já a provey, e a de *Cocotora* mandey provar, e todas

amargam muyto: a de Espanha nam provey, se vos Deus levar a salvamento, tudo podeis probar. E mais vos digo que achey em o Silvatico e em o Plateario, que todalas cousas amaras, quanto mais amaras, tanto sam melhores, excepto o *aloes*: e Antonio Musa parece que sente o contrairo, e a mim me parece que diz melhor o Musa, por que o sabor amargoso preserva de putrefaçam, e faz outras operaçōes muyto boas.

RUANO

Tirayme de huma duvida, se as mézinhas que levam *aloes* se ham de tomar em jejuum, se sobre comer, e, se sobre comer, se tardará muyto o cibo sobre ellas?

ORTA

Nam me pergunteis isso pois o sabeis lá melhor todos que eu qua hum só.

RUANO

Todavia quero vosso parecer, e saber a pratica que usais.

ORTA

Galen manda dar 5 pirolas tamanhas como grāos de comer, e desta maneira he bom tomado pera paixōes da cabeça, e Plinio* diz que he muito boa mézinha, depois de bebida, pouco espaço, se tome cibo sobre ella, e ha de ser pouco e bom. Esta tambem é muito boa pratica e usada dos fisicos mouros d'esta terra, porque, como o *aloes* he mézinha debil, nam obrará se depois a natureza nam for fortificada com hum pouco de comer muito nutritivo e pouco em quantidade, como dixe, porque o possa digerir, e, fortificada, faça melhor evacuação. Paulo diz que se ha de tomar em jejuum, e reprende aos que a dão depois de comer, porque diz que corrompe o comer. Cada hum destes tem por si razões e textos e todos se podem concordar bem, e porque he questão comum se o cibo se ha com a mézinha de

* Galen. ad Pat., cap. 5; Plinio, libr. 27, cap. 4 (nota do auctor).

misturar ou não: e pois o sabeis melhor que eu, escusado
he falar nisso muito.

RUANO

Nasce mais em logares marítimos, como diz Dioscorides?

ORTA

Eu andei polo sartam desta India, mais de duzentas legoas
de caminho, e em todos os logares vi esta *herva-babosa*.

RUANO

Da goma della me dizei.

ORTA

Nam tem goma, senam algumas vezes, polas folhas, chora
alguma agua viscosa, de que se nam usa, nem faz caso.

RUANO

Diz Ruelio que as pirolas de Rasis, que se dão na peste,
compostas por Rufo, levão *aloes* e *mirra*, *amoniaco*, *temiama*
e vinho; e diz o Rueliô, que porque causa estes Maumetistas
havião de tirar o *amoniaco* e *temiama* e vinho, e haviam de
acrécentar mais *açafram*?

ORTA

Nam vos queria ver tam affeiçoados a estes escritores
modernos, que por louvar muyto aos Gregos dizem mal dos
Arabios e de alguns Mouros naçidos na Espanha, e de outros
da Persia, chamando-lhes Maumetistas barbaros (que elles
tem por pior epiteto que quantos ha no mundo), em especial
os Italianos; como que os Gregos, não sam os que agora
chamamos Rumes, e os Turcos, a qual gente, tam crua, e
çuja e mal acustumada, persegue ao presente mais a chris-
tandade que outra alguma*: e por tanto vos digo que eu não
nego a mézinha de Rufo ser a que elles dizem, e ser muito
boa, mas digo que as pirolas de Rasis (de que usâmos) são

* Preferimos conservar a phrase, incorrecta e pouco clara, a tentar
a sua reconstrucção.

muyto boas e por muytos esperimentadas, e o *açafram* se põe nellas por ser muyto cordial e abridor, e por outras virtudes muytas que tem.

RUANO

Pareçe ser que fazeis deferença entre Rumes e Turcos, e eu tive sempre que senificavam huma mesma cousa estes nomes?

ORTA

Posto que a questão não he medicinal vos respondo que sam muy differentes, porque os Turcos são os da provincia de Natolia (que antes se dizia Asia-menor), e os Rumes são os de Constantinopla e do seu emperio.

RUANO

Como sabeis isto, por livro, ou por volo dizerem algumas pessoas?

ORTA

Muytas vezes perguntava, andando nas guerras destes reis da India, a algum soldado branco se era Turco, e respondia que não, senão que era Rume; e a outros perguntava se erão Rumes e respondiâome que não, senão que erão Turcos: e perguntandolhe qual era a deferença que havia antre hum e outro, diziâome que eu a não podia entender, porque não sabia os nomes das terras, nem a lingoa mo sabia dar a entender. E achandome em casa daquelle excellente varam Martim Affonso de Sousa (a quem eu servia) me amostrou a Platina, onde estava lendo na vida de Sam Silvestre, onde achâmos escrito que, quando Constantino, leixando Roma ao Papa, se foy a Constantinopla, lhe foy dado privilegio que ella se chamáse Roma, e os dessa terra se chamasem Romeos, e diz o Platina que oje se chamam assi (8).

RUANO

Muyto folgo de ouvir estas couosas, ainda que não sejam de fisica: mas, tornando ao *aloes*, me dizei que responderemos a Menardo e a outros modernos, que reprendem a Mesué e Serapiam e Aviçena, porque dizem que abre as veas

e que he máo para as almoreymas; e porque dizem estes Arabios que, misturado com *mel*, purga menos; e porque afirmam ser menos nocivo ao estomago que outras mézinhas solutivas, porque Menardo e estoutros dizem que não tam somente nam abre as almoreymas, antes as cerrra, e que ao estomago não se pôde dizer que he menos nocivo, antes lhe faz muyto bem, e não lhe causa damno algum, e que, junto com *mel*, he mais solutivo que as outras mézinhas solutivas. As primeiras couisas provão por muitas auctoridades de Galeno e outros muytos, e a segunda provão, por o *mel* ser solutivo, dizendo que dous solutivos purgão mais que hum.

ORTA

Já vos dixe que nam me obrigava a vos responder a questões, que sabeis melhor em Espanha, lendo muitos que escrevam cada dia e praticando e conferindo com muitos fisicos letrados, que eu qua, nam sendo aconselhado com alguem, por falta que elles e eu temos de livros. E porém respondendo o primeiro, vos digo que Antonio Musa fala neste caso como homem sem paixão, porque elle não fez homenagem a algum mestre e concede ser verdade o primeiro, que diz Mesué, que abre as almoreymas, e que assi o esperimentou muitas vezes; e eu tambem digo, que já o esperimentey muytas vezes, causaremse grandes dores com fluxo dellas. Tudo isto pode fazer o *aloes* por sua amargura, abrindo as veas, estimulando a virtude espulsiva; e deste modo purga o fel do animal posto na barriga e no ombrigo, como dizem Dioscorides e Serapiam*, e, ao cerrar das veas, que provão por autoridade, respondem com Iacob de Partibus, que restringe por fóra e abre por dentro tomado; e isto tem muitas mézinhas, que, tomadas por dentro, tem huma operaçam, e, aplicadas por fóra, tem outras, como a cebolla que, por dentro, mantem, e por fóra faz chaga ulcerando; e o segundo, que he reprehendido Mesué por dizer,

* Dioscorid., ubi sup.; Serap., cap. 201 (nota do auctor).

que purga menos com mel, vos digo que, pois ambos sam solutivos, scilicet, o *mel* e o *aloes*, o mais solutivo, que he o *aloes*, he remetido e enfraquecido do menos solutivo, que he o *mel*: e ao terceiro, em que reprendem a Mesué, porque diz que he menos nocivo ao estomago sendo confortativo do estomago, isto digo que se ha de entender que conforta o estomago por acidente, a que os fisicos chamão de *per acidens*, scilicet, tirandolhe os máos humores do estomago sem nocimento algum ou, ao menos, com pouquo; e d'esta maneira se hão de entender as auctoridades alegadas por Menardo, e os outros modernos.

RUANO

Em todas cousas que dixestes me satisfizestes muito bem, e muyto mais no que dizeis que, assi como nas primeiras qualidades, que sam quentura, frialdade, humidade, sequura, o remiso em grado, que he menos quente, remite e enfraquece ao mais intenso em grado, que he mais quente: assi nas segundas e terceiras qualidades, que sam purgativa ou diuretica (que he fazer ourinar), o mais forte e intenso, scilicet, que he mais purgativo, se he junto com outro menos purgativo, he enfraquecido do menos purgativo, e assi o *aloes* mais purgativo, misturado com o *mel*, que he mais fraco solutivo, faz que tudo seja menos solutivo. Daqui vem que purga hum homem mais com dez grãos de *escamonea* sós, que com cinquo dragmas de solutivo e uma onça de *cassia-fistola*, e huma dragma de *ruibarbo*, onde entra mais *escamonea* que os doze grãos: e isto esperimentey eu já muitas vezes, e nam sey dar outra razam senam essa que me dais. E agora me dizey se sabeis se ha *aloes* metallico ao redor de Ierusalem?

ORTA

Já perguntey isto a alguns judeus que a esta terra vieram, e diziam serem moradores em Ierusalem, e alguns erão filhos de fisicos, e outros erão boticairos, e todos me disseram ser isto cousa falsa e nunqua achada em toda Palestina (9); e por aqui faço fim ao *aloes*, se disto sois servido.

RUANO

Antes me fizestes no passado muita merce; e quero vos agora perguntar huma duvida que tenho de como tomão as pirolas e as purgas liquidas nesta terra, e quanto tempo estão sem comer sobre ellas; e isto por ver se os avicenistas, que nesta terra curam aos reys, tem o custume que nós lá temos em Espanha.

ORTA

Digo que as pirolas tomão pella maneira que as nós tomamos, e as purgas liquidas tomão as pella maneira que as nós tomamos, scilicet, em rompendo a alva do dia, e estão sem comer, nem beber, nem dormir cinco horas, e se nestas nam purgão, tomão pera confortar o estomago, per regra de Aviçena*, duas dragmas de *almécega* delidas em agoa rosada, e esfregãole o ventre com fél de vaca, e pôelhe pannos molhados nelle sobre o umbrigo, para citar a operaçam e estimular a virtude expulsiva, se ha disso necessidade alguma; e se purgar muyto bem, passadas estas cinco horas, bebem tres onças de caldo de galinha muyto bem temperado e outra cousa nam comem, e dormem algum espaço, e bebem alguma pouca quantidade de agoa rosada, e acabado de dormir purgão muyto bem; mais porque dizem que se fortificou a virtude e natureza com o caldo e sono e agoa rosada, e que se fora muito o comer, que se impedira em digerir o comer, e não purgara tanto. E perguntandolhe se faziam assi a todos os que purgavam, diziam que esta era a practica comum dos fisicos letrados, e para isto não alegavam texto algum.

RUANO

Elles tem muyta razão no que fazem e praticam, porque o fel he solutivo per fóra mordicando a virtude expulsiva, e em nam comer galinha he texto expresso de Aviçena**,

* Avic. 4. primi. (nota do auctor).

** Avicen. 223, trata. 2., cap. 23 (nota do auctor).

donde diz que convem áquelle que quer tomar mézinha, que a tome muyto pella manhã e tarde o comer, e, passadas tres horas, quatro onças de pão com vinho e pouca agoa, e seis horas despôs entre no banho, e saíase delle e estê quieto, e despôs lhe dem a comer aquillo que lhe convém: este he o texto tornado em lingua portugueza, ainda que as derradeiras palavras estão na tradução do Belunense: por tanto não tem esses fisicos mouros esse custume sem autoridade, nem carece de razam sua obra, posto que Mateus de Gadi expõe esse texto doutra maneira, e applicao somente à ciatica; porém (salvo melhor juizo) em muitas enfermidades se pôde applicar. E do banho, que diz o texto, fazem o?

ORTA

Si fazem, mas não em o mesmo dia, senão em outro dia despôs, o qual banho he de preceito aos Bramenes e Baneanes, e a todo o Gentio, que nenhum dia comão sem lavar o corpo primeiro, e os Mouros lavamse, estando sãos, ao menos cada tres dias (10).

RUANO

Porque tomaste o cabo do texto emmendado pelo Belunense, vos pergunto se achaste lá verdadeira essa traduçam?

ORTA

Eu quis experimentar isso muitas vezes que leia o texto pola traduçam comum, tendo Aviçena na mão em arabio: nam consentião com o que eu dizia, e, como dizia pello texto emmendado com as correições do Belunense, diziamme que assi estava lá (11). E porque se faz horas de comer, nisto não falemos mais, e acabado o jantar falaremos do *Ambre*.

NOTA (1)

O *aloes*, como todos sabem, é o succo concreto de diversas especies do genero *Alöe* da familia das *Liliaceæ*. Orta conhecia sem duvida varias d'estas especies; mas nem as distinguiu, nem o podia fazer, pois

a sua distincção não foi muito clara até aos ultimos tempos. Segundo informações modernas do sr. W. Dymock, a droga prepara-se na India com a especie *Alöe abyssinica*, Linn.; e na ilha de Socotora, e talvez outras regiões proximas, com a especie *Alöe Perryi*, Baker (Cf. *The vegetable materia medica of Western India*, p. 823, 825, 2^d edition, Bombay, 1885).

Pelo que diz respeito aos nomes vulgares é o nosso auctor bastante exacto:

—Os conhecidos nomes, grego *ἄλωις* e latino *alöe*, parecem derivar do syriaco *alwai*, e foram provavelmente introduzidos pelos mercadores, que em tempos antigos traziam esta droga do Oriente para a Grecia (Cf. Sprengel, *Dioscorides*, II, 503, Lipsiae, 1829; Clusius, *Exoticorum libri decem*, p. 243, 1605).

—«Cebar» é a transcripção correcta para o nosso alfabeto do arabico *صبار*, do qual, junto ao artigo, *الصبار*, *aq-cebar*, veio a palavra hespanhola *acivar*, e as antigas designações portuguezas *azebre* e *azevre* (Cf. Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, 35, Leide, 1869; Yanguas, *Glosario*, 29, Granada, 1886; Fr. João de Sousa, *Vestigios*, Lisboa, 1830, a p. 84, salva a etymologia).

—«Catecomer» é uma d'estas transcripções approximadas e de ouvido — como Orta as fazia muitas vezes — de um dos antigos nomes indianos da planta *Ghrita Kumārī*, do sanskrito *कुमारी* *Kumārī* (Cf. Whitelaw Ainslie, *Materia indica*, II, 169, London, 1826; Dymock, l. c.).

—«Areá» está de certo muito alterado, mas pôde talvez prender-se a *elwa* e *elia*, nomes hindis e bengalis da droga, usados tambem em Bombaim (Cf. Dymock, l. c.).

NOTA (2)

A droga proveniente da ilha de Socotora foi celebre desde tempos muitissimo remotos, se acreditarmos em uma lenda persistentemente contada pelos escriptores arabicos. Maçudi, escrevendo pelo anno 332 da Hijra (943 J. C.) repete uma noticia, dada já no seculo anterior pelos dois conhecidos viajantes mahometanos, dizendo que o grande Alexandre, por conselho do seu mestre Aristoteles, havia estabelecido n'aquelle ilha uma colonia de gregos, com o fim especial de cultivarem a planta que produzia a famosa droga; esta colonia prosperou e abraçou mais tarde o christianismo. O geographo El-Edrisi (1154 J. C.) dá-nos a mesma versão com ligeiras variantes. Sem aceitarmos esta informação em todas as suas partes, devemos no entanto admittil-a, como prova da existencia de um antigo fundo de população grega na

ilha, e sobretudo da nomeada que já então tinha o *aloes* d'ali (Cf. Maçudi, *Les Prairies d'or*, III, 36, trad. de B. de Meynard et P. de Courteille, París, 1861-1877; *Géographie d'Edrisi*, I, 47, trad. de A. Jaubert, París, 1836; H. Yule, *The book of ser Marco Polo*, II, 400, 2^d edition, London, 1875; *Flora dos Lusiadas*, 89, Lisboa, 1880).

Tomé Pires

No seculo de Orta, o *aloes* da ilha de Socotora continuava a ser considerado o melhor, sendo geralmente chamado *socotorino*. Thomé Pires, escrevendo a El-Rei D. Manuel (1516), dizia: que nascia «o muito estimado na ilha de camatora» (Socotora); que a baixo d'este estava o das «nossas partees» (Hespanha); e que o da India era muito mau, «que nom vall nada». Parece, porém, que o nome de *socotorino* se dava algumas vezes ao *aloes* de boa qualidade, embora não viesse da ilha. No *Lyvro dos pesos*, diz Antonio Nunes, que se pesava em Ormuz o «azevre çacatorino de sacatora» por um certo modo, e o «azevre sacatorino de dio», isto é, da India, por um modo diverso. Em todo o caso o primeiro era o mais estimado (Cf. *Carta de Thomé Pires*, na *Gazeta de pharmacia* de P. J. da Silva (1866), p. 41; *Lyvro dos pesos da India*, 8 e 11, nos *Subsídios* de Felner, Lisboa, 1868).

Nas suas correcções a Laguna, Orta falla com bastante conhecimento de causa. Socotora não era cidade, nem tinha cidades; e—segundo referem Duarte Barbosa e Gaspar Corrêa—os habitantes da ilha, conservando uns leves vestígios de christianismo, mas sujeitos aos árabes de Fartak, foram encontrados pelos portuguezes em um estado quasi selvagem. Tambem a asserção de Laguna, de que se ladrilhava o chão para colher as lagrimas que caíam, não parece ser exacta. De resto, esta asserção era uma simples reminiscencia de Plínio: *ergo pavimentandum ubi sata sit, censem, ut lacryma non absorbeatur* (xxvii, 5). É certo, todavia, que a cultura foi antigamente bastante cuidadosa; e o viajante Wellstead ainda viu em Socotora (1833) os restos dos muros, que em tempos remotos cercavam as plantações de *Alöe* (Cf. *Livro de Duarte Barbosa* nas *Not. para a hist. e geogr. das nações ultramarinas*, II, 263, Lisboa, 1867; *Lendas da India* por Gaspar Corrêa, I, 684, Lisboa, 1858; Flückiger e Hanbury, *Pharmacographia*, 618, London, 1874).

NOTA (3)

Este Khuája Perculim foi um dos primeiros conhecimentos que Orta fez no Oriente. Chegando á India em setembro do anno de 1534, o nosso auctor encontrou-se com elle logo em dezembro, em Baçaim, quando Bahádур Schah cedeu aquellas terras a Nuno da Cunha. Do tratado de cedencia se vê, que estavam presentes «coje perculim, mouro parsio, e marcos fernandes, que servião de linguoas» (Cf. Felner, *Subsídios*, 138; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 92).

NOTA (4)

Sobre o Nizamaluco vejam-se as notas ao *Coloquio x* e outros.

NOTA (5)

O nosso escriptor fez n'esta passagem, e já na pagina anterior, uma certa confusão entre os dois caminhos geralmente seguidos pelos mercadores, a qual em parte emenda em um dos *Coloquios* seguintes. Um d'esses caminhos era o da navegação por Hormuz e Golfo Persico até Bassora, d'onde as caravanas tomavam para o norte, em direcção a Trebisonda, ou a Constantinopla; ou seguiam por Damasco aos portos do Mediterraneo, Acra, Beyrut, Tripoli da Syria e outros, parte dos quaes Orta conhecia e menciona n'este ou nos seguintes *Coloquios*. O outro caminho era o da navegação pelo mar Vermelho a Suez, d'onde as mercadorias seguiam em caídas para o Cairo, descendo depois o Nilo até Alexandria. Os portos de escala mais frequentados n'esta ultima navegação eram Aden, fóra do estreito, e Djidda na costa da Arabia, que os nossos portuguezes chamavam geralmente Judá, e Orta chama Gida. Este era um ponto importante que Lopo Soares pretendeu tomar; e ainda no seculo passado, quando Niebuhr o visitou, havia ali um notável movimento commercial. A confusão de Orta deve resultar mais de inadvertencia e da sua habitual desordem de redacção, do que de ignorancia, pois ambos os caminhos eram bem conhecidos dos portuguezes (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, II, 494; Niebuhr, *Voyage en Arabie*, I, 217, Amsterdam, 1776; João de Barros, *Asia*, I, VIII, 1; Antonio Galvão, *Tractado dos diversos e desvairados caminhos*, etc., Lisboa, 1563).

NOTA (6)

Os Hakims, ou medicos mussulmanos, da corte de Ahmednagar, conheciam naturalmente as obras dos seus celebres correligionarios Abu Ali Huçein ben Abdallah ben Sina, Abu Bekr ben Zakaria er-Rasi e Ali ben Redhwan; e familiarmente chamavam ao primeiro Abu Ali, e ao segundo Ben Zakaria.

A phrase de Orta sobre Mesué é um tanto obscura. Posto que existissem dois Mesués, não é provável que os Hakims se servissem das obras do primeiro, das quaes—ao que parece—só escaparam fragmentos. Deviam antes possuir as de Maswijah el-Mardini, o mesmo que Orta conhecia e foi celebre em todas as escolas da Europa. As diferenças, notadas por Orta, deviam pois ser simples discrepancias entre.

os codices arabicos e as versões ou compilações latinas. Isto é tanto mais provavel, quanto a personalidade d'este Mesué de Maridin é um tanto nebulosa, e a genuinidade das obras publicadas sob o seu nome pôde levantar algumas duvidas. Quanto ao conhecimento das obras gregas que os Hakims possuiam, resultava muito naturalmente das antigas versões syriacas e arabicas d'aquelleas obras, feitas sobretudo nos reinados dos khalifas Harun er-Raschid e Al-mamun (Cf. Assemani, *Bibliotheca orientalis*, III, 501 e 504; Ludwig Choulant, *Handbuch des bücherkunde für die alteren Medicin*, 351, Leipzig, 1841; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 241 e 333).

NOTA (7)

Os cetreiros ou falcoeiros usavam diversos medicamentos nas quebraduras das pernas dos falcões. Fernandes Ferreira dá a fórmula de um emplastro, composto de «incenso, almecega, sangue de drago, pedra sanguinha e farinha de trigo», tudo isto batido com clara de ovo; e tambem a de uma «solda», em que o principal ingrediente era a «mumia que tem os boticarios». Vemos, pela auctoridade de Orta, que o *aloes* entrava tambem na composição d'estes medicamentos; e era natural que assim fosse, pois o consideravam excellente para «encarnar chagas» (Cf. Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da caça de altaneria*, 69, v., Lisboa, 1616).

NOTA (8)

É curioso que o livro citado por Orta (*Platinæ de vitis pontificum historia*) seja exactamente aquelle em que Diogo do Couto procurou tambem a explicação do nome de Rumes. Este nome teve um destino singular. Os primeiros mussulmanos deram em geral o nome de *Rumi* aos christãos, por isso que estavam principalmente em contacto com os subditos do imperio romano do Oriente; e, quando mais tarde distinguiram com o nome de *Farangi* os christãos do Occidente, conservaram o de *Rumi* aos gregos e outros byzantinos¹. Vindo os turcos a ocupar as provincias orientaes d'aquelle imperio, passou para elles o nome de *Rumi*, de modo que um antigo nome dos christãos passou a designar os seus mais encarniçados inimigos. Onde Orta — e tambem Couto — está enganado, é em excluir do nome de Rumes os turcos da

¹ E continuaram a applical-o aos do Occidente, por exemplo, aos da Hespanha; vejam-se varios casos d'esta applicação em Dozy, *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne*.

Anatolia ou Asia menor. Foi justamente ali, que os turcos seldjukidas estabeleceram o imperio de Rúm, sultanato de Rúm, ou Rúmestan, cuja capital era em Iconium, a moderna Kuniah. No tempo de Orta tudo isto pertencia á historia; os turcos ottomanos tinham substituido os turcos seldjukidas, e occupavam Constantinopla e as suas províncias asiáticas, a cujos habitantes se dava em geral o nome de Rumes (Cf. Diogo do Couto, *Asia*, iv, viii, 9; Amari, *Diplomi arabi*, citado por Yule, *Cathay and the way thither*, 427, coll. Hakluyt, 1866; Yule, *Marco Polo*, 1, 46; veja-se tambem H. Yule e A. Burnell, *Glossary of an-glo-indian colloquial words*, London, 1886, na palavra *Room*).

NOTA (9)

Esta passagem, em que Orta toma a liberdade de emendar Plínio, mas sem o citar, valeu-lhe nada menos de duas correcções: uma de Clusius; a outra d'aquele anonymo arabista, commentador dos *Coloquios*, que nós hoje sabemos ter sido o celeberrimo erudito José Scaligero (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 242).

Clusius adverte (*Exotic.*, 151), que Plínio não afirmou a existencia do aloes metallico; mas unicamente disse, que alguns a mencionavam. Effectivamente Plínio diz: *Fuere qui traderent in Iudea super Hierosolyma metallicam ejus naturam...*; mas logo accrescenta: *sed nulla magis improba est*, por onde parece confirmar a noticia (Plin., xxvii, 5).

Scaligero (*Exotic.*, 244) defende Plínio, dizendo que elle tem rasão, se o entenderem bem, pois se refere ao *aloes* encontrado nos cadaveres desenterrados, e que haviam sido embalsamados com *aloes* e *myrrha*, uma practica seguida na Judéa, e mencionada, por exemplo, no evangelho de S. João (xix, 39). A defeza de Scaligero é infeliz: primeiro, porque não é nada claro, que Plínio se queira referir á tal substancia extraida dos cadaveres—a chamada *mumia*¹; segundo, porque o *aloes* empregado n'estes casos não era, ao que parece, aquelle de que tratâmos, mas uma substancia muito diversa, o *lignum aloes*, de que fallaremos adiante. Em todo o caso, Orta disse simplesmente, que lhe não constava existir *aloes metallico*, e disse muito bem.

¹ O nosso Thomé Pires dá uma descrição curiosa d'esta celebre e nojenta droga: «he hua umydade dos corpos mortos d'esta maneira: como ho homem morre, alimpano das tripas e fresura, e lançamle dentro mirra e aloees, e tornamno a coser, e meteno asy em sepulchros com furacos; esta mistam com a umydade do corpo corre e apanha-se, e este liquor se chama momia».

NOTA (10)

Seria interminável e pouco interessante a discussão de todas as indicações sobre a therapeutica do *aloes*, espalhadas por este *Coloquio* em maior ou menor desordem. Bastará notar, que as idéas de Orta, sobre o carácter *estomachico* do *aloes*; sobre a sua acção *purgativa*; sobre a sua influencia como *agente de fluxo sanguíneo*; sobre o seu uso *topico externo*, se não afastavam das que corriam no seu tempo e — em parte — ainda são admittidas no nosso (Cf. para mais indicações, *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 311 e 312).

As práticas locaes de medicina hindú, a que elle se refere; por exemplo, o uso da polpa das folhas frescas que viu empregar como «mézinha familiar e benedicta», por um «físico gentio» (isto é, por um Vydia, e não por um Hakim) de Bahádúr Schah, são confirmadas pelos livros modernos. Parece que os antigos hindús não conheciam a droga, tal qual hoje se prepara, mas empregavam directamente a planta; e Ainslie diz-nos, que modernamente a polpa das folhas é receitada como uma medicina refrigerante pelos medicos indianos, *native practitioners* (Cf. Dymock., *Mat. med.*, 823; Ainslie, *Mat. ind.*, II, 169).

Orta accentua claramente n'este *Coloquio* duas feições importantes do seu livro, ás quaes já me referi em outro trabalho, e que, portanto, só apontarei de passagem. Em primeiro logar, a sua repugnancia a tratar as questões puramente medicinaes. Por duas ou tres vezes declara, que se não obriga a responder a questões mais sabidas na Hespanha do que na India. O seu livro não é de medicina, é de simples e drogas; ou — como hoje diríamos — de pharmacographia.

Em segundo logar, mostra bem que se não deixa levar pelo exclusivismo da escola hippocratica. Nem elle, que todos os dias no Oriente verificava o valor das observações feitas pelos árabes, lhes podia chamar «maumétistas barbaros», como lhes chamavam na Europa os doutores hippocraticos da Renascença. E esta segunda feição do livro resulta muito naturalmente da primeira. Foi precisamente porque Orta se dedicou de um modo quasi exclusivo ao estudo da materia medica, que elle não pôde deixar de reconhecer a superioridade dos árabes. Em medicina pouco teria a aprender com elles; mas o caso era diverso quando se tratava do conhecimento dos simples e drogas (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 304, 305).

NOTA (11)

Orta refere-se ás edições latinas de Avicenna, as quaes se fizeram primeiro pela versão de Gerardo Cremonense, depois com as emendas

e addições de André Bellunense; e esta passagem é interessante, como sendo uma das que nos dão a medida dos seus conhecimentos em lingua arabica (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 243).

O nosso naturalista é especialmente prodigo de erudição em todo este *Coloquio*: cita Hippocrates, Aristoteles, Platão, Galeno, Dioscorides, Plínio, Paulo de Egina, Mattheus Platearius, Mesué Junior, Avicenna, Serapio, Rhazés, Haly Rodoam, Mattheus Sylvaticus, Mattheus de Gradibus, Jacob de Partibus, André Laguna, Matthiolo, João Ruello, João Manardo, Antonio Musa e Platina.

COLOQUIO TERCEIRO DO AMBRE

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do *aljofar* queria saber primeiro.

ORTA

E eu queria antes ter muito delle, grosso e perfeito, que saber delle; e porém no capitulo de *margarita* falaremos nelle o que for necessario e proveitoso, e agora falaremos do *ambre*, porque tambem he mézinha que val mais ter muito della, que saber como se gera.

RUANO

Dizey a verdade de tudo e deixayvos de falar essas certezas.

ORTA

Ambar dizem os Arabios, e *ambarum* os Latinos, por o custume da variação latina e uso, e as outras nações e lingoas, quantas eu sey, todas o chamão assi, ou varião muito pouco.

RUANO

Que razam me dais porque ácerca de todos este nome he o mesmo?

ORTA

Certos nomes ha, que se não varião, ou se varião he muito pouco, e isto ácerca de todas as lingoas que eu sey, e das que perguntey, e estes nomes são, *ambar*, *limão*, *laranja*, *sabam*, e outros alguns; porque o limão chamão muitos *linbon*, e á laranja *naranja*, e ao ambre *ambar*, e assi a muitos dos outros.

RUANO

Como nasce e que cousa he?

ORTA

Alguns disseram ser o sperma da balea, e outros affirmaram ser esterco de animal do mar ou escuma delle, outros dixeram que era fonte que manava do fundo do mar, e esta parecia melhor e mais conforme á verdade. Avicena e Serapiam dizem gerarse no mar*, assi como se gerão os fungos ou fungão dos penedos e arvores, e que quando o mar anda tempestuoso deita de si pedras e com ellas lança á volta o *ambre*, e esta opinião tambem he mais conforme á verdade, que outras rezadas por Avicena, porque quando ventão muyto os levantes vem muito a Çofala e ás ilhas de Comaro e de Emgoxa e a Moçambique e a toda essa costa, porque o deitão as ilhas de Maldiva de si, porque estão ao levante; e, quando ventam poentes, achase mais nas ilhas de Maldiva (1).

RUANO

Ainda que seja estorvar a pratica no meo, porque se chama áquelle tam grande corda de ilhas, ilhas de Maldiva?

ORTA

N'estas cousas dos nomes das terras e mares e regiões se enganão muitos dos nossos nas suas proprias terras, como quereis que em as lingoas estranhas saiba dar razam das etimologias dos nomes? E comtudo vos direy o que ouvi dizer, e he que não se chama Maldiva, senão Nalediva, porque *nale*, em malabar quer dizer quatro, e *diva*, ilha, que em lingoa malabar quer tanto significar como quatro ilhas, e assi se chama Nalediva, e nós, corrompendolhe o nome, chamamoslhe Maldiva. E assi chamamos Angediva a huma ilha, que está apartada de Goa 12 legoas, porque são 5 ilhas, e assi quer dizer em malabar 5 ilhas, porque *ange* he cinco; e estas derivações estão na fama *commum*, e assi eu não volas vendo por demonstrações (2).

* Avice., Serapiam (nota do auctor).

RUANO

Eu folguey muito com as saber, porque contentão o intendimento, por tanto onde se poderem dizer me fazei merce mas digaes, e proseguí ao adiante no *ambre*.

ORTA

Dizem mais os mesmos Aviçena e Serapiam*, que algum que é engulido por um peixe dito *azel*, que morre como o come logo, e andando nadando sobre o mar, tomão os homens daquella região garfos e tirão o fóra, e lhe tirão de dentro o *ambar*, o qual não he bom, e se algum he bom, he o que se acha chegado ao espinhaço, e este dizem ser bom e puro; e isto segundo a quantidade do tempo que no ventre ou espinhaço está.

RUANO

E que vos parece disso, he verisimile?

ORTA

Não: porque já o perguntey e nunca me disseram haverlo visto alguma pessoa.

RUANO

Não parece essa rasão que concluye de todo ponto, e portanto, pois soys letrado e nam mancebo, day outra.

ORTA

Digo que os animaes iracionaes, per extinto natural, buscam os mantimentos que lhe convem, e não os que são venenosos a elles, senão quando vão misturados com comeres a elles convenientes; assi como nós enganamos os ratos com rosalgar misturado com comer que lhes bem sabe; portanto não he de crer que o peixe vá buscar o tal *ambre*, pois o ha de matar: e mais digo, que pois o *ambre* he um cordial dos principaes, deve ser o tal peixe em si venenoso, pois o *ambre* lhe he tanto contrairo que o mata. Estas ra-

* Avice., ubi supr.; Serapiam, ubi sup. (nota do auctor).

zões, posto que não concluião como demonstrações, são pera mi persuasivas.

RUANO

E a mim concluyem, em quanto não vir pessoas dinas de fé que experimentaram o contrairo; e pois assi he, dizei o vosso parecer, e o que ouvistes e lestes, que he o *ambre*, que tanto dinheiro val, e despois direis onde o ha, e donde he melhor, e de qual feiçam he o uso delle nestas partes.

ORTA

Primeiro vos direy hum grande error que tem Avenrrois, que he huma especia de *canfora* que nasce nas fontes do mar e nada sobre a agoa delle, e que a melhor de todas he a que em arabio se chama *ascap*; e perguntei aos fisicos do Nizamoxa (que vulgarmente he chamado o Nizamaluco) que *ambre* era aquelle, e não mo souberam dizer, porque ácerca delles não ha as obras de Avenrrois nem de Abenzoar (3), mas quanto isto seja falso e não digno de tam grande filosofo he claro: hum, por dizer* que he a *canfora* nascida no mar, e porque a *canfora* he fria e seca no terceiro gráo, e pôe o *ambre* quente e seco no segundo, por onde he manifesto não serem compreendidas debaxo de hum genero; e concluindo vos digo** que assi como nas terras ha partes que tem terra vermelha como *almagre* ou *bolarmenico*, e outras que a tem branca como *greda*, e outros *cardea*, assi não he inconveniente que aja ilhas ou terras da mesma maneira do *ambre****, e isto, ou que a terra seja fungosa ou doutra maneira; e que isto seja verdade se prova polla muita quantidade

* Avenrrois, hoc colligit (nota do auctor). Isto é no seu tratado de medicina, vulgarmente chamado entâo o *Colliget*.

** Resolução de tudo (nota do auctor).

*** Na edição de Goa lê-se: «assí não é conveniente que a aja, ou ilhas, ou terras da mesma maneira do *ambre*», o que se não comprehende; e parece se deve reconstruir na forma que adoptámos.

que delle sae, porque já se vio pedaço tam grande como hum homem, e outro se vio de 90 palmos de comprimento e 18 de largo; e assi affirmaram já algumas pessoas, que acharam huma ilha de *ambre*, e marcandose, tornaram á terra donde partirão, e querendo tornar a buscar o *ambre*, levaram agoa e mantimentos bastantes para navegar, e nunca poderão tornar a achar a ilha; e pode ser que quis Deos que a não achassem por os castelos de vaidade, que quando a acharam fizerão, e pollas poucas graças que a Deus derão de a haver achado; e tambem porque estes homens se podião salvar com pouca fazenda, e com muyta não se salvaram, e Deus, que he misericordioso, sabe qual he melhor e mais seu serviço. No anno de 1555 achouse, alem do cabo de Comorim, hum pedaço que tinha perto de trinta quintaes, e cuidando quem o achou que era breu, fez delle bom barato, e porém partindose por muitas pessoas, tornou a seu preço acustumado: era essa paragem, donde se achou, de frente das ilhas de Maldiva; e que isto seja verdade se manifesta, porque vem cheo de bicos de passaros ás vezes, e outras vezes vem com cascas de marisquo misturado, porque se pegam ao *ambre*, e os passaros se apousentão nelle ás vezes, e o mais limpo he melhor; e isto que vos digo he o mais certo que se pôde saber.

RUANO

Ha o em outras partes mais que na Etiopia e costa della?

ORTA

Algum se acha em Timor, e poucas vezes e em pouca quantidade; e no Brasil me dizem tambem que se achou; e no anno de trinta se achou hum pedaço em Setubal; mas destas cousas pequenas não se faz regra, por acontecerem poucas vezes e em pouca quantidade.

RUANO

Agora me dizey porque não será esperma de balea ou esterco della?

ORTA

Isto não traz razão, porque a balea e o azeite della que eu vi cheira muito ruynmente, e não como o *ambre*; e mais em muitos cabos ha baleas e não ha *ambre*, assi como na costa de Espanha e de Galiza; e pella mesma razão se prova não ser escuma do mar, porque onde ouvesse mar em baixos com ventos, haveria escuma, e o que dizem que o come o peixe, já o confutey e provey ser falso antes; e isto he o que dizem os Arabios, porque os Gregos não falaram neste simple, somente Aecio (4).

RUANO

Qual he melhor pera escolher?

ORTA

Quanto mais se chega a branco tanto he melhor, scilicet, que seja como pardo, ou com veas de cores humas brancas e outras pardas, e que seja leve no peso; e a prova delle he, que metendo nelle hum alfenete o que deita mais olio pollo buraco he o melhor. O preto he muito ruym, e eu tive hum pedaço delle, que ouve por pouco preço, e não cheirava senão muito pouco, e misturado com *almiscre* para fazer contas, se misturava muito mal fazendo muitas gretas; e aquelle que he tão branco como ovo de ema, diz Serapio ser muito ruym: eu não o vy nem ouvi a pessoa que o visse, e se algum o vir, deve ser sofisticado com gesso.

RUANO

Menardo diz no *letuario de gemis*, que *ambre* he cousa nova, a qual elle não tem em tanta estima quanto preço custa, e portanto diz no *letuario di ambra*, que a composição do letuario he muito preciosa, da qual elle usa muitas vezes em mulheres e em velhos: e porque parece crara a contradição deste doctor, scilicet, em dizer que não val tanto quanto custa no *letuario de gemis*, e no *di ambra* dizer que he muito fermosa a composição, da qual usa muitas vezes, será bem que me digaes se he muito usada e estimada em

preço da gente desta India e não de nós tamsomente: e primeiro que isto me digaes, me destraray alguns nomes, que estão em Serapiam e Avicena, porque Serapiam diz que muito delle he das terras do *Zing*.

ORTA

He o que vem das partes de Cofala, porque *zingue* ou *zangue*, ácerca dos Persios e Arabios, he cafre ou negro, e porque toda aquella costa da Etiopia he dos negros, chama lhe Serapiam, do *Zingue* (5), e Avicena tambem faz menção do de Melinde e chamao *Almendeli*, e aquelle que chama *Se-lachiticum*, he assim dito por ser de Ceilão (6), huma das famosas ilhas do mundo poseyda delrey nosso senhor, e não dista muito das de Maldiva; e não he cidade, como diz Laguna, senão ilha chea de muitas cidades; e comtudo a maior quantidade do *ambre* he de Cofala até Brava; e tambem ha algum na costa da Arabia, e a mór quantidade (como disse) he na costa da Etiopia.

RUANO

He muito estimado ácerca dos Indios e Mouros desta terra?

ORTA

Ácerca dos ricos e poderosos sy, e usam muito delle no comer, per via de medicina, conforme a Avicena e segundo a quantidade, porque assi como o pedaço he maior, tanto val mays a onça delle, que he como a pedraria.

RUANO

Qual foy o maior pedaço que vistes nesta terra?

ORTA

Hum pedaço vi que pesava quinze arrateis (7), mas os que tratão na Etiopia me dixeram que o virão muyto maior; eu não sey a como foy vendido, mas sey certo, que se fora ter á mão do Nizamoxa, que o comprará muito bem, segundo a estima em que elles tem os grandes pedaços. E este *ambre* não tam somente val muyto ácerca dos Mouros, mas



tambem val muito ácerca dos Gentios; e, o que he mais de maravilhar, he ter muito mayor valia ácerca dos Chins, porque o levarão lá os nossos Portuguezes, e venderão hum cate, que são vinte onças, por 1500 crusados; por onde os nossos levarão tanta quantidade, que valeo muito mais barato, e cada vez valerá menos lá, segundo a cobiça dos que o lá querem levar.

RUANO

Como sabem estes Chins que he boa mézinha, pois a comprão tão cara?

ORTA

Dixeme Diogo Pereira, que he hum homem fidalgo muito conhecido nessas terras, que os Chins tem ácerca da criação do *ambre* aquillo tudo que nós temos, e que elles lho contarão palavra por palavra, e dizem que aproveita muito pera a conversação das molheres, e que aproveita ao coração, e ao cerebro e ao estomago (8). E, deixado o cheiro do *ambre*, passemos ao *amomo* (9).

NOTA (1)

Os «levantes» e «poentes», de que Orta falla, sopram alternadamente, constituindo as *monções* do oceano Indico, as quaes se fazem sentir com uma certa regularidade nas ilhas de Comoro, e na costa africana até Moçambique, e ainda ao sul. Das *monções* teremos de fallar em mais de uma nota (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 105 a 109).

NOTA (2)

As etymologias, apontadas pelo nosso Orta, não se podem aceitar sem alguns reparos e correccões, posto que contenham muitos elementos verdadeiros.

Dvipá, ou na fórmia prakrita *diva*, significa efectivamente ilha; e entra na constituição dos nomes de varias ilhas, por exemplo, em alguns dos antigos nomes de Ceylão, como *Sielediba*, *Sarandib*, *Seren-dib*. Esta é evidentemente a origem da terminação de *Maldíva*. Parece mesmo, que em tempos este elemento constituiu, só por si, o nome

d'aquellas ilhas, como quem dissesse as *ilhas* por excellencia. D'isto temos uma indicação na menção das Maldivas pelo historiador Ammiano Marcellino. Dando conta das embaixadas do Oriente, que o imperador Juliano recebeu em Constantinopla (362 J. C.), diz elle: *inde nationibus Indicis certatim cum donis optimates mittentibus ante tempus, abusque Divis et Serendivis.* Se as *Divis* eram as Maldivas, como se julga, Ammiano Marcellino, sem d'isso ter consciencia, chamou-lhes simplesmente *as ilhas*.

Por outro lado, o numeral quatro escreve-se em tamil moderno *nalu*, e em maláyalam moderno —a que Orta chama lingua malabar— *nala*. Orta, como se vê, é exacto na significação dos componentes; mas, apesar d'isso, a sua opinião é innaceitável: primeiro, porque a fórmula correcta do nome é *Male-diva*, e não *Nale-diva*; segundo, porque as ilhas não são quatro, mas centenas, e muitas centenas.

O que não é facil é substituir á sua uma etymologia segura. Propõe-se uma explicação engenhosa, derivando Maldiva de *mālā*, que em sanskrito significa rosario ou grinalda, e quadrava bem áquella corda de innumerias ilhas. Ibn Batuta (1343) chama-lhes *Dhibat-el-Mahal*, e liga o nome de todo o archipelago ao do principal grupo, *Mahal*, onde era a residencia do sultão. Do mesmo modo, Pyrard de Laval (1610) diz que a ilha principal se chama *Malé*, e d'ella resultou o nome ao conjunto de todas as outras. A esta etymologia se inclina em definitiva o nosso Barros, dizendo que *Mal* é o nome proprio da maior ilha, e que *Maldiva* equivale a *ilha de Mal*.

A opinião mais segura parece, porém, ser a do erudito bispo Caldwell, o qual deriva Maldivas da palavra *Malé*, que desde os tempos mais antigos designou a parte da India meridional, que fica mais proxima d'aquelle archipelago. As *Maldivas* seriam pois as ilhas de *Malé*, como o *Malabar* é a terra ou costa de *Malé* (Cf. Ammianus Marcellinus, xxii, 7, pag. 171 da edição Nisard; Hunter, *Comp. Dict. of the non-Aryan lang. of India and High Asia*; *Viagens de Ben Batuta*, II, 265, tr. de José de S.º Antonio Moura, Lisboa, 1855; *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*, I, p. 108, tr. de J. H. da Cunha Rivara, Nova Goa, 1858; Barros, *Asia*, III, III, 7; veja-se tambem *Encyclopædia britannica*, ninth edition, e Yule e Burnell, *Glossary*, na palavra *Maldives*).

«Angediva» —diz Orta,— significava as cinco ilhas. *Ancha* é effectivamente o numeral cinco em maláyalam¹; e ainda hoje interpretam ali a palavra Angediva pelo mesmo modo—as *cinco ilhas*. Sendo assim, o nome pertenceria, não propriamente áquella ilha maior, a que aportou Vasco da Gama; mas a essa ilha com os ilheus proximos, dos quaes,

¹ E *anj*, *anju*, *anje* em outros dialectos da India central e meridional (Hunter, *Dict.*, 37).

segundo se diz, existem hoje apenas tres, sendo no entanto possivel que algum se destruisse já em tempos historicos.

A etymologia é, portanto, aceitavel, não sendo, porém, a unica. Alguns dizem, que o nome vem de *Adya-dvīpa*, a *ilha primitiva*, isto é, anterior á conquista do Konkan pelo mythico Parasuráma, o sexto avatar de Vishnu. Outros suppõem que se chamava *Ajya-dvīpa*, a *ilha da manteiga*, porque o mesmo Parasuráma ali fôra buscar a manteiga clarificada, necessaria para um dos sagrados ritos hindús. E finalmente julgou-se ser a *Ajā-dvīpa*, a ilha da deusa *Ajā*, um dos synonyms da conhecida deusa *Maya*; e esta etymologia é até certo ponto confirmada pelo facto de existir ali, antes da conquista mussulmana (1312), um antiquissimo templo d'aquelle deusa. Supposse tambem que a ilha *Aegidiorum* (*Αιγιδίων Νῆσος*) de Ptolomeu se poderia talvez identificar com a moderna Anchediva ou Angediva. E n'este caso, no nome empregado pelo geographo grego haveria o vestigio de algum d'aquellees antigos nomes hindús. De modo, que a interpretação moderna de *cinco ilhas*, poderia ser um esforço para explicar um nome antigo, de que se perdeu a significação (Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Anchediva*; Gerson da Cunha, *An historical and archaeological account of the island of Angediva*, 2 a 4, 2^d edition, Bombay, 1878; pôde ver-se o plano da ilha em Lopes Mendes, *Ind. port.* II, 162 e 209, Lisboa, 1886).

Seja como for, o nosso Orta não entrou em todas estas especulações, e disse-nos apenas a opinião corrente. As suas etymologias não são inventadas; andavam, como elle diz, na «fama commun»; encontram-se quasi textualmente no livro interessantissimo do nosso compatriota Pedro Teixeira; e, pelo que diz respeito a *Anchediva*, nos livros de João de Barros e de Della Valle (Cf. *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendencia y succession de los Reyes de Persia y de Harmuz*, p. 96, Amberes, 1610; Barros, *Asia*, I, IV, 9; *Voyages de Pietro Della Valle*, IV, 172, 1665).

NOTA (3)

Tanto Abu-l-Walid Mohammed ben Rosch, como Abd-el-Malek ben Zohr eram andaluzes, e não admira que os seus livros, posto que fossem conhecidos dos mussulmanos eruditos da Asia, não estivessem ali tanto no uso commun, como estavam os dos escriptores da Persia, e em geral do Oriente.

NOTA (4)

O «ambre» de que Orta falla é o *ambar cinzento*, uma concreção intestinal do cachalote (*Physeter macrocephalus*), que se extrahe do

interior d'este cetaceo, ou, depois de expellida, se encontra nas praias e tambem fluctuando sobre as aguas.

Vogaram em relação á sua origem versões diversas; e Orta, não tendo a experiecia propria para o dirigir, está evidentemente mal á vontade no assumpto; refugia-se em umas subtilezas escolasticas, engracadas mas pouco conclusivas, e acaba por acceitar uma versão nada provavel. A opinião de Serapio e de Avicenna, que elle refuta cuidadosamente, corria geralmente entre os arabes. No livro de Maçudi se diz tambem que parte do *ambar* se encontrava dentro do peixe *Awál*, e consistia em fragmentos que este peixe tinha engolido. Pretendia-se assim conciliar a suposta origem mineral da substancia, com o facto incontestavel de se encontrar no interior de um chamado peixe. De tempos antigos a origem do *ambar* foi um assumpto debatido e que excitou a curiosidade. Edrisi conta, que o grande Harun-er-Raschid enviou emissarios ao Yemen unicamente para se informarem da sua procedencia; mas a gente da costa disse-lhes que aquella substancia era produzida por certas nascentes, situadas no fundo do mar. Não sei se esta explicação satisfaz o illustrado khalifa, mas é certo que satisfaz Edrisi, o qual acrescenta: «o *ambar* não é outra cousa» (Cf. Maçudi, *Prairies*, 1, 234; Edrisi, *Géogr.*, 1, 64).

Até pois ao tempo de Orta, a verdadeira natureza do *ambar* era geralmente ignorada, *ao mundo occulta*, como dizia o Camões:

Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa.

Tem-se dito repetidas vezes, que a primeira indicação um pouco mais exacta e clara sobre a procedencia do *ambar* é posterior a Orta, e se encontra justamente nas notas de Clusius ao seu livro. É uma longa exposição de um navegador francez, chamado Servat Marel, o qual attribue todo o *ambar* aos cetaceos, e particularmente á baleia propriamente dita. Esta exposição pôde ler-se nas notas de Clusius, e, traduzida na integra, no livro de Guibourt. Todavia, é justo notar, que, seculos antes, Marco Polo dera noticias muito exactas sobre o modo por que os habitantes de Socotora harpoavam as baleias para lhes tirar o *ambar* do interior; e isto servindo-se de uma phrase, que — tal qual se encontra na versão de Ramusio — mostra bem tratar-se do cachalote e não da baleia franca: *dove li cavano fuori del ventre l'ambracano, e d'ella testa assai botte d'olio*. É certo, no entanto, que o livro de Marco Polo não foi lido com muita attenção pelos naturalistas ou *fisicos*; e que Orta não conhecia esta passagem, ou não acreditou nas suas informações (Cf. *Exotic.*, 148; Guibourt, *Hist. nat. des*

drogues simples, IV, 119, 7^{ma} édition, Paris, 1876; Yule, *Marco Polo*, II, 399; Ramusio, *Delle navigazioni et viaggi*, II, 57 v., Venetia, 1613).

É interessante a phrase do nosso naturalista, em que elle diz, que se encontravam bicos de passaros, embebidos no *ambar*. Esta phrase lembra uma explicação do modo por que o *ambar* se formava, dada por Duarte Barbosa—e repetida, creio, por Castanheda. Diz Duarte Barbosa, que os mouros das Maldivas lhe contaram ser o *ambar* «esterco d'aves», e que n'aquelle archipelago, «laa nas ilhas deshabitadas, ha huas aves grandes que pousaom sobre os penedos e rochas do maar, e aly estercaom aquelle ambre, honde se estaa curtindo do ar e do sol; ate que por tempestades e tormentas sobe ho mar sobre hos penedos e rochas, e ho arranca em pedaços grandes e pequenos; e asy anda no mar, ou sahe nas praias, ou ho comem algues baleas». O mais branco é o que andou pouco tempo no mar; e o mais «preto e masado», o que foi comido pelas baleias. Segundo esta explicação, o *ambar* teria uma origem analoga á do *guano* das ilhas Chinchas. É curioso que o facto adduzido por Orta, e que pôde parecer favoravel a esta origem, demonstre exactamente uma origem diversa e a verdadeira. Os supostos *bicos de passaros* são as maxillas corneas das *Sepias* e outros *Cephalopodes*, alimento habitual dos cachalotes; não sendo digeridas, ficam embebidas na massa do *ambar*; se acaso não são uma das causas da sua formação (Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 348; *Exotic*. 148; Guibourt, l. c. IV, 120 e 354).

NOTA (5)

Os antigos davam aos negros o nome de *Zingis* ou *Zingium*. D'ahi vem o nome de mar do *Zendj*, de que usa Maçudi em uma passagem já citada; igualmente o nome de Zanguebar, depois Zanzibar, litteralmente *terra dos negros*. Este ultimo nome, hoje muito restricto, estendia-se mais nos tempos antigos. Segundo Barros, chamava-se Zanguebar toda a costa africana, desde a foz do Quilmance—deve ser o Juba—até ao cabo das Correntes (Cf. Maçudi, l. c.; Barros, *Asia*, I, VIII, 4; Yule, *Marco Polo*, II, 417).

NOTA (6)

Pôde bem ser que o *ambar* «almendeli» ou de *almend* fosse o de Melinde, como Orta diz; mas a palavra «Selachiticum» não vem na minha edição de Avicenna; e não sei onde Orta a encontrou, nem porque a refere a Ceylão. Avicenna falla do *ambar alseleheti*; e os seus tradutores não conhecem a significação da palavra; dizem: *alseleheti est quædam regio*—uma certa região, não sabem qual. *Alseleheti*, privado

do artigo e da desinencia do adjectivo, dá-nos a fórmula *Selehet*, que se parece um pouco com um dos antigos nomes de Ceylão, *Sinhala* ou *Sihala*. Os arabes, porém, designavam habitualmente a famosa ilha por um nome diverso, o de *Serendib*. Na geographia de Edrisi vem uma ilha do archipelago Indiano ou Malayo, mencionada pelo nome de *Se-lahat*, سلّات. Se esta era a patria do ambar *alseleheti* de Avicenna, é questão que não me atrevo a resolver, apesar da identidade do nome. O que me parece inacceitável é a identificação de Orta com a ilha de Ceylão (Cf. Avicenna, lib. II, tract. II, cap. 63, edição de Rinio de 1556; Edrisi, *Géographie*, I, 80).

NOTA (7)

Fallando do que viu, Orta é, como sempre, exacto; um fragmento de *ambar* do peso de 15 arrateis é cousa vulgar. No anno de 1755 vendeu a companhia das Indias em França uma massa do peso de 225 arrateis (*livres*). Outra massa, do peso de 182 arrateis, pertencente á companhia hollandeza das Indias, foi descripta e figurada por Vander (*Thez. cochlearum*, tab. LIII e LIV, citado por Guibourt). E não ha muitos annos, os navios baleeiros *Franklin* e *Antarctic* harpoaram um cachalote dentro do qual se encontrou uma massa, que pesava 107 arrateis, e foi vendida por 44:000 dollars.

Quanto á ilha de *ambar*, que nunca mais foi encontrada, é claro que ella traz em si o seu certificado de fabulosa. E os fragmentos ou massas da altura de um homem, ou do peso de 30 quintaes, são evidentes exagerações, de que o nosso naturalista não é completamente responsavel. Sempre correram versões ampliadas sobre estes grandes pedaços de *ambar*. Tambem o nosso compatriota Pedro Teixeira falla de uma massa de *ambar*, lançada á praia na mesma costa de Zanzibar, tão grande, que se não via um camello collocado por detraz d'ella. Pelo contrario, o pedaço de *ambar*, que o rei de Melinde mandou por Vasco da Gama de presente á rainha de Portugal, tinha dimensões aceitáveis: era «do tamanho de meo covado, e grossura de um homem pola cinta» (Cf. Teixeira, *Relaciones*, 20; Gaspar Correa, *Lendas*, I, 132).

NOTA (8)

O *ambar cinzento* é principalmente usado em todo o Oriente como perfume; mas as suas suppostas qualidades medicinaes, aphrodisiacas e outras, a que o nosso auctor se refere, são ali conhecidas, e vem mencionadas por muitos escriptores do tempo.

Não é facil saber bem ao certo quem seria o Diogo Pereira, que deu ao nosso escriptor tão miudas informações das cousas da China.

É possível que fosse um Diogo Pereira, enviado por Nuno da Cunha ao rajá de Calicut em umas negociações diplomáticas; e que, segundo Barros, era muito entendido nas cousas do Malabar, e fallava a língua da terra tão correntemente, que não necessitava de interprete. Estas qualidades suppõe uma longa assistencia no Oriente, durante a qual elle fez talvez uma ou mais viagens á China. No assento de paz com o «Idalxá», no anno de 1575, vem assignado um Diogo Pereira, como vereador do senado de Goa; se era o mesmo, devia ser extremamente velho, e é mais natural que fosse filho ou descendente. Um ou outro deram provavelmente aquella informação ao nosso escriptor (Cf. Barros, *Asia*, IV, IV, 18; *Arch. portuguez-oriental*, fasc. 5.º, parte II, p. 908).

NOTA (9)

Os auctores de materia medica, citados n'este *Coloquio*, e não mencionados nos anteriores, são Aécio de Amida, o que escreveu o livro vulgarmente chamado *Tetrabiblos*; e os conhecidos escriptores da Hespanha mussulmana, a que nos referimos na nota (3), e que, entre os eruditos europeus, tinham os nomes de Averrões e Avenzoar.

COLOQUIO QUARTO DO AMOMO

INTERLOCUTORES

ORTA, RUANO

RUANO

Vay tanta duvida em que cousa seja o *amomum*, que alguns escritores querem que se use por elle *acoro*; porque Galeno lhe dá semelhante virtude, do qual *acoro* tambem ha mais duvida que cousa seja; porque dizem que o *amomum* entra na *tiriaca*, e por esta razão chora Mateolo Senense* a perdição humana em perder o *amomum*, como que, sem elle, não se podesse ajudar pera curar as enfermidades dos homens; e diz este escritor que tambem não tem por muyto certo entrar este simple na *tiriaca* de Andronico, onde alguns escritores sam delle tachados e reprehendidos, porque, em huns cabos affirmavam entrar este *amomum* nella, e em outros, esquecidos do que dixeram, dizem o contrario; e pera isto nam nos dá remedio o Mateolo, senam chorar esta perdiçam, e dizer que tambem não pode ser o que chamão *rosa de Gericó* ser tambem *amomum*; e para isto dá muyto boas razões e emenda muitos textos; o qual se vos ouvesse de contar seria nunca acabar: vós o podeis ver e assi o vereis por Laguna e por outros (1). E pois que, segundo muitos, entra na *tiriaca* este *amomum*, e nam he bom esperimentar mézinhas nam sabidas, queria muyto saber se ha nesta terra o *amomum*, e se tem os fisicos mouros, que aos reis vistes curar, que he *pes columbinus*, porque isto he grande error, como provão os escritores nomeados.

* Mateolus Senensis; Galen., Simplic., lib. 6 (nota do auctor).

ORTA

Se nesta terra eu vira os simples que ha na vossa terra de Europa, eu vos tirára desta duvida; mas comtudo vos direy o que neste caso soube nesta India. Porque estes modernos escritores deziaõ não se poder fazer a *tiriaca* por falta de *amomum*, perguntey a hum boticayro, espanhol na lingua e judeo na falsa religião, o qual dezia ser de Jerusalem, que me dixesse que era *amomum*, e dixeme que era em arabio *hamama*, que quer dizer *pé de pomba* na mesma lingua; e que elle o conhecia muito bem, e porém que o nam vira nesta terra, senão na sua, e que nisto nenhuma duvida tinha. E alguns annos depois fui a visitar o Nizamoxa, e perguntey a seus fisicos se tinham *amomum*, e dixerão que nestas terras não o havia; mas que, antre outras mézinhas que ao rey trazião da Turquia, e Persia e Arabia, as quaes elle pagava muy bem polla necessidade que tinha dellas pera fazer as composições, vinha o *amomum*; das quaes composições era huma o *mitridato*. E derão huma mostra de *amomum*, que eu trouxe a Goa, mostreya aos boticairos, e cotejeya com huns debuxos dos simples de Dioscorides; e a todos nos pareceu conforme ao debuxo, e aos ditos dos* escritores, e ainda que estava seca, bem parecia feita á feiçam de *pé de pomba* (2).

RUANO

Nam me parece esse argumento razam que convença, porque assi se chamara *lingoa de vacca* em Avicena, o qual eu duvido ser verdade.

ORTA

Todos os nomes que temos declarados de Avicena estão treladados** ao pé da letra; por arabio se chama *lingoa de vacca* e *lingoa de passaro* e *lingoa de cão* e *capillus veneris*; e assi tambem as enfermidades se chamão conforme ao nome, assi como elefancia se chama *daul alfil*, que significa

* Na edição de Goa está «dos ditos».

** «Trelados» na ed. de Goa.

pé de alifante, e hydroforbia *maraç alquelbe*, que quer dizer doença de cam: por onde sabey que *pé de pomba*, ácerca da entençam de Avicena, he *amomum*, e isto he em muitos nomes sabido ácerca de Avicena, e nós os Espanhoes imitamos nisto aos Arabios, scilicet, na lingoa (3).

RUANO

E pera que quer esse rey o *amomum*?

ORTA

Porque diz que entra no *mitridato*, da qual composição elle usa muyto porque se teme da peçonha, e tem selada e fechada de sua mão esta mézinha; porque os reys (ou por melhor dizer tiranos) desta terra jogatãolle muyto os irmãos com peçonha. E falando eu hum dia com este rey na prova da *tiriaca* como se fazia, me dixe que se lhe qua viesse hum baril com hum homem que lhe fizesse a prova, lhe compraria toda a *tiriaca*, pesando por ella outro tanto ouro; e ao que fizesse prova daria douz mil pardáos, cujo preço he como huma coroa de Espanha: e certo, que se o diabo o não levára primeiro pera o consorcio de Mafamede, que comprira sua palavra (4).

RUANO

Mais barata se achára a *tiriaca* em Europa; mas certo que he de maravilhar quão pouco se estima a *tiriaca* polla muyta quantidade que ha della. E vistes lá outras mézinhas de que aja duvida entre nós, scilicet, do conhecimento dellas?

ORTA

Si vy, scilicet, *eupatorio* e *mexquetera mexir* (5).

RUANO

E certo sabeis que não ha as mézinhas que dixestes n'esta terra?

ORTA

Bem pôde ser que as aja, mas os boticairos da India ganhão mais pello trato que polla botica; e, porque he pouco

o ganho, nam vão buscar á terra firme ou ao Balaguate *herva cidreira, lingoa de vacca, fumus terræ, tamarisco e esparegos*, das quaes mézinhas carecemos, e eu as vy lá; e tambem vi *violas* semeadas em as hortas deste rey; e aqui em Goa usam por ellas de humas flores de huns arvores muito diferentes das nossas *violas*; e eu não consinto que usem dellas senão em mézinhas por fóra aplicadas, e o *xarope violado* lhe mando fazer de *violas* em comserva, que trazem de Ormuz ou de Portugal (6).

RUANO

Mais curiosos são os nossos boticairos em Espanha com sua pobresa, porque cresce o amor do dinheiro, quanto elle mais cresce.

NOTA (1)

Esta pagina, é uma d'aquellas em que o nosso auctor mostra mais claramente o seu desdem pelas complicadas e estereis discussões de palavras e de textos, nas quaes se entretinham então os escriptores da Europa. Chega a ser irreverente para com o eruditissimo Pietro Andrea Mattioli de Sienna, pintando-o a chorar a perdição do amomo, e a emendar textos, e a dar boas rasões para que a *rosa de Gericó* não fosse o *amomum*.

NOTA (2)

«Vay tanta duvida em que cousa seja o amomum», diz o nosso Orta logo no começo do *Coloquio*. Perto de tres seculos depois, Sprengel repetia quasi as mesmas palavras: *de Amomo ingens est disceptatio*. É effectivamente muito difícil saber o que fosse o *αμώμον* de Dioscorides, o *Amomum* de Plinio, e o *امون* de Avicenna. Seria o *Cissus vitiginea*, como quer Sprengel? Ou outra planta, se acaso todos aquelles escriptores se referiram á mesma? Tudo isto parece insolvel.

O certo é que os asiaticos conhecem uma planta, ou plantas, que apresentam pelo nome de *hamama*; mas provavelmente nenhuma d'ellas é a antiga. Effectivamente ao nosso Orta mostraram um certo *amomo*, vindo da Turquia, Persia ou Arabia. Annos depois, Clusius recebeu de um boticario seu amigo um *amomo*, procedente de Hormuz, e que elle desenhou nos *Exoticorum*. E já no nosso seculo, o dr. Royle obteve

tambem na India, pelo nome de *humama* ou *hamama*, uma planta simelhante á desenhada por Clusius.

A identificação d'estas plantas apresenta, porém, quasi tantas diffuldades como a das que os antigos mencionaram. Orta não descreve a sua; e o facto de se referir aos «debuxos» de Dioscorides não nos esclarece, pois essas figuras das edições *illustradas* do seu tempo¹ eram feitas em geral sem conhecimento das plantas asiaticas. As figuras de Clusius são evidentemente copiadas do natural, mas um tanto confusas. Em todo o caso, a idéa de Sprengel, de que elle representou a *Forstera magellanica*, uma planta americana, trazida pelo celebre navegador Drake das suas viagens austraes, e dada por equivoco como proveniente de Hormuz, parece-nos absolutamente inaceitavel. Dymock diz que ainda hoje se vende nos bazares de Bombaim uma droga, chamada *hamama*, *amamun*, ou *amuman*, que exactamente corresponde aos desenhos de Clusius. Parece ser uma *Muscinea secca*, e lembra na fórmula algumas espécies de *Sphagnum* da Europa. Deve ser esta a planta de Clusius e de Royle, e provavelmente tambem a de Orta; mas seguramente não é a de Dioscorides e de Plinio (Cf. Sprengel, *Diosc.* II, 351; Clusius, *Exotic.*, 199; Royle, *Ant. of Hindoo medicine*, 91, London, 1837; Dymock, *Mat. med.*, 877).

NOTA (3)

Toda esta passagem é muito confusa. Orta parece querer dizer, que os nomes arabicos de algumas plantas conservam a significação intacta dos seus componentes, o que é de certo exacto em muitos casos. Os nomes das doenças estão bastante correctos; W. Ainslie diz que os arabes chamam a uma fórmula da *elephantiasis*, دوا الفيل, *dul el-fil*; e um dos nomes da *raiva* é مرض الكلب, *marad el-kelb*, a *doença do cão*.

Se o nome do *amomum* em Avicenna se prende a حمامة, que significa *pomba*, e não *pé de pomba*, é questão diversa e um tanto duvidosa.

NOTA (4)

Que os reis mussulmanos da India se quizessem precaver contra as tentativas de envenenamento da familia e dos irmãos, os quaes lhes «jogavam com peçonha», era naturalissimo; e tambem era natural que se servissem dos *mithridatos* e *theriagas*. Tinham como livro prin-

¹ Os «debuxos» de que Orta falla, podiam ser o *Icones* da edição de Ruellio (1549), com a qual se publicaram tambem as notas de Valerio Cordo.

cipal de medicina o de Avicenna, que trata largamente e dá a formula d'estas celebres e complicadas composições: do *mithridato nobre* e do *commum*, da *theriaca magna*, da *alfaroch*, da de *Esdras* e de outras (Cf. Avicenna, lib. v, summa 1, tractatus 1).

NOTA (5)

O «eupatorio», a que o nosso Orta se refere, podia ser uma *Achillea*, ou uma *Agrimonia*, que, embora plantas muito diversas, foram ambas conhecidas por este nome. E a sua «mexquetera mexir» era sem duvida a *mescatramescir* de Avicenna, a qual os traductores identificaram com o *Dictamus* ou com o *Pulegium* (Cf. Avicenna, lib. II, II, 468). Todas são plantas vulgarissimas e bem conhecidas; mas o que Orta averiguou sobre ellas lá pela India, é o que nos não diz, nem é facil saber.

NOTA (6)

Orta devia enganar-se algumas vezes, quando julgava encontrar na India as plantas de Portugal; e de certo, em mais de uma occasião, tomou por uma especie sua conhecida, outra especie proxima, ou mesmo uma planta simplesmente parecida na apparencia. Assim elle não viu, nem a *Melissa officinalis*, nem a *Anchusa officinalis*, espontaneas na India; mas pôde ver especies de *Asparagus*, de *Fumaria*, de *Tamarix*, e mesmo as *violas*, cultivadas em algum logar fresco e sombrio. A *Viola odorata* encontra-se espontanea na India; mas unicamente nas regiões elevadas do Himalaya, onde o nosso naturalista nunca foi.

COLOQUIO QUINTO DO ANACARDO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queria saber do *anacardo*, pois he nome grego derivado de coraçam, cūja feiçam e cor he; e o porque me maravilho he, porque nam se acha escrito desta mézinha ácerca dos Gregos antigos.

ORTA

Disso nam vos maravilheis, porque os Gregos modernos lhe poserão este nome por a razam que dixestes aguora; porque, pois era mézinha usada per escritores arabios, nam era razam que lhe mudaram o nome della; porque elles lhe chamam *balador*, e se doutra maneira o achardes escrito por os livros, sabey que he o vocabulo ser corruto. Os Indos lhe chamão *bybo*, e nós os Portuguezes *fava de malaqua*; porque a feiçam delle, no arvore onde nasce, parece fava maior que as nossas, e casi he da feiçam de humas favas que qua ha, que vieram primeiro de Malaqua. Segundo dizem alguns, ha muita copia desta mézinha em Cananor e em Calicut, e em todos as partes da India que eu sey, scilicet, Cambaya e o Decam (1).

RUANO

Antonio de Lebrixia, no Dictionario, dixe *anacardus*, herva frequentada ácerca de Galeno?

ORTA

Verdade he que dixe isso Lebrixia, e que era muy docto e curioso, mas enganouse no nome grego; e sem mais oulhar dixe que Galeno o dizia; foy descuido, e nam vos ma-

ravilheis disto, porque ás vezes dorme o bom Homero. Tambem Serapio alegua a Galeno*, o qual nunca vyo *anacardo*, e mais diz que por ventura mata, o qual he contra a esperiencia do que vemos; porque se dá nestas terras deitado em leite e nutrido para a asma, e tambem usam delle contra as lombrigas, e fazem delle, quando he verde, conserva com sal para comer (a que chamão qua *achar*) e vendese na praça como azeitonas ácerca de nós; e, quando he seco, usão delle em modo de caustico para as alporcas: e toda a India tambem usa delle para pôr sinal nos panos misturado com cal. Avicena diz** que o *anacardo* he fruto semelhante aos caroços do tamarinho, e o seu miolo he semelhante á amendoa, em o qual não ha damno, e abaixo diz que he contado entre os venenos e que mata. Por onde falla mais craro que Serapiam, que o põe em duvida, e mais está crara a contradição; porque diz: em o qual não ha damno aparente, e depois diz que he contado entre os venenos e que mata.

RUANO

No que diz que nam ha em elle damno, entendese do damno aparente no principio, porque ao fim mata.

ORTA

Ainda que isso se possa salvar, comtudo não he veneno, pois o comem muitos Indios qua em todo cabo, e o ser caustico he depois de sequo (2).

RUANO

Em que grado o pondes, quente e sequo?

ORTA

Huns o põem no quarto quente e sequo, e outros na 2 parte do 3, mas nenhum d'estes me contenta, porque, em

* Serapio, cap. 356 (nota do auctor).

** Avic. li. 2, cap. 41 (nota do auctor).

verde, craro he que não he tanto quente e sequo, e em sequo nam parece razam fazelo tam quente e sequo como as outras especiarias, scilicet, a pimenta, que se põe no terceiro gráo; nem acho ser vermelho, senão negro lucido, e a isto não se pôde dar outra desculpa, senam que será mais quente e sequo o ciciliano (3), e terá a cor que pareça mais ao vermelho.

RUANO

Muito estou nisto conforme com o que dizeys, e mais me parece muito boa preparaçam a do leite azedo para a asma, entendendo per leite azedo, leite de que he tirada a sua manteygua, e isto he conforme a Avicena (4).

NOTA (1)

O «Anacardo» é o *Semecarpus Anacardium*, Linn. f., uma arvore da familia das *Anacardiaceæ*, muito frequente na India.

Os nomes vulgares, citados por Orta, são faceis de identificar:

— «Balador» é a sua transcripção do nome arabico بَلَادَر, *belader*, ou بَلَادَهُ, *beladher* (Cf. Ainslie, *Mat. Ind.* II, 371; *Exotic.*, 249).

— «Bybo», ainda se usa na India portugueza na forma *bybó*; e em Bombaim na forma *bibba* (Cf. Costa, *Manual pratico do agricultor indiano*, II, 138, Lisboa, 1874; Dymock, *Mat. med.*, 303).

É um facto digno de se notar, o não ter Orta mencionado o *Cajueiro* (*Anacardium occidentale*, Linn.), uma arvore muito mais interessante do que esta, e da qual poucos annos depois fallaram Christovão da Costa e Linschoten. A explicação d'este silencio é, porém, facil. O *Cajueiro*, arvore americana, foi introduzido por aquelle tempo na India, de modo que Orta nunca o viu em Goa, onde ainda se não cultivava; e Christovão da Costa apenas observou alguns exemplares nas hortas de Cochim, para onde provavelmente os portuguezes o haviam trazido poucos annos antes do Brazil. O silencio de Orta, e a noticia de Costa, confirmam pois a idéa geralmente admittida da origem americana do *Cajueiro*, e marcam a data da sua introducção na Asia, onde depois se tornou tão commum (Cf. Christovão da Costa, in *Exotic.*, 273; *Navigatione ac Itinerarium Johannis Hugonis Linscotani*, p. 60, Hagae-comitis, 1599; De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 158, París, 1883).

NOTA (2)

O uso do fructo d'esta planta para marcar os pannos é bem conhecido na India, e d'ahi lhe vem o seu nome vulgar inglez: *marking nut*. Quanto ás suas qualidades alimentares e medicinaes, e a algumas contradições apontadas por Orta, estas resultam de uma circunstancia que elle não observou, e Christovão da Costa notou mais correctamente, ou pelo menos mais explicitamente. Em quanto o pedunculo carnoso do fructo e a semente, são relativamente inoffensivos, as camadas do pericarpo contêm, depois de maduras, um oleo negro, caustico e fortemente toxico. D'ahi a possibilidade de comer o fructo, colhido verde, e preparado em conservas; e, por outro lado, as suas applicações internas em pequenissimas doses, ou externas como caustico, depois de maduro (Cf. C. da Costa, *Exotic*, 272; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 371).

Notaremos de passagem, que a phrase de Orta «a que chamão qua achar» define bem claramente a origem oriental d'este nosso termo culinario. *Achar* é a palavra persiana *achár*, que tem a mesma significação.

NOTA (3)

É muito curiosa esta menção do anacardo «ciciliano», ou da Sicilia. A planta indiana havia sido provavelmente introduzida ali no reinado do imperador Frederico II (1220-1240) pelos judeus, que iniciaram n'aquella ilha algumas culturas de plantas orientaes, entre outras a do anil. O facto da existencia do *Anacardo* na Italia, facto que devia ser pouco conhecido mas não escapou ás investigações de Orta, é-nos confirmado por um escriptor quasi contemporaneo. O Dr. Paludano, nas suas notas ao livro de Linschoten, falla dos fructos do *Anacardo* pendentes da arvore, e diz: *quales in Sicilia et Ethna monte vidi (Navigatio ac Itinerarium, 83).*

NOTA (4)

Orta cita de novo n'este *Coloquio* o celebre erudito hespanhol, Antonio de Lebrija, ou de Nebrija, e nota-lhe justamente um erro. Emenada-o, porém, com todo o respeito, devido ao que provavelmente havia sido seu mestre na universidade de Alcalá (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 25).

COLOQUIO SEXTO DO ARVORE TRISTE

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Começo, em nome de Deos, nas mézinhas e simples da India não conhecidos nem vistos de nós. Que he este arvore que tão bem cheira des que se põe o sol até que sáe? Me dizey si se usa delle em mézinha alguma ou em comer, porque para mim não quero cheiro mais cordial, em especial quando de subito entro onde está este arvore.

ORTA

Eu nam vi esta planta em outros cabos da India senão em Goa, e dizem que veo a ella de Malaca, e pôde ser que pera se levar a outro cabo seja muito boa, e já daqui se levou (mas foy perto de Goa) e prendeo bem; mas como digo não a vi pello sartão donde andey.

RUANO

Pois dizey o nome e proveito destas flores, se he somente pera cheirar?

ORTA

Pera cheirar nam sirve tanto, porque aquellas flores que estão naquelle alegrete chamadas *mogory* cheirão melhor que frol de laranja, e os comeres que são cheirosos, ou o devem ser por mais apraziveis, que temperão em Espanha com agoa de frol de laranja, temperamos os qua com esta agoa de *fileus*, chamada *mogory*; e a agoa destas que perguntais nam a vi estilada, e já pôde ser que nam façam agoa

boa, por ter a virtude muito superficial, e ser a textura rara, assi como acontece nos cravos que ha em Portugal: e nós usamos destas flores somente pera tingir os comeres, como *açafram*, scilicet, dos pés dellas, que são amarelos e tingem muito, e o seu nome he, em lingoa de Goa *parizataco*, em malayo *singadi* (1).

RUANO

O comer tingido com os pés destas flores tinge como o temperado com o *açafram* de Espanha?

ORTA

Não, porque amarga algum tanto.

RUANO

E o *açafram* desta terra, que dizem, he este?

ORTA

Não, que esse he humas raizes que aqui nacem, cuja virtude direy avante.

RUANO

E essas flores ditas *mogory*, que tanto louvastes, podesrey vellas e agoa estilada dellas?

ORTA

Já as vedes naquelle alegrete, e a agoa vereis ay logo, que he aquella em que põem as pennas pera alimpar os dentes, que tanto louvastes já (2).

RUANO

Sempre até agora tinha pera mim que era agoa de frol de laranja; e a gente desta terra he muito dada a cheiro, e por isto se diz que é inclinada a Venus.

ORTA

He o em tanta maneira que leixa de comer o que tem pera o gastar em cheiros, assi como *sandalo* que he muito comum para untar o corpo, e *linaloe*, e quem mais pôde,

ambre e almisque e *algalia*; a qual he mais usada, porque o preço não he tam alto, e a causa he por os muitos gatos que ha em muitas partes da India, e usão esta *algalia* em dores de humor frio, untando a parte que dóe com ella; e outras flores ha de que muito usão nesta região ditas *champe*, e tem hum cheiro muito forte, mais que lirio branco, e nam he tam suave (3). E sabei que os reys que vi, todas as noites e muita parte do dia lhes enchem o chão das caças, onde estão, destas flores que dissemos, e das nossas rosas; e pintão diversas flores em cores que parecem muito bem á vista; e ali de noite recebem seus solazes*, e os presentes que lhes dam os pobres, sam destas flores e das nossas rosas; e vay em tanto o gasto destas flores que me afirmão que em Bisnaguer rendiam os cheiros e fulas a elrey 5000 pardaos; e, o que mais he de maravilhar, que em Ormuz** os trabalhadores, que ganhão de comer a carretar fato, compram os cheiros para se untar de noite, e deixão de comer (4). E por que vejais as parvoices e fabulas desta gentilidade, dizem que esta arvore foi filha de hum homem, grande senhor, chamado *Pariçataco*; e que se namorou do sol, o qual a leixou, depois de ter com ella conversação, por amores doutra; e ella se matou, e foy queimada (como nesta terra se custuma) e da cinza se gerou este arvore, as flores do qual avorrecem ao sol, que em sua presença não parecem; e parece ser que Ovidio seria destas partes, pois compunha as fabulas assi deste modo.

RUANO

Certo que he muito de maravilhar de dar as flores de noite e não de dia, não tomeis trabalho em me dizer a grandura e feiçam do arvore, pois vejo ser do tamanho de huma

* *Solaz*, prazer, recreação, palavra que se encontra nos diccionarios hespanhóes; mas foi tambem portugueza, veja-se Viterbo, *Elucidario*, s. v.

** Hormuz na ed. de Goa, o que é mais correcto do que Ormuz, mas tomámos a forma habitual de Orta.

oliveira, e ter as folhas como da amexoeira. E pois isto não
he causa medicinal, passemos avante pera vermos da *as-
sa fetida e anil*.

NOTA (1)

A «arvore triste» do nosso Orta, é o *Nyctanthes Arbor tristis*, Linn. uma pequena arvore da familia das *Oleaceæ*, cultivada com frequencia na India, e espontanea em algumas das provincias centraes. Enganaram-no pois, quando lhe disseram que vinha de Malaca. Não admira, porém, que elle desconhecesse a sua existencia na India no estado selvagem, pois já no nosso seculo o proprio Roxburgh a ignorava (Cf. Hooker, *Flora of British India*, III, 603; Roxburgh, *Flora Indica*, I, 86).

Esta planta attrahiu muito as attenções n'aquellest tempos antigos: Christovão da Costa descreveu-a no seu livro; Linschoten, e o seu commentador, o dr. Paludano, acrescentaram a respeito d'ella varias indicações, dando uma figura imperfeita mas interessante; e Clusius incluiu nas notas ao nosso auctor as informaçōes que lhe dera o seu amigo Fabricio Mordente de Salerno sobre a curiosa planta, intercalando no texto o desenho bastante exacto de um ramo florido. É certo, todavia, que todos vieram depois de Orta, e que, tanto Costa como Linschoten, pouco mais fizeram do que copial-o (Cf. C. da Costa, in *Exotic.*, 279; Linschoten, *Navig. ac Itinerar.*, 67 e 68; Clusius, *Exotic.*, 225).

Orta cita dois nomes vulgares da planta:
— «Parizataco», que é um dos nomes sanskriticos, mencionado por Dymock na forma *Pārajātak*, e pelo dr. Lisboa na forma *Parijatak* (Cf. Dimock, I. c.; J. C. Lisboa, *Useful plants of the Bombay presidency*, 290, Bombay, 1886).

— «Singadi» em malayo. Este nome não se encontra no *Index* de Piddington, nem em outros livros onde vem citadas muitas designações vulgares. Era no entanto o nome usado em Malaca. Pelo anno de 1682, dizia o viajante Nieuhof: «ali (em Malaca) cresce a arvore *zingady*, que os portuguezes chamam a *arvore triste*» (Cf. Nieuhof, *Zee en Lant-Reizen*, II, 57, citado por Yule e Burnell, *Glossary*, no *Supplement*, palavra *Arbol triste*).

Ao primeiro d'estes nomes liga o nosso escriptor uma poetica lenda, a qual está perfeitamente na indole de dezenas de outras lendas da complicada mythologia indiana; e que elle —mais familiar com a classica mythologia grega e latina— compara com as metamorphoses de Ovidio. Não é esta a unica lenda que se prende na India ao *Nyctan-*

thes. O dr. Lisboa, na sua interessante noticia sobre as *plantas sagradas*, diz-nos, que os hindús julgam esta arvore procedente do céu, d'onde Krishna a trouxe a sua mulher Satyabhāma por causa do fino perfume das suas flores; e por isso estas flores são usadas no culto prestado a todos os deuses.

Quanto ao emprego do que Orta chama «os pés das flores» — os longos tubos côr de laranja das corollas — para tingir de amarelo, é bem conhecido na India, e vem mencionado por Roxburgh, Wight e muitos outros (Cf. Lisboa, l. c.; Wight, *Illustrations of Indian Botany*, II, 158, Madras, 1851).

NOTA (2)

O «Mogory» de Orta é o o *Jasminum Sambac*, Ait., chamado na India *mogra* ou *mogri*, cujas flores são muito empregadas como perfume, e nos ornatos e corôas que as mulheres hindús collocam sobre a cabeça em dias e occasiões de festividade (Cf. Wight, l. c.).

NOTA (3)

O «Champe» de Orta é a *Michelia Champaca*, Linn., da familia das *Magnoliaceæ*. Chama-se em hindi *champa*, do nome sanskritico *champaka*. As suas flores extremamente cheirosas são usadas como Orta diz; tambem em grinaldas e ornatos pelas mulheres hindús; e são tão estimadas, que um dos seus nomes sanskriticos *Kusumādhīrāg*, significa — segundo Gubernatis — o rei ou rainha das flores (Cf. Gubernatis, *Mythologie des plantes*, I, 154).

NOTA (4)

Tudo quanto Orta nos diz sobre a paixão dos orientaes pelos perfumes e pelas flores ou *fulas*¹ é perfeitamente exacto e perfeitamente conhecido. Fallando da mesma cidade de Bijayanagar, a que chama Bisnaguá, diz Duarte Barbosa, que os seus habitantes andavam sempre «muyto cheirosos, untados com sandalo branquo, aloes, canfor, almíssuar e acafram, tudo muido e delido em agua rosada». O persa Abd-er-Razzak, que esteve n'aquelle cidade como embaixador de Schah Rock

¹ Orta parece empregar a palavra *fula* ou *ful* no sentido geral de flor. Ainslie cita *phool* ou *phul* como o nome deckani da flor; deve prender-se ao sanskrito *phulla* (pronunciar *p-hulla*) aberto, florido, *blooming*.

pelo anno de 1442, fallando das grandes dimensões dos bazares, diz: que os vendedores de flores (*roses* na versão ingleza, supponho que por flores em geral) levantavam grandes estrados em que expunham as flores á venda, onde se via sempre uma collecção de rosas frescas e perfumadas. Acrescenta, que não podiam viver sem flores, e as consideravam tão necessarias como a comida. Todos estes vendedores pagavam impostos especiaes, que em uma cidade tão rica e populosa como era então Bijayanagar deviam attingir sommas muito elevadas. Na cidade de Baçaim, já depois de nossa, o imposto dos floristas, aliás insignificante, figurava tambem entre as rendas do estado:

«E a renda dos que vendem flores, paguão todos por ano oitenta e cincoquó ffdeas, sem acrecentarem, nem demenoyrem.»

(Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 302; *Journey of Abd-er-Razzak*, em Major, *India in the fift. century*; *Tombo do Estado da India*, 155, em Felner, *Subsidios*.)

COLOQUIO SETIMO DO ALTIHT,
ANJUDEN, ASSA FETIDA, E DOCE, E ODORATA, ANIL

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Saibamos do que se chama *altiht* e *anjuden*, *assa-fetida*,
e *doce*, e *odorata*; pois antre ella e *laserpicium* põem os
doctores alguma diferença.

ORTA

E eu tenho n'esses nomes mais confusão que vós, e isso
foy porque nunca me souberam dizer a feiçam, nem os no-
mes deste arvore donde mana esta goma; porque me dizem
que huma vem do Coraçone a Ormuz, e de Ormuz á India;
e tambem achei qua que vem do Guzarate; e ay dizem que
vem do reino Dely, terra muito fria, que pella outra banda
confina com o Coraçone e com a região de Chiruam (1),
como sente Avicena*. E sem duvida esta goma he chamada
altiht em arabio e outros *antit* a dizem: e como a qualquer
arabio lhe mostraes esta goma, dos Indios chamada *imgu*
ou *imgara*, por o mesmo nome a nomeão que vos disse; e o
arvore de que se tira ou mana se chama *anjuden*, e outros
o nomeam *angeidan*. E como esta mercadoria vem muito
polla terra dentro, he trabalhoso saberse no certo a feiçam
do arvore; nem he por isso muito chamala Avicena por
muitos nomes, porque pôde ser que em huma terra tenha

* Avic. li. 2, ca. 53 (nota do auctor). O texto é pouco claro, e deve
entender-se que é o Coraçone, e não o reino Dely, que confina com a
região de Chiruam; veja-se a nota (1).

hum nome, e em outra outro, scilicet, em huma *altiht* e em outra *almharut*, porque é sabido que estas terras donde vem tem as lingoas diversas.

RUANO

E qual foy a causa porque o trasladador trasladou *assa*?

ORTA

Eu não creo que o tradutor escreveo *assa*, senão *laser*, e corrompendose o nome se chamou assi, porque o tempo gasta tudo.

RUANO

Primeiro que vejamos se *assa fetida* he o mesmo que *laser* ou *laserpicum*, vos digo que *altiht* nam me parece ser nome do arvore, senam de çumo de *alcaçuz*, embastecido e engrossado; e isto sentio Gerardo Cremonense no capitulo da falta do coito em Rasis, que assi o interpretou*.

ORTA

Gerardo Cremonense nam era bom arabio, mas era andaluz, e a lingoa propria em que Avicena escreveo he a que se usa na Siria e Mesopotamia, e na Persia ou Tartaria (donde Avicena era) e a esta lingoa chamam elles *araby* e a dos nossos Mouros *magaraby*, que quer dizer mouro do ponente, porque *garby* em arabio quer dizer ponente e *ma* quer dizer dos, e portanto não he muito errar nisto Gerardo; e digo que *altiht* não quer dizer senão o arvore da *assa fetida*, e muitas vezes se toma a goma por o arvore: e que isto seja verdade se vê ácerca de nós, e muito mais ácerca dos Indios se põe a *assa* pera levantar o membro, e elles o tem muito em uso: logo não vem a proposito pera a deminuiçam do coito usar o tal çumo de *alcaçuz*; e nas *Divisões*** põe Rasis o *altiht* por mézinha pera as festas de Venus.

* Gera. sobre Rasis (nota do auctor).

** Nas *Divisões*, isto é no *Liber Divisionum*.

RUANO

E se o *altiht* nam he *assa dulcis*, que he *assa dulcis*?

ORTA

Assa dulcis nam põe doctor arabio, nem grego, nem latino, que seja de autoridade; e se a põe, erra; porque o *alcaçuz* se chama em arabio *çuz*, e o çumo delle cozido e reduzido á forma de arrove, chamão os Arabios *robalçuz*, e os Castelhanos corrompendo o nome o chamão *rabaçuz*; de modo que *robalçuz* he um nome composto de *rob*, que em arabio he çumo feito basto, e *al* he articolo do genitivo, e quer tanto dizer como çumo basto de *alcaçuz*; e assi daqui ávante nam chamemos a este çumo *assa dulcis* (2).

RUANO

Bem me parece essa derivaçam; mas antes que vos pergunte porque *laserpicum* he *assa*, quero florear como esgrimidor e saber de vós como Avicena he da terra dos Tartaros, e como a lingoa da nossa Africa nam he tam boa como a da Siria e Arabia.

ORTA

Avicena he craro ser destas partes, e nam de Espanha; e os fisicos da Persia e da Turquia, que curão aquelle rey que vos já nomeey, me dixeram que Avicena era de huma cidade chamada Bochorá, a qual cae em a provincia dita Uzbeque, que he parte da Tartaria, que nós chamamos, ou dos Moguoras, como elles chamão qua; bem que Andreas Belunensis chame áquelle parte Persia, mas isto he largo modo tomando Persia, porque Persia he pequena regiam. E depois soube de mercadores discretos e curiosos, que muito tempo moraram em Ormuz, e pergunteylhe que cidade era Bochorá, e me dixeram que caya na parte de Uzbeque, e que avia nella* e nessas partes muito *maná*, e tambem isto me dixe Coge Perculim, bom letrado a sua

* «Nellas» na ed. de Goa.

guisa, estante em Goa. E porque dixe o sobrinho do Belunense ser Avicena pessoa, por suas letras, valido e fidalguo, lhe perguntey se fora rey, e dixeme que não, senam que fora goazil, que entre elles quer dizer regedor ou grande (3).

RUANO

Parecem-me ser verdade isso; porque nós, por as coronicas de Espanha, sabemos os reys que nesse tempo concorriam em Cordova e Sevilha, e nam achamos este; e comtudo eu creo bem que era pessoa poderosa onde quer que estivesse.

ORTA

Respondendo á outra questam digo, que he trabalhosa cousa provarse huma lingoa ser melhor que outra; e porém dizem estes fisicos e outros lètrados, a que chamão Mullás, que as obras de Avicena e Galeno e dos filosofos Gregos, e as do falso profeta, erão escritas em lingoa da Syria, e a estoutra lingoa da nossa Africa chamão barbara, e aos nossos Mouros *magaraby*, e assi por esta razam chamão os Mouros da Persia e Arabia ás nossas terras, que nós chamamos Algarves, *Algarby*, que quer dizer Mouros do ponente, porque o nosso Algarve está ao ponente. E já me pesa porque tanto me detive nestas cousas, que nam fazem ao caso, mas a culpa he vossa (4).

RUANO

Eu folguo muyto de saber isso, que qua nam tendes em muyto; portanto eu tomo a culpa sobre mim: mas se *laserpicium* não he *assa fetida*, nem he odorifera, scilicet, aquelle *laserpicium* que escreve Dioscorides e Plinio, nam parece ser o *altiht* que escreveu Avicena, nem outros Arabios.

ORTA

Os Arabios que deste simple fazem mençam que são Arabios, falão pouco delle, como são Rasis e Avenrrois, mas se olharden Serapio falando em *altiht*, diz tudo aquillo que dizem Galeno e Dioscorides em *laserpicium*.

RUANO

Por muitas razões vos provarey serem diversas mézinhas, scilicet, *assa fetida* e *laserpicum*; porque *laserpicum* he mézinha pera a cosinha e pera curar, e *assa fetida* aproveita pera mézinha somente, e isto per si só e muito poucas vezes, e para se usar em cozinha danaria todos os comeres por ter tam horrendo cheiro.

ORTA

Nam vos leixarey com esse error yr ávante, porque se quereis saber minha entençam he necessario que deiteis de vós as affeições que tendes a estes escritores novos, e folgueis de ouvir minhas verdades ditas sem cores rhetoricas, porque a verdade se pinta nua.

RUANO

Muitas vezes vos dixe que nenhuma cousa desejava mais, que tirar de mim os errores que tenho, e semeardes em meu intendimento novas sementes.

ORTA

Pois sabey que a cousa mais usada que ha em toda a India e per todalas partes della he esta *assa fetida*, assi pera mézinhas como pera cozinha; e guastase nestas partes grande quantidade della, porque todolos gentios que podem alcançar a comprarla, a comprão pera deitar nos comeres; e se são ricos, comem muyto della, como são os Baneanes e todo o gentio de Cambaya, a quem imitou Pythagoras. Estes a deitão nos bredos e hortaliças que comem, esfregando o caldeiram com ella primeiro, e he adubo ou salsa* e condimento pera todo seu comer; e todos os outros gentios que a podem comer, a comem; e os trabalhadores que nam tem mais que comer que pam e cebollas, nam a comem senam quando tem della muyta necessidade; e os Mouros

* *Salsa*, tomada a palavra no sentido hespanhol de tempero em geral.

tambem a comem, mas he em menos quantidade, somente porque a acham medicinal. Hum mercador portuguez me gabou muyto os bredos que faziam estes Baneanes, que levam esta *assa fetida*, e eu os quis provar e acheyos algum tanto apraziveis a meu gosto, e porque a mim nam me sabem bem os nossos bredos, nam os achei tam saborosos como os achou o portuguez que mo dixe. Ha hum homem nestas partes honrado e discreto, ornado com carregos de elrey, que come esta *assa fetida* pera lhe fazer apetite de comer; pera o qual diz que o acha muito bom, e toma delle quando tem necessidade duas oytavas; e diz que tem hum pouco de amargor, mas que o amargo he apetitoso como o da azeitona, e que isto he ante de o enguolir, porque diz que depois de enguolido, fica a pessoa que o tomou muito contente: e quanto he á gente desta terra, todos me dizem que lhe sabe bem, e lhe cheira bem.

RUANO

E vós achastes máo cheiro aos bredos que provastes?

ORTA

A cousa que me mais mal cheira do mundo he *assa fetida*; e nos bredos não me cheirou mal; e não vos maravilheis muito disso, que a cebolla e o alho tem muito máo cheiro, e os comeres adubados com ellas muito bom; e tambem vos sey dizer que os costumes dos cheiros vos fazem que vos sejam mais apraziveis, como de mim sey que o *betele* (este que de contino trazem na boca mastigado), a todos os que o comem cheira muito bem, e a mim muito mal, não mais senão porque o nam posso comer. He qua mézinha usada per si só, contra o que dizeis que se não usa senão em compostos: nisto sois enganado, assi como se enganou Sepulveda, porém Guarinero* e muitos usão

* Sepulveda, Guainero (nota do auctor).

della per si só. Ácerca dos Indios he boa pera o estomago, e pera que não sae bem he pera gastar a ventosidade. Hum portuguez em Bisnaguer tinha um cavalo de muito preço, o qual deitava de si muita ventosidade, e elrey por isso lho não queria comprar: o portuguez o curou dandolhe a comer este *ymgu* com farinha; elrey lho comprou mui bem depois de são, e lhe perguntou com que o curara, e dixe-lhe que com *ymgu*; respondeulhe elrey, não te maravilhes disto, porque lhe dêste a comer o comer dos deuses, como dizem os poetas nectar: respondeolhe então o portuguez, com a voz mais baixa em portuguez, que melhor lhe chamára manjar dos diabos*.

RUANO

De huma duvida me tiray: como o comem os Baneanes tam continuadamente, dizendo Matheus Silvatico que he veneno, e alegua a Galeno pera isso?

ORTA

Ja vy Galeno e os simplecistas Gregos, e nenhum diz tal cousa; antes diz ser bom pera a peçonha e peste, e lumbri-gas e mal de rayva, que sam contrairos effectos, por onde lhe podeis ao Matheus Silvatico perdoar esse error como outros muitos. Qua o metem os Indios na cova do dente furado que dóe; e se Plinio diz** que hum que o meteo no dente lhe deu tam grande dor que se deitou de huma janela abaixo, seria isto por estar muita cheo de humores, e mover a mézinha muito.

RUANO

He de muito preço nesta terra esta mézinha?

* Parece que acima, onde diz «pera que não sae bem», se deve ler «pera que sae bem».

** Pli. lib. 33, cap. 23 (nota do auctor). A citação, como varias outras, está errada; e Plinio diz o que o nosso auctor refere, no livr. xxii, cap. 49.

ORTA

Si* (porque ácerca de nós vale pouco), e a causa he porque della se gasta muito, e se apercebem os homens de a ter de sobejo, porque he como mantimento. Ha muita no Mandou e Chitor e Dely; e afora isso vem de Ormuz, como mercadoria pera Pegu e Malaca e Tenassarim, e essas partes; e quando falta val muito em estremo.

RUANO

Usão da raiz ou folhas della, porque é louvada dos antigos a raiz e as folhas, e rama?

ORTA

Já vos dixe que nam vira o arvore, nem me sabião dar razam delle; mas que nenhuma gente, das que eu conheço, usão senam da goma, a qual dizem que se tira dando cutiladas no arvore: e isto me dixe o homem, que acima dixe, que comia esta mézinha, e mais me dixe que lhe dixeram a feiçam da folha, a qual lhe debuxaram ser como a das nossas avelaneiras; e assi lhe dixeram que, para se conservar esta goma, se guardava em coiros de boy, untados primeiro com sangue e mesturada com farinha de trigo; por onde quando lhe lá acharem cousa que pareça farelos, não tenham que he falsidade, como escrevem alguns, antes he certificaçam. E nam faleceo quem dixesse a hum baneane letrado, que porque comia esta mézinha, pois vinha mesturada com sangue de boy: respondeo que era tal a mézinha que nam se havia de guardar nella essa regra.

RUANO

O *laserpicum* antiquo tinha a cor algum tanto ruyva e translucente, e este de que usamos tem a cor turbida e he çujo?

* Esta palavra falta na edição de Goa, mas sem ella a resposta seria inintelligivel.

ORTA

Haveis de saber que de duas maneiras vem ter á India, scilicet, huma limpa e crára, e outra turbida e çuja, a qual alimpam os Baneanes primeiro que a comam: e a limpa tem a cor como latam muito luzio, e esta vem ter ao Guzarate, e dizem os Guzarates que vem de Chitor e do Patane e Dely; e a outra goma vem do Estreito e de Ormuz; e a lucida é de mais preço e a outra de menos; e os mercadores onde achão a lucida, que he sua, não comprão a outra que se gasta em gente mesquinha, em comeres e mézinhas; alguns a comem com o pão, a que chamão *apas*.

RUANO

O cheiro he todo hum?

ORTA

O da que aprovão qua por melhor, que he a que vem ao Guzarate, que he mais luzente, tem o cheiro mais forte; e a que vem de Ormuz nam he tam forte; mas, a meus narires, ambas cheiram muito mal, e peor que todas, a que tem por melhor, que he a luzente. E quando perguntão a alguns Baneanes qual cheira melhor, dizem que a que vem do Guzarate, por ter o cheiro pior e mais forte; e isto deve acontecer, porque o tem em o custume; que a muitas pessoas cheiram mal o *estoraque liquido*, e a *algalia*, por seu forte cheiro, e geralmente cheiram muito bem; e a mim não me cheira alguma destas gomas a porros, e algum tanto me cheira á nossa *mirra*. E esta foy a causa porque a dividio Avicena em *fetida* e *cheirosa*: porque diziam que a *fetida* cheirava a porros, o qual nam he assi; porque se considerarmos a maneira de falar dos antigos, acharemos não se chamar huma cousa odorifera por cheirar bem, senão por ter o cheiro forte: e assi chamão ao *calamo aromatico*, o qual, a juizo de muitos, se podia melhor chamar *calamo fetido*, pois a *myrra* tambem cheira mal, e o *aloes* pior, e o *espique* muito mais; porque já purguey muitas pessoas que não queriam tomar o *ruibarbo* por o *espique* que levava.

RUANO

Não me parece mal isso, mas melhor será que seja *assa fetida* esta de que usamos, e a cheirosa o *benjuy*; pois não me dais capitulo de *benjuy*.

ORTA

Se he mézinha ou simple novamente achado no nosso uso, porque lhe hemos de dar nome antiguo?

RUANO

Dirvoloey: porque mais razam he, que a raiz do arvore de *benjuy* seja boa pera temperar os comeres, e *assa fetida* não traz razam que seja boa; e se aos Baneanes lhe sabe bem he porque são acustumados a comer hortaliças e outros comeres não saborosos, como os come a gente da nossa Europa. E, segundo diz Antonio Musa, os que nestas partes navegam e vão buscar o *benjuy* dizem, descrevendo o arvore, ser conforme á descriçam do arvore de *laserpicium*; mais dizem que os da mesma terra, constrangidos da verdade, chamam á tal goma *laserpicium*.

ORTA

Nam sey qual foy o espanhol tam desvergonhado, que dixesse a Antonio Musa em Ferrara tam grande mentira, e como vos direy, falando do *benjuy*, o arvore delle he muito diferente do arvore que escrevem da *assa fetida*; e o *benjuy* nam se sabe avelo senão em Çamatra e em Siam, e em todas estas terras não se chama senam *cominhan* e nam *laserpicium*; o qual *benjuy* não o ha na Armenia, nem em Siria, nem em Africa, nem em Cirene, pois ácerca dos moradores dessas terras não ha memoria delle: e a principal parte pera onde se gasta o *benjuy*, que vem a estas partes, he pera a Arabia, e isto digo, não negando gastarse tambem pera todas as outras partes; porque tambem se gasta pera os reinos Dely, e do Mandou e Chitor; porque os Guzarates e os Decanins, que o comprão de nós, dizem que tem saída pera essas partes; posto que, como dixe, não he muita quantidade: logo mal dixe o vosso Musa que o ha em Africa

e Armenia e Judea, e em Siria, pois de todas essas partes o vem qua buscar; e o levão, podendo levar mercadoria de mais proveito, se lá o houvesse (5).

RUANO

Peçovos muito que vos nam agasteis com vos perguntar. Ruelio, homem assaz douto e digno de muito louvor, que trasladou o Dioscorides, diz, no seu livro da natureza das plantas*, que em França nasce huma raiz grossa e grande, e de fóra negra e de dentro branca, e vay a pintando nas folhas e feiçam, e diz, que, assi a raiz, como a semente, como a lagrima, cheira com grande suavidade, e, por ser muito provada mézinha, lhe poseram nomes muito soberbos, scilicet, *raiç imperatoria*, *raiç angelica*, *raiç do Espírito Santo*; e diz aproveitar pera muitas cousas, sendo quente sequa no terceiro gráo; he unica contra o veneno, e preserva da contagiam e apegamento de peste; e diz que, se a tomam e trazem na boca quantidade de hum grão de comer, e no inverno com vinho, e no verão com agoa rosada, não sentiram peste o dia que a tomarem, deitando o veneno per orina e per suor; e assi diz valer contra as fascinações e contra muitas enfermidades que leixo de dizer, e diz ser aquelle *laserpicum gallico*, o que os medicos veterinarios (a que chamamos alveitares) disseram; e diz que o çumo ou lagrima cheira a *benjuy*, e que os doctos são d'este parecer, scilicet, que he *benjuy*; e que este he o *opus cirinaico* ou *çumo cirinaico*, que pario Judéa e deitou em França; e assi diz que se havia de chamar *ben judeo* e que está corruto o vocabulo e chamam o *benjuy* (6).

ORTA

Largamente louvastes esta raiz; e porém o arvore he muito diferente do *benjuy* como vereis quando nelle falarmos;

* Ruel. li. stirpium (nota do auctor). Isto é no *De natura stirpium libri tres*.

porque estoutro do *benjuy* he grande arvore e muito diferente, e tambem o da *assa fetida* sei não ser tam grande, e fôra razam que se he *laserpicum cirinaicum*, que ficára lá algum, e que se achára algum em Judéa, maiormente que perguntey já a homens desta terra, mercadores boticairos, e nenhum me dixe aver tal simples em memoria de homens e da região; e quanto mais que o Ruelio o louva, dizendo que tomado a jejum, apaga e abaixa todos os estimolos da carne; e de toda a *assa fetida* se escreve que não leixa o membro estar baixo; e mais Mateolo Senense diz que teve essa opinião, e que depois, constrangido da verdade, tem a contraria: e portanto não sejais tam affeçoados aos Gregos que avorrecáis aos Arabios onde bem fallarem.

RUANO

Assi o farey, e porque vejais que o faço assi, chamarlheey *imgu* e não *laserpicum*, e darmelis licença vindo ao caso, pera falar nos Genosophistas que dixestes, e nos custumes desta terra; e agora veremos que cousa he *anil*, porque ó acho qua no meu a b c.

ORTA

Anil nam he simple medecinal, senam mercadoria, e per isso nam ha que falar nelle. E por vos tirar de cuidados, sabei que o *anil* he chamado assi dos Arabios e Turcos e de todas as lingoas, e somente o Guzарат, que he onde se faz, o chama *gali*, e porém já agora o chama *nil*. He herva que se semea e parece com a que nós chamamos *mangiri-quam*; e assi a colhem e põem a sequar per tempo, e molhada a pisam com páos, e des que he bem pisada a ajuntam e põem a enxugar per dias, e quando a enxugam ou está enxuta, parece de cor verde, e quanto mais se vay enxugando parece de cor azul crara, e depois escura, até que venha ser o mais fino escuro que pode ser: e quanto he mais puro e limpo da terra he melhor, e a prova mais certa he queimado com huma candeia, e não hade ficuar com arêa, senão com huma farinha muito delgada; e outros o lanção em agoa, e, se nada, temse por bom; de modo que ha de

ser leve e de boa cor. E porque he muito grave cousa hum filosofo estar mais nisto, será bem que comamos, e lexemos o *anil* aos contratadores (7).

RUANO

Si: mas primeiro me direis que fruta he aquella do tamnho dé huma noz que tam bem cheira?

ORTA

Nam he fruta de que se uze em mézinha, mas he boa pera temperar os comeres com azedo, fazendoos mais apetitosos: em madura cheira bem, e com ser madura retem em si o azedo mais apetitoso, chamamse *ambares* (8), e tem huma armadura cartilaginosa, e é amarella quando madura, e quando o não he a sua cor he verde craro (9).

NOTA (1)

Depois veremos de que planta ou plantas Orta falla n'este *Coloquio*; mas primeiro necessitâmos fixar-lhe a geographia.

O seu «Coraçone» identifica-se facilmente com a província persa do Khorásán, não só pela semelhança do nome, e pela situação em que o coloca, como tambem porque uma explicação quasi contemporanea define este ponto de um modo explicito. Pedro Teixeira, um dos portuguezes d'aquelles tempos que melhor conheceram a Persia, diz textualmente: *Karason. Llaman-la comunmente nuestros portogueses, Corason, es otra provincia de las sugetas al reyno de Persia...* (Relaciones, 380).

Este «Coraçone» tocava no «reyno Dely», isto é na India; e na região de «Chiruam». Sobre ou a respeito de Chiruam, fez Scaligero, nas suas notas ao livro de Orta (*Exotic.*, 244), uma confusão terrivel, querendo identifical-o com a cidade africana de Kiruan, ou antes Caiarwán. Perdoe-nos o eruditissimo commentador, mas o erro de geographia seria demasiado grosseiro para Orta, que seguramente distingua a cidade da Asia da da Africa. Chiruam, ou Schirwán, شروان, ficava junto de Derbend, a conhecida cidade das margens occidentaes do mar Caspio; e este nome estendia-se a toda a região vizinha, ao lado do Daghestan, á qual Pedro Teixeira chama mesmo *reyno de Xy-*

ruam (Cf. C. Barbier de Meynard, *Dict. géogr. de la Perse*, 349, París, 1861; Teixeira, *Relaciones*, 361).

Vê-se, pois, que o nosso Orta, como de resto outros escriptores do tempo, não chamava unicamente «Coraçone» ao Khorásán; abrangia sob esta designação, um tanto vaga, uma grande região, que ia da Índia até ao Caucaso, incluindo o Beluchistan, Afghanistan, parte do Turkestán meridional, o Khorásán proprio e toda a Persia septentrional. Pela banda do oriente e do norte, o seu Coraçone chegava até ao Amu-Daria, ou Oxus, para alem do qual ficava o «Uzbeque»—como veremos nas notas seguintes.

As mercadorias d'esta região vinham á Índia, ou por via de Hormuz, como o nosso escriptor affirma correctamente, ou pelo norte, pelos caminhos de Kandahar e do Cabul. Por isso elle diz muitas vezes, que se encontravam no reino de Dehli.

NOTA (2)

A *Glycyrrhiza* chama-se em arabico *sus* ou *çus*, سوس; e o seu nome portuguez, *alcaçuz*, parece vir de *irq çus*, ou *arq çus*, عرق سوس, que significa *raiz de çus*, e se transformou por euphonía em *alcaçuz*; assim como o nome hespanhol da mesma planta, *oroçu*, vem do plural, عروق سوس, que significa *raizes de çus*. *Rob*, روب, quer effectivamente dizer «sumo feito basto», e *robaçuz* é o *rob de çus*, روب السوس; sómente Orta engana-se em dizer que está corrompido o nome, e devia ser *robalçuz*, pois o *l* do artigo se funde correctamente no *s* solar do nome (Cf. Dozy, *Glossaire*, palavras *Oroçu*, *Rabaçu*, etc; e Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, palavra *alcaçus*).

Mas de tudo isto não resulta de um modo bem claro que se não deva dizer *assa dulcis*.

NOTA (3)

Avicenna nasceu, ou pelo menos creou-se e educou-se em Bokhára; e foi depois «goazil», isto é, *wažir* ou *viçir* de um principe independente do Hamadan, e mais tarde em Ispahan. As notícias de Orta sobre a sua vida são substancialmente correctas, e não carecem de explicações.

O que requer alguns momentos de exame é a situação ou collocação de Bokhára no «Uzbeque»; tanto mais que a versão de Clusius n'este ponto não é muito fiel, e elle suscitou alguns reparos da parte de Scaligero (*Exotic.*, 152 e 244).

Bokhára, como o resto da Transoxiana, como outras regiões da tão perturbada Asia, pertenceu sucessivamente a diversos senhores. Fez algum tempo parte do Khanato de Chagátaí, uma das grandes divisões em que se fraccionou o enorme imperio de Chengiz-Khan; mas, pelos começos do seculo xvi, ocuparam aquella cidade os tartaros Uzbeks, antigamente habitantes do Khanato de Kipchák, e que derivavam o seu nome do de um dos seus Khans, o primeiro que professou o islamismo, Mahomed Uzbek. Ali se conservaram depois durante todo o seculo, com vicissitudes de boa e má fortuna, e interrupções mais ou menos longas. Temos a este respeito uma informação muito interessante para o nosso caso, por ser perfeitamente contemporanea — refere-se ao anno de 1550. É a relação de viagem de um certo mercador persa, Hadj Mohammed, feita por este verbalmente a Ramusio, que a incluiu no seu livro. Fallando das regiões de Samarkanda, elle diz que os *Iescilbas* do barrete verde, *tartari musulmani* (os Uzbeks), ocupavam aquellas terras, e tinham grandes guerras com os *Soffiani* do barrete vermelho (os subditos do Súfi ou Scháh da Persia)¹. Os Iescilbas possuam varias cidades, *l'una Bochara e l'altra Samarcand*. No fim do seculo, Pedro Teixeira exprime-se d'este modo: *Uzbek es grandissima provicia...*; e enumera as suas cidades principaes, *Balk, Samarcand, Damarkand e Bokara*. Vê-se, pois, que o nosso Orta, escrevendo em 1560 proximamente, é correcto em collocar Bokhára no «Uzbeque» (Cf. Ramusio, *Delle navigationi*, II, 16 vº; Teixeira, *Relaciones*, 383; e para a historia completa dos Uzbeks e de Bokhára, William Erskine, *Hist. of Báber and Humáyun*, I. 26 et seqq., London, 1854).

Deve ainda notar-se, que Orta se não enganava em dizer que a «Persia he pequena região», se se considerar a Persia propriamente dita, isto é, a província de Fars ou Farsistán.

NOTA (4)

Receio muito, que o nosso Orta fizesse no seu espirito uma grave confusão, posto que isto não resulte bem claramente das suas palavras.

É relativamente exacto quando falla do *garb*, o poente, de que procedeu o nosso nome do Algarve. É tambem exacto quando falla dos «Magaraby», os habitantes do *Maghreb*, ou *Maghrib*, que — segundo o define El-Beckri — abrangia a Africa septentrional a partir da grande

¹ O barrete vermelho era o famoso *Kazalbásch* dos persas schiitas. Foi bem conhecido dos portuguezes; Duarte Barbosa conta como o grande Ismael adoptou esta «devisa»; e Afonso de Albuquerque, quando escreve ao poderoso scháh da Persia, chama-lhe: *Rei das capuças Roxas*.

Syrtia, e a Hespanha musulmania (Cf. a versão de Abu Obeid el-Beckri por De Slane, no *Journ. Asiatique*, 5^{ma} série, vol. xii (1858), 412 et seqq.).

Ainda é exacto quando falla das diferenças que podiam existir entre o arabico puro da Arabia, Syria, Mesopotamia e outras regiões vizinhas, e o arabico do Occidente, ou do Maghreb; posto que essas diferenças, pelo que diz respeito á lingua escripta e litteraria, fossem pequenas (Cf. Renan, *Hist. des langues sémitiques*, 409 et seqq.).

Quando, porém, insiste em que as obras «de Avicenna, e Galeno, e dos filosofos gregos, e as do falso profeta erão escriptas em lingua da Syria», esta phrase deixa-me suspeitar, que elle não distinguia claramente duas cousas bem diversas—o syriaco e o arabico da Syria: o *syriaco*, lingua já quasi morta no seu tempo, em que haviam sido feitas as primeiras versões dos auctores gregos; e o *arabico*, usado na Syria como em outras partes, e em que foram escriptos o *Qanum* e o *Qoran*.

NOTA (5)

Parece-me preferivel grupar em uma só nota, forçosamente um pouco extensa, o que temos a dizer sobre as interessantes notícias, que Orta dá em todo o *Coloquio* a respeito da *asa-fetida*.

Vejamos em primeiro logar os nomes vulgares:

— «Imgu» e «Imgara» são os nomes indianos citados, que correspondem ao sanskritico *hingu*, e aos nomes modernos *hing* e *hingra* de variedades da droga.

— «Altiht» nome arabico da droga; isto é, حلتیت, *hiltit*.

— «Anjuden» ou «Angeidan» nome arabico da planta de que mava; isto é، آنجدان، *andjudan*.

— «Almharut» outro nome da planta; de محرود، *mahrúth*, aplicado especialmente á raiz.

Como se vê, tudo isto é exacto; e, á parte variantes de orthographia, tudo isto é facil de identificar com o que encontrâmos nos livros antigos e modernos (Cf. Avicenna, na *Interpretatio* do Bellunense; Sprengel, *Dioscórides*, II, 528; Ainslie, *Mat. Indica*, I, 20; *Pharmacographia*, 284; Dymock, *Mat. med.*, 389).

Da planta sabia pouco; nunca a viu, e tinham-lhe apenas dito, que era uma arvore pequena, tendo folhas parecidas com as da «avellaneira». Com quanto ainda hoje existam alguns pontos duvidosos, parece averiguado, que a droga mais fina, chamada *hing*, procede da *Ferula alliacea*, Boiss., que habita os terrenos aridos do Khorásán; enquanto a droga inferior e commum do commercio se extrahe da *Ferula Narthex*, Boiss. (*Narthex Asa-fetida*, Falconer), encontrada ao norte do Kachmira por este botanico, e da *Ferula Asa-fetida*, Linn. (*Scorodosma fæti-*

dum, Bunge)¹ dos desertos arenosos a nascente e poente do Aral, das terras ao sul de Samarkanda, do territorio de Herat, e de outros pontos da Persia e Afghanistan (Cf. *Pharmacographia*, 280; Dymock, *Mat. med.*, 381 a 385).

Todas estas plantas são grandes *Umbelliferæ* herbaceas, e não são arvores, nem têm folhas de «avellaneira». Orta estava, pois, mal informado n'este ponto. Quanto ao modo de obter a gomma-resina, sabia apenas que davam «cutiladas» na arvore para a extrahir, o que é exacto. Kämpfer, o primeiro que descreveu methodicamente o processo de extracção (1687), refere-se ao modo por que na Persia e Afghanistan cortam finas secções na parte superior da raiz para provocar a saída do succo leitoso. Muito depois (1857) H. Bellew, que assistiu á colheita da droga na região de Kandahar, falla igualmente nas incisões profundas feitas na raiz. E recentemente o sr. Dymock, a quem devemos a ultima e mais completa noticia sobre as origens da *asa-fætida*, confirma as indicações de Kämpfer e de Bellew sobre este ponto².

Orta sabia igualmente que a guardavam em «coiros de boy», misturando-a com farinha de trigo. H. Bellew confirma a ultima indicação, dizendo que a adulteram nos sitios de producção, lançando-lhe gesso, ou farinha, *flour*. E Dymock diz, que a trazem para a India em coiros, *packed in a skin*, descrevendo mais detidamente o que diz respeito á região de Kandahar, *sewn up in goat skins, forming small oblong bales, with the hair outside*—uma especie de odres. Como se vê, o nosso escriptor continua a ser exacto.

Onde, porém, Orta é particularmente interessante, é n'aquillo que pôde observar directamente. No nosso seculo, o zeloso pharmacologista Guibourt chamou a attenção para uma amostra de *asa-fætida*, vinda da India, muito pura, de cheiro forte e repugnantissimo, e da cor de *miel foncé*. Segundo os auctores da *Pharmacographia*, esta variedade da droga forma: *a dark brown, translucent, brittle mass, of extremely alliaceous odour*. E recentemente, o sr. Dymock diz, que a ella se dá o nome especial de *hing*, que é produzida pela *Ferula alliacea* e vale perto do triplo da ordinaria, acrescentando, que Guibourt foi o primeiro europeu que a notou. Mas a verdade é, que ella vem claramente apontada pelo nosso escriptor. Aquella *asa-fætida* «limpa e crara»,

¹ Os generos *Narthex* e *Scorodosma* estão incluidos no genero *Ferula* (Bentham e Hooker, *Genera plantarum*, I, 918). A identidade da planta de Kämpfer (*Ferula Asa-fætida* Linn.) com a de Bunge foi posta em duvida, mas é admittida por Boissier (*Flora Orientalis*, II, 994).

² É interessante a noticia do portuguez Teixeira, posterior a Orta, mas muito anterior a Kämpfer. Diz elle: *coge-se la mas d'ella en fin del otoño, por que en fin del estio acochillan las plantas y comienza a distillar*. Refere-se a Duzgun no Laristan, um dos sitios classicos da producção d'esta droga (*Relaciones*, 92 e 93).

tendo a cor como «latam muito luzio», tendo o «cheiro mais forte», e sendo de «mais preço», era evidentemente o *hing* da *Ferula alliacea* (Cf. Guibourt, *Hist. nat. des drogues*, III, 241; *Pharmacographia*, 284; Dymock, I. c., 381, 382).

Vejâmos ainda as procedencias. Grande parte da droga, segundo Orta, vinha de «Ormuz»; isto era verdade no seu tempo, e ainda é verdade no nosso, se não propriamente de Hormuz, hoje decadente, ao menos do Golfo Persico em geral: *much is shipped in the Persian Gulf for Bombay* (*Pharmac.*, 285). Outra vinha ter ao Guzerate, e diziam os guzerates, que procedia de Chitor e do Patane (Afghanistan?) e Dely. Estas indicações, tomadas á letra são inexatas, porque, nem no reino de Dehli, nem em Mandou ou Chitor havia *asa-fætida*; mas Orta quer referir-se á que entrava na India por terra e pela fronteira do noroeste. N'este sentido a afirmação deve ser exacta, e ainda hoje alguma *asa-fætida* — computada no anno de 1864 em valor superior a 2:000 £ — continua a vir á India pela via de Kandahar e desfiladeiros de Bolán até Shikarpúr, enquanto outra vem pelo Cabul a Peshawár (Cf. Davies, *Report on the trade of central Asia*, 18 e 21).

Se prescindirmos, pois, de algumas inexactidões, perfeitamente explicaveis pelos escassos meios de informação de que o nosso auctor dispunha em relação a regiões, que nunca visitou e eram pouco conhecidas, vemos que a sua noticia sobre as origens da *asa-fætida* é bastante completa e sobretudo notavelmente exacta.

Dos usos, bem conhecidos, da droga pouco ha a notar. A *asa-fætida* figura ainda hoje em todas as *Pharmacopéas* como um anti-spasmodico poderoso; e na India foi tambem considerada aperitiva e aphrodisiaca. O que era novo para Garcia da Orta, era o seu emprego constante como condimento; e naturalmente este tempero mal cheiroso repugnava aos seus habitos de europeu. Comtudo elle confessa que uns certos *bredos*, temperados com *asa-fætida*, lhe não cheiraram e mesmo lhe não souberam muito mal.

Passaremos tambem de leve sobre a interminavel questão da identidade ou não identidade da *asa-fætida* com o *laserpitium*, recordando apenas o sufficiente para elucidar o que diz o nosso escriptor. O celebre *σίλφιον* dos gregos, o *laserpitium* dos latinos, era uma planta africana, que habitava particularmente na peninsula Cyrenaica. Julgaram alguns tel-a encontrado ali modernamente; mas pesquisas cuidadosamente feitas, sobretudo pelo sr. Julio Daveau, demonstraram, que o supposto *silphion* era simplesmente a vulgar *Thapsia garganica*, Linn., uma planta medicinal, mas de qualidades diversas da antiga, a qual se deve julgar extinta. Como este *silphion* ou *laserpitium* africano fosse raro já nos tempos de Plinio e de Dioscorides, empregava-se em seu lugar uma droga de inferior qualidade, á qual se dava o mesmo nome, e que vinha do Oriente, da Syria, da Persia e da Média. Será difficult decidir com

segurança se aquelle *laserpitium* asiatico era a *asa-fœtida*; mas esta opinião não parece inaceitável, antes muito plausivel. Orta, um pouco confusamente na verdade, inclina-se a este modo de ver; e repelle, com toda a rasão, qualquer approximação entre o *laserpitium* e o *beijoim*, do qual trataremos no *Coloquio* respectivo. (Cf. Hérink, *La vérité sur le prétendu Silphion de la Cyrénaique*; Sprengel, *Dioscorides*, II, 527; Guibourt, *Hist. des drogues*, III, 238; Jonathan Pereira, *Elements of mat. medica*, vol. II, part. II, p. 174, 4.th edition, London, 1857).

NOTA (6)

Confundem-se aqui duas plantas, ambas da mesma familia das *Umbelliferæ*, e que ambas tiveram um momento de celebridade. Uma é a *Imperatoria Ostruthium*, Linn.¹; a outra, a cuja raiz se deu o nome de *raiz angelica*, e de *raiz do espirito santo*, é a *Archangelica officinalis*, Hoff. et Koch (*Angelica archangelica*, Linn.), que ainda figura nas Pharmacopéas, mas é pouco empregada.

NOTA (7)

Do *Anil* falla o nosso Orta brevemente e com um certo despreendimento, parecendo-lhe materia mais propria de «contratadores», que de «filosofos». Indica, porém, o nome moderno na India, «Nil», o qual vem do sanskritico *nīlī*, que se deriva de नील *nīla*, azul. E descreve succinctamente a sua fabricação, que já séculos antes observára e descrevêra Marco Polo (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 363 e 370).

As maneiras de apreciar as qualidades do *anil*, a que se refere o nosso escriptor, eram bem conhecidas no Oriente; e ao melhor e mais leve davam os portuguezes o nome de *anil nadador*. Duarte Barbosa diz, que o «Anil pesado, que tenha areia» valia de 18 a 20 fanões a farazola², enquanto o «Anil nadador muito bom» valia 30 fanões (Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 385).

¹ Hoje incluida no genero *Peucedanum*.

² A *faraçola* variava segundo as localidades entre 8 e 11 kilos proximamente, chegando algumas a 14 kilos; e o *fanão* valia de 20 a 27 reaes, havendo alguns mais baixos. *Faraçola*, ou *faraçola* ou *farasola* era a *fārsala* arabica; no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* vem escripta a palavra com menos alteração, *faraçalla* e *fraçala*. O *fanão* ou *fanam* era uma pequenina moeda, e o seu nome vinha do tamil *fanam*, que significa dinheiro (Cf. as excellentes *Tabellas*, annexas ao *Lyvro dos Pesos*, nos *Subsídios* de Felner; e tambem Yule e Burnell, *Glossary*, nas palavras *Fraçala*, e *Fanam*).

NOTA (8)

Os «ambares» são os fructos da *Spondias mangifera*, Willd., cujo nome hindi é ainda o mesmo, *ambara* (Piddington, *Index*, 83); e cujas drupas ovoides, e de caroço fibroso, correspondem perfeitamente á descripção de Orta.

NOTA (9)

Os escriptores citados n'este *Colloquio*, e não mencionados nos anteriores, são: Sepulveda, o Fernando de Sepulveda, que escreveu o *Manipulus medicinarum*; e Guarinero, ou correctamente na nota Guainero, isto é, Antonio Guainero, auctor do *Opus præclarum* (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 291 e 293).

COLOQUIO OCTAVO DO BANGUE

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, ANTONIA

RUANO

Nam sei a diferença que ha entre o que chamão *bangue*, e o que se diz *amfiam*; porque pode ser que tudo seja hum, pois que vos vejo, quando vituperais algum servo chamaislhe *bangue*, e outras vezes *amfiam*; e por isso queria saber qual he cada hum e como se faz e pera que se usa cada hum.

ORTA

O *amfiam* he o que chamamos *opio*; e delle vos direy a seu tempo; e agora vos satisfarey com dizervos que cousa he o *bangue*, scilicet, a arvore e a semente. Antonia, dá qua o que mandei trazer.

ANTONIA

Ex aqui o arvore dos pequenos, e vedes aqui a semente que dá, e tambem vede o que se vende na botica feito; porque tudo me mandastes que tivesse junto.

RUANO

Esta semente parece a do linho *alcanave*, senão que esta he mais pequena e não tam branca, e este arvoresinho parece tambem linho *alcanave*, por onde não ha que falar nelle, pois sabemos a que aproveita.

ORTA

Nam he linho *alcanave*, porque a semente he mais pequena e mais não he alva como a outra, e os Indios comem esta semente ou as folhas pisadas pera ajudarse e comprazer ás mulheres; e posto que pera outros effeitos a tomem, scilicet, pera ter vontade pera comer, tambem pera isto lhe ajuda; e os nossos escritores dizem que corrompe a semente genital o linho *alcanave*, e mais os ramos deste tem muito de pao e pouco de casca, e o contrairo tem o linho *alcanave*.

RUANO

Fazem destas cascas algumas cordas?

ORTA

Não.

RUANO

Ha outra cousa de que as fazem?

ORTA

Si, da casca do fruto da palmeira, do que ao diante faremos mençam, e tambem no Balagate fazem cordas da casca de huma raiz de huma arvore muito grande; e pera falar comvosco a verdade tambem as fazem de linho *alcanave*, que ha lá muito, e no Decam e em Bengala; e mais eu vi lá linho do nosso, de que fazemos as nossas camizas, e todo este linho e o linho *alcanave* he mercadoria que vem a nós das terras sobreditas (ao qual chamão *alci*): e porém o linho *alcanave* ha nesta terra firme e he pouco; e por aqui ficais sem escrupulo de nam ser isto linho *alcanave* (1).

RUANO

Pois asi he, dizeyme como se faz este *bangue*, e pera que o tomão, e que leva?

ORTA

Fazse do pó destas folhas pisadas, e ás vezes da semente; e alguns lhe lanção *areca verde*; porque embebeda

e faz estar fóra de si: e pera o mesmo lhe mesturão *nóz moscada* e *maça*, que tem o mesmo effeito de embebedar; e outros lhe lanção *cravo*, e outros *canfora de Borneo*, e outros *ambre* e *almisque*, e alguns *amfiam*; e estes são os Mouros que muyto podem; e o proveito que disto tirão he estar fóra de si, como enlevados sem nenhum cuidado e prazimenteiros, e alguns rir hum riso parvo; e já ouvi a muitas mulheres que, quando hião ver algum homem, pera estar com choquererias e graciosas o tomavão. E o que nisto se conta pera que foy inventado, he que os grandes capitães, antiguamente acustumavão embebedarse com viinho ou com *amfiam*, ou com este *bangue*, pera se esquecerem de seus trabalhos, e nam cuidarem, e poderem dormir; porque estas pessoas as vigilias as atormentavão (2). E o gram Soltão Badur dizia a Martim Affonso de Sousa, a quem elle muito grande bem queria e lhe descubria seus secretos, que quando de noite queria yr a Portugal e ao Brasil, e á Turquia, e á Arabia, e á Persia, não fazia mais que comer um pouco de *bangue*; e este fazem elles em letuario, com açucare e com as cousas acima ditas, a que chamão *maju* (3).

RUANO

Faz esses effeitos de prazer em todos?

ORTA

Póde ser que nos acustumados a elle, que os fará assi; mas eu vi hum portuguez choquareiro, que comigo foy ao Balagate ha muito tempo, e comeo uma talhada ou duas deste letuario, e de noite esteve bebedo gracioso e nas falias em estremo, e no testamento que fazia. E porém era triste no chorar e nas magoas que dizia; quero dizer que, pera si, mostrava ter tristeza e grande enjoamento, e ás pessoas que o vião ou ouvião provocava o riso, como o faz hum bebedo saudoso; e estes moços meus que, escondidamente de my, o tomão, dizem que lhes faz nam sentir os trabalhos, e estar prazenteiros e ter vontade de comer. E crede que pois isto he tanto usado e de tanto numero de

gente, que nam he sem mysterio e proveito; mas eu nam o provei, nem o quero provar; e muitos Portuguezes me disserão que o tomarão pera os mesmos effeitos, em especial pera o das mulheres, e pois isto não he mezinha daquellas nossas, nem que lá aja, nam gastemos o tempo nisso.

NOTA (1)

Garcia de Orta engana-se, quando julga a planta, que na India produz o «bangue», diversa d'aquelle, que na Europa dá as fibras textis do «linho alcanave», ou *canhamo*. Ambas pertencem á mesma especie, *Cannabis sativa*, Linn. Succede, porém, que as influencias do clima determinam algumas diferenças de fórmā e de propriedades; e tornam — por exemplo — a planta da India lenhosa e quasi arbustiva; é isto que elle exprime, dizendo: «tem muito de pão e pouco de casca». Estas diferenças foram notadas tambem pelo escrupuloso Rumphius; e levaram mais tarde um botanico illustre, Lamark, a estabelecer para a fórmā india uma especie particular, *Cannabis indica*, a qual, no entanto, assenta sobre caracteres fugazes e não é geralmente admitida. O engano de Orta explica-se pois, e prova mesmo com quanto cuidado elle observava.

Orta falla principalmente das propriedades intoxicantes da planta — de que nos ocuparemos na nota seguinte —; mas refere-se tambem ao aproveitamento das suas fibras textis na região do Deckan interior, ou «Balagate». A noticia é curiosa, porque geralmente se diz que as fibras do *Cannabis* só recentemente tēem sido empregadas na India, o que está em contradicção com esta affirmação do nosso escriptor (Cf. Ainslie, *Mat. ind.* II, 109; Drury, *The useful plants of India*, 108, 2^d edition, London, 1873).

Incidentemente, Orta menciona o linho *commum*, «de que fazemos as nossas camisas», a que na India chamavam «alci» — isto é, *alsi*. Não nos diz para que o cultivavam; mas sabemos que esta especie é ali geralmente semeada, não tanto para obter as fibras, como em vista do oleo contido nas sementes, o vulgar e bem conhecido *oleo de linhaça* (Cf. Drury I. c. 278).

Notaremos ainda de passagem, que Orta dá duas orthographias do antigo nome portuguez do *canhamo* — «alcanave» e «alcaneve». Esta ultima fórmā encontra-se tambem na *Aulegraphia* de Ferreira, e no *Lyvro dos Pesos* de Antonio Nunes; mas a orthographia primitiva parece ser *alcanavý*, como se lê em um documento de Moncorvo do

anno de 1407. E esta fórmula indica a procedencia, não propriamente do nome arabico do *canhamo*, القنب, *al-qinab*, mas do adjectivo derivado d'aquele nome, القنبي, *al-qinabi*. De resto, é necessário advertir, que se o nome nos veiu directamente das linguas semíticas, tinha passado para aquellas linguas das aryanas; e o arabico *qinab* prende-se ao persiano *kanab*, ao grego κάναβης; e a outros (Cf. Viterbo, *Elucidação*, I, 75, Lisboa, 1798; Dozy, *Glossaire*, 83; A. Pictet, *Les Orig. Indo-européennes*, I, 313, París, 1859).

NOTA (2)

A noticia de Orta sobre o emprego excitante e intoxicante do «bangue» —hoje mais conhecido pelo nome arabico de *haschisch*— é bastante completa e exacta.

O nome de que elle usa, «bangue» —isto é *bhang*— dá-se propriamente ás folhas seccas do *Cannabis*, tambem chamadas *siddhi* e *sabzi*; dando-se o de *ganjá* aos rebentos floridos; e o de *charás* á resina da mesma planta, a qual se colhe principalmente nas terras de Yarkand e outras regiões elevadas, e vem d'ali para a India. Todas estas drogas contêm uma substancia particular, de effeitos intoxicantes energicos¹.

Pelo que diz Orta se vê, que o uso do «bangue» ou *haschisch* era então muito geral na India nas altas e nas baixas classes; entre os «Mouros que muyto podem», e que tomavam aquelles electuarios complicados, chamados «maju» —mais propriamente *madjun*—, e compostos de ingredientes numerosos e caros; e entre a gente menos rica, que se contentava com as infusões, chamadas *bhangi*, ou com as folhas seccas, fumadas. Sobre os effeitos do *bangue*, e a excitação especial que produzem os seus preparados, tambem o nosso escriptor é muito interessante e exacto, tendo mesmo n'estas paginas uma facilidade e uma felicidade de fórmula, que lhe não são muito habituaes. E quando nos diz, que o proveito que tiravam de o tomarem era «estar fóra de si como enlevados sem nenhum cuidado», o velho medico portuguez fere bem a perigosa seducção de todos esses venenos, que se chamam alcool, opio, haschisch ou morphina—*enlevados sem nenhum cuidado*.

Apesar de o uso do *bangue* ser então vulgarissimo por todas aquellas terras orientaes, não deixava por isso de ser condemnado. O grande

¹ Uma ou mais substancias, sendo as mais importantes uma *resina* e um *oleo volatil*. Segundo Personne, do *oleo* podem separar-se dois corpos, o *cannabéne* ($C_{18} H_{30}$), e o *hydrexo de cannabéne* ($C_{11} H_{12}$), sendo o primeiro o mais activo physiologicamente. É certo tambem que a *resina* tem propriedades muito energicas (Cf. *Pharmac.*, 493; Wittstein, *Org. const. of plants*, 144, trad. de Von Mueller, Melbourne, 1878).

erudito d'Herbelot diz-nos (*Bibl. orient.*, 200, París, 1697) que: *ceux qui usent ordinairement du Beng¹ et de l'Afioun (opio) sont nommés par les Arabes, Persans et Turcs, Benghi et Afuni, et passent parmi eux pour des débauchés.* E esta phrase de d'Herbelot dá-nos a explicação d'aquella outra phrase de Ruano, logo no começo do *Coloquio*, quando diz que Orta, zangado com os servos, lhes chamava *bangue* e *amfião*, o que mal se poderia comprehendêr. Chamar-lhes-ia *banghi*, e *amfiuni*, como um amo irascível da Europa pôde ás vezes chamar bebedo a um creado.

Se o uso do *bangue* era condenado, não era legalmente prohibido, e aquella substancia vendia-se publicamente em todas as terras sujeitas ao nosso dominio, e de certo tambem nas outras. Nos contratos para o exclusivo da venda de certas substancias e mercadorias, contratos muito usados na India portugueza do xvi seculo, e que constituiam uma grande parte das rendas do estado, o *bangue* andava geralmente annexo ao *anfião* (opio) e ao *sabão*. Nos rendimentos da cidade de Goa, figura o seguinte:

«E a Renda do anfião e bangue e sabão as quaes couzas ninguem pode vender pelo miudo senão o rendeiro da dita Renda, ou a pessoa que com ele se concertar, esteve arrendada...»; seguem as quantias, que para os annos de 1545 e 1546 foram em cada anno de 1:600 pardáos². Por menores quantias figura tambem o arrendamento do *bangue*, annexo a mais substancias, nas ilhas de Divar, e outras proximas de Goa; e, junto ao *anfião* e *sabão*, nas terras de Chaul. Não temos indicação sobre a importancia relativa da venda do *opio* e do *bangue*, duas substancias igualmente perigosas (*Tombo do Estado da India*, 52, 54, 124).

Não é facil decidir em que região da Asia se começou a empregar o *canhamo* como substancia intoxicante. Herodoto diz, que os Scythas o conheciam, e, expondo-se ao fumo das suas sementes, que lançavam sobre brazas, ficavam em um estado de excitação violenta e selvagem. Mas por outro lado, o seu uso na India é antiquissimo. Tem numerosos synonyms sanskriticos, todos significativos: *vrijpatha* (a folha forte); *ununda* (o que provoca o riso); *ursīnī* (o que excita os desejos sensuas); *chapola* (o que faz cambalear). E nas leis de Manu já o seu uso é prohibido aos Brahmanes, como nocivo e indecoroso. Da India passou naturalmente para a Persia, onde os conquistadores arabes o encontraram e adoptaram, tornando-se um vicio commun entre mussulmanos. Houve mesmo seitas, que do uso do *haschisch* tiraram o nome,

¹ D'Herbelot identificou incorrectamente o *beng* com o *Hyoscyamus*, mas é certo que se quer referir aos preparados do *Cannabis*.

² Sobre o valor do *pardão* vejam-se algumas notas aos *Coloquios* seguintes, particularmente ao *Coloquio do Cravo*.

como foram aquelles Ismaelitas, tão discutidos —ellos e o seu chefe, o famoso Velho da Montanha, *Scheikh el-Djibal*— pelos historiadores das Cruzadas, e que se chamavam os *Haschischis*, d'onde, segundo se diz, veiu a palavra assassino.

Em tempos mais modernos, o uso do *Cannabis* estendeu-se da India em outro sentido, sendo levado pelos árabes para a costa africana de leste, e introduzido entre os negros, que hoje fumam *liamba* ou *riamba* (o nome africano) por toda a parte, como já tive occasião de expor longamente em outro trabalho (Cf. *Plantas uteis da Africa portugueza*, 261, Lisboa, 1884).

NOTA (3)

Esta curiosa noticia sobre os habitos do famoso Bahádur Schah confirma e elucida de uma maneira interessante e inesperada um facto historico, a que se referem os nossos chronistas da India, e que, entre elles, Gaspar Corrêa conta muito detidamente.

O caso passou-se no anno de 1536, quando os portuguezes estavam já de posse da fortaleza de Diu, e Bahádur se encontrava na cidade, não completamente desavindo com elles, mas começando a tratar de lhes retirar a sua imprudente concessão. Uma noite, seriam dez horas, veiu o Scháh bater á porta da fortaleza; e abrindo-lhe o governador, que então era Manuel de Sousa, entrou, acompanhado unicamente por tres homens e quatro pagens. Vinha bebedo, *matando-se de riso ... com a falla muito torvada, que bem parecia sua bebedice*. Cantava e fallava alto, dizendo na sua lingoa: *portugueses roins, dar-lhe, dar-lhe, matar*. Depois de estar um pedaço *falando suas boas bebedices*, foi *arrefecendo e se foy casi cayndo*, até que a final adormeceu. Quando acordou, Manuel de Sousa deixou-o honestamente e cavalheirosamente saír, o que depois lhe foi levado a mal, pois muitos diziam que o deveria ter retido.

Gaspar Corrêa attribue naturalmente o seu estado ao vinho; mas conhecendo a indicação de Orta, lendo com attenção as paginas das *Lendas*, e reparando na natureza especial da excitação, lembra logo, que Bahádur estivesse sob a influencia do *bangue*, ou *haschisch* (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 754).



COLOQUIO NONO DO BENJUY

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Falando em *laserpicum* me dixestes que *assa odorata* não era *benjuy*, como alguns doctos tiverão, e falaremos agora nelle, pois com tanta suavidade nos deleita; porque a mim melhor me cheira este que o de Portugal; e havia de ser o contrario, pella muita abundancia que cá ha delle.

ORTA

Tendes muyta razam de vos cheirar melhor; porque este nam he o *benjuy* que lá em Portugal se gasta; porque este se chama *benjuy de boninas*, e custa muyto mais.

RUANO

De hum e do outro me dizey, pois falando na *assa fetida* me dissestes que nam era melhor pera adubar os comeres que a *assa fetida*.

ORTA

O que entonces vos disse vos torno agora a dizer, que nunca pessoa usou do *benjuy* pera adubar os comeres, e da *assa fetida* que he muyto em uso temperar os comeres com ella, e deyvos pera isso razam que as cousas que cheiram mal, convem saber os alhos e cebolas e porros, adubam muito bem os comeres, e mais vos disse a experienzia que era em contrario da gente desta terra, que tam bem lhe sabia o comer com ella feito.

RUANO

Agora quero saber o nome do arvore e do *benjuy*, cuja goma he, e em que terras nace, e como se chama ácerca dos Arabios, e se falla algum autor arabio ou grego delle.

ORTA

Respondendo ao derradeiro, digo que dos Gregos não sei algum que escreva do *benjuy*; e dos Arabios, Averrois* diz *belenizan* ou *boliçan* ou *petrozan* he quente e seco no segundo gráo, aromatiza o estomago humido e fraco, e confortao, faz bom cheiro da boca, fortifica os membros, e acrecenta o coito. Eu, por estas palavras ditas assi brevemente não entendo ser o *benjuy*; se algum deste testo o poder tirar, seja muito embora. Antre os modernos fala do *benjuy* Antonio Musa e tambem Ruelio; e o Antonio Musa diz que o *benjuy* he a *assa dulcis* ou *odorata*, e pera isto dá razões que vos dixe, falando em *assa fetida*, scilicet, que os moradores da propria terra, constrangidos da verdade, lhe chamavam *assa dulcis*; e que isto lhe dixeram Portuguezes que foram a Çamatra, ou pessoas que lho ouviram: mas quanto isto seja falso volo declarey já, falando em *assa fetida*, e vos dixe que todolos moradores nessas terras donde o ha, lhe chamam *cominham*, e tambem vos dixe que os Portuguezes, sem nenhuma vergonha falárão o que não era verdade.

RUANO

Poisque falamos em Antonio Musa, vos direi que diz mais, pera me satisfazerdes a tudo: diz que o arvore do *benjuy* nace em Africa e em Armenia, e que elle acrecenta tambem na India; e que traz Dioscorides, que da raiz sae huma farinha como farello, a qual elle muitas vezes achou no *benjuy*; e mais diz que o ha na provincia de Cirenia ou de Judéa, e que este he o melhor que todos (1).

* Averrois, hoc colliget (nota do auctor).

ORTA

Não me ponhais medo com Dioscorides, nem Galeno; porque não ey de dizer senão a verdade e o que sey, por mais que lhe chamem *opus cireniacum* (que quer dizer *cumo de Cirenia*); porque eu sey que o principal não o ha senão na India, que está alem do Ganges (a que os Indianos chamão Ganga), e vem o *benjuy*, que chamam *amendoado*, de Siam; e de todo este *benjuy* que vem á India, a mór parte se gasta pera a Arabia e Turquia e Persia. E porque nam cuideis que ha alguma pouca quantidade delle em Judéa e Palestina, vos digo que faley com Mouros e Judeos, e que o compravão pera o levarem pera sua terra por mercadoria; logo não he de crer que o comprassem pera Palestina, se lá ouvesse outro melhor, como dizeis.

RUANO

Respondeime ao que diz Ruelio*, que nace huma raiz em França, a qual chama *raiz angelica*, ou *raiz do Espírito Santo*, ou *emperatoria*, que he quente e sequa no terceiro gráo, e he aperitiva e tem tantas virtudes ou mais das que vos dixe falando da *assa fetida* (2).

ORTA

Digo que bem pode ser, como vos dixe já no mesmo capitulo, aver em França essa *raiz* e *lagrima*; e que tenha tal virtude ou taes virtudes, como elle diz, porque homem tam donto bem sey que dirá verdade; e certamente que nesta India aproveitaria pera muitas enfermidades que elle diz: mas pera usar della, pera reprimir a deleitação da carne, pera o que diz que aproveita, não ganharia cá dinheiro quem a troxesse, porque os Indios não buscam mézinha pera repremir o estímulo da carne, senão pera o acrecentar; e pois aproveita pera o repremir, e a *assa* aproveita pera o acrecentar, claro he não o ser, pois tem a

* Ruelio, livro estirpium (nota do auctor).

obra contraria: nem em Judéa, como vos dixe, não o ha, segundo a relação que disso tenho; e que o não ouvesse antiguamente se prova, porque alguma memoria ficára delle na gente da terra, e fôra louvado por David e Salomão, que tanto louvaram os cheiros; e bem sey que o nome emguanou a Ruelio, que dixe que se chamava *benjudeum*, que quer dizer *filho de Judéa*, e certamente que he melhor de crer que se chamara *benjaoy*, que quer dizer *filho de Jaoa*, onde o ha muyto.

RUANO

Pois que já me respondestes ao que dixeram estes doutrinadores, respondeime ao que diz um milanes que nasce no monte Parapaniso, e que huns de Macedonia lhe afirmáram que o viram no monte Cáucaso, e que este tem grande cheiro, e he melhor que o nosso *benjuy*; e alega este autor a Luduvico Vartomano*, que diz que o melhor de todos he o de Çamatra: decraraime isto se he verdade?

ORTA

Vós crede a esse milanes, que eu nam lho quero crer, nem aos Macedonios o que dixeram, pois cá vem tantos Rumes e Turcos cada dia, e levam o *benjuy* por mercadoria. E quanto he ao que dizeis de Luduvico Vartomano, eu falei, cá e em Portugal, com homens que o conhecera姆 cá na India, e me dixeram que andava cá em trajos de mouro, e que se tornou pera nós, fazendo penitencia de seus peccados; e que este homem nunca passou de Calecut e de Cochim, nem nós naquelle tempo navegávamos os mares que agora navegâmos. E quanto he ao dizer que o ha em Çamatra, e que nam vem cá, he verdade que o bom val na propria terra muito; e porém todavia vem cá agora, e he o que chamamos *benjuy de boninas*. E eu tinha este Luduvico, que

* Luduvico Vartomano (nota do auctor); isto é Ludovico Vartomano, ou Varthema, ou Bartema, que de todos os modos se encontra escripto o seu nome; veja-se a nota (3).

aleguais, por homem de verdade; e depois, vendo o seu livro, acho que escreveo nelle o que á vontade lhe veo; porque, falando em Ormuz, dixe que era huma ilha, ou cidade, a mais rica que podia ser, e tinha as mais suaves agoas do mundo; e em Ormuz não ha outra cousa mais que sal, e todos os comeres e a agoa vem de fóra da ilha; e mais nam he muito boa agoa essa que vem de fóra. E, falando este Luduvico em Malaca, diz que nam tem agoa nem madeira alguma; e tudo isto he falso, porque em Malaca ha muito boa madeira e muito boa agoa. E por aqui vereis quam mal testemunha esse autor nas cousas da India (3). E tornando ao que diz esse milanes do *benjuy* de Macedonia, vos diguo que pôde ser *estoraque*, que, se vos Deos levar a salvamento, trabalhay de saber, posto que o *estoraque* nam o sabemos senam na Etiopia, onde ha *mirra*.

RUANO

Assi o farey, se Deos for servido. E agora me dizey de quantas maneiras o ha, e como he feita a arvore, e como se chama.

ORTA

Ha * uma especia, a mais vendavel de todas, que chamam *amendoado*, que tem dentro humas amendoas brancas; e quanto mais amendoas tem, tanto he havido por melhor. Este ha todo o mais em Siam e em Martabam, que per a terra confina com elle; deste he o que dixe Antonio Musa que vinha mesturado com farinha da raiz delle, o qual é craro ser falso, porque a goma toda he huma: huma grossa, e outra delgada, e outra quasi dura, e fazse mais branca per tempo com o sol. E esta se faz ás vezes em farinha, que he a que diz Antonio Musa que he farinha da raiz, e he das amendoas, como podeis esperimentar, pisando algumas. Ha outro *benjuy*, e mais preto, na Jaoa e em Çamatra; e este he de menos preço; e ha outro na mesma ilha

* «He» na edição de Goa.

de Çamatra preto, scilicet, de arvores novos; a este chamâmos *benjuy de boninas*, e val dez vezes tanto como estoutro; este he o *benjuy* que estoutro dia me mandaram aqui de presente.

RUANO

Eu vy esse *benjuy*, e nam me pareceo tam bom como estoutro a que chamais *amendoado*.

ORTA

Nam vistes o do outro dia, que cheirava muito melhor; e esfregando com as mãos ficava huma grande fragancia?

RUANO

Si, vy; e mais me dixestes que pello grande cheiro lhe poseram nome *benjuy de boninas* ou *de flores*; mas eu nam daria tanto dinheiro por elle como qua se dá; pode ser que seja isto por eu nam ser tam grande senhor.

ORTA

Eu vos direy o que muitas vezes eu imaginei; e he que este *benjuy de boninas* era mesturado com *estoraque liquido*, a que qua chamão *roçamalha*; porque certo dá um cheiro della ao *benjuy de boninas*, e quilo esperimentar, mesturando o *benjuy* com *estoraque liquido*, fazendo delle pães; e posto que cheirava melhor que o outro, não cheirava tam bem como este *de boninas*.

RUANO

Pois do outro dia me lembra que comprastes, a hum homem que vinha na não em que eu vym, dez quintaes de *estoraque liquido*; e me dixestes que o querias pera mandar a Malaca, pois elle nam ha lá de servir doutra cousa senam pera mesturar com *benjuy*.

ORTA

Nam vos enganeis nisso, porque lá nam se leva senam porque a gente he muito amiga do cheiro; e dahi o levão á China todo o mais; e outro algum se gasta noutras terras. E que isto seja verdade he manifesto; porque o que levão

á China, quando ha muita quantidade deste chamado delles *roçamalha* (4), logo nam se vende por se gastar pouco na terra. E a todas estas especias de *benjuy* lhe chamam os moradores da terra *cominhan*, e os Mouros lhe chamão *louanjaoy*, quasi *encenso de Jaoa*; porque desse cabo ouverão primeiro noticia os Arabios; porque *louqn* chamão os Arabios ao *encenso*, e os Decanins e os Guzarates lhe chamão *udo**.

RUANO

Muito bem me parece essa derivaçam; porque nós chamamos ao encenso *olibano*, tomandoo dos Gregos; e elles parece tambem que imitaram aos Gregos, chamadolhe corrompidamente *louan*: e pois eu estou satisfeito disso, dizeyme a feiçam da arvore, se a sabeis.

ORTA

O arvore do *benjuy* he alto e bem fermoso e de boa sombra, copado nos ramos, os quaes deyta no ar muito bem ordenados; o tronquo tem** do chão até os ramos muito alto e grosso e rijo de cortar; he maciço na madeira, nacem alguns delles no mato de Malaca, em lugares humidos; os pequenos, como dixe, dão *benjuy de boninas*, que he o de Bayros, o qual he melhor que o de Siam, e o de Siam he melhor que todolos outros. Dão huns golpes aos arvores pera que saia delles a goma, que he o *benjuy*, em mais quantidade. As folhas do arvore me vieram, por huma banda metidas em vinagre, e por outra banda huns ramos, que amostrão ser verdade o que digo. Na madeira apparece esta folha mais pequena que a do limoeiro, e nam tam verde, e he per fóra branca: a do pão me parece folha de vimieiro, e nam tam comprida e mais larga. E todas es-

* Ao *benjoim*, e não ao *incenso*; veja-se a nota (5).

** Grammatica um tanto singular—é o arvore que tem um tronco d'aquelle feição.

tas cousas me custaram a saber o meu dinheiro; porque quem foy trazer estas folhas e estes páos do mato foy muy bem paguo; porque, alem do trabalho que ha no mato de Malaca, ha muyto perigo, por causa dos tigres que andam nelle; e a estes tigres chamam em Malaca *reimões* (5).

RUANO

Fazeyme tanta merce que se este anno vos vier alguma cousa nova de Malaca, em contrario do que tendes dito, que mo escrevais; e não vos pese de vos desdizer.

ORTA

Eu vos prometo que se Deos me der dias de vida, que não deixo de escrever todos os annos hum corretorio, que emende o que dixe, se ouver que emendar; e se fordes morar a Castella lá o podeis saber; porque a quem o eu escrever, lhe escreverey que volo mande. E porque vos dixe primeiro que o *amendoado* nam era tam cheiroso como o *preto*, que he de arvores novos, sabey que a goma velha per tempo perde o cheiro, como todas as outras cousas. E, se tomardes duas ou tres amendoas, e as poserdes sobre as brazas, nam vos ham de cheirar tam bem como o *benjuy preto*; e porque o *branco* he fermoso e o *preto* cheira bem, mesturão, os que o vendem, hum com outro, e fica mais fermoso e cheira melhor.

NOTA (1)

Parece que o nosso Orta confundiu a «Cirenia» com a Judéa, quando é a conhecida peninsula Cyrenaica, a famosa região das cinco cidades, *pentapolitana*, no norte da Africa; e não tem muita desculpa no erro, pois o seu Plinio explica por diversas vezes e claramente onde estava situada. O *opus cyrenaicum*, que não era o *benjoim*, como Orta muito bem diz, era o celebre *laser*, de que fallámos a propósito da *asa-fætida*, e cuja identificação botanica se deve hoje considerar uma questão insoluvel.

NOTA (2)

Veja-se a nota (6) ao *Coloquio* vii.

NOTA (3)

Aquella affirmação do celebre viajante Luiz Varthema, relativa ás aguas da ilha de Hormuz, e que tanto indignou o nosso Orta, não se encontra no texto italiano, pelo menos em uma das antigas edições que consultei, e no que publicou Ramusio. Diz-se ali exactamente o contrario: *n'ella detta isola non si trova acqua...* Parece, porém, que na versão latina se introduziram por engano as palavras: *aquarum potu suavium*—como já advertiu Varnhagen. E na edição hespanhola de Sevilha repete-se o mesmo: *las aguas en ella son muy suaves*. Vê-se pois que Orta teve entre mãos a versão latina, ou a hespanhola, e naturalmente fez obra pelo que leu¹. Quanto a Malaca, é certo que Varthema diz: *questo paese non è molto fertile, pur vi nasce grano, carne, poiche legne*, o que não parece ser uma descrição muito exacta da peninsula de Malaca (Cf. *Itinerario del venerable varon micer Luiç Patricio Romano*, libr. II, cap. II, Sevilla, 1520; Ramusio, I, 156 e 166; Varnhagen, na ed. dos *Coloquios* de 1872, a p. 30).

De um modo geral, as duvidas de Garcia da Orta sobre a veracidade de Varthema deviam ter fundamento. Bastará ler, por exemplo, o que o viajante italiano escreve a respeito do sultão de Cambaya e dos effeitos do *betle*, para adquirir o convencimento de que elle, ou inventava, ou aceitava o que lhe contavam com demasiada credulidade. Orta diz-nos, tambem, que tinha fallado com pessoas que ainda o conhecera na India, o que é natural, pois Varthema andava por lá no principio do seculo; e diz-nos mais, que, segundo o informaram, elle nunca foi alem de Calicut e Cochim. Posto que Varthema conte a sua viagem a Malaca, ás ilhas do archipelago Malayo e mesmo ás Molucas, esta parte da sua relação pôde talvez ser composta pelas noticias que outros lhe deram d'aquelles paizes. Um dos mais sagazes e mais competentes juizes em taes questões, o fallecido sir H. Yule, poz em duvida esta parte das viagens; e, fallando da noticia de Varthema sobre Java, acrescenta:

¹ Mesmo que Varthema tivesse dito que em Hormuz havia boa agua, não teria faltado á verdade. Na ilha encontrava-se pouca agua, e não chegava para o consumo, tendo de ser transportada da terra firme; mas alguma era boa. Diz Antonio Tenreyro: «Huma legoa da cidade estão trez poços dagoa muito boa, e nam tem outra salvo de cisternas, ou salobra».

which I fear is fiction. E mais tarde, o mesmo Yule e Arthur Burnell, citando aquella noticia de Orta, de que Varthema não fôra mais longe do que Calicut e Cochim, confirmam-n'a dizendo: *a thesis which it would not be difficult to demonstrate out of his own (Varthema) narrative* (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 270; Yule e Burnell, *Glossary*, XLV).

NOTA (4)

Posto que a *roçamalha* só venha citada por incidente, merece uma nota particular.

Em primeiro logar, vemos que *roçamalha* —segundo Orta— era o nome oriental do *estoraque líquido*; e em segundo, que não era uma producção da India, nem das regiões situadas para leste, pois Orta figura havel-a comprado a bordo do navio em que vinha o dr. Ruano, e manifesta a intenção de a mandar para Malaca. Effectivamente o *storax líquido* é produzido por uma grande arvore, *Liquidambar orientalis*, Miller, da familia das *Hamamelideæ*, que habita a parte sudoeste da Asia Menor, como modernamente averiguou o professor Krinos de Athenas. Ia, portanto, do Levante para a India, e d'ali para a China e outras regiões do extremo Oriente; e isto desde tempos muito antigos. Ha todos os motivos para suppor, que uma droga, chamada pelos chins *su-ho*, levada para a China do *Ta-ts'in*, isto é, das províncias orientaes do imperio romano, era esta de que estamos fallando. E a mesma droga, sob outro nome, *an-si siang* (litteralmente *perfume do An-si*, isto é, das antigas regiões da Parthia), fa tambem para a China, durante a dynastia Ming (1368-1628), o que abrange o tempo do nosso Orta. Posteriormente, Kämpfer (1690) dá noticia de que se importava regular e lucrativamente no Japão. Vemos, pois, que o *su-ho*, *an-si siang*, *roçamalha* ou *storax líquido* ia do Occidente para a India, e da India principalmente para a China—é exactamente o que Orta diz (Cf. Hirth, *China and the Roman Orient*, 263, Leipsic, 1885; Bretschneider, *On the knowledge possessed by the ancient chinese of the arabs*, 19; Kämpfer, *Hist. of Japan*, citado na *Pharmac.*, 242).

Passemos agora ao singular nome de *roçamalha*, que no livro de Figueiredo Falcão, por erro de copia ou do proprio Falcão, encontrâmos na fórmula ainda mais singular de *Roza macha*. Daniel Hanbury, em uns trabalhos eruditissimos sobre o *Storax* (publicados em diversos jornaes e reunidos depois nos *Science papers*) apontou uma referencia de Petiver a esta substancia (1708), dando-lhe o nome de *rosa mallas*. Soube depois, que nos mercados do Oriente lhe chamavam *rose malloes*, *rosmal*, e outras fórmulas mais ou menos corrompidas e alteradas do mesmo nome; e acrescenta, que o unico auctor seu conhecido, que alludiou á droga, dando-lhe um nome analogo, foi Garcia da

Orta. Podemos ampliar um pouco estas notícias. *Roçamalha* não é um d'aquelles nomes vulgares, conhecidos unicamente do nosso naturalista, e averiguados pelas suas demoradas e pacientes pesquisas; era no seu tempo uma designação geral e corrente no commercio portuguez. Antonio Nunes, fallando dos pesos de Hormuz, diz:

«O baar da Roçamalha tem em todo como ho do llinho e como o arroz, sem aver nhūa deferemça.»

E, fallando de Malaca, dá a seguinte informação:

«O baar do Dachem pequeno tem 200 cates; cada cate pesa 2 arateis; tem o baar 3 quintaes, 16 arrateis, pello qual se pesa estanho, seda da china, marfim, anfião, aguoa rosada, Roçamalha, camfora da china e outras mercadoryas.»

Por ambas as passagens se vê, que era uma designação conhecida, corrente, sem necessidade de explicação (Cf. Figueiredo Falcão, *Livro de toda a fazenda*, 118; Daniel Hanbury, *Science papers*, 129 a 149, London, 1876; *Pharmacographia*, 242; *Lyvro dos pesos da Yndia*, 20 e 39, em Felner, *Subsídios*).

Têm-se proposto diversas etymologias da palavra *roçamalha*. Scaliger —nas notas a Orta— diz: *non dubito scribendum esse Roç el-Maiha, id est liquor Storacis*; mas alguns arabistas, consultados pelos autores da *Pharmacographia*, não admitem esta explicação. Notou-se tambem, que uma arvore, similarmente á que produz o *storax liquido*, o *Liquidambar altingiana*, Blume, tem no Oriente o nome vulgar de *Rasamala*, e supoz-se que houvesse troca de nomes. O sr. Dymock, porém, inclina-se a uma opinião, que parece mais aceitável. Admitte que a palavra seja de origem europaea, e derivada do nome do *manná doce*, $\deltaροσμέλη$ dos gregos, *ros melleus* dos escriptores da idade media. Cita, entre outras, uma passagem do *Makhzan-el Adwiya*, livro arabe do seculo passado, onde se diz que: Rasimilus é o nome grego de uma especie de incenso, chamado em hindi o incenso do Occidente. Isto é tanto mais plausivel, quanto nós sabemos que a droga ía para a India e China das regiões occidentaes, e de um modo geral sabemos tambem, que os nomes de drogas e substancias empregados no commercio são quasi sempre oriundos das terras d'onde a droga ou substancia procede (Cf. Dimock, *Mat. med.*, 314).

NOTA (5)

Os eruditos autores da *Pharmacographia* reconheceram o interesse especial d'este *Coloquio*, dizendo o seguinte: *Garcia d'Orta, writting at Goa (1534-1560) was the first to give a lucid and intelligent account of benjoin*. Com effeito antes do nosso escriptor sabia-se pouco sobre a procedencia e variedades d'esta substancia.

Orta começa por arredar da discussão tudo quanto disseram os antigos, não lhe parecendo que, nem gregos, nem latinos, nem mesmo os primeiros escriptores arabicos de materia medica tivessem conhecimento do *beijoim*; e com esta opinião concordam as modernas auctoridades sobre o assumpto, como Jonatham Pereira, e Flückiger e Hanbury (Cf. *Elements of Mat. med.*, II, P. 1, 683; *Pharmac.*, 361).

Apenas, durante a idade media, se encontra uma menção rapida d'esta substancia, feita por Ibn Batuta sob o nome de *lubán jáwi* ou *incenso de Java*; e indicações de que fez parte de alguns presentes, enviados pelos sultões do Egypto aos doges de Veneza e outros altos personagens da Europa (*Pharmac.*, 362).

Vem depois as notícias dos portuguezes; e em primeiro lugar a do auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, o qual diz, que em «Xarnauz ha muito beijoim, e vall a farazalla trez crusados». Já tive occasião de indicar em outro trabalho, como *Xarnauz* se identifica com Sião, e é a transcripção approximada de um nome muito usado pelos mercadores arabes da idade media, *Schahr-i-Não*¹, empregado depois por Fernão Mendes Pinto na forma *Sornau*. Esta é, pois, —a meu conhecimento— a primeira menção do *beijoim* de Sião (Cf. *Rot. de Vasco da Gama*, 109; *Flora dos Lusiadas*, 83).

Segue-se-lhe Duarte Barbosa, o qual nota que no reino *Danseen* (Sião) «nase muyto bom beijoim, que he resina d'arvore, a que os Mouros chamaom Lobam»; diz mais adiante que «nase» tambem na grande ilha de Çamatra; e acrescenta em outra pagina que é cotado n'um certo preço no mercado de Calicut (Cf. *Livro*, II, 363, 368 e 384).

Taes eram as indicações existentes quando Orta escreveu. Este, porém, adiantou muito em relação ao que se sabia. Vejamos primeiro os nomes vulgares:

—«Louanjaoy» lhe chamavam os «Mouros». Esta é a designação arabica mais geralmente empregada, *lubán jáwi*, litteralmente *incenso de Java*; e da qual, por alterações successivas, vieram *banjawi*, *benjui*², e todos os nomes modernos da resina. Deve notar-se, que a designação de *Jawá* não se applicava unicamente a Java, deu-se tambem a Sumatra, e, de um modo vago, a todo o archipelago Malayo, distinguindo-se as procedencias d'aquellea região pelo adjetivo *jawi* (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 266).

¹ O nome é propriamente persiano e significa *Nova cidade*, sendo talvez a traducção de *Nava-purá* ou *Lophaburi*, uma das antigas povoações de Sião (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 122).

² A syllaba *ban* ou *ben* é, pois, a ultima da palavra *lubán* (incenso), e nenhuma relação tem com a palavra arabica *ben* (filho). O *benjoim* não é, portanto, o *filho de Java*, como Orta parece admittir.

— «Udo» lhe chamavam no Deckan. É tambem uma designação arabea, *ud*, ڻو, que significa simplesmente madeira, *lignum*, mas se dá por excellencia a certas arvores. O nome de *ud* continua até hoje a ser usado em Bombaim (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 485).

— «Cominhan» nas terras onde nascia. É o nome malayo e javanez, que encontrâmos nos livros modernos nas fórmulas *kamāñan*, *ka-miñan* e *kamayān* (Cf. Crawfurd, *A descriptive dict. of the Indian islands*, 50, London, 1856).

Passando ás procedencias, vemos que Orta distingue duas qualidades. Uma d'ellas vinha de Sumatra e de «Bayrros». Este Bayrros era na propria Sumatra, o porto de *Barús*, chamado pelos Arabes *Fansur*. É hoje quasi ignorado, mas foi durante seculos um ponto de importante commercio, por onde se exportava a melhor *canfora*, como veremos mais detidamente em outro lugar. De Sumatra vinha, pois, um *beijoim* inferior ao de Sião, e em geral mais preto. Isto é exacto; os auctores da *Pharmacographia*, comparando as duas resinas, dizem da de Sumatra: *differs in its generally greyer tint* (p. 364). Vinha, porém, d'aquelle ilha um *beijoim* superior a todos, mesmo ao de Sião, a que os Portuguezes chamavam *de boninas*, o qual procedia — segundo Orta — das arvores novas. As informações modernas de europeus, residentes em Sumatra, e relativas á colheita do *beijoim* na terra dos Battas, não longe de Barús, confirmam inteiramente esta noticia, dizendo-nos que a resina das arvores novas, nos primeiros tres annos de exploração, é de melhor qualidade e chamada pelos malayos *de cabeça*, isto é, superior (Cf. *Pharmac.*, 363).

A outra variedade de *beijoim* vinha de Sião, e era em geral melhor, «mais vendavel», de cór clara, e de aspecto «amendoado, que tem dentro umas amendoas brancas». A exactidão d'estas indicações reconhece-se facilmente, comparando a phrase de Orta com o que dizem os auctores da *Pharmacographia* (p. 364) da resina de Sião: *the mass is quite compact, consisting of a certain proportion of white tears of the size of an almond downwards, imbedded in a deep rich amber-brown, translucent resin*. Esta variedade da droga vinha de Sião, ou pelos portos do golfo do mesmo nome, ou pelos da costa de «Martabam, que por a terra confina com elle» (Sião), como affirma o nosso Orta com muito correcta geographia.

Da arvore de Sião não falla Orta; era-lhe desconhecida, e ainda hoje não está bem clara a procedencia botanica da resina d'aquellas terras. Mas da arvore de Sumatra, que tambem se encontrava no «mato de Malaca»¹, dá uma boa descripção. Diz-nos que a arvore é «copada nos

¹ O *Styrax Benjoin* encontra-se effectivamente na peninsula de Malaca (Cf. Hooker, *Flora of British India*, III, 589).

ramos, os quaes deita no ar muy bem ordenados»; e effectivamente o *Styrax Benzoin*, Dryander, é uma bonita arvore, com uma copa de folhagem densa e regular. Diz-nos tambem, que a folha é mais pequena que a do limoeiro, «e nam tam verde, e he per fora (por baixo) branca»; isto pôde comparar-se com a diagnose da especie em um livro moderno ... *foliis oblongis, acuminatis, subitus albido-tomentosis*.

Orta, que não foi a Malaca nem a Sumatra, sabia tudo isto por informações, e porque recebêra exemplares seccos, e outros mettidos e conservados em vinagre. E tudo lhe custou a saber o seu dinheiro; as explorações nos matos de Malaca eram caras, pois eram trabalhosas e perigosas por causa dos tigres, chamados ali *reimões*—*arimau* ou *rimau* em malayo.

Esta passagem é a mais explicita de todo o livro, pelo que diz respeito á feição scientifica e botanica das investigações de Garcia da Orta. Vê-se que elle pagava a collectores, os quaes lhe iam procurar ao longe os exemplares das plantas que não podia observar directamente. Procedia exactamente como procederia um botanico dos nossos dias, reunindo e colleccionando exemplares, que depois estudava e classificava, quanto então se podiam classificar.

COLOQUIO DECIMO DO BER, QUE
SÃO AS MAÇÃAS QUE CÁ USAMOS, E DOS BRINDÕES,
e dos nomes e apelidos dos reys e senhores destas terras. E he
coloquio que nam serve de cousa alguma de fisica; mas pôese
aqui a pedimento do doctor Ruano pera dar passatempo aos que
em Espanha o lerem. E assi se trata do emxadrez e de suas peças.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Parecem tam boas estas maçãas pequenas que comemos
agora á mesa, que queria muito saber se são *maçãas de*
anáfega, ou se he fruta diversa; e tambem queria provar
aquelle fruta vermelha, que comem aquellas moças.

ORTA

Na derradeira fruta que nomeastes nam tendes muita
razão de a querer provar, nem menos escrevais della, por-
que he muito azeda.

RUANO

Pois por isso, por via de medicina, aproveitará.

ORTA

Chamase nesta terra *brindões*; e por fóra he vermelha
algum tanto, mas por dentro tem hum tam fino vermelho
que parece sangue; e ha huns per fóra pretos, e estes nam
são tam azedos; porque esta pretidam lhe vem por serem
bem maduros, mas de dentro sempre sam muito vermelhos;
e, posto que são apraziveis ao gosto de muitos, ao meu
nam o sam, nem per via de cibo, nem per via de medicina,
por serem muito agros; e melhor he o *tamarinho*; serve

isto de tingir, e a casca se guarda seca, e se leva per mar, pera fazer vinagre; e já alguns a levarão pera Portugal, e acharamse bem com ella (1).

RUANO

Pois destoutras maçãas me dizey o nome e o arvore e em que terras as ha e se sam maçãas de *anáfega*.

ORTA

O nome em canarym he *bor*, e no Decam *ber*, e os Malaios as chamão *vidaras*, e são melhores que estas nossas; porém nam tam boas como as do Balagate, scilicet, humas compridas que são muito saborosas. He o arvore differente das *jujubas*; e os Corações trouxeram ao Nizamoxa estas que vos gabei, pequenas, e me dixeram ser outra arvore que as *jujubas*; porque na sua terra as ha, e as vem cá vender pera a botyca; e estas polla mayor parte sam ponticas, ou azedas hum pouco.

RUANO

Estas que comemos nam sam senam doces.

ORTA

He verdade, mas outras ha mais doces, e porém nunca vem a madurar tanto que se possam passar como as chamadas de *anáfega*, e mais sempre tem pontecidade; por onde não podem ser peytoriais como as *jujubas*, de que fazemos xarope; mas fazemos cá festa desta fruta, porque carecemos das camuesas e repinaldos de Portugal. He esta arvore algum tanto espinhosa e da grandura das nossas maceiras, e a folha he tambem como a da maceira, e alguma coisa menos redonda (2).

RUANO

Cavalgemos e vamos ao campo; e de caminho me direis que quer dizer Nizamoxa, porque me falais muitas vezes nelle.

ORTA

Desdagora vos digo que he hum rey no Balagate, cujo pay curey muitas vezes, e ao filho algumas; de quem, por vezes, recebi mais de doze mil pardáos; e davame quarenta mil pardáos de renda porque o visitasse alguns meses do anno, os quais eu não aceitey (3).

RUANO

Vamos pera alguma parte mais aprazivel aos olhos; e digo, senhor, que bem sei que he nome de rey; mas queria saber o que significa este nome e outros de reys desta terra, porque não queria que fosse tudo fisica, senão fazer alguma fallada de cousas, pera despertar mais o ingenho.

ORTA

Eu não queria que gastassemos hum capitulo em cousas que nam sejam de sciencia, porque dirá todo o homem que o ler, que me ponho a escrever hum livro de patranhas.

RUANO

A culpa disso seja deitada a mim pera quem vós fazeis este livro: quanto mais que eu sey muitos, que folgarão de saber estas cousas que dixerdes, em Espanha.

ORTA

Cumprindo vosso mandado, sabey que hum poderoso rey do reino Dely conquistou, haverá 300 annos, esta terra toda e a do Balagate; e em este tempo foy Cambaya tambem tomada tirannicamente por os Mouros aos Reisbutos, que eram gentios que a senhoreavam; e este rey Dely tomou o Balagate a huns gentios muy poderosos, cuja geração são estes que agora chamão Venezaras, e outros que na terra habitão, chamados Colles; e assi estes Colles, como os Venezaras, como os Reisbutos, vivem de roubos e furtos o dia de oje; e aos Reisbutos lhe dão tributo as terras de Cambaya porque as não roubem; e aos Venezaras e Colles as ditas terras de Decam, e até agora nunca poderam ser domados dos reis (4).

RUANO

Valente gente deve ser.

ORTA

Si, são; mas tambem os reys sam cobiçosos, porque, como partem com elles do que roubão, são perdoados. Este reino Dely he posto longe polla terra dentro, pera a banda do norte, e parte com terras do Coraçone; he terra muito fria, e neva e gêa nella como na nossa (5). Os Mogores, a quem chamâmos Tartaros, a tomáram ha mais de 30 annos. Eu conheci o irmão delrey Dely, na corte do Soltão Bhadur*, rey de Cambaya, que honrava muito a este irmão delrey Dely (6); depois foy tomado este reino Dely aos Mogores per hum cavaleiro de huma lança, que, nojado delrey de Bengala por lhe matar hum seu irmão, se levantou contra elrey de Bengala e o matou; e depois tomou o reyno Dely e outros muitos reynos. E per espaço de tempo foy o mór senhor que se podia crer; e dixeramme pessoas dignas de fé, que suas terras tinhão 800 legoas de quadra. Era este rey primeiro Patane de humas serras que partem com Bengala; foy chamado Xaholam que quer dizer rey do mundo (7). Deste se podia fazer huma crônica mais que a do gram Tamirham** (a quem nós corrutamente chamâmos o gram Taborlam), e alguns cronistas o chamão Tamirlangue, porque *Tamir* era seu proprio nome, e *langue* quer dizer coxo, como elle era. Mas isto leixo pera outro tempo, e digo que este rey Dely conquistou o Decam e o Cuncam; e foy delle senhor alguns dias; e por não poder senhorear tanta distancia se foy ás suas terras, e leixou

* Algumas vezes, Orta escreve simplesmente Badur; mas d'esta orthographia se vê, que elle sentia bem a aspiração existente no nome do sultão Bahadur, بہادر.

** Não sei se em Tamirham há um simples erro de imprensa, ou se Orta suppos que a ultima syllaba era o titulo honorifico dos tartaros, que elle adiante escreve Ham.

nestas hum seu sobrinho coroado em rey. Este sempre favoreceo a gente estrangeira, que sam Turcos, Rumes, e Corações e Arabios, e repartio o reyno em capitania, scilicet, ao Adelham (a quem chamamos Idalcam) deu de costa desde Angediva até Cifardam, que sam sesenta legoas, e per dentro da terra até confinar com os outros capitães; e ao Nizamaluco deu de costa de Cifardam até Negotana, que sam vinte legoas, e polla costa dentro, até confinar com estoutros senhores e com Cambaya; estes dous somente tiveram parte no Cuncam, que he a fralda do mar até huma alta serra que chamão Guate, que toma grande quantidade de terra, e he muito alta em muitos cabos, e eu a passey em alguns; e tem huma cousa digna de escrever encima esta serra, que he nam decer cousa alguma, senam ficam muito fermosos campos iguaes ao alto da serra, e porque *bala* em persio quer dizer acima, e *guate* serra, tanto he dizer Balaguate como detras da serra ou tra los montes (8). E no Balaguate deu terras ao Imademaluco, a quem nós chamâmos Madremaluco, e ao Cotalmaluco, e ao Verido. Todos estes capitães erão estrangeiros, Turcos e Rumes e Corações de nação; senam o Nizamaluco, que dizem ser Decanim, filho de hum Tocha delrey Daquem*; e porque a molher deste Tocha dormio com elrey Daquem se jata o Nizamaluco, que vem da casta dos reys Daquem, e que os outros todos sam escravos comprados pollo dinheiro delrey. E porque estes regedores se enfadaram de obedecer a elrey Daquem, concertaramse entre si que ficasse cada hum com suas terras, e que prendessem o rey Daquem em Beder, que he principal cidade e cabeça do Decam; donde o prenderam, e entregároa a hum delles per nome Verido; e assi

* O reino Daquem era o mesmo que Orta algumas linhas adiante chama do Decam. Os portuguezes, segundo parece, fizeram uma singular fusão de som e de sentido, chamando-lhe Daquem, porque este nome sé parecia com Deckan, e porque ficava *aquem* do grande rio Nerbadda.

elle como os outros, per si ou per seus procuradores, lhe fazem a *calema* certas vezes no anno (9).

RUANO

Se *calema* quer dizer paz em arabio, falsa paz lhe chamo eu a essa.

ORTA

E juntamente com estes se levantaram alguns per concerto, como foy o Mohadum coja, e o Veriche que era gentio; e estes ouverão terras muyto poderosas e poucas e ricas cidades; convem saber: o Mohadum ouve Visapor, e Solapor, e Paranda; e o Visapor he agora a casa do Idalcam; e Solapor e Paranda lhe tomou depois o Nizamaluco; e assi deixou algumas terras. E o Veriche ficou em suas terras, que confinão com Cambaya e com as terras do Nizamaluco; e elles, como lhe nam tomarão o seu, soltaramho per algum tempo. E o bisavô deste Adelham que agora he, foy hum destes capitães que se levantaram; e era de naçam Turco, e morreo no anno de mil quinhentos trinta e cinco; e foy sempre muito poderoso, a quem nós tomámos per força de armas esta cidade de Goa duas vezes. E o avô deste Nizamaluco que agora he, pay do meu amigo que foy, morreo no anno de mil quinhentos e nove; e foy, como dixe, Decanim. O Imademaluco, ou Madremaluco como nós lhe chammamos corrompidamente, foy Cherques de naçam, e havia sido primeiro christão, e morreo no anno de 1546. O Cotalmaluco, que morreo no anno de 1548, foy tambem dos que se levantáram, e foy Coraçone de naçam. O Verido, que morreo no anno de 1510, foy Ungaro de nação e primeiro christão, segundo tive por certa enformação (10).

RUANO

Vinde aos nomes, e dizeyme quem he aquelle a quem tirastes o barrete, e nam passastes até que passou?

ORTA

He o embaixador do Idalham, cujo avô foy senhor desta ilha. E estes Mouros dão os ditados conforme ao que querem;

e porque ácerca dos gentios *rao* quer dizer rey, e *naique* quer dizer capitão; quando estes reys tomam algum gentio pera que os sirva, se o não querem muito honrar, accrescentão-lhe ao nome proprio *naique*, como Salva naique, Acem naique; e quando o querem muito honrar chamalhe *rao*, assi como Chita ráo, que eu conheço; e he nome suberbo, porque *chita* quer dizer omça, assi que quer dizer Chita ráo, rey tam forte como huma omça. E porque *ham*, ácerca dos Mogores ou Tartaros, quer dizer rey, tambem chamão aos que querem *ham*, e nós corrutamente lhe chamamos *cam*, e por ventura melhor. E *Rao* somente, sem nenhum nome, per excellencia, quer dizer elrey de Bisnaguer, o qual os tempos passados era muy vexado do Adelham, e nos tempos de agora tem poder sobre todos os senhores do Decam; e elles todos lhe obedecem: e isto he porque todas as cousas socedem ás vezes. E tornando a nosso proposito, porque *adel* em persio quer dizer justiça, chamáram a este senhor destas terras Adelham, como si dixesse rey de justiça.

RUANO

Nome é esse que lhe não convem, porque, nem elle, nem outros acostumam fazer justiça; e mais me dizey por que em Espanha lhe chamão o Sabayo?

ORTA

Alguns me dezião que se chamava assi, porque tinha hum capitam chamado per este nome; mas depois soube na verdade que *saibo* em arabio e persio quer dizer senhor, e que por isso lhe chamavão assi por excellencia. E tambem porque *maluco* quer dizer reino, e *neza* em persio quer dizer lança, chamaram ao meu amigo, Nizamaluco, quasi lança do reino: e *cota* em arabio he fortaleza, e por isso Cotalmaluco quer dizer fortaleza do reino: *imad* quer dizer esteo, e por isso chamaram o outro Imadmaluco, que é esteo do reyno: e *verido* quer dizer recado e guarda, e Meliqueverido quer dizer rey da guarda; e alguns não chamavam a estes malucos senão *meliques*, que quer dizer reizinhos (11).

RUANO

E *maluco* quer dizer reyno propriamente?

ORTA

Não; senão regiam ou provincia.

RUANO

A tudo me satisfizestes já, senam ao *xá*; porque dizeis Nizamoxa e Adelxa?

ORTA

Levantouse no Coraçone o Xá Ismael, pay do Xatamas que agora vive, e sendo de baixa geraçam levantou a guerra sobre suas falsas leis contra o Gram Turco; e veo a ser hum dos maiores senhores do mundo; e mandava que tomassem a sua seita, que he contra Mafamede, e he polla parte de Ali; e aos que a nam tomavam lhe faziam crua guerra; e este seu filho, que chamam Xatamas, a mandou denunciar a estes senhores do Decam, e lhes deu o Xá, que he titulo de rey. E assi se chamão Adelxa, Nizamoxa, Cotumixa; e assi ficam reis nos nomes ao menos, somente que nam podem bater moeda senão de cobre: e o Nizamoxa aceitou logo a sua ley, e os outros, como se foy seu embaixador, logo a engeitaram.

RUANO

Eu sempre cuidey que se chamava Xeque Ismael, e nam Xa Ismael, e tambem cuidey que se chamava esse homem Sofy?

ORTA

Verdade he que *xeque* he dignidade que quer dizer velho, e destes sam os Xeques da Arabia; mas *xá* em persio quer dizer rey, e Xá Ismael quer dizer elrey Ismael; e chamaramlhe os Turcos e Rumes Çufi, porque tinha hum grande capitam que chamavão Çufo ou Çufi, e por isto lhe ficou o nome ao Xá Ismael de Çufi, por causa de seu grande capitam (12). E pois jogaes o enxadrez dirvosey huma cousa que folgueis de saber, ainda que não seja fisica.

RUANO

Muita merce me fareis nisso.

ORTA

Xá quer dizer rey, e quando digam ao rey que se movea, nam se ha de dizer *xaque* senam *xá*, como quem dixesse a elrey, falo que se movea; e assi dizem os Mouros e não *xaque*.

RUANO

Cousa he essa bem curiosa e com que muito folgo. E elles jogam bem o enxadrez?

ORTA

Bem, mas he differente do nosso jogo. E por nam vos enfadar não vos digo os nomes das peças, que he huma batalha ordenada (13).

RUANO

Nam vos escuseis, e dizeymo.

ORTA

Ao rey dizem *xá*, e á dama *goazir*, que he condestabre; e ao delfim chamão *fil*, que quer dizer elefante; e ao cavalo *guora*, que he o mesmo; e o roque *roch há*, que significa tigre; e ao pião *piada*, que quer dizer homem que pelleja a pé, e assi fica isto huma batalha ordenada. E perdoayme se vos enfadey com historias vans (14).

RUANO

Antes folguey muyto.

NOTA (1)

O «Brindão» é o fructo da *Garcinia indica*, Chois. (*Brindonia indica*, Dupetit Thouars) da familia das *Gutiferae*, uma arvore frequente na costa occidental entre Damão e Goa. Este nome parece ter sido inventado pelos portuguezes, tanto pela sua fórmula, como pelo facto de

unicamente ser conhecido em Goa; e a primeira noticia sobre os usos do fructo foi dada —que eu saiba— pelo nosso auctor. Do pericarpo ou «casca», que, segundo Orta, servia para fazer vinagre nas viagens de mar e mesmo em Portugal, se utilisam ainda na India na preparaçao dos molhos e adubos, *as an acid ingredient in curries*; e d'ella se servem tambem como um mordente na tinturaria, ou como diz Orta, «para tingir».

Das sementes não falla Orta; mas extrahem d'ellas um oleo ou manteiga vegetal, chamado *kokam*, que tem usos medicinaes, e segundo se diz serve tambem para adulterar o *ghí*. De passagem notaremos, que esta substancia foi chimicamente estudada pelo fallecido professor portuguez Oliveira Pimentel (Visconde de Villa Maior), em collaboraçao com J. Bouis (Cf. Hooker, *Flora of British India*, I, 261, advertindo que Garcia da Orta vem ali incorrectamente citado quanto á data; Dymock, *Mat. med.*, 79; *Comptes rendus*, XLIV, 1355).

NOTA (2)

O «Ber», ou «Bor», ou «Vidara» de Orta é o *Zizyphus Jujuba*, Lamk., que se chama em sanskrito वदरी *vadarī*, e em hindustani बेर *ber* ou *ber*. Esta pequena arvore espinhosa (pelas stipulas transformadas) encontra-se espontanea na India, e é tambem cultivada. O seu fructo, uma drupa globosa, amarella quando madura, é um objecto de consumo geral n'aquelle região, e a cultura tem dado já logar á formação de diversas variedades. Ainslie, por informaçao do dr. Wallich, nota a existencia de uma variedade excellente, de fructos alongados, que é sem duvida a mesma de que falla Orta: «humas compridas, que são muito saborosas» (Cf. Ainslie, *Materia Indica*, II, 94).

Orta distingue com rasão esta planta da que dá as *maçans d'anafega* mais geralmente chamadas *jujubas*, a qual é o *Zizyphus vulgaris*, Lamk., e se encontra tambem na India, sendo cultivada em muitas outras regiões quentes e temperadas, por exemplo, no sul da Europa (Cf. De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 154).

NOTA (3)

Depois veremos quaes foram as relações de boa amisade, que existiam entre Garcia da Orta e Buhrán Nizam Sháh, o qual era —como diz Diogo do Couto— «o mais valoroso, franco, liberal e justiçoso rei de todos os do seu tempo e vizinhos». Por agora devemos unicamente examinar a questão do estipendio offerecido ao medico portuguez.

Clusius —nas suas notas—achou-o exagerado, e é de opinião que se deve ler quatro em lugar de quarenta. Effectivamente, a somma de quarenta mil pardáus é elevada. Computando o pardáu em 300 réis — o que resulta de muitos apontamentos do *Tombo do Estado da India* — dá-nos 12:000\$000 de réis. Ora, o governador da India recebia então 3:200\$000 réis, com mais uns 600 quintaes de pimenta; e os outros ordenados eram muito inferiores. O physico mó, por exemplo, recebia apenas 44\$200 réis annuaes. Advirta-se, que, attendendo ao *valor intrínseco do real*, todas estas quantias seriam um pouco mais de cinco vezes superiores ao indicado, e que o estipendio de Orta andaria por 60:000\$000 de réis da moeda actual; e attendendo ao *poder efectivo* da moeda nos meados do seculo xvi, estes 60:000\$000 de réis equivaliam pelo menos a 180:000\$000 réis dos nossos dias¹. Por mais franco e liberal que fosse Buhrán, a paga seria um pouco forte. Apesar pois de o erro de imprensa ser difícil de admittir, por a quantia estar escripta «quarenta» e não em cifra, devemos suppor que n'este ponto houve um dos mil enganos do compositor, ou um lapso do proprio Orta. O que, em todo o caso, não é admissivel, é que este exagerasse por vaidade e jactancia a quantia que lhe offereceram. Reduzida a cifra á decima parte ainda nos dá o equivalente de 18:000\$000 de réis, e poucos medicos se pagam por esse preço.

O facto de Garcia da Orta não aceitar aquelle brilhante offerecimento explica-se, pois alem de o prenderem em Goa todos os seus habitos e relações, esta passagem para o serviço estipendiado de um rei estranho e mussulmano lhe seria levada a mal, como um abandono de nacionalidade e quasi de religião.

NOTA (4)

Este *Coloquio*, que é sem duvida alguma um dos mais curiosos de todo o livro, é tambem um dos mais difficeis de esclarecer. O nosso Orta, sempre confuso, excede-se n'esta parte, e enredou uma serie de noticias tão desordenadas quanto interessantes. Vamos ver se lhe desfâmos a meada.

Diz elle, que um «poderoso Rey do reino Dely» conquistára haveria 300 annos aquellas terras do sul. Não diz o nome do rei, mas João de Barros, que nas suas *Decadas* falla tambem do rei que conquistou o

¹ No meu anterior trabalho sobre Garcia da Orta, e a proposito das rendas de Bombaim, eu não fiz por inadvertencia esta comparação da antiga moeda com o seu actual valor; a qual, de resto, tem sido omittida por quasi todos os nossos modernos escriptores sobre cousas da India. Vejam-se sobre esta questão algumas das notas seguintes, particularmente as notas ao *Coloquio do cravo*.

Deckan, chama-lhe Xa Nosaradin. Barros, porém, deve estar enganado, pois Nasir ed-Din nunca estendeu as suas conquistas tanto para o sul. O soberano de Dehli a quem Orta se quer referir, devia ser Alá ed-Din Khiljy. O seu general Aluf Khan tomou aos Rájputs as terras do Guzerate — a que Orta chama Cambaya —; e mais tarde, outro dos seus generaes, um antigo escravo, chamado Melik Kásfur, correu e senhoreou todo o litoral do Concan e Canará, assim como o Deckan interior — o Balagate de Orta. Como Alá ed-Din Khiljy reinou em Dehli do anno de 1296 ao de 1316, e Orta escrevia ahi pelo de 1560, temos quasi a conta dos seus 300 annos (Cf. Barros, *Asia*, II, V, 2; Elphinstone, *The history of India*, 6.th édition by Cowel, 390 et seqq.; Mahomed Kasim Ferishta, *History of the rise of the Mahomedan power in India*, traducção do coronel Briggs, I, 321 a 385).

Segundo Orta, a terra foi tomada aos Reisbutos, aos Colles e aos Venezaras.

Os «Reisbutos» não são difficéis de identificar com os conhecidos *Rájputs*, nome que vem do sanskrito *Rājaputra*, ou «filhos de rei». Esta grande raça, que se jactava de descender de sangue real, seguia em regra a profissão das armas; e Duarte Barbosa, um dos portuguezes de então que melhor viram as cousas da India, chama-lhes correctamente: «hos cavalleiros e defensores da terra». Posto que espalhados por quasi toda a India, eram mais numerosos n'aquelle região de noroeste, ainda hoje marcada em algumas cartas com o nome de *Rájputana*. Desapossados de parte das suas terras pelos mussulmanos, continuavam no entanto a ter bastante importancia no tempo de Orta, como é facil de ver a cada pagina das historias de Dehli e do Guzerate. Algumas d'estas tribus guerreiras, no momento da sua decadencia, transformaram-se em bandos e quadrilhas de salteadores, como era natural suceder; e varios estados ou cidades lhes pagavam tributos para não serem roubados, uma especie de *black-mail*, como bem diz o nosso escriptor. Os portuguezes chamavam-lhes *Resbutos*, *Reisbutos*, ou com outras formas orthographicas; e o secretario, que redigiu o tratado entre Bahádur Schah e Nuno da Cunha, escreveu *Reis buutos*, voltando assim, sem d'isso ter consciencia, á primitiva significação da primeira parte do nome (Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 276; Felner, *Subsidios*, 137; Elphinstone I. c., 83, 250, etc.; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Rajpoot*).

Os «Colles» ou *Kolis* pertenciam a tribus selvagens das florestas e montanhas, e eram numerosos nos Ghates occidentaes, em terras do Guzerate, do Concan e do Deckan. Esta raça tem caído, e já tinha caído no tempo de Orta, a occupações baixas e servis, sendo os da costa principalmente pescadores e barqueiros. Simão Botelho, no *Tombo do Estado da India*, falla do que elles pagavam de impostos: «E a renda dos coles, que são pescadores que vão pescar ás estaqua-

das do mar, e por este Rio de baçaim...». Parece, todavia, que alguns conservavam uma certa força, se impunham pelo terror mesmo a cidades ou povoações de estados poderosos, e, do mesmo modo que os *Ráiputs*, recebiam aquelles impostos de que Orta falla. João de Barros trata largamente dos impostos que a cidade de Champanel (Champán) pagava aos «*Collijs*», do modo barbáro por que Bahádur Schah tratou os seus enviados, e da vingança que d'isso tirou o «rei (?) dos *Collijs*». Estes *Kolis* occidentaes deviam relacionar-se com outras tribus, *Mundaris*, *Bhils*, etc., que fallam ou fallaram línguas afastadas das do grupo sanskritico e das do grupo dravidico, provisoriamente reunidas no grupo chamado *kolarico*; e eram talvez os descendentes dos antigos habitantes da Índia, os *dayus* dos primeiros Aryas (Cf. Felner, *Subsídios*, 155; Barros, *Asia*, iv, v, 7; um extracto do dr. Carter, *Castes in the Bombay presidency*, no *Indian antiquary*, ii (1873), 154; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Cooli*; Cust, *Modern languages of east Indies*, 79, London, 1878; Latham, *Descript. Ethnology*, ii, 415 et seqq.).

Os «Venezaras» de Orta são os *Banjárás*. Hesitei muito tempo quanto á verdadeira significação d'aquelle singular nome; e, conversando no assumpto com o erudito indianista, Gerson da Cunha, —fo este quem primeiro me sugeriu a identificação. Achei depois, que já fôra feita no excellente *Glossario* de H. Yule e A. Burnell, tão cheio de preciosas indicações de todo o genero. Os *brinjarries*, *banjárás*, ou *yanjárás* são uns comerciantes nomadas, de raça especial e origem um tanto problematica, que desde tempos antigos percorrem a Índia com grandes manadas ou cafilas de bois mansos, carregados de cereaes, sal e outras mercadorias. Duarte Barbosa conhecia-os, sem lhes saber ou pelo menos sem lhes citar o nome. Fallando de uma especie de feira, que se fazia em Chaul, diz assim:

«hos mercadores que aquy vem tratar no tempo que acima digo, hos que saom do certam vem por tera, e assentaom araiam com tudo ho que trazem, em hū lugar que estaa de Chaul contra o certam hūa pequena leguoa; trazem estes suas mercadorias em muy grandes recouas de bois mansos, com suas albardas, como castelhanas, e em cima hūas sacas compridas atravesadas, sobre que carregaom suas mercadorias, e traz logo hūu condutor que leva vinte, trinta bois diante de sy.»

Aos mesmos negociantes se deve referir Gaspar Corrêa; mas também lhes não cita o nome:

«... huma nova estrada que agora se fazia pola Serra, e corria para as terras d'Orixá e de Bencalla, que erão cafilas de bois de carga, que cada hum levava em alforges hum bár de pimenta, e erão tantos que exgotavão toda a pimenta, porque trazião arroz de Choramandel...»

Estes *yanjárás* foram sempre conhecidos como negociantes nomadas, e de certo não estavam fixados, nem eram senhores de terras, pelo menos em uma data tão recente, como seria a epocha da conquista mus-

sulmana. N'esta parte Orta deve estar enganado. E este engano, junto á dissimilhança que ha entre *vanjárá* e *venezara*, podia lançar alguma duvida sobre a identificação. É certo, porém, que outros viajantes, referindo-se evidentemente aos *vanjárás*, lhes dão o mesmo nome que Orta. João Alberto de Mandeslo, que andou pela India no anno de 1639, falla dos negociantes que percorrem o Deckan e Hindustan com cafilas ou caravanas de nove e dez mil animaes carregados de arroz, trigo e outras mercadorias, e acompanhados sempre pelas mulheres e familias; e diz que lhes chamam *Venesares*.

(Duarte Barbosa, *Livro*, 290; *Lendas*, II, 559; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Brinjarry*; resumo das viagens de Mandeslo, na *Hist. génér. des Voyages*, XXXVII, 249, París, 1752).

NOTA (5)

Sobre esta indicação, de o reino de Dehli confinar com o Khorásán veja-se a nota (1) ao *Coloquio* VII. E quanto ao clima do Panjáb e outras provincias do norte da India, é certo ser tanto ou mais rigoroso do que Orta o descreve.

NOTA (6)

Os «Mogores» de Orta vinham commandados pelo celebre Báber, o qual descendia de raça turca chagatai pelo pae, e de raça mongol pela mãe; e fundou na India o poderosissimo imperio, vulgarmente chamado do Grão-Mogol, que deixou a seu filho Humáyum. Báber tomou Dehli e Agra no anno de 1526; e Orta é pois exactissimo dizendo: «ha mais de 30 annos» (Cf. Erskine, *History of Báber and Humáyum*, I, 437 et seqq.).

O «irmão d'el-rei Dely», que Orta conheceu pessoalmente, chama-se Mohammed Zéman Mirza, e era casado com Maasúma Sultan Begum, filha de Báber, sendo, portanto, cunhado e não irmão de Humáyum. Este personagem, bastante inquieto e turbulent, tinha entrado em varias conspirações contra o cunhado, e veiu fugido para a corte de Bahádur Scháh pelos fins do anno de 1534, ou correr do seguinte. No mesmo anno de 1535, o nosso Orta veiu para Diu na expedição de Martim Affonso de Sousa, como contámos largamente na sua vida; e ali o encontrou então no sequito de Bahádur (Cf. Erskine, II, 13 et seqq.; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 95 et seqq.).

Deve notar-se, que o tal Mohammed teve muitas relações com os portuguezes, e foi mesmo favorecido por Nuno da Cunha nas suas pretensões ao throno de Cambaya, depois da morte violenta de Bahádur.

Gaspar Corrêa falla d'elle, chamando-lhe Mamedascão; Barros dá-lhe mais correctamente o nome de Mir Mohamed Zaman; e Couto dedica-lhe um capitolo quasi completo, mas em alguns pontos confuso e inexacto (Cf. *Lendas*, III, 788; Barros, *Ásia*, IV, VIII, 10 e 11; Couto, *Ásia*, V, I, 13).

NOTA (7)

Se do «cavalleiro de uma lança» se não poderia fazer uma chronica superior á do grande Timur — como diz o nosso Orta — é certo que elle foi uma figura notabilissima na historia da India; assim como é certo, que as noticias de Orta sobre a sua vida são em substancia verdadeiras.

Scher Khan, conhecido depois de rei pelo nome de Scher Schah, era um afghan da tribu de Súr, a qual occupava o Roh, uma região montanhosa para os lados de Pesháwar. Orta é, pois, exacto dizendo que elle era «patane», pois os nossos escriptores nunca empregam o nome de afghan, que parecem desconhecer, e designam sempre aquelles povos, de origem um pouco duvidosa e fallando uma lingua do grupo iranico, o *pashtu*, pelo nome equivalente de patane, ou *pátan*. E quando Orta diz, que elle era de umas «serras que partião com Bengala», não o diz por engano, deslocando o Roh e o Afghanistan para o centro da India, mas quer referir-se ás terras confinantes com Bengala, onde dominavam os afghans, que em grande numero entraram na India quando governavam em Dehli sultões da sua raça. Barros tambem colloca os patanes tocando em Bengala; e Gaspar Corrêa situa muito claramente o «reyno dos Patanes», entre o reino de Dehli e o reino de Bengala. N'esta situação houve effectivamente e durante pouco tempo um estado afghan independente, estabelecido nas terras de Behar e Juanpúra, e governado pelo sultão Mohammed Lohani e outros. Ora Scher Khan, que já nascera na India, era patane de raça, mas originario d'aquellas regiões.

Da historia, bem conhecida, de Scher Scháh, bastará recordar as circumstancias essenciaes, que concordam com o que diz o nosso autor; isto é, que elle se apossou do reino de Bengala, e mais tarde do grande imperio de Dehli, sendo então, durante alguns annos (1540-1545) um dos maiores potentados de todo o Oriente.

D'este Scher Khan fallam bastante os nossos escriptores, porque, quando elle atacou Bengala, andava por lá um troço de portuguezes, sob o commando de Martim Affonso de Mello. Barros chama-lhe Xerchan, e Gaspar Corrêa, Xercansor (de Scher Khan Súr). Tanto Barros como Couto, mencionam aquelle titulo de rei do Mundo, *Xiah Olam*, ou *Xah Holão*, a que Orta se refere, mas não encontrei esta noticia confirmada pelos escriptores modernos ou orientaes, que pude con-

sultar (Cf. Elphinstone, 456; Ferishta, II, 98 a 125; Erskine, II, 110 et seqq.; Barros, *Asia*, IV, IX, 6 e seguintes; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 719 et seqq.).

NOTA (8)

A cordilheira de montanhas, que vem ao longo da costa occidental da India, recebe em geral o nome de *Ghāt*, *Guate* ou *Gate* na orthographia dos nossos. D'ella fallaram varias vezes os escriptores portuguezes, e entre estes Camões:

Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,...

A palavra maratha *ghāt* significava propriamente um desfiladeiro, ou cortadura da montanha, por onde esta se podia atravessar; mas veiu a ser tomada no sentido geral de serra, como a toma Orta e a tomo tambem Barros, ou como sendo o nome proprio d'aquelle serra. O reparo orographicco de Orta é exacto, porque o desnivellamento ou descida para o interior é relativamente pequeno, ficando por detraz dos Ghates os grandes planaltos centraes da India. A esses planaltos davam o nome de Balagate (Orta escreve habitualmente Balagate e algumas vezes Balaguate), da palavra persiana *bála*, que significa acima. O Balagate estava, pois, acima da montanha, litteralmente acima dos desfiladeiros, por onde essa montanha se podia subir (Cf. Yule e Burrell, *Glossary*, nas palavras *Balaghaut* e *Ghaut*; Barros, *Asia*, I, IV, 7).

NOTA (9)

Toda esta pagina contém varias inexactidões, que é necessario apontar; mas antes devemos explicar a discrepancia que existe entre o texto portuguez de Garcia da Orta, e a versão latina de Clusius.

Na sua habitual desordem de redacção, o nosso escriptor esquece-se das suas digressões a proposito dos ultimos soberanos de Dehli, Báber, Humáyum, e Scher Scháh, retrocede de tres seculos a fallar do primeiro rei a que se referiu, e diz «este rey Dely». Clusius não o percebeu bem — o que, seja dito em abono da verdade, lhe sucedeu poucas vezes — e, enganado pela forma grammatical, attribuiu tudo quanto se segue a Scher Schah, o que é simplesmente absurdo e historicamente inintelli-

givel. A verdade é, que Orta quer fallar de Alá ed-Din; mas ainda com esta correcção está longe de ser exacto.

Em primeiro logar dá a entender, que a separação do Deckan teve logar logo em seguida á conquista. Isto não é verdade; o Deckan, anexado em grande parte ao imperio de Dehli no reinado de Alá ed-Din, só se separou perto de cincoenta annos depois no reinado de Mahomed Tuglak, quando Haçan Gangú (1347) fundou no sul a dynastia independente de Bahmany (Cf. Ferishta, II, 290, etc.).

Em segundo logar, Orta falla da divisão do Deckan — a qual não foi, nem tão voluntaria, nem tão regular quanto elle, diz — como de um successo immediato á sua independencia. Vae aqui envolvido um anachronismo ainda mais grave que o anterior. O Deckan conservou-se independente e unido perto de cento e cincoenta annos, do meiado do seculo XIV aos fins do XV ou principios do XVI. Foi só então, no reinado do fraco Mahmud Scháh II, que os senhores mais poderosos da corte, Yusuf Adil Khán, Nizam el-Mulk, Kasim Berid e outros se declararam independentes, e fundaram outras tantas dynastias, o que veremos melhor na nota seguinte.

Apesar d'estes erros, vê-se que o nosso escriptor tinha um certo conhecimento dos successos politicos a que se refere. Assim, o que nos diz sobre a estada do «rey Daquem», isto é, de Mahmud Scháh, em Bider, sob a guarda, ou antes na custodia de Kasim Berid, é perfeitamente exacto, como é exacta a sua noticia em relação ás formulas de respeito, que os revoltosos conservaram durante algum tempo na presença do seu antigo soberano (Cf. Ferishta, II, 519 et seqq.).

NOTA (10)

Vamos ver se deslindâmos quem foram todos estes personagens, e começemos pelos mais conhecidos.

Diz Orta: «o bisavô d'este Adelham que agora hé...». Este bisavô era Yusuf Adil Khán, o qual veiu para a India na qualidade de escravo; mas alguns diziam ser filho do sultão ottomano Amurat II. No reinado de Mahomed Bahmany chegou a adquirir uma grande importancia, sendo o chefe do partido dos estrangeiros, árabes, persas, turcos do norte e da Asia menor ou: «Turcos, Rumes, e Corações e Arabios», como Orta diz correctamente. Durante a anarchia, que se estabeleceu no reinado de Mahmud, successor de Mahomed, declarou-se independente, mandando ler a *khutbah* em seu nome, e tomando o titulo real de Adil Schah, que depois usaram os seus descendentes. Bijapúra era a capital dos seus estados, que se alongavam á parte do Concan onde ficava Goa. A este e aos seus sucessores chamaram os escriptores portuguezes Hidalcão e Sabayo — Hidalcão pela corrupção de Adil

Khán¹, e Sabayo pelos motivos que veremos adiante. Yusuf morreu no anno de 1510, no intervallo que decorreu entre as duas tomadas de Goa por Affonso de Albuquerque. Succedeu-lhe seu filho Ismael Adil Scháh, o qual morreu no anno de 1534, data que Orta confundiu com a da morte do pae. A Ismael sucedeu seu filho, Mullú, a este um irmão, chamado Ibrahim, e a Ibrahim, no anno de 1557, seu filho Ali, o qual reinava no tempo em que Orta escrevia, e era, como se vê, bisneta de Yusuf² (Cf. Ferishta, III, 4 a 112; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 224).

Diz Orta: «E o avô d'este Nizamaluco...» Segundo o historiador Ferishta, o primeiro personagem importante d'esta linha foi um hindú do Deckan, um «Decanim» pois, como affirma o nosso escriptor. Quando mudou de religião, mudou tambem o seu antigo nome de Timapa no de Haçan Bheiry, e foi depois mais conhecido pelo seu titulo de Nizam el-Mulk. Em seguida á sua morte violenta, seu filho Ahmed declarou-se independente no seu feudo ou *jagir*, fundando a capital a que deu o nome de Ahmednagar, e tomando a designação real de Ahmed Nizam Scháh. Succedeu a Ahmed, no anno de 1508 ou 1509, seu filho Buhrán Nizam Scháh, o qual foi o grande e intimo amigo de Garcia da Orta. E, por morte de Buhrán (1553), sucedeu-lhe Huçein, o qual reinava quando Orta escreveu, e era effectivamente neto do primeiro Nizam Scháh. Os portuguezes chamaram aos soberanos d'esta dynastia indistinctamente «Nizamaluco» e «Nizamoxa», accentuando a ultima syllaba. No tratado de paz de Buhrán com D. Garcia de Noronha diz-se: «hu Niza muxaa, que dantes se chamava hu Niza maluquo.» (Cf. Ferishta, III, 189 a 237; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 227 et seqq.).

Diz Orta: «O Imadmaluco, ou Madremaluco ... foi Cherquez de nação ... e morreu no anno de 1546.» Está n'este ponto menos bem informado. Segundo Ferishta, Fath Ullah, que teve primeiro o titulo de Imad el-Mulk, era um hindú, e não um «Cherques» ou circassiano. Morreu no anno de 1484; e mesmo o seu filho, o primeiro que usou o titulo real de Imad Scháh, morreu antes da data indicada pelo nosso escriptor. A capital de Berar —o pequeno reino do Imad Scháh — era em Elichpúra (Cf. Elphinstone, 761; Ferishta, III, 485 a 489).

Diz Orta: «O Cotal maluco que morreu no anno de 1548 ... foi Coraçone de nação». Dizem os escriptores orientaes, que Sultan Kulí era turco ou turcomano de raça, mas nascera na província de Hamadan da Persia —isto é no «Coraçone», no sentido lato que Orta dá á palavra. Pertencia á familia celebre dos *Kara-cuyinlu*, ou do Carneiro

¹ Hidalcão ou Idalcão; o *h* com que habitualmente o escreviam resultava do som guttural da letra *ain* (ع) pela qual começava o nome de Adil.

² Orta refere-se logo adiante ao mesmo personagem, escrevendo o nome Idalham, e dizendo que era neto do antigo senhor de Goa; mas a primeira afirmação é a verdadeira.

preto, e veiu para a India fugindo ás perseguições dos *Ak-cuvinlu* ou do Carneiro branco. Nomeado Qutb el-Mulk pelo rei do Deckan, foi um dos ultimos que abandonou o partido do soberano e declarou a sua independencia, tomando então o titulo de Qutb Scháh. A capital dos seus estados era na celebrada Gólconda. Foi assassinado, sendo já muito velho, no anno de 1543 (Cf. Ferishta, III, 321; e outra relação dada por Briggs em appendice, l. c. 339 et seqq.).

Diz finalmente Orta: «O Verido, que morreu no anno de 1510, soy Ungaro de nação, e primeiro christão...». Ferishta affirma, que Kasim Berid era um escravo georgiano, vendido a Mahomed Scháh por Khuája Sahib ed-Din. A procedencia, porém, d'estes escravos do Occidente era difficil de averiguar, e nada nos impede de acceitar a versão de Orta, tanto mais que elle assegura tel-a obtido por «certa enformação». Kasim Berid foi primeiro ministro de Mahmud Scháh, e governou em Bider, durante tempo em nome do Scháh, e depois em seu proprio nome. Quando morreu (1504 e não 1510), seu filho Amir tomou o titulo de Berid Scháh (Cf. Ferishta, III, 495).

Quanto ao «Mohadum Coja», um dos que se rebellaram, e houve as cidades de «Visapor, e Solapor e Paranda», devia ser um certo Khuája Jehan Deckany, tambem conhecido pelo titulo de Mukdum Khan, ao qual Mahmud Scháh dera as fortalezas de Purenda (ou Parenda) e Sholapúra, e depois figurou bastante nas intrigas e luctas d'aquelle epocha (Cf. Ferishta, II, 529).

Não posso identificar com segurança o «Veriche»; as suas terras, confinando com Cambaya e com os estados de Nizam-Schah, deviam estar situadas na bacia do Tapti, e portanto no Kándésh; mas não encontro n'este tempo e região pessoa importante de nome parecido.

NOTA (11)

Para estabelecer uma similitude de ordem nas noticias do nosso escriptor, vejamos primeiro o que nos diz das distincções e titulos em geral, e depois trataremos dos nomes proprios das pessoas.

Rājā (राजा), *rāj*, e d'ahi *ray*, *rāo*, significava rei em sanskrito e nas modernas linguas derivadas, isto é, «acerca dos gentios»; e os mouros ou mussulmanos usavam tambem d'estas designações, restringindo-as geralmente aos principes hindús.

O mesmo succedia com a palavra *naik*, *naique* (sanskrito *naika*), que significava conductor ou chefe, e d'ahi «capitão», como Orta diz. Os portuguezes designavam com este nome os officiaes indigenas ao seu serviço. Encontram-se no *Tombo do Estado da India* muitas inscrições analogas á seguinte que damos como exemplo: «E a hum naique com seis piões... que todos servem o governador...» Parece, porém,

que os naiques tinham pouca auctoridade, e se podem comparar apenas com os sargentos ou officiaes inferiores.

Não me consta que o rājā de Bijayanagar tivesse um titulo especial— como era o de *Rana* em Udipúra—ou fosse chamado o Rājā por excellencia. Isto devia, porém, succeder em Goa, pois nas vizinhanças não existia outro principe hindú de poder igual, nem mesmo comparavel.

Bijayanagar, ou Vijayanagara (a cidade da victoria), que os portuguezes escreviam Bisnaguer, Bisnagua, Bisnagá, era a capital de um poderoso estado hindú, chamado pelos nossos reino de Narsinga, do nome de um dos seus antigos soberanos *Narasinha* (o homem leão). Orta aponta com rasão o grande poder d'aquelle estado «nos tempos d'agora», isto é, pelas proximidades do anno de 1560. Effectivamente havia augmentado muito em importancia no reinado de Krishna Raya; e tanto, que pouco depois (1565) todos os soberanos mussulmanos do Deckan se ligaram contra Ram Rajā, successor de Krishna, desbaratando-o na importante batalha de Talicót. O grande e rico estado hindú ficou então aniquilado, porque —como diz Orta, na sua tranquilla philosophia— «todas as cousas socedem ás vezes». (Cf. Elphinstone, 477; Ferishta, III, 127, 414).

Os titulos, indicados por Garcia da Orta, e usados pelos puros musulmanos, foram bem conhecidos na India, predominando n'uma certa successão, que é interessante notar.

Os primeiros que ali entraram, arabes pela maior parte, contentaram-se com o titulo supremo puramente arabico de شیخ, scheikh, ou *Xequ* na orthographia dos nossos. Significava simplesmente velho, *senex*, e veio a designar o chefe, por uma derivação de sentido absolutamente igual á da nossa palavra portugueza *senhor* (do latim *senorem*). Depois, sob a influencia dos faustosos e apparatosos Khalifas, multiplicaram-se as designações pomposas, *Sol da fé*, *Leão de Deus*, *Estrella do reino*, e varias mais que adiante veremos.

A onda de conquistadores e aventureiros do norte trouxe para a India aquelle titulo, que Orta diz correctamente ser tartaro e escreve *Ham*, ou maliciosamente *Cam*, isto é khán, خان, que em turco significa principe. O filho do grande Chengíz-Khan, Okkodai, assumiu o titulo muito superior de Cáán, Qáán, ou Kháqán. Este era, assim como os seus successores, aquelle mysterioso potentado, o *Grão Cão da Tartaria*, ás vezes chamado *Grande Cão*—fr. Odorico escreve em latim, *magnus canis*. Os restantes principes usavam, porém, o titulo mais modesto de khan, que depois na India se vulgarisou muito, dando-se a quasi todos os generaes, e a outras pessoas importantes.

Finalmente, sob os Kiljis de Dehli, empregou-se com frequencia a designação de *Melique*, مالک, melik, muito usada entre afghans.

Significava primitivamente rei; mas distribuia-se com tanta prodigalidade, que Orta tem toda a razão em lhes chamar reisinhos.

O título de scháh, شاه, na nossa orthographia antiga *Xa¹*, era muito superior; e — com rarissimas exceções — só se dava a príncipes reinantes de estados independentes. Era efectivamente de origem persiana; mas Orta está enganado quando atribue a sua introdução no Deckan á influencia de Thamasp, pois se usava muito antes em Dehli, e no próprio Deckan. (Cf. Yule, *Cathay*, cxvii, e 128; D'Ohsson, *Hist. des Mongols*, II, 11; uma nota do coronel Briggs, em Ferishta, I, 291; Blochmann, *Biogr. notes of grandees of the mughul Court*, no *Ind. Ant.* (1872), p. 259 et seqq.).

Vejamos agora o que Orta nos diz dos títulos e nomes especiaes de algumas pessoas.

D'entre os hindús, cita apenas o nome do seu conhecido «Chita Rao», que diz significar «rey tão forte como uma onça». Chitá é efectivamente o nome da onça ou leopardo de caça, o *Felix jubata*; e deriva-se de *chitraka*, que significa pintado ou malhado.

D'entre os mussulmanos, menciona varios nomes com as suas derivações, em grande parte exactas.

«Adelham» — diz elle — significa «rey de justiça». Isto é exacto: عدل, *adil*, significa justiça e justo (*justitia, æquitas, justus, æquus* em Freytag) d'onde خان, *�ان*, o príncipe justo. Orta é menos feliz na explicação do nome de Sabayo, pelo qual tambem era conhecido o mesmo personagem; «saibo», isto é صاحب, *sahib*, quer efectivamente dizer senhor (*dominus, minister regis* em Freytag); mas esta não é a origem. Yusuf era natural ou, pelo menos, procedente da cidade persiana de Sawah, a cujos habitantes se dava o nome de ساوی, *sawi*, d'onde Sabayo, como o nosso João de Barros sabia e explica mui correcta e claramente (Cf. Meynard, *Dict. de la Perse*, 299; Ferishta, III, 8; Barros, *Asia*, II, V, 2).

Orta deriva *Niżam el-Mulk* de *neżā* (lança em persiano), no que se engana. *Niżam* significa ordenamento, d'onde نظام الملك, *Niżam el-Mulk* significa o *administrador* ou *regulador do estado*.

Deriva Cotalmaluco ou *Qutb el-Mulk* de *cota*, fortaleza; quando o nome é ainda mais pomoso; قطب الملك, quer dizer a *estrella polar do estado*.

¹ A velha orthographia portugueza dos nomes orientaes era sonicamente muito exacta. Xá e xeque dão-nos bem o som das palavras persiana e arabica, como Xercansor nos dá muito proximamente Scher Khan Sür. Pareceu-me, porém, que a sua adopção seria hoje inadmissivel, porque a orthographia se dirige aos olhos, tanto pelo menos como aos ouvidos, e esta volta a fórmas já hoje desusadas introduz um elemento de incerteza na leitura.

É exacto na derivação de Imadmaluco, *Imad el-Mulk*, عِمَادُ الْمُلْكِ, que de feito significa o *esteio* ou *pilar do estado*.

Finalmente deriva «Verido» de «recado» ou «guarda», no que parece não andar muito longe da verdade. O coronel Briggs, no *Appendix* á sua versão de Ferishta, dá a *Berid*, بَرِيدٌ, o sentido de illustre. Blochmann, porém, diz que *Barid* (do latim *veredus*) era um dos cargos da corte, *court intelligencer*, o que se não afasta da interpretação de Orta (Cf. Briggs, no *Appendix* i a Ferishta, vol. iv, p. 561, d'onde principalmente extrahi as notícias precedentes; Blochmann, l. c., p. 260)

NOTA (12)

A notícia de Orta sobre o grande Ismael da Persia é fundada na verdade dos factos, posto que envolvida em muitas circunstâncias inexactas ou mal interpretadas. Assim, Ismael não se levantou contra o «Grão Turco», mas revoltou-se contra os então soberanos da Persia, da família dos *Ak-cuvinlu*, do Carneiro branco, que eram de raça turca ou turcomana; e só mais tarde esteve em guerra com o Grão Turco, o sultão otomano Selim I. Assim também, não era de «baixa extracção», pois descendia em linha directa nada menos que de Alí e de Fatima, a filha do Profeta; mas era um simples scheikh, filho de scheikh Haidar, o que alguns lhe lançavam em rosto. Mesmo depois de rei, continuaram a chamar-lhe o scheikh Ismael — *Xequesmael* escrevem os nossos portuguezes do tempo. Também se não chamava «Çufi», porque tivesse um grande capitão d'este nome. A designação de *Sophi*, *Sofi*, ou *Sufi* vinha-lhe da seita mystico-pantheista, a que pertenciam os seus ascendentes, nomeadamente aquelle celebre e santo scheikh Saifú ed-Din de Ardebil, contemporâneo e conhecido do grande conquistador Timur. Ainda não é exacto, que elle fosse «contra Mafamed»; era pelo contrário um zeloso mussulmano, apenas adverso aos *Sunnitas* ortodoxos, e pertencente á crença *Schiita*, que venerava particularmente Fatima, Alí e os doze Imams. E as relações que Ismael e seu filho Thamasp tiveram com os reis mussulmanos do Deckan, contribuiram de certo para alargar ali esta fórmula schiita do islamismo, que, entre outros, professava o Nizam Scháh, como o nosso Orta afirma com razão. Este, porém, engana-se quando diz, que Ismael ou Thamasp deram áquelles soberanos o título de Scháh, pois é certo que se usava anteriormente na Índia (Cf. Teixeira, *Relaciones*, 359 et seqq.; artigo *Sunnites and Shiites* na *Encycl. Britannica*; Gobineau, *Trois ans en Asie*, 323 et seqq., Parfs, 1859; veja-se também todo o interessante capítulo de João de Barros, *Asia*, II, x, 6).

Já que fallámos de Ismael Scháh, não virá fóra de propósito recordar brevemente as boas relações, que existiram entre o grande rei da

Persia e o grande governador da India. A primeira embaixada de Ismael encontrou-se fortuitamente com Affonso de Albuquerque; vinha dirigida ao Adil Scháh, e deu com os portuguezes já senhores de Goa. O governador, porém, recebeu o embaixador com demonstrações de amizade, e mandou com elle um enviado seu, Ruy Gomes, munido de prudentes instruções, o qual, ao que parece, foi envenenado em Hormuz e nunca chegou ao seu destino (*Lendas*, II, 69 et seqq.). No anno de 1512 voltou á India um embaixador de Ismael, e na sua companhia mandou Affonso de Albuquerque, Miguel Ferreira, dando-lhe instruções extremamente meticulosas e curiosas, e uma carta sua para o Scháh, transcripta por Gaspar Corrêa, mas de cuja authenticidade é licito duvidar (*Lendas*, II, 358). Miguel Ferreira foi recebido pelo Scháh em Schiraz, e ficou muito tempo pela Persia, assistindo a festas e caçadas de que Gaspar Corrêa dá interessantes descripções (*Lendas*, II, 409 a 417). Quando voltou, veiu com elle outro embaixador de Ismael Scháh, que Affonso de Albuquerque, então em Hormuz, recebeu pomposamente (*Lendas* II, 423; Barros, *Asia*, II, x, 4). D'ali mesmo mandou um novo enviado ao Scháh, Fernão Gomes de Lemos, dando-lhe um *regimento* ou instruções especiaes, um rico presente e uma nova carta para o Scháh. Esta carta vem transcripta também por Gaspar Corrêa; mas é evidentemente falsa, pois temos a verdadeira, muito mais digna, e muito mais na indole e modo de dizer de Albuquerque. É assim intitulada: *Carta d'Afonso d'Albuquerque, capitão e governador da India, ao Xeque Ismael, Rei das carapuças Roxas* (Cf. *Cartas de Affonso de Albuquerque*, p. 387 et seqq., Lisboa, 1884).

Até aqui, as relações de Affonso de Albuquerque com Ismael; mas não podemos deixar de ao menos mencionar ainda a embaixada de Balthazar Pessoa, no governo de D. Duarte de Menezes, porque n'essa embaixada ia um dos mais verídicos, mais indagadores e mais interessantes dos viajantes portuguezes, Antonio Tenreyro. É bem conhecido o seu *Itinerario*, e é bem sabido que elle estava em Tabriz quando morreu Ismael, e foi levantado ao trono o seu filho Thamasp.

NOTA (13)

Os nomes das peças do xadrez, usados na India, encontram-se em qualquer tratado d'este jogo, por exemplo no de Forbes, e não carecem de elucidação. Mas devemos notar a phrase em que Orta diz: jogam «bem; mas é diferente do nosso jogo.» O xadrez diz-se inventado na India, onde se chamava *Chaturanga*, ou jogo das quatro *angas*, os quatro elementos dos exercitos: elephantes, cavallos, carros e peões. Da India passou para a Persia, onde os arabes o encontraram e adoptaram, chamando-lhe por corrupção e alteração de alfabeto, *شطرنج*,

schatrandj; e d'este caminho ficou uma curiosa indicação na expressão *xaque-mate*, composta do substantivo persiano *scháh*, e do verbo árabe *mát*. Mas voltando ao *schatrandj*, este jogo usou-se na Europa durante toda a idade media, soffrendo no seculo xv modificações profundas, que o converteram no xadrez moderno. Vê-se, pois, que Garcia da Orta, conhecendo de Portugal e Hespanha o novo jogo, devia notar diferenças no movimento das peças e outras particularidades, quando no Oriente encontrou a antiga fórmula.

NOTA (14)

Se agora considerarmos em globo as notícias dadas por Garcia da Orta n'este *Coloquio*, poderemos notar sem parcialidade, que são pela maior parte exactas, e muitas d'ellas especialmente suas, não dadas nem conhecidas de outros escriptores nossos, mesmo dos mais bem informados, como era João de Barros. E alguns escriptores estrangeiros, como Linschoten, não fizeram mais do que copial-o. Todo o *capitulo xxvii* d'este auctor é o mais descarado plagiato, repetindo tudo quanto Orta disse, sem acrescentar ou emendar cousa alguma. É mesmo facil ver, que foi moldado pela versão latina, e não pelo texto portuguez. De quando em quando, o plagiato pretende occultar-se sob uns artifícios infantis. Orta disse do reino de Dehli «he terra muito fria, e neva e gea n'ella como na nossa». Clusius traduziu: *Frigida admodum est regio, nivibus et gelu per hiemem non minus divexata, quam nostra Europa*. E Linschoten diz: *hyemis qualitate provinciis Belgicis haud assimilis*. Esta menção dos Paizes Baixos tem evidentemente o fim de dar á phrase o cunho da nacionalidade do auctor; mas só pôde illudir a quem não cotejar cuidadosamente o *Coloquio do Ber*, a sua traducção no *capitulo xxviii* de Clusius, *De quibusdam Indiae regibus*, e o *capitulo xxvii* de Linschoten *Brevis descriptio terrae post Goam ...* que elle tranquillamente diz ser tirado, *ex annalibus, monumentisque ipsorum Indorum*, quando é todo copiado dos *Coloquios*.

COLOQUIO UNDECIMO DO CALAMO

AROMATICICO E DAS CACERAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Dizeyme agora os nomes do *calamo aromatico* ácerca das nações que sabeis, porque pollos nomes venhamos em coñecimento do que he; porque os nossos doctores modernos tem grandes duvidas nelle e no *acoro*, que dizem huns que he o *calamo aromatico*, outros dizem que a *galamga* he o *calamo*. Em tal maneira está esta meada empeçada, que tem necessidade de hum bom sergueiro pera a desempeçar; e por tanto venho a vós que, pois conheceis estes simples, que a desempeçais.

ORTA

O que lá em Portugal se usa em as boticas por *calamo aromatico*, e que na India he mézinha mais usada, assi nos homens como nas mulheres, como nos cavalos pera suas doenças, chamase em Guzarete *vaz*, e o Decanim o chama *bache*, e em Malabar *vazabu*, e em Malaio *daringó*, e em Persio *heger*, e em Cumcam, que he a fralda do mar, *vaicam*; e em Arabio *cassab aldirira*.

RUANO

Pois Serapiam, que he arabio e de auctoridade, o chama *assabel diriri**.

* Serapio, cap. 205 (nota do auctor).

ORTA

Serapio está corruto, e Avicena está emmendado, e mais os Arabios fisicos lhe chamam este nome; e o mesmo soa *cassab* que *calamo*, e *aldirira* dos aromaticos; porque *dirire* he o mesmo que he ácerca de nós *aroma*; isto se tira de Avicena*. E porque os Malayoſ souberam esta mézinha por os Mouros, que do Coraçone foram, a chamaram corrutamente *dirimguo*. E esta mézinha he em Goa muito usada e em toda a India se semêa; e aqui em Goa nas hortas cresce pouco, e porém cheira, ao meu gosto, mal; quanto mais verde tanto he o cheiro mais forte e horrido pera mim (posto que diz Ruellio o contrairo); e algumas mézinhas, quanto mais sequas tanto cheiram melhor; assi como o *sandalo* e a *aguila*. Semeam muyto no Guzorate e no Balaguate; e no cabo onde está semeado nam cheira até que seja tirado da terra. Trazse della pera a fralda do mar, porque o que nella nasce se gasta na terra, e o que vem do Balaguate se leva pera o ponente. As mulheres usão muito delle pera as paixões da madre e pera as enfermidades dos nervos (1); tudo o que mais se guasta he, no tempo frio, pera os cavallos; porque por as manhãas lho dão a comer pisado e misturado com alhos e *ameos*, que he cominhos rusticos, e algum sal e manteiga e açucare, e chamam esta mézinha *arata* (2).

RUANO

Nace em outro cabo afóra na India? e parece ser que si, porque Galeno** e Hipocras o chamão *calamo ynguentario*, e Plutarco *calamo arabio*, e Cornelio Celso *calamo alexandrino*.

* Avic., li., 2, cap. 161 e 212 (nota do auctor). A citação está errada; o capitulo do *calamo aromatico* em Avicenna é 160. A significação da palavra *dirire* deduziu Orta da leitura do capitulo 79.

** Galen., Sim. medica. lib. 1 (nota do auctor).

ORTA

Eu perguntey a muitos Corações e Arabios, que trazem a vender cavalos a esta India, se o havia em sua terra; e todos me dixerão que não havia outro senam o que vinha da India por mercadaria; e pergunteylhes se o conhecão e usavão lá delle, dixeramme que muito bem o conhecão lá, mas que nam era mézinha da sua terra, e nisto se afirmaram todos os mais. E os que dizem que he comum aos Indios e Sirios, não dizem conforme ao que estes mercadores me dixerão, e tambem me dixerão os fisicos do rey do Decam. Assi que os que o chamão da India, dizem verdade; e os que da Arabia, dizem bem, porém que viesse primeiro da India á Arabia. E muito bem falão os que o chamão *alexandrino*, porque dahi vão ter aos Venezianos, e a Beirut e a Tripoli de Suria*.

RUANO

Pois Menardo diz que o vio em Panonia, e que era muito fresco, por onde parecia ser de perto trazido.

ORTA

Nós do que vemos e ouvimos damos fé; e pôde ser que se enganou elle, ou, se o vio, foy semeado em alguns alguidares ou cestos, como se semêa o *gengivre* e nasce; mas a verdade he o que vos dixe, porque se leva lá por mercadaria.

RUANO

Isto que se administra, de que usamos, que he, raiz ou cana?

ORTA

He cana, porque a raiz he pequena e a semeão; e ás vezes vem mesturada a cana com a raiz; e portanto não

* A phrase não tem concordancia, e alem d'isso envolve um erro, pois a mercadaria não devia ir de Alexandria para Tripoli ou Beyrut. Julgo que se pôde reconstruir assim: «porque ahi vão ter os Venezianos, e a Beirut...»

dizem bem os que dizem que he raiz somente, porque isto dizem pera fundar a sua openiam, que *acoro* he *calamo aromatico* ou *galamga*.

RUANO

E porque lhe chamais *aromatico*, pois dizeis que lhe vem do nome arabio?

ORTA

Digo que *aromatico* não quer dizer cheiroso, senam droga trazida destas partes*; e mais eu nam sey *calamo odorato*, mas sey *junco odorato*; e já vedes a diferença que vay de cana a junco, e mais vos faço saber que não he o que está dentro do *calamo* cousa semelhante a tea de aranha, mas antes está dentro huma substancia porosa de cor algum tanto amarella; e nisto se enganarão Avicena e Serapião, que tinham mais razam de saber isto que os Gregos.

RUANO

Dizem estes modernos escritores que o *calamo aromatico* he hum *acoro*, porque a raiz do *acoro* que se nas curas administra, não he *calamo* ou *cana*, senam a raiz que vemos nas boticas.

ORTA

Nisso nam trabalheis, porque somente o *calamo* he o que se vende e usa e nam a raiz, e se o quereis ver, vedello aqui verde e seco.

RUANO

Não duvido já pois o vejo com os olhos; mas dizeyme como *acoro* será *espadana*, pois dizem huns ser preta e outros branca, e que mordica, e que he quente no terceiro gráo; e nós não lhe achamos alguma acrimonia nem quentura; e isto nam tam somente nas regiões frias, mas nem em as quentes; quanto mais que não pôde ser huma mézinha

* Sic na edição de Goa; ignoro completamente o que o nosso escriptor pretende dizer. Estas paginas podem-se contar entre as mais confusas de todo o livro; envolvido em uma questão insolvel, Orta cai em um estylo absolutamente nebuloso.

quente e seca no terceiro, e que, plantada em outro cabo nam fique quente; porque estas calidades seguem a especia, e nam se podem tirar de todo ponto, como se vê no *acoro*, por onde sem duvida tem muita razam de nam ser o *acoro* o que por tal se vende.

ORTA

Eu vos confesso que nam he *acoro a espadana*; senam que, ou carecemos delle, ou não o sabem buscar nos logares onde dizem Galeno e Plinio e Dioscorides* que o ha, e isto porque sam os fisicos pouco curiosos; e por o nam achar nam he bem que seja *calamo aromatico*; pois Avicena e Serapiam fazem tres capitulos, convem saber: do *calamo aromatico*; e do *acoro*; e da *galamga*. E os que escrevem do *calamo* dizem avelo na India, e assi he que o nam ha em outras partes; e o *acoro* nam dizem que o ha senam em Europa: per donde nam foy conhecido de nós, porque nam especulámos o que agora especuláram Menardo, Lyoniceno e outros; mas todos os fisicos Arabios e Turcos e Corações e da India nam conhecem o *acoro*; porque, quando eu curey ao Nizamoxa de hum tremor, tive com elles grande porfia sobre isso, e nunqua me souberam dizer o que era *acoro*, senam que em Turquia o havia, porque eu lhe dizia o nome em arabio, e mais o *calamo* he quente e seco no segundo gráo e o *acoro* no terceiro, por onde nam pode ser tudo hum; e se o *acoro* nam o achais, buscayo e olhay por os livros o que poreis em seu lugar.

RUANO

Porque nam será a raiz da *galamga*, *acoro*, pois todos os sinais tem do *acoro*?

ORTA

Aqui a vereis de duas maneiras, de Jaoa e de China, e plantamna aqui, e as folhas nam parecem gladiolo, e são

* Gale. Simplic. 6; Plin. li. 25 e 26; Diosc. li. 1, cap. 17 (nota do auctor). O capitul 17 de Dioscorides é o do *calamo*; o do *acoro* é o segundo do mesmo livro.

muito curtas, e he feita muito como colher, como vos direy quando falarmos na *galamga*; e vola mostrarey verde e seca; e mais a *galamga* tem outra compreisam, que he mais quente, e nam he appropriada ao que he o *acoro* e o *calamo*; porque estes douis sam appropriados aos nervos; e a *galamga* ao estomago e a resolver ventosidades; e mais estas mézinhas, convem saber a *galamga* e o *calamo*, sam mercadorias nesta terra, do principio conhecidas e usadas a levarse pera o ponente.

RUANO

De maneira que quereis que percâmos hum simple tam notavel como *acoro*?

ORTA

Eu nam quero que o percâmos, mas quero que nam perca a India estoutrós douis ou hum delles; e digo que, se se perder, não tem os Indios a culpa, senam os outros; pois diz Plinio que o melhor he em Ponto, e depois em Galacia, e depois em Creta*.

RUANO

Pois que isto dizeis, que poreis em logar de *acoro* pera lá usar?

ORTA

Ponho o *calamo aromatico* em maior quantidade; por nam ser tam quente e seco, que he hum grão menos; e deste modo usey em o Nizamoxa e em seu pay; vós o podeis fazer, se vos bem parecer; mas sabey que nam he *acoro* o que por *calamo aromatico* usâmos; e o que diz Marcello, que he *canella*, he tam falso que nam tem necessidade de se impugnar (3).

RUANO

Pareceme que sera bom comer; e dizeyme que fruta he aquella que está parando aquella moça, porque parece *junça avelanada* ou *juncos odorato*?

* Plin. libr. 25 e 26 (nota do auctor).

ORTA

Nam he senam huma fruta, que nace na vasa debaxo da terra; e depois, com as secas, sae fóra, e deita hum tálo curto de hum dedo, com folhas humas pegadas com as outras; e sam estas folhas muito verdes da feiçam das de *espadana*; e depois de seca a vasa, sae fóra, como as tuberas da terra; e, depois que for seca, sabem a castanhas aviladas, e quando nam he seca, nam tem bom sabor.

RUANO

Muito propriamente me sabe a isso, e dizeyme o seu nome?

ORTA

Chamase *caceras* (4); e porque não he isto em uso de fisica, comâmos (5).

NOTA (1)

O «Calamo aromatico» de Orta é sem duvida alguma o *Acorus calamus*, Linn., da familia das *Aroideæ*, uma planta de habitação extremamente vasta (Asia, Africa e America), frequente na India e hoje tambem na Europa.

Esta identificação resulta claramente dos numerosos nomes vulgares citados pelo nosso auctor:

— «Cassab aldirira»; este é effectivamente o nome empregado em geral pelos escriptores arabicos, قصب الذرير، *qassab adh-dherirah* (Sprengel, *Diosc.*, II, 355).

— «Bache» no Deckan. É o nome hindi e bengali, *bacha*, *bach*, o qual procede do sanskritico वचा *vachā*.

— «Vaz» no Guzerate. É um nome empregado pelos arabes da India, e citado por Dymock na forma *waj*, evidentemente uma corrupção do anterior (Dymock, *Mat. med.*, 813).

— «Vaicam» no Concan; isto é, *vekhand*, um dos nomes usados ainda modernamente em Bombaim, segundo Dymock (l. c.).

— «Vazabu» no Malabar; isto é, uma das fórmas das linguas dravidicas, *vassamboo* em tamil, *vaymboo* e *vaesambu*, em maláyalam, se-

gundo a orthographia e a pronuncia ingleza, adoptadas por Ainslie (Cf. *Mat. Ind.* 1, 417).

— «Heger» em «persio». Encontrâmos no livro de Ainslie um nome hindustani da planta, muito similar a este, *igir*, e que bem pode ser de origem persiana.

— «Daringó» e «dirimguo» malayo. Ainslie cita o nome usado em Java, *deringo* (l. c., 418).

Como se vê, a nomenclatura de Orta é muito completa; e a sua concordancia com os nomes do *Acorus calamus* nas diversas linguas asiaticas, tales quae os encontrâmos nos livros modernos, é perfeitamente satisfactoria.

O rhizoma do *Acorus calamus* gosa entre os clinicos indigenas da India de consideravel reputação, sendo applicado á cura de variadas enfermidades, entre as quae figura alguma cousa parecida com as «dores da madre» do nosso escriptor. Dymock diz-nos o seguinte: *a pessary composed of Acorus, saffron, and mare's milk is used to promote delivery*.

NOTA (2)

Esta dieta com manteiga e assucar pode parecer um tanto singular para cavallos; mas está perfeitamente nos habitos indianos. Pelo que se refere aos tempos modernos, diz-nos Yule, que a pratica de incluir a manteiga (*ghi*) na alimentação dos cavallos é ainda vulgar em quasi toda a India; e, em uma epocha mais chegada á do nosso escriptor, vemos que no *Ain-i-Akbari* vem mencionada a ração dos cavallos, que o celebre Akbar sustentava nas suas reaes cavalharia: 2 libras de farinha, 1 1/2 libra de assucar, e no inverno 1/2 libra de *ghi*. O viajante russo, Athanasio Nikitin, que no seculo xv andou pelo interior da India, menciona tambem entre a alimentação dos cavallos: *kichuris*, fervidos com assucar e oleo, e, pela manhã, o seu *shishenivo*. Nem Major que annotou Nikitin, nem Yule que o citou, sabem o que fosse aquelle *shishenivo*. Devia, porém, ser alguma mistura excitante, no genero d'esta «Arata», em que entravam *alhos*, *ameos*¹, e *calamo aromatico*. Note-se que Orta aponta, como Nikitin, o habito de o darem de manhã; e concorda tambem com o *Ain-i-Akbari*, mencionando a alimentação especial do inverno, do «tempo frio.» (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 337; *Travels of Nikitin*, 10, em Major, *India in the fifteenth century*, London, 1857).

¹ O «ameos» seria propriamente o *Ammi*, ou o *Sison*; mas Orta podia dar este nome a qualquer das *Umbelliferae* de sementes aromaticas, que são frequentes na India.

NOTA (3)

Não seguiremos Orta na intrincada questão em que se embrenha sobre *acoro* e *calamo aromatico*. Se o *ανίρων* de Dioscorides é esta, ou outra especie do mesmo genero; se o seu *κάλαμος αρωματικός* é tambem o *Acorus calamus*, como julgam diversos escriptores, ou uma especie de *Andropogon*, como suppõe Royle; se as plantas de que Serapio e Avicenna fazem diversos capitulos —á parte naturalmente a *galanga*, que é muito distincta— são identicas ou diversas; tudo isto são questões conhecidas, debatidas e bastante ociosas. Da longa e um tanto obscura discussão do nosso escriptor, resultam apenas tres affirmações definidas: primeiro que elle distinguia correctamente a *galanga* das outras drogas; segundo, que identificava o *calamo aromatico* com a planta hoje chamada *Acorus calamus*; terceiro, que ignorava o que fosse o *acoro*, mas se inclinava a que não fosse uma planta indiana. A primeira é perfeitamente exacta, e em favor das ultimas ainda hoje se podem adduzir muitos argumentos. (Cf. Sprengel, *Dioscorides*, I, 11, 31, II, 344, 355; Royle, *Hindoo med.*, 82; *Pharmac.*, 614).

O que em todo o caso é seguro, é que o *calamo aromatico* de Avicenna era identico ao do nosso auctor. E a proposito podemos notar a curiosa emenda d'este ao celebre medico arabe. Em uma secção do rhizoma do *Acorus calamus* vê-se uma especie de rede formada por laminas finas de cellulas, que deixam entre si grandes lacunas aereas —o que, de resto, se pôde observar em outros orgãos de plantas aquáticas. Avicenna notou esta textura interior, e diz: ... *cujus canna est plena re simili tela araneæ* (Liber II, tract. II, cap. 160), ao que Orta acode, chamando-lhe antes «uma substancia porosa», o que é um pouco mais exacto.

NOTA (4)

O «Caceras» de Orta deve ser o *Scirpus Kysoor*, Roxb. Aquelles fructos que nascem na vasa —evidentemente tuberculos—, e pertencem a uma planta, comparada com a *junça*, lembram desde logo um *Cyperus*, ou um *Scirpus*. O *Scirpus Kysoor*, commun na zona occidental da India, vivendo nas terras alagadiças e margens dos tanques, tem o nome vulgar de *kachara* ou *kachera*, muitissimo simulhante a *cacera*. Dymock menciona unicamente as qualidades adstringentes e medicinaes das suas raizes tuberosas; mas o dr. Lisboa inclue a planta entre as alimentares, e diz que as suas raizes são doces e féculentas, acrescentando que se vendem em Bombaim, e que não só os pobres mas todas as classes as comem: *eaten by all classes*. Esta noticia, e a similitudine dos nomes vulgares, dão-nos uma identificação satisfactoria

(Cf. Roxburgh, *Flora Indica*, 1, 230; Dymock, *Mat. med.*, 847; J. C. Lisboa, *Useful plants of the Bombay presidency*, p. 184, Bombay, 1886).

NOTA (5)

Orta cita de novo n'este *Coloquio* o escriptor Marcello, e cita-o a propósito de um singular equivoco. Não procurei verificar a citação, mas julgo que não será do antigo medico, Marcellus Empiricus, e sim do escriptor da renascença, Marcello Virgilio. Cita tambem Plutarco e Cornelio Celso, sem duvida pelo que encontrou em outros livros. Menciona de passagem Lyonico, isto é, Nicolau Leonico, o celebre advogado da velha medicina grega, e chefe da escola hippocratica.

COLOQUIO DUODECIMO

DE DUAS MANEIRAS DE CAMFORA E DAS CARAMBOLAS

INTERLOCUTORES

ORTA, RUANO, SERVA

RUANO

Muya razam será que fallemos na *camfora*, pois he tam estimada e usada na fisica; da qual não escreveo Galeno nem escritor algum grego, senão Aecio escritor moderno; e sem duvida que se deve aos Arabios muyto em algumas cousas, porque ainda que dellas nam deixassem perfeita noticia, foy por estas terras serem ignotas, que dellas nam podiam dar perfeita relaçam.

ORTA

Certo que passa assi, porque eu que estou nesta terra ha tanto tempo com muito trabalho posso saber huma verdade perfeitamente, e a causa he porque os Portugueses, que navegam muita parte do mundo, onde vāo nam procurāo de saber senam como farão melhor suas mercadorias, e que levaram pera lá quando forem, e que traram da tornaviagem; não são curiosos de saber as cousas que ha na terra, e, se as sabem, nam dizem a quem lhas traz que lhe amostre o arvore, e, se o veem, nam o compárão a outro arvore nosso, nem proguntão se dá frol ou fruto, e que tal he*. E como eu nam posso andar todas as terras, nem me dão licença os que a terra governão pera yr fóra donde residem, porque se querem servir de mim por minha vellice antes que doutrem, e não por na terra não haver fisicos

* Reflexão perfeitamente sentida, e que ainda hoje tem cabimento.



muito bons letrados; e por isto não sam digno de culpa em vos dizer isto destas mézinhas com duvida e tanto a medo.

RUANO

Bem sei que quem não sabe, que não duvida, e por isto não tam somente sois digno de perdam, mas sois merecedor de louvor.

ORTA

A *camfora* he de duas maneiras, huma se diz *camfora de Burneo*, a qual nunca foy vista em nossas regiões, ao menos de quando eu lá estava, e não me maravilho porque esta custa tanto huma libra, quanto custa hum quintal de *camfora da China*, que he a que lá vae ter e he feita de pães redondos de diametro de huma mão atravessada, e por ser assi pareçe cousa composta e nam simple; e esta he a causa porque a não levão lá.

RUANO

Desta que não vy me dizey primeiro e ma mostray.

ORTA

Aqui tenho huma pouca, mas não he da melhor. Moça dá cá o bote da *camfora de Burneo*.

SERVA

Senhor eilo aqui.

ORTA

Pois aveis de saber que esta que vedes, que he da grandura de milho ou algum pouco maior he a mais somenos, porque ácerca dos Gentios e Baneanes e Mouros, que esta fazenda comprão, fazem della quatro sortes, scilicet: *cabeça, peito, pernas, pé*: val hum arratel da *cabeça* a oitenta pardáos; e do *peito* a vinte, e das *pernas* a doze, e do *pé* a quatro e cinco, quando muito; e alguns curiosos peneiram esta *camfora* per humas joeiras de peneirar *aljofre*, que sam feitas de cobre e são furadas, e a *camfora* que sae pollos buracos grandes, vendem por hum preço, e a que

sae por os mais pequenos por outro; porque sam estas joi-
ras quatro, scilicet, de buracos grandes e pequenos, e mais
pequenos e muito meudos; e são estes Baneanes tam es-
pertos mercadores que ainda que mestureis huma *camfora*
com a outra, lhe lançam tam bem sua conta que nam ha
quem os engane. Essa que aqui vedes he o rebotalho de
muita e he roym, e está preta, por se fazer della pouco caso,
e por ser pouca. Ha muita desta *camfora* em Burneo e em
Bairros, e Çamatra, e Paçem, e isto são ilhas ou terras; e
os nomes que escreveram donde erão, scilicet, Serapiam e
Avicena, alguns delles ou todos são corrompidos*. E sabey
que esta he huma mercadoria muito gastada e custumada
em comer nesta terra; e a que Serapiam chamou a de Pan-
çor, he de Paçem, que he em Çamatra; e a que Avicena
chamou *alçuz*, pôde ser a de Çumda, que são isto ilhas ou
terrás firmes confines a Malaca; e a que Serapiam diz que
se traz da região de Calca, está corruto o nome, e ha de dizer
de Malaca, pois a ha em Bairros, que he perto dahi**.

RUANO

Muito folgo de conhecer esta mézinha tam nobre e pre-
ciosa, e quero saber de vós, primeiro que em outra cousa
falemos, se he goma ou se he miolo, como sente Avicena
e outros; e se he primeiro com magoas vermelhas e pretas
e per fogo ou destilaçam se faz branca; e se a falsefican.

ORTA

He goma e nam miolo que cae no fundo do pão, como
o dirão os que a viram tirar, e logo vereis no pão a goma,
que deita por humas gretas, de maneira que vedes suar a
camfora por alli. Isto vy eu muito craramente em huma

* Serapio, cap. 344; Avi. li. 2, cap. 154 (nota do auctor); o cap. de Avicenna é o 133, e não o 154.

** São incorrectas parte d'estas identificações, por exemplo, a de Pançor com Pacem; vejam-se as notas (1) e (2).

mesa, que hum boticairo tinha; tambem vy isto em hum pão que apresentaram ao governador dom João de Crasto, da grossura de huma coxa; tambem aqui n'esta cidade tem um mercador huma taboa de hum palmo, que todos estes páos mostrão serem do arvore da *camfora*. E eu não negarey que desta goma caya no oco do arvore alguma, como nos arvores de Portugal vimos muitas vezes; e primeiro vem muito branca sem nenhumas magoas vermelhas nem pretas; e não se estila, como dizem os escritores, ou se coze para ser branca, somente a da China se amasa, como adiante vos direy, e nisto nam tenhais duvida alguma, porque forão falsas enformações que se deram a Avicena e Serapiam; de longas vias longas mentiras. E foyme dito por pessoas dignas de fé, que vay colher esta *camfora* hum homem, e enche della huma cabaça, e se outro o vê primeiro com a cabaça chea, o mata, e lhe toma a cabaça, sem por isso ser castigado, porque dizem que a sua ventura lhe deu aquilo.

RUANO

Porque dizeis que os Gregos não falão nisto, vos lembro que Serapiam alega a Dioscorides, falando na *camfora*; e mais vos peço que vos nam esqueça de me dizer da falsificação della.

ORTA

Não vos maravilheis disso, porque em Serapio está isso acrescentado falsamente; e, ácerca de como se falsifica, sabey que a de Burneo vem muitas vezes mesturada com algumas lascas de pedra muito delgadas, ou com huma goma (a que chamão *chamderros*) que parece alambres crús, ou he mesturada com farinha de hum pão; mas todas estas cousas bem se vê, a quem as quer especular; e eu nam vi outro modo de falsificar senam este; e se vem com magoas pretas ou vermelhas, dizem ser porque foy maltratada, ou se molhou; e este mal lhe tirão os Baneanes, lavandoa secretamente atada em hum panno, em agoa quente, com sabão e çumo de limões; e depois de bem lavada a põem a enxugar á sombra, e fica muito mais alva, e do peso não

perde muito: eu vy fazer isso, e confiouse de mim em secreto o Baneane, porque era muito meu amigo.

RUANO

Achais pollos autores feita mençam destas duas maneiras de *camfora*?

ORTA

Sy; posto que escuramente o diz Serapiam, que o mais que se traz desta *camfora* he de Hariz, e he menor que a da China; o qual se ha de entender que a mayor quantidade que se traz he do Chincheo, e he mayor que a outra de Burneo, porque nam se acha della quantidade mayor que de huma oitava; o qual he verdade tudo; posto que o texto de Serapiam vay torçido, e os pães de Chincheo (a que nós chamamos China) são de quatro onças e mais.

RUANO

Do arvore me dizey.

ORTA

Dixeme hum homem digno de fé que o arvore era como huma nogueira, e a folha delle era branca e de feiçam de folha de salgueiro, e que nam lhe vira frol nem fruto, e que podia ser que o tivesse e que elle lho nam visse; porém eu sey que o pão he pardo e muito delle da cor da faya, e algum delle mais preto; nam he leve e poroso, como diz Avicena, mas he mociço meamente, e pode ser que o que Avicena vio fosse já velho; e dizem os mais que o arvore he espaçoso e alto e de boa copa e aprazivel á vista, e lança a *camfora* fóra de si, que lá vedes sair ou suar, o qual eu vi em huma meza. Outro pão vi grosso como huma coxa, de que já faley, e nam se lhe parecia a *camfora*, porém era em o cheiro muito semelhante a ella; e vi outra taboa de hum palmo, que deitava alguma *camfora* e era de cor de faya.

RUANO

Da sombra deste arvore me dizey, se he verdade que a ella se chegão multidam de animaes pera fugir das feras rapaces.

ORTA

Tudo isto he fabuloso; e posto que nessa terra aja tigres (a que no Malayo chamão *reimões*^{*)}) nam são seguros á sombra deste arvore, nem tal ouvi.

RUANO

Ha mais novidades desta *camfora* em hum anno que em outro? Porque me dizem que quando ha muitas trovoadas he boa a novidade, e, quando poucas, má.

ORTA

Nisto se enformáro mal Avicena, Serapiam e Aecio; porque na ilha de Çamatra e ao redor della ha sempre muitas trovoadas, por estar perto da linha onde sempre chove pouco ou muito cada dia; por onde sempre todos os annos avia de aver *camfora*; assi que as trovoadas não sam causa de aver *camfora*; nem lhe podem chamar causa, senão per accidente, ou ocasionalmente acontecida: e a esta causa chamão os filosofos causa sem a qual não se acontece o efeito (1).

RUANO

Da *camfora* de pães, que dizeis ser da China ou do Chincheo, me day razam.

ORTA

A *camfora* da China presumese ser feita de huma parte destoutra de Burneo, e todo o mais de outra *camfora* da China, de menos preço; e amassada fazem pães della, como vedes; e nam porque em principio tivesse magoas vermelhas ou pretas; e isto nam o sey mais que per huma conjectura** e parecer de algumas pessoas que mo assi affirmáram; porque esta *camfora* não vem de Cantam onde toda a mais da gente vay, senão vem de Chincheo, donde vão poucas pes-

* O nome do tigre em malayo é *arimau*, por elisão *rimau*.

** «Conjuntura» na edição de Goa.

soas. Posto que hum homem digno de fé me dixe que a multidam della a fazia valer tam barata na China, outros me dixerão o contrairo, scilicet, que estes pães eram compostos; porque a *camfora* de Burneo he mercadoria pera o Chincheo, e a gente da terra dizem que a querem pera a mesturar com outra somenos: a este dito favorecem os Baneanes de Cambaya, que dizem em secreto que, quando lhes falece a *camfora* de Burneo, mesturão huma pouca com muita da China, e de tudo fazem *camfora* chamada de Burneo falsamente; e dizem mais estes Baneanes que logo se parece a *camfora* da China ser composta; mas a *camfora* de Burneo nunca se gasta.

RUANO

Qual he vosso parecer ácerca disto?

ORTA

Digo que no Chincheo ha *camfora*, posto que nam tam boa como de Burneo, e amassadas e ajuntadas ambas fazem boa mixtão, por serem comprehendidas debaxo de hum genero; e por ser assi composta evapora e se vay pollo ar, e a de Burneo nam.

RUANO

Logo bem diz Menardo que he cousa nova, e que elle crê ser composta e nam simple?

ORTA

A mim nam me parece tanto ser composta, e, se o he, he de duas maneiras de *camfora*; e posto que evapore não he corrutivel muito; porque as cousas compostas sam mais aparelhadas a corruçam; porque o *ruibarbo* escassamente dura cá quatro mezes, que chove nesta terra; e por isso he muito não se corromper a *camfora* da China ficando na India.

RUANO

Ha outra especia de *camfora* por Avenirrois dita muito diferente destoutra; porque diz que nace no mar; e que he

quente sequa no segundo gráo; e, o que mais he de maravilhar, dizer que o *ambre* he especia de *camfora*, e que nasce no mar em fontes; pergunto se polla ventura ha cá essa *camfora*?

ORTA

Nunca ouvi dizer della, nem a ha, porque faz sempre esta gente toda da India tanto por esta mézinha que nam se ouvera de perder della a memoria. Se o *ambre* fosse especia de *camfora* não seria havido em tanta estima na China, que o levam lá e o vendem tam caro, como dixe falando no *ambre*; e mais pois o *ambre* é quente no segundo, e a *camfora* fria no terceiro, não podem ser comprendidas debaixo de hum mesmo genero; porque as calidades procedem das especias, porque nunca se vio alfaça quente nem pimenta fria, assi que nisto podeis descançar (2).

RUANO

Andreas Belunensis de quem não dizeis mal e louvais, diz no seu Dictionario que a *agoa de camfora*, segundo os Arabios, corre e mana do arvore da *camfora*; e que o tal arvore e *agoa* são quentes no terceiro gráo; e porque comumente se diz a *camfora* fria, he necessario saber como he isto, e se vistes a tal *agoa*, ou vistes della fazer mençam?

ORTA

Já perguntey a muitos por esta *agoa*, assi fisicos como mercadores; e della me não dixeram cousa alguma, e se a ouvera, craramente se soubera, porque no Balaguate ha *agoa* de canas de açucare, e vendese: assi que, nem da *agoa*, nem da graduaçam, tem culpa o Belunense, senam o livro do arabio com quem alegua*.

* Belun. (nota do auctor). O *Dictionario* a que Orta se refere é a *Interprétatio*, impressa com quasi todas as edições de Avicenna, e onde o Bellunense na palavra *aqua camphoræ* diz effectivamente, que a *aqua* é *calida in tertio*, emquanto a *camphora* é *frigida*.

RUANO

Pois Ruelio e Mateolo Senense dizem que a da China he melhor, e dizem que a melhor de todalás *camforas* foy purificada por hum rey barbaro, a quem elles chamão, rey da China.

ORTA

Podeis dizer a Ruelio e a Mateolo Senense, que, ainda que saibam tam bem as lingoas grega e latina, nam hão tanto de encher a boca a chamar barbaros aos que nam são de sua geraçam; e que elle se enganou; porque a *camfora de Burneo* se vende por *cates*, e a da China por *bares*, e que o *cate* são vinte onças, e o *bar* são perto de 600 arrateis; e que o rey da China não se põe a fazer *camfora*, e he hum dos maiores reys que se sabe no mundo; e pera falar nelle e nas suas terras era necessario escrever hum gram volume: e sabey que as mercadorias que della vem são leitos de prata, e baixella ricamente lavrada, seda solta e tecida, ouro, almisque, aljofare, cobre, azogue, vermelham, e o menos he porcelana, que val ás vezes tanto, que he mais que prata duas vezes; e ey vergonha de vos dizer quanta quantidade entrou de seda nas cidades de Goa e Cochim, hum anno destes passados.

RUANO

Dizey, que bem sey que direis a verdade.

ORTA

Setecentos *bares*, e cada *bar* tem tres quintaes e dezes seis arrateis, e por aqui vereis a riqueza e a grossura desta terra, que em Goa, quando outra monção vem, já he gastada toda a seda (3).

RUANO

Dos nomes e compreisam della me dizey.

ORTA

Capur e *cafur* dizem os Arabios e toda a outra gente; porque o *f* e o *p* são letras muito irmãas ácerca dos Arabios; assi que todos a chamão de huma maneira; e se alguns escritores lhe põem outro nome, foram enganados ou estão depravados os livros. E na compreisam Rasis a pôe fria e humida, Avicena fria e seca no terceiro gráo, e alguns escritores ou todos seguem Avicena.

RUANO

A muitos escritores modernos pareceo, por seu cheiro e por ser evaporable, ser de compreisam quente, e pareceme que tem razão; porque os cheiros das cousas frias nam são tam fortes, como se pôde ver no sandalo e nas rosas.

ORTA

Verdade me pareceo isso muito tempo; mas desque vy em obtalmia muito quente, e em huma queimadura posta a *camfora*, he como se lhe pusessem neve, logo me pareceo o contrario; e mais a gente desta terra, assi Gentios como Mouros e donde nasce, dizem ser fria, e* o sentido do tocar e gosto sejão sentidos proprios nam se haviam de enganar tantos nella, e de ser fria e seca no terceiro gráo a ser quente. E ao argumento do cheiro he facil a resposta, por que a *camfora* de si he evaporable e lança todo o que tem fóra, e a rosa e o sandalo, por serem estíticos, o retêm em si, e nam o deixam sair fóra; e muitas cousas sam frias e secas, e sam inflamabiles, como a lá e os cabellos e as estopas.

RUANO

Se Avicena diz que faz vigilias, como he fria, pois as cousas frias provocam sono?

* Intercalando a palavrya «como», torna-se talvez intelligivel a phrase.

ORTA

Faz sono e faz vigilia, scilicet, o pouco della por fóra ou dentro applicado faz sono, e o muito uso do cheiro della, secando o cerebro, faz vigiar; e isto nam he muito de maravilhar em ter efeitos contrarios nesta maneira. E comâmos que he tempo já.

RUANO

Muito bom sabor tem estes pasteis, pareceme que o causa humas talhadas azedas que estão nelles de huma certa fruta; vejamola.

ORTA

Antonia traz desse arvore alguma *carambola*, que assi se diz em malavar; e ficounos em uso os nomes malavares, por ser a primeira terra que conhecemos.

ANTONIA

Eilas aqui.

RUANO

Fermosas são, e sam agras doces e não muito azedas, são do tamanho de ovos pequenos de galinha e sam muito amareladas. O que melhor parece nellas, he serem fendas em quatro partes, que fazem quatro partes menores de circulo.

ORTA

Chamase em canarim e em decanim *camariç*, e, em malao, *balimba*. Nam sey o uso dellas em medecina, somente sey que medecinalmente as dão por dieta nas febres; com o çumo dellas e outras cousas fazem hum colirio pera a nevoa dos olhos, e achamse bem com elle; muitas pessoas acham nellas muito sabor, em especial as que chamamos agras doces, porque estas sam hum pouquo mais azedas; fazse dellas huma conserva de açucare muito graciosa, que eu mando dar em lugar de xarope acetoso, e darvoloeys a provar logo. Antonia traze qua huma *carambola* em conserva (4).

ANTONIA

Eila aqui.

RUANO

Desse xarope acetoso ey de comer todas as manhãas,
porque sabe muito bem.

NOTA (1)

Garcia da Orta começa por notar, que os gregos e os latinos da epoca classica não conheceraam a *canfora*, e que o primeiro a mencional-a foi Aëcio, «scriptor moderno»; e a sua opinião, sobre este ponto interessante de historia da sciencia, é confirmada pelo professor Flückiger, o qual estudou com muito cuidado os documentos relativos áquella substancia (*Pharmac.*, 459).

Aëcio, natural de Amida na Mesopotamia, estudante em Alexandria, e mais tarde medico em Constantinopla, recebeu sem duvida o conhecimento que teve da *canfora* dos arabes, que já então (vi seculo) frequentavam aquellas terras. Isto é tanto mais provavel, quanto o nome usado pelos ultimos escriptores gregos, *καρπούζη*, é a simples hellenisação do arabico *كافر*, *kafir*, do qual vieram tambem os antigos nomes portuguezes, *canfor* e *alcanfor*. Deve notar-se, que a palavra *kafir* é pelo seu lado uma adaptação arabica do nome sanskrito da substancia, *karpūra*.

O modo por que Aëcio se refere á *canfora*, ordenando que lancem duas onças em um medicamento, *se a houver*, prova que não era então *commun*; e muitos outros documentos, citados pelo professor Flückiger, vem igualmente demonstrar que foi durante muito tempo uma substancia preciosa, rara e cara (*Pharmac.*, l. c.).

Flückiger é de opinião, que a *canfora* conhecida n'estes primeiros tempos foi a do archipelago Malayo exclusivamente; e que a da China ficou ignorada e desaproveitada, mesmo no paiz em que é produzida. É um facto incontestavel, que os auctores arabes fallam geralmente da *canfora* de *Kansur* ou de *Fansur*, a qual era — como logo veremos — a do archipelago. E temos tambem noticia de presentes ou de tributos de *canfora*, enviados da India ou da Cochinchina aos imperadores da China, e que foram ali recebidos com muito apreço¹. Deve no entanto notar-se, que os chins tiveram e ainda têm a *canfora* do archipelago na conta de uma coisa diversa da sua e muito superior. Podiam pois aceitar e louvar os presentes em que figurava aquella

¹ Um dos presentes citados na *Pharmacographia*, e mencionado por Maçudi, o qual consistia, alem de uma formosissima escrava, e de uma taça cheia de perolas, em mil *menn* de *lignum aloës*, e dez *menn* de *canfora*, foi enviado, não a um imperador da China, como ali se diz por equivoco, mas a um rei da Persia (Cf. Maçudi, *Prairies d'or*, II, 201).

substancia mais preciosa, mesmo quando a outra fosse conhecida e frequente entre elles.

A *canfora* do archipelago Malayo procede de uma grande arvore, *Dryobalanops aromatica*, Gärtn. (*Pterygium costatum*, Corrêa da Serra) da familia das *Dipterocarpeæ*. Orta diz bem quando affirma, que é uma arvore «alta, de boa copa, e aprazivel á vista,» pois de feito o *Dryobalanops* é a maior arvore d'aquellas regiões, e uma das mais bellas existentes, tendo um tronco elevadissimo, e uma densa e larga copa de folhagem brilhante. Sem duvida, da belleza da arvore e da frescura da sua sombra, resultou aquella lenda sobre os animaes que a ella se refugiam seguros: *faciens umbram multitudini animalium valde numerosæ...* diz a versão latina de Avicenna, que parece ser n'esta parte — como em varias outras — bastante defeituosa. Orta refere-se a essa lenda, acolhendo-a no emtanto com o seu scepticismo habitual em frente de todas as coisas que tocam no maravilhoso.

A *canfora* encontra-se nas fendas longitudinaes da madeira do *Dryobalanops*, em um estado solido e crystallino.

Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado

dizia o Camões, com a mais feliz e mais exacta escolha de termos. É pois «gomma», e não «miolo»; e «súa pelas gretas do pão», segundo as affirmações do nosso escriptor, que em toda esta parte é correctissimo. Onde elle se mostra menos bem informado, é em desconhecer a existencia da *agua de canfora*. Nos mesmos troncos em que se encontra a substancia crystallisada, chamada *bornéol*, encontra-se tambem um liquido especial, a *agua de canfora*, ou *oleo de canfora*, ou *bornéene*, isomera com a *essencia de therebentina*, mas contendo algum *bornéol* dissolvido¹. Esta substancia, de que falla André Bellunense, era muito conhecida e desde tempos muito antigos. Ibn Khurdádbah menciona-a já no ix seculo; e, no seguinte, Maçudi falla correntemente no *camphre*; e na *eau de camphre* das ilhas do mar de Kerdendj, as quaes se podem identificar com o archipelago Indiano ou Malayo (Cf. Crawfurd, *Dict. of the Indian islands*, 81; *Pharmac.*, 465; Maçudi, *Prairies d'or*, p. 340).

A agua ou oleo de *canfora* extrahe-se com facilidade; mas para obter o *bornéol* é necessario lascar pouco a pouco a madeira, em busca dos pequenos fragmentos solidos. Para isso é forçoso abater e

¹ A formula do *bornéol* é $C_{10}H_{18}O$, sendo a do *bornéene* $C_{10}H_{16}$.

sacrificar a arvore, na duvida de encontrar a substancia, pois nem todos os troncos a contém. D'esta incerteza, e da avidez de se apoderar de uma cousa cara e preciosa, se originaram provavelmente todas as lendas que pairam em volta da secreção da *canfora*. Primeiro, aquella noticia do nosso escriptor, sobre o direito que todo o homem tinha de matar outro homem, quando o encontrava com uma cabaça cheia de *canfora*, a qual, se não é verdadeira, ao menos não desdiz dos habitos dos Dyaks de Bornéo, ou dos Battas de Sumatra, que nem uns nem outros professávam um grande respeito pela vida humana. Depois a referencia de Ibn Batuta ao sangue dos animaes, ou mesmo ao sangue humano, derramado no pé da planta como um sacrificio propiciatorio, para provocar a formação da desejada substancia. Finalmente a affirmação de Maçudi, de que a colheita era especialmente abundante em annos de *beaucoup d'orages, de secousses et de tremblements de terre*. D'esta, que se encontra tambem na obra de Serapio e em outras, teve conhecimento o nosso Orta; mas acolhe-a com a sua costumada incredulidade, e adverte com rasão e com graça, que, se fosse questão de trovoadas, haveria sempre muita *canfora*, pois as trovoadas eram frequentissimas n'aquellas terras e mares do equador (Cf. Moura, *Viajens de Ben Batuta*, II, 344; Maçudi, *Prairies d'or*, I, 338).

O *Dryobalanops* é espontaneo no noroeste de Sumatra, no norte de Bornéo, e na pequena ilha proxima de Labuan. Orta cita «Burneo», e «Camatra». Cita «Pacem», o nome que os portuguezes davam a um porto e reino da mesma Sumatra, e que parece ser o Pasei dos malayos, e o Basma de Marco Polo. Cita tambem «Bairros», igualmente em Sumatra, e que foi o ponto classico da exportação da *canfora*. Segundo as eruditas investigações de sir Henry Yule — a que já me referi a propósito do *beijoim* — Bairros, Baros, ou Barús, um pequenino porto situado na costa occidental de Sumatra, por 1° 59' 35" de latitude norte, era conhecido dos arabes pelo nome de Kansur, ou de Fansúr¹, ás vezes corrompido em Kaisur, e na versão de Serapio em Pançor — o «Pançor» de Orta. Foi sempre celebrada entre todas a *canfora* d'ali, *kafür alqansuri*, ou *alfansuri* de Avicenna, e de outros escriptores arabes; a qual depois, e ainda hoje — segundo Yule — passou a chamar-se *kafur* ou *kapur Barús*, para a distinguir de outra substancia, de que fallaremos na nota seguinte, á qual dão o nome de *kapur-Chiná*, e de *kapur² Japún* (Cf. Crawfurd, *Dict. of the Indian islands*, 40 e 81; Yule, *Marco Polo*, II, 268 e 285).

¹ O nome escrevia-se *Kansúr*, ou melhor *Qansur* com *qáf*, قنسور, differindo portanto de Fansúr, فنسور, em um simples ponto diacritico.

² Posto que o nome arabe seja correctamente *kafür*, parece, pelas citações, que o pronunciam muitas vezes *kapür*. Orta cita as duas fórmas «Cafur» e «Capur»; e attribue o seu

Segundo Orta, esta *canfora* de Bornéo e de Sumatra não vinha á Europa, por ser muito melhor, muito mais procurada pelos orientaes, e portanto muitissimo mais cara — logo veremos a questão dos preços. Esta notícia, que é interessante e tem sido repetidas vezes citada, confirma-se pelo exame dos documentos do tempo. O *Lyvro dos Pesos da Yndia* diz simplesmente da «Camfara» da China, que se pesava por um certo peso, pelo «Baar»; mas quando falla da de Bornéo, depois de indicar, que se pesava por «maticaçes de xiraas» (Schiraz¹), acrescenta: «gastar-se á em Ormuz quamta vier.» Vê-se pois que era rara e muito procurada; e que a pouca que viesse parar a Hormuz ficaria pela Persia. Succede hoje a mesma cousa; a *canfora* de Bornéo e Sumatra, ou *bornéol*, é conhecida nas collecções dos pharmacologistas, mas não se encontra no commercio da Europa. Em primeiro logar a sua producção é limitada; e depois, alguma é consumida na propria região, nas ceremonias funerarias dos principes indigenas, e o resto exportado para Sião, Cochinchina, Japão, e principalmente para o porto de Cantão na China. Á India mesmo, ao mercado de Bombaim e outros, vem em pequena quantidade (Cf. *Lyvro dos pesos*, 9 e 14; *Pharmac.*, 465; *Dymock Mat. med.*, 95).

Para terminar, mencionarei uma interessante confirmação do que diz o nosso escriptor, acompanhada de uma circumstancia curiosa. Segundo Orta, os mercadores orientaes, Baneanes e Mouros, dividiam a *canfora* em quatro sortes, que da superior á mais inferior chamavam «cabeça, peito, pernas, pé.» Rumphius descreve tambem as qualidades em que a classificavam: fragmentos maiores, approximadamente das dimensões da unha, a que chamavam *Cabessa*, que elle explica significar *caput*; grãos ou escamas mais pequenas, chamadas *Bariga*, ou *venter*; e a parte pulverulenta e em granulações miudas, com o nome

uso a que o *f* e o *p* são muito similhantes em arabico, o que lhe valeu uma correção severa e até certo ponto justa da parte de Scaligero: *ne Arabice quidem hunc Garciam legere scivisse, neque quod litera in Arabismo sint...* (*Exotic.*, 245). A verdade é que o *p* não existe no alfabeto arabico. Yule, porém, adverte que no alfabeto malayo (arabico modificado) o som do *p* é representado, não pelo *pé* dos persas (پ), mas pelo *fé* dos arabs (ف) com tres pontos (فـ). Teria Orta notícia de alguma cousa n'este genero?

¹ O «baar» (sanskrito *bhāra*, na forma arabica *bahar*) variava de porto para porto, e ainda no mesmo porto em relação ás mercadorias pesadas; o de Hormuz tinha 14 arrobas e tanto, um pouco mais de 207 kilogrammas. O «matical» (*mithkal*) de Schiraz pesava approximadamente 4,6 grammas, e era naturalmente empregado nas transacções em substancias preciosas. Esta simples diferença no modo de pesar mostra o diverso apreço em que eram tidas as duas *canforas*. Orta diz do mesmo modo, que a da China se vendia por «bares»; e a de Borneo por «cates», que são «vinte onças». O «cate» da China (malayo-ivanez *kātī*) equivalia a 16 *taeis*, um pouco mais de 21 onças, ou proximamente 612 grammas. Pesava-se pois no extremo Oriente pelo *kati*, e em Hormuz, mais longe dos sitios de producção, pelo *mithkal*; mas em todo o caso por um peso pequeno, o que era natural, attendendo á raridade da substancia.

de *Pees*, que significava *pes*. Parece porém, que nem Rumphius, nem modernamente Guibourt que transcreveu esta passagem, tiveram a noção clara de que as palavras eram portuguezas; e a orthographia de Rumphius mostra bem, que elle as ouviu aos Malayos e as transcreveu pelo som (Cf. Rumphius, *Herbarium Amboinense* vol. vi, *Auctuarium*, 66; Guibourt, *Hist. des drogues*, II, 417).

NOTA (2)

A *canfora*, vulgarmente chamada da China, é uma substancia analoga mas diversa da que procede do *Dryobalanops* em Bornéo e Sumatra¹. É produzida por uma arvore, *Cinnamomum Camphora*, Nees et Eberm. (*Laurus Camphora*, Linn.) da familia das *Lauraceæ*, espontanea nas florestas das provincias centraes e orientaes da China, da ilha Formosa e do Japão.

Segundo vimos na nota antecedente, o professor Flückiger é de opinião, que esta *canfora* do *Cinnamomum* não foi conhecida nem usada nos tempos mais antigos. Um grande numero de factos e dados historicos mostram effectivamente, que a substancia a que os escriptores d'aquelles tempos se referiram era em geral o *kafur fansuri*, ou *bor-neol*. O sr. Dymock, porém, diz-nos, que os escriptores sanscriticos distinguiam duas especies de *canfora*, *Karpūra pakva*, isto é, *cozida*, ou preparada ao fogo, e *Karpūra apakva*, isto é *crua*, ou natural; e que em geral se considera a primeira designação como applicada ao producto do *Cinnamomum*, enquanto a segunda se dava ao producto do *Dryobalanops*. Sendo assim, teríamos a substancia da China conhecida na India desde tempos bastante remotos. Os textos dos antigos livros arabes, em geral mutilados nas versões, tambem nos podem deixar em duvida. Assim Scaligero, nas suas notas ao livro de Orta, diz-nos que existe uma passagem no texto arabico de Avicenna, omittida na versão de Gerardo Cremonense, e que elle (Scaligero) traduz assim: *nascitur quoque in tractibus Sinarum*. Avicenna teria, pois, conhecimento da *canfora* da China, a qual seria talvez a que elle menciona depois da melhor ou *algansuri*, e que chama *alzeid*, pois *Zeid* pôde lembrar *Zaytum*, por onde, como vamos ver, se exportava principalmente a mercadoria da China. O texto de Serapio, citado pelo nosso auctor não muito exactamente, tambem se pôde applicar á China. Depois de fallar na *canfora* de Pançor (*Fansur*), que é a melhor, diz elle: *et dicunt quæ in montibus Indiæ et Sim sunt ex arboribus camphoræ*; mais longe

¹ A composição d'esta substancia pôde representar-se pela formula $C_{10}H_{16}O$, enquanto a formula do *Bornéol* é $C_{10}H_{18}O$.

acrescenta ... et plurimum quod defertur ex ea, est *Harig*, et est minor *Sim*. Este *Sim* pôde perfeitamente ser a China, chamada geralmente *Sin*.

Em alguns livros chins, referidos ao periodo da dynastia Sung (960-1280), vem mencionada a *canfora* de Bornéo, como trazida de fóra, e chamada *lung-nao siang* ou *po-lo siang* (perfume de Bornéo). E no celebre *Pen Ts'ao Kang Mu* (livro na verdade recente, redigido no xvi seculo, mas compilado de noticias anteriores) na parte relativa ás arvores *Mu*, e na secção das arvores aromaticas *Hiang Mu*, faz-se uma distincção clara, entre a arvore que dá a *canfora de Bornéo*, e a que dá a *canfora da China*.

(Cf. *Pharmac.*, 460; Dymock, *Mat. med.*, 665; *Exotic.*, 245; Avicenna, II, II, cap. 133; *Serapionis aggreg. de simpl. commun.*, 228, edição de O. Brunfels, Argentorati, 1531; Bretschneider, *On the knowledge, etc.* 13; e *Botanicom Sinicum*, 61, London, 1882).

Fosse qual fosse o momento em que a secreção do *Cinnamomum* começou a ser explorada, sabemos que isto tinha lugar em larga escala no XIII seculo. O grande viajante Marco Polo, atravessando pelo anno de 1292 a província de Fo-kien, entre a cidade de Fu-chau e o porto de Zaytún, passou por extensas florestas, em que se encontravam muitas das arvores que dão a *canfora*. Esta substancia era então exportada por Zaytún, uma opulenta cidade, cujas magnificencias celebraram o mesmo Marco Polo, Ibn Batuta e outros viajantes da idade-media, e que foi o emporium do commercio da China com o archipelago malayo, a India, e em geral o Occidente. Este Zaytún, um nome usado pelos mercadores arabes, quiz Yule identificar com o porto de Tswanchau; mas, pelas reflexões de Phillips e de Douglas, parece antes dever-se collocar mais ao sul, em Chang-chau, na grande enseada de Amoy (Cf. Yule, *Marco Polo*, II, 217 a 224).

Segundo Orta, durante a sua estada na India e já anteriormente, toda a *canfora* do commercio occidental vinha da China, e o que é mais do mesmo porto de Zaytún. Sómente, o nome tinha mudado. Quando os portuguezes no XVI seculo abriram de novo ao commercio os portos da China meridional, o velho nome arabe estava esquecido, e elles deram á mesma localidade o nome de Chincheo. E Orta diz-nos, que da *canfora* chineza se sabia pouco, porque não vinha de Cantão, onde toda a gente ia; mas de Chincheo, «onde vão poucas pessoas». Era natural que a exportação se fizesse por Zaytún ou Chincheo, pois o *Cinnamomum* é particularmente abundante nas florestas da propria província de Fo-kien, e nas das províncias limitrophes de Chekiang e de Kiang-si. Orta sabia, pois, exactamente a procedencia da substancia; mas não conhecia a feição da arvore, nem o processo de extracção, porque as terras da China, para o norte de Cantão, eram pouco frequentadas pelos portuguezes.

Nas *Lettres édifiantes* (citadas por Yule) vem descripto o modo po que na China se obtinha a *canfora* dos fragmentos ou aparas da madeira do *Cinnamomum*, submettendo-as á acção do calor, e provocando a sublimação da substancia. E são bem conhecidos os processos análogos, empregados na ilha Formosa e no Japão, d'onde hoje vem quasi toda a *canfora*, porque a da China tem desapparecido do commercio. Sem nos demorarmos na descripção d'esses processos¹, importa notar, que a *canfora* do *Cinnamomum* se não encontrava á venda no estado nativo — como a do *Dryobalanops* — mas preparada pela acção do calor, e em massas porosas, a que Orta chamava «pães». D'esta preparação tiveram conhecimento os escriptores sanskriticos, se acaso a distinguiram pelo qualificativo de *pakya*, ou *cozida*; e d'ella teve tambem uma vaga idéa o nosso auctor, admittindo que fosse uma cousa composta. No que, porém, se engana, é em julgar que lhe misturavam alguma *canfora* de Bornéo.

Para terminar estas longas notas, devemos dizer alguma cousa sobre os preços relativos das duas espécies de *canfora*. Orta affirma, que uma libra da de Bornéo valia tanto como um quintal da da China. Admittindo que elle fallou da *libra* de botica, de 12 onças, teríamos a de Bornéo 170 vezes mais cara que a da China — o que pôde parecer exagerado. No *Livro* de Duarte Barbosa — um pouco anterior — encontram-se alguns preços: diz elle, que a *canfora grossa em pães* valia de 70 a 80 *fanões* cada *faraçola*; e esta devia ser da China, tanto pelo seu preço baixo, como pela indicação de ser «em pães». Diz mais, que a *canfora de comer, e para os olhos*, valia cada *mitigal* 3 *fanões*. D'este preço do *mitigal* (*matical* ou *mithkal*) deduz-se, que o preço da *faraçola* era de 7:000 *fanões* proximamente: isto é 100 vezes mais cara que a inferior. Modernamente, Rondot, em um estudo sobre o commercio da China, publicado no anno de 1848, e citado tanto por Yule como por D. Hanbury, dá os seguintes numeros:

Preços de diversas qualidades de canfora por *picul* de 133 1/2 lbs:

China 1. ^a qualidade.....	20 dollars
» 2. ^a qualidade.....	14
Formosa.....	25
Japão.....	30
Ngai (da China) ²	250
Barús 1. ^a qualidade	2:000
» 2. ^a qualidade.....	1:000

¹ Veja-se *Pharmac.*, 461; e, sobre a resublimação a que sujeitam na India a *canfora bruta*, Dymock, 665.

² *Ngai*, extrahida da *Blumea balsamifera*, e não conhecida nos tempos antigos.

Por onde se vê, que a melhor *canfora* de Barús, era 100 vezes mais cara que a melhor da China, exactamente como tres seculos antes, no tempo de Duarte Barbosa. Dados ainda mais modernos e relativos á India, approximam-se muito sensivelmente das indicações de Orta. Diz-nos o sr. Dymock, que no mercado de Bombaim a *canfora bruta* do Japão e da China vale de 15 a 16 rupias o *maund*¹ de Surrate de $37\frac{1}{2}$ lbs., isto é menos de $\frac{1}{2}$ rupia por lb.; enquanto a boa *canfora* de Bornéo pôde valer 100 rupias por lb., ou mais de 200 vezes aquella. De tudo isto resulta, que, nem o nosso escriptor foi exagerado, nem o valor relativo das duas substancias tem variado de um modo muito sensivel.

NOTA (3)

Garcia da Orta admirava muito a riqueza e civilisação da China, como teremos occasião de notar em mais de um *Coloquio*.

Esta noticia sobre o commercio d'aquelle paiz com a India é muito interessante, posto que em um ponto me pareça menos exacta. Orta inclue o «azogue» e o «vermelham» entre as mercadorias que vinham habitualmente da China, no que julgo haver um engano. É certo que na China existiam jazigos de *cinabrio*, e que fabricavam ali *vermelhão* muito fino e apreciado, parte do qual, assim como algum *mercurio*, se deveria exportar; mas habitualmente succedia o contrario. Duarte Barbosa, sempre bem informado, diz que o *azougue* e o *vermelhão* chegavam ao mercado de Diu, vindos de Aden e da Méca, isto é, do Occidente. E, quando falla do movimento commercial de Malaca, não inclue aquellas substancias entre as que os juncos *traziam* da China, mas pelo contrario entre as que *levavam* para lá de retorno. Esta é que parece ser a verdade.

Em tudo o mais a noticia é exacta. Os metaes preciosos abundavam na China, e d'ali vinham para a India desde tempos antigos, particularmente a *prata*. Marco Polo já menciona a importação de *prata* no Malabar, vinda do oriente, e cita os navios de Manzi (China meridional), entre os que a traziam, acrescentando que alguns d'esses navios traziam tambem *cobre* como lastro. Alguma *prata* devia vir em obra, em «baixellas ricamente lavradas»; e alguma viria em «leitos», que não sei bem o que fossem, pois me parece que a palavra *leito* não deve ter aqui a sua significação vulgar.

O *almiscar* em *pó*, ou em *papos*, era uma das exportações classicas da China, em cujas provincias septentrionaes abundavam os animaes

¹ Este peso, que os ingleses escrevem e pronunciam *maund*, é o mesmo que os nossos antigos portuguezes da India escreviam *mão*.

que o produziam. Uma parte d'esse *almiscar* chegava á India pelo interior, pelo Thibet e Himalaya, principalmente ao mercado de Patna; mas outra vinha dos portos da China a Malaca, e d'ali ás cidades das costas de Coromandel ou do Malabar.

Igualmente vinham da China *perolas* e *aljofar*, algum tanto irregulares e desiguales, como notou Duarte Barbosa com a minuciosidade de um bom negociante. Na curiosa miscellanea que constitue a *Lembrança das cousas da Imdea*, vem cuidadosamente apontados á parte os preços do *aljofar da Chyna*, por onde parece que seriam diversos dos do *aljofar* das pescarias de Coromandel e Ceylão. Este *aljofar* da China era pescado ao longo das costas do sul, principalmente da grande ilha de Aynam, ou Hai-nan; e Fernão Mendes Pinto nas suas aventureiras e celebres peregrinações teve occasião de visitar aquellas pescarias.

Mais conhecida ainda como exportação da China é a *porcellana*, que vinha para a India, e d'ali para Portugal, onde ficou sendo designada pelo nome improprio de louça da India. Alguma — segundo diz Orta — valia «mais que prata duas vezes»; e devia effectivamente ser preciosa, pois n'aquelle tempo, o da dynastia Ming, o fabrico attingiu na China a maior perfeição.

Mas superior em importancia a todas as outras mercadorias era então a *seda*. Vinha da China muita «seda solta»; e mesmo o que Duarte Barbosa chama *sulia*, que parece ser o casulo em bruto. E vinha tambem a «seda tecida», ou — como diz Duarte Barbosa — «panos de damasco de cores, setins, e outros panos razos, e brocadilhos». Todos estes ricos tecidos tinham na India um largo consumo; em uma estação gastavam-se setecentos bahares, segundo diz o nosso velho medico.

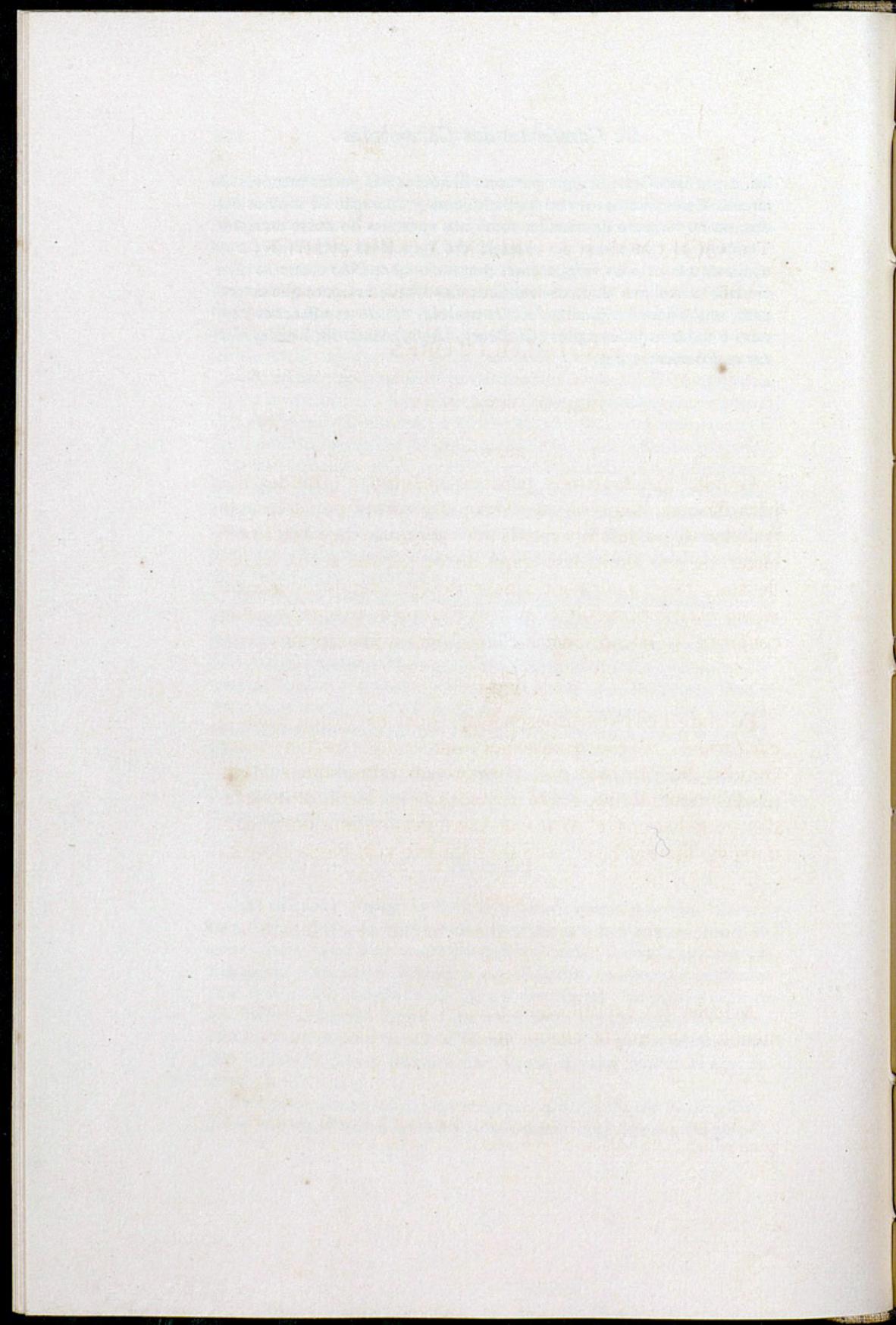
(Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 283, 365 e 374; Yule, *Marco Polo*, II, 378; *Lembranças da Imdea*, 39, nos *Subsidios*; Fernão Mendes Pinto, *Peregrin.* cap. XLIII).

NOTA (4)

Orta refere-se a uma de duas especies vizinhas: *Averrhoa Carambola*, Linn., chamada vulgarmente *carambola*, e *kamaranga*, que deve ser o seu «Camariz»; e *Averrhoa Bilimbi*, Linn., chamada tambem *kamaranga*, e por outros *bilimbi*, o seu «Balimba». Ambas são cultivadas com frequencia na India, e elle falla provavelmente da primeira, posto que hoje — segundo dizem — na nossa India portugueza o *bilimbeiro* seja mais commum e tratado com mais esmero do que a *caramboleira* (Cf. Roxburgh, *Flora Indica*, II, 450; Costa, *Manual pratico do agr. indiano*, II, 213 e 214).

Os fructos alongados d'estas pequenas arvores, da familia das *Oxalidace*, são visivelmente sulcados pelas suturas longitudinaes das carpel.

las, e por isso Orta diz, que parecem divididos nas partes menores do circulo. Estes fructos servem ainda hoje na preparação de molhos acidos, ou no tempero da comida, como nos «pasteis» do nosso escriptor. Tambem os conservam em assucar, em «graciosas conservas»; e os applicam em bebidas refrigerantes durante a febre. Não encontro mencionado o «colirio» do nosso medico; mas Rhede assegura que empregam uma d'aquellas plantas (*A. Carambola*) contra as affecções cutaneas e todas as inflamações (Cf. Drury, *Useful plants*, 58; Rhede, *Hor-tus malabaricus*, 1, 52).



COLOQUIO DECIMO TERCEIRO
DE DUAS MANEIRAS DE CARDAMOMO E CARANDAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVO

RUANO

Grande meada temos pera desempeçar, e grandes nós pera desatar, como os que Alexandre cortou por escusar o trabalho de os desempeçar. E por esta causa me parece bem haver de vós hum desengano disto; porque se os podeis desatar, bem; e se nam, quebrarlosey, usando do *cardamomo mayor* e *menor*, como em Europa se usa; nam sendo conforme a Galeno, nem a Plinio, nem a Dioscorides.

ORTA

Eu muy bem vos saberey dizer qual he o que chamão *cardamomo mayor* e *menor*, e que vejaes isto tam craro como a luz do meu dia; porque sam estas humas muito usadas mercadorias, e assi gastadas nesta terra, como levadas pera Europa e Africa e Asia: mas se este nome *cardamomo* lhe foy bem posto ou não, não volo posso afirmar.

RUANO

Começay em boas oras, e dizey os nomes arabios e latinos e indianos.

ORTA

Avicena faz capitolo do *cacollá**, e o divide em maior e menor, e ao mayor chama *quebir* e ao menor *ceguer*; assi

* Avicen. lib. 159 (nota do auctor). Para ser correcta seria lib. II, tract. II, cap. 158; veja-se a nota (1).

que hum delles se chama *cacollá quebir*, e outro *cacollá ceguer*, que he tanto como se dixesse *cardamomo mayor* e *cardamomo menor*; e por estes douis nomes sam conhecidas estas duas maneiras de *cardamomo* dos fisicos arabios e mercadores; e ambas ha na India, e a mayor quantidade he de Calecut até Cananor, bem que em outras partes do Malavar o aja, e na Jaoa; mas não he tanta quantidade, nem tam branco da casca. E neste Malavar se chama *etremilly*, e em Ceilam *ençal*; e, ácerca dos Bengalas e Guzarates e Decanins se chama, por alguns *hil*, e por outros *elachi*; e isto, ácerca dos Mouros, porque ácerca dos gentios destas partes acima ditas se chama *dore*; e por esta causa ha tantas confusões nos nomes delle escriptos per os Arabios; porque huns o chamároa pella lingoa indiana, e outros pella arabia; e ficou a cousa tam embarçaçada, que deu a muitos occasiam de errar.

RUANO

Pois Serapiam chama a hum *cacollá* e a outro *hilbane**.

ORTA

Está corruta a letra, e hade dizer *cacollá* e *hil*, e se lhe quisermos acrescentar *bane*, antes diremos *bara*, que quer dizer grande em decanim; assi que *cacollá*, como dizem todos os Arabios, ou *caculle*, como diz Avicena, ou *elachi*, querem dizer o que chamamos *cardamomo*.

RUANO

E em latim como lhe chamaremos, ou em grego?

ORTA

Os Gregos, nem os Latinos antigos, nam conheceraam *cardamomo*; como quereis que vos diga o nome? E por tanto podeis crer que Galeno nam escreveo delle; e isto alem da esperiencia e o capitulo do *cardamomo*, he dizelo Avenirrois;

* Serapio, cap. 64 (nota do auctor).

porque diz Galeno que nam he o *cardamomo* tam quente como *masturço**; mas que he mais aromatico e mais sabroso, e tem alguma cousa de amargor; e pois todas estas couças nam lhe convém, nem tem sabor de *masturço*, nem amarga, sinal he que nam conheceo este que chamamos *cardamomo*.

RUANO

E pois Plinio e Dioscorides nam escreveram delle**?

ORTA

Dioscorides diz que o melhor se traz de Comagena e da Armenia e do Bósforo; e que tambem se traz da India e da Arabia; e pois diz que se traz destas partes, acima ditas, e o que cá chamamos *cardamomo* não o ha lá, pois he mercadoria que pera lá se leva; assi que se lá ha o que diz Galeno e Diocorides, e não he este da India, bem se segue que são duas couças e não huma só. E se queremos dizer que he o que chamão Avicena e Serapiam *cordimeni*, nisto não contendo, porque este nam he o que Avicena e Serapiam chamáram *cacullá* ou *hil*; quanto mais que Dioscorides, em as condições que delle põe, diz que seja máo de quebrar e encerrado na casulha, e agro e hum pouco amargo, e que tente com o cheiro, e fira a cabeça, as quais couças todas sam ao revez deste chamado *cardamomo*; porque não he máo de quebrar, nem tenta com o cheiro a cabeça, nem he amargo, senam tem hum sabor agudo, nam tanto como a pimenta ou cravo; e porém he mais aprazivel, e na boca traz agoa.

RUANO

Pois porque lhe chamarão *cardamomo*, pois dizeis nam ser o dos Gregos?

* Avenrois, 5, Colligit; Galenus, 7, Simp. medica. (nota do auctor).

** Pli. lib. 12, cap. 13; Diosc. li. 1, cap. 5 (nota do auctor).

ORTA

Porque, como diz Terencio*, Davo contorbou todas as cousas; e este Davo foy Geraldo Cremonense trasladador, que, por nam conhecer este simple, por a muyta distancia destas terras, e não haver navegaçam, nem commercio pera ellias, poslhe o nome que melhor lhe pareceo; e fôra melhor deixar o nome em arabio, pois era mézinha não conhodata; e não foy só o erro que deste modo teve este Geraldo.

RUANO

O de Plinio parece ser o desta terra?

ORTA

Plinio põe quatro especias; scilicet, muito verde e grosso, e o melhor ha de ser contumaz ao esfregar; e o outro que resplandeça de cor ruiva de ouro; e o outro, mais pequeno e mais negro, hade ser de desvairadas cores, e que se quebre bem: ora vedes aqui o *cardamomo* que tem a casca em que está, branca, e elle he preto, e facilmente se quebra. E provay, que não he amargo, nem o ha preto por fôra, e muito menos o ha verde, ou vario de cor, como podeis ver neste. Moço, pede a huma negra *cardamomo*, e trazeo cá; porque estas negras usam muito delle por o mão cheiro da boca e pera masticatorio, e pera desfleimar e alimpar a cabeça.

SERVO

Eilo aqui.

RUANO

Bem diferente cousa he esta; quanto mais que diz Valerio Cordo**, que o mayor he quasi como bollota e o menor quasi como avelã; e destes nenhum dos grandes he mayor que hum pinham com casca; e elle, nos Dioscorides que

* Terencio (nota do auctor). Veja-se a nota (5).

** «Valerio Probo», na edição de Goa, mas por erro evidente. O nome d'este conhecido commentador de Dioscorides foi um dos que mais alterações sofreram na impressão; veja-se a nota (5).

fez debuxar, pinta o assi; e diz que estes grãos estão metidos nas outras cabeças grandes; portanto me dizey se he assi.

ORTA

Elle se semêa como os nossos legumes; e o mais alto he como um covado de medir; e nelle estão dependuradas estas casulhas; e nesta casulha que vedes abrir, estão de dez até vinte grãos pequenos.

RUANO

Venha Ruelio e Laguna, pois são mais novos escritores, e digão o que sintem deste simple; porque diz Ruelio que he huma frutice ou mata semelhante ao *amomo*, como o nome o diz, e abaxo diz que se colhe como o *amomo* na Arabia.

ORTA

Por aqui podeis ver que não he o *cardamomo*; porque o que cá da India vay, pera essas partes o levão, scilicet, pera o ponente; e nestas terras cá não ha o *amomo*, porque de lá do ponente o mandão trazer os reys pera mézinha, do que eu sam testemunha de vista. E que o *cardamomo* ou *cacollá* não ajão nessas terras do ponente se prova por ser mercadoria pera lá; e he sabido de todolos mercadores.

RUANO

Tambem traz per auctoridade de Theofrasto, que he vezinho ao *nardo* e ao *costo*.

ORTA

Isto achamos ser alheo da verdade, porque o *nardo* e o *costo* ha os no Mandou e no Chitor; e o *cacollá* ha o no Malavar, e já pôde ser que o aja onde ha o *nardo* e o *costo*, mas nam ha tanto como o ha no Malavar.

RUANO

E tambem diz que as sementes sam brancas, e que empolam com grande esquentamento a boca?

ORTA

Isto he falso do *cacollá*, pois a casca he branca e as sementes são pretas; e, tomado na boca traz tanta agoa, que parece nam ser quente; donde tomaram occasiam os Indios a dizer que era frio de comprehendam.

RUANO

Pois o Laguna, que trasladou o Dioscorides em castelhano, diz que nas boticas se mostrão tres especias de *cardamomo*, scilicet, mayor e menor, e outra que he a *nigela*, e que todas são muito aromaticas e mordaces ao gosto; e que o *cardamomo mayor* parece ao *fenugreco* ou *alfolua*s, e que he mais negro e mais pequeno; e o *cardamomo menor* corresponde na figura ao mayor, porque he esquinado e nam tem tanto corpo, e declina mais a cor pardilha; e o terceiro he a *nigela citrina*, que he diferente na cor preta somente; de modo que concluy que a primeira especia he *malagueta* ou *grãos do paraíso*; e que este he o *cardamomo* de que escreve Dioscorides. E diz mais o mesmo Laguna que hum mercador lhas mostrou em Veneza todas tres especias o anno de 48, e depois diz mil males dos Arabios e que confundem tudo.

ORTA

O que dizeis de Laguna he craro ser falso, pollo que já disse e adiante direy; porque o Dioscorides não vio o *cardamomo* com casca; pois diz que a *malagueta* o he; não, a *malagueta* conheceo Dioscorides donde era *; e o mayor, que diz ter a cor pardilha, nam diz bem; e mais a *nigela* nam ha nesta região, nem tem as obras do *cardamomo*. E o mercador que lhe mostrou as tres especias de *cardamomo*, que disse que trazia a Veneza da Armenia, não dixe verdade se era verdadeiro *cardamomo*; e se era o verdadeiro, traziaas da India, scilicet, levadas della a Alexandria ou outro porto.

* A phrase é muito confusa; e Orta depois de refutar Laguna parece admittir a sua opinião de que Dioscorides conheceu a *malagueta*, opinião de todo o ponto insustentável. Veja-se a nota (1).

RUANO

Logo, per vossas razões, me parece que dizeis que o *cardamomo* dos Gregos não he este que chamão *cardamomo* os Arabios; e tem muyta razam Menardo e outros escritores novos de dizer que o *cardamomo* dos Arabios que he mézinha nova; e que nam se deve usar della, pois Galeno e Dioscorides, principes da medecina, não a usaram (1).

ORTA

O primeiro vos confessey já, scilicet, que o *cardamomo* que os Gregos escreveram, não he o *cacollá* que escreveram os Arabios; mas o segundo vos nego em dizerdes que nam se hade usar delle, porque cada dia ha enfermidades novas, assi como o morbo napolitano (a que chamamos sarna de Castella), e Deus he tam misericordioso que em cada terra nos deu mézinhas pera sararnos; porque elle que dá a enfermidade dá a mézinha pera ella; senam, como diz Temistio, o nosso saber he a mais pequena parte do que ignoramos*. E porque nam sabemos as mézinhas com que curamos todas, trazemos o *ruibarbo* da China, donde trazemos o *pão* ou *raízes* pera curar a sarna de Castella, e a *cana fistola* trazemos da India, e o *manná* da Persia, e *guaiacam* das Indias occidentaes. E tambem quiz Deos que buscassemos e inquerissemos sempre mézinhas; e pois isto assi he, porque os amadores dos Gregos quando achão as mézinhas esperimentadas nas terras onde nascem, e nas terras onde ás usáram Avicena, e Abenzoar, e Rasis, e Isaque, e outros a quem nam se pôde negar serem letrados, em tanta maneira as vituperão, que vituperão os autores.

RUANO

Bem dizeis: mas como usarey do vosso *cardamomo* curando segundo Galeno, pois o não conheceo?

* Temistio (nota do auctor). Veja-se a nota (5).

ORTA

Digo que em as receitas dos Gregos e dos Latinos antigos, que nam seguirão os Arabios, por *cardamomo* usay do de Galeno; e se o nam conheceis, não deis a culpa aos outros, pois nam a tem: e nas composições ou curas dos Arabios e Latinos modernos usay do *cardamomo mayor*, que he este grande que vedes, e do *menor*, que he estou tro.

RUANO

Outra guerra se nos aparelha, estes (nam) são ambos de huma feiçam, e (que) não diferem mais que de grande a pequeno, e todolos vossos imitadores dos Arabios (nam) chamam a este pequeno *cardamomo mayor*, e estoutro grande nunca o virão em Europa; e por o *menor* usam de huma semente, a que chamam *grana paradisi*, e os Hespanhoes *malagueta**. Pareceme que desfazeis toda a fisica e todo o modo de curar; portanto tende mão em vós, e dizeime donde vos veo este error.

ORTA

Eu volo direy, e vós o vereis craro; porque muitas vezes perguntey em Portugal, e cá na India a pessoas que foram de Portugal á Malagueta, se avia na Malagueta este *cacollá* a que chamamos *cardamomo*, e dixeramme que nam; e cá nestes terras perguntey se avia *malagueta* e nunca a achey. Comecei entonces a cuidar em mim, como Avicena, tanto sabedor, avia de dividir o *cardamomo mayor* e *menor*, e que o *mayor* se avia de achar na India, e o outro na Malagueta, quatro mil legoas della; e tambem vy que Avicena chama á malagueta *conbazague*; e parece muita razam ser ella, pois que diz que a trazem das partes de Çofala, e a Malagueta he continua a ella. E já pôde ser que em Çofala ou nas terras convisinhos a aja, e nam o sabemos, porque he

* Toda esta passagem é inintelligivel, e contem talvez a mais as palavras incluidas entre parenthesis; alem disso envolve um erro, sobre a identificação do *granum paradisi* com o *cardamomo menor*.

gente barbara, e não acustumada a conversar com os homens: pois como quereis que escreva douz capitulos Avicena de huma cousa? E andando eu nestes cuidados em Cochim, veo a mim hum judeo, mercador da Turquia, e dixeme que trazia em huma lembrança de mézinhas que avia de comprar, *cacollá quebir*; e como entendi que *cacollá* significava *cardamomo*, e *quebir* grande, perguntey a muitos, se avia *cardamomo* em outras terras, e de que feiçam era, e nam me davam razam disso; e por derradeiro achey que em Ceilam o avia, e que era muito mais grande e nam tam aromatico; e isto me dixe hum feitor de elrey que ahi residira, e que se levava a Ormuz e Arabia por mercadoria, em que se ganhava bem. E no mesmo tempo mandey a Ceilam hum meu navio, e me trouxerão huma amostra delle; e porque nam creais a huma só testemunha, ainda que seja Catam, curando eu no Balagate hum grande senhor, por nome Hamjam, irmão de hum rey do Balagate, que se chama Verido, de industria despensei em uma receita *cardamomo mayor* e *cardamomo menor*, em lingoa arabica, e apresentaramme, pera fazer a composição, estas duas mézinhas; isto avia de abastar, quanto mais que, a olho vedes que ambos são de huma feiçam, e hum grande e outro mais pequeno.

RUANO

Logo a Portugal vai o menor destes, e o maior destes nam vi: qual vos parece melhor pera usar?

ORTA

Digo que ambos he bem que se levem a Portugal, e dahi se gasta pera toda a Europa; e porém o mais aromatico e melhor he este mais pequeno, e podese chamar mayor em virtude e menor em quantidade: isto digo salvo melhor juizo.

RUANO

Eu estou espantado de mim, como vendo estas duas cabeças de sementes, nam dixe logo, este he *cardamomo mayor* e este he *menor*, e daqui adiante assi usarey e praticarey; e

do *conbažague* ou *malagueta*, somente onde o achardes pensando nas mézinhas dos Arabios (2).

ORTA

Nenhuma cousa sei, que logo o nam diga aos boticairos e fisicos, e a todos; e isto bem sei que nam he bom pera mim, porque dizem depois que elles acháram estas couisas, e levão a gloria de meus trabalhos, e eu nam o digo, senam por aproveitar a todos. E Deus he testemunha disto, que me aconteceo. Foy hum visorey nesta India, muito curioso de saber, e posto que nam sabia latim, em toscanõ entendia Plinio, e desejava de saber a certeza de algum simple, e encomendavame que lho dixesse, quando o achasse; ao qual eu levei este *cardamomo mayor* a mostrar, e o *menor*, e mostrandolos ambos, lhe dixe que hum se dizia *cardamomo mayor* e outro *menor*, o qual elle, olhando e provando, afirmou que aquilo lhe parecia verdade, e porém que elle tinha fé em hum boticairo velho, que o queria mandar chamar.

RUANO

Esse boticairo era docto, e sabia latim, e grego, ou arabio?

ORTA

Não, senam era hum homem velho e de muito tempo na India, e sabia bem a pratica da botica, e em latim, e grego e arabio sabia do modo que o sabem em Espanha os que nunca o ouviram falar nem ler; e comtudo isto era muito bom homem, e porque hia fazer a Cambaya as drogas da botica, que pera Portugal mandava o veador da fazenda, dezia, que nenhum boticairo sabia no reino nem cá senão elle cousa destas drogas; e elle nunca soube tanto que lhe fizesse perda. Perguntou o visorey áquelle boticairo se era hum daquelles *cardamomo mayor* e outro *cardamomo menor*, e dixe que nam; senam que o mais pequeno era *cardamomo*, e o outro que nam o era *mayor* nem *menor*; e como lhe eu dixe que o provasse e acharia ambos de hum sabor, e hum era grande e outro pequeno, e elle nam dava

estas duas especias nesta terra, sendo nella tam espermentado, que era razam serem aquellas duas mézinhas huma *cardamomo mayor* e outra *cardamomo menor*. A isto dava elle grandes brados em bom romance de Portugal *de presumitur*, que volo concedo, mas que o seja assi, que volo nego: argumentovos de *menta* e *polipodio*. E eu lhe dizia, porque nam será este *cardamomo*; pois não dais outro na terra? E elle dezia: Porque? Como ha Deos de querer que o que eu não soube em tantos annos, saibais vós tam asinha? E eu a isto lhe replicava que muitas cousas sabiamos oje, as quaes ontem ignoravamos; e que muitas vezes, aos menores, como a mim, se revelavam as cousas que aos mayores, como elle, nam revelavam; e com todas estas lisonjas nunca o pude fazer confessar, senam acodia *de presumitur*.

RUANO

E pudieis ter o riso entonces?

ORTA

Si podia, mas com grande trabalho; porque, diante de tal pessoa, sermia reputado a liviandade; e porém um letrado jurista, que em hum canto estava assentado, reya* por mim e por elle, e oje em dia riy disso, quando lhe lembra.

RUANO

Nam sabia esse visorey o que vós sabieis?

ORTA

Si; e mais me conhecia de Portugal; e elrey quando pera esta terra veo elle lhe dixe que não era necessario trazer fisico comsigo; e assi o fez, e se finou em minhas mãos; mas pudia mais a porfia do boticairo, que todas estas coisas (3).

* «Reya», uma fórmula hespanhola, como muitas outras de que usa o nosso auctor.

RUANO

Folgarey de conhecer este boticairo.

ORTA

Já morreo, e Deos lhe perdõe, porque tirado de algumas couzas era muyto bom homem; e nelle não falemos mais, porque isto foy mais dito pera o festejardes e vos alegrar, que pera o encomendar á memoria.

RUANO

Digovos que Andreas Belunensis, bem entendido no arabio, diz que *caculle* he *cardamomo mayor*, e *alçal* ou *haleil* ou *cayrbua* e *eilbua* he *cardamomo menor*.

ORTA

Todos estes nomes estão depravados ácerca dos livros arabios e de alguma gente; e o que acima dixe he a verdade; e nam digo isto porque elle não sabia muito, mas, por nam vir a esta terra, nam pôde haver as verdadeiras informações.

RUANO

Usase muito em fisica da gente da terra?

ORTA

Muito, porque no *betel* mesturado se mastiga pera fazer bom cheiro; e com elle dizem que se tira a freima da cabeça e do estomago; e assi o tomam em xaropes e tomaram erronia em dizer que era frio; e nam he muito, pois assi o afirmam na *pimenta*.

RUANO

E os fisicos indianos tomam a raiz pera as febres? porque diz Mateus Silvatico que si, e que naçem em humas trombuidades de huns arvores: ha pella ventura cá tambem alguns arvores donde naçem?

ORTA

Nam tem raiz, que ao caso faça, pera tomarem em febres; porque nam nace, senam semeandose na terra que

primeiro seja queimada, e não ha outro: e o que diz Mateus Silvatico he muito falso; e pois nam alega com outro algum, com elle se fique a mentira.

RUANO

Como se gasta em Europa tanta *pimenta* e tam pouca *malagueta*, sabendo melhor a *malagueta*, principalmente no peixe?

ORTA

Já tive essa pratica com Alemães e Francezes mercadores; e dixeramme que a *malagueta* nam adubava os comezes em cozido, nem sufria cozimento, somente em cousa crua, ou que fosse já cozida; e que porque isto era pouco, por isso se gasta menos della. E leixemos isto, e comamos o peixe que temos cozido pera comer, porque tambem leva *cardamomo*.

RUANO

Bem he: mas que fruta he esta azeda que parece maçaninhas pequenas verdes?

ORTA

Chamamse *carandas*, ha as na terra firme e no Balaguate: são arvores do tamanho de medronheiro, e a folha assi, e a frol he muita e cheira a madresilva; quando são maduras he muito saborosa fruta, sam pretas e sabem a uvas, e já ouve homem que fez dellas vinho, e foi rezoado mosto; e podera ser que se fôra muito fôra bom vinho ao diante. Agora he esta fruta verde, e de grossura de huma avelã com casca, he mayor no Balaguate quando he madura, e entonces deita huma viscosidade, como leite; e algumas pessoas lhe deitam sal, quando he madura pera comer, e sabem bem: estas verdes são salgadas, e esta provisam ha nesta terra, que fazem as frutas salgadas pera incitar o apetite no tempo que as nam ha; e tambem as lançam em vinagre e azeite, a que chamam *achar*; e assi vem cá da Persia e Arabia ameixas verdes e maçans e talos de videira e de silva, alcaparras e o fruito dellas. E pois estes Indios buscam tantas maneiras á gulla, comei (4).

RUANO

Assi o farei, e já provey esta fruta e sabeme a maçans verdes (5).

NOTA (1)

«Grande meada temos pera desempeçar e grandes nós pera desatar,» diz logo no começo o nosso Orta. *Nulla res est fortasse in re pharmaceutica magis litigata quam Cardamomi notitia*, dizia tambem o antigo pharmacologista Geoffroy. A meada, porém, não é muito difficulte de desempeçar, pelo menos na parte que este *Coloquio* tem de realmente interessante.

Devemos em primeiro logar ter em vista, que Orta se refere a uma unica especie, *Elettaria Cardamomum*, Maton (*Alpinia Cardamomum*, Roxb.), uma grande planta herbacea e perenne da familia das *Scitamineæ*. Conhecia, porém, duas variedades d'esta especie, das quaes nos occuparemos na nota seguinte.

Vejâmos agora os nomes vulgares, citados pelo nosso escriptor:

— «Cacollá quebir» e «Cacollá seguer» entre os escritores arabicos, significando respectivamente «Cardamomo mayor e Cardamomo menor». Estes são os dois nomes bem conhecidos *قاقلة kebar* e *قاقلة صغار qaqalah segher*, pelos quaes esta droga vem geralmente designada nos livros dos arabes (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 52, 54).

— «Hil» entre os mouros, isto é, os mussulmanos, de diversas partes da India. Com a mesma orthographia *hil* o cita Dymock como sendo usado por alguns escriptores arabicos modernos (*Mat. med.*, 786).

— «Elachi» entre os mesmos mouros; isto é *iláchi*, nome vulgar bengali, ou *elchi*, nome ainda usado em Bombaim (Dymock, I. c.).

— «Ençal» em Ceylão. Ainslie cita o mesmo nome singhalez *ensal* (*Mat. ind.*, I, 52).

— *Etremilly* no Malabar. Posto que deva estar muito alterado, parece ligar-se com o nome vulgar *elettari*, citado por Rhede, e que foi adoptado para a designação scientifica do genero (*Hortus malab.*, XI (1692), T. 4 e 5).

— «Dore» é nome que não encontrei, e apenas se parece vagamente com a terminação de uma das designações vulgares em Bombaim, *vel-dode* (Dymock, I. c.).

Passa depois o nosso escriptor a enumerar todas as difficultades que encontrou, quando quiz approximar a planta sua conhecida das descripções de Dioscorides, Plinio, Galeno e outros auctores classicos. Vê-se que elle fez cuidadosamente este exame. Cita as proprias expres-

sões de Dioscorides, «máo de quebrar, encerrado na casulha, agro e um pouco amargo» — δύσθραστον, μεμικής . . . γεύεται δὲ δραμὸν καὶ ὑπόπτηρον. Transcreve quasi textualmente a passagem de Plinio, onde este distingue no *cardamomum* quatro variedades: *viridissimum ac pingue, acutis angulis, contumax fricanti, quod maxime laudatur: proximum e rufo candicans: tertium brevius atque nigrius. Pejus tamen varium et facile tritu*. E d'esta conscienciosa confrontação conclue, que aquellas substancias não são a que elle conhece, ou pelo menos não é possível afirmar que o sejam. Á mesma conclusão chegaram todos os modernos auctores de materia medica, J. Pereira como Flückiger e Hanbury, os quaes reconhecem, que o καρδαμων de Dioscorides, e o *cardamomum* de Plinio, se não pôdem identificar satisfactoriamente com as substancias modernamente designadas pelo mesmo nome (Cf. Dioscorides, I, 5, pag. 14, edição Sprengel; Plin. XII, 19; Pereira, *Mat. med.*, II, 1, 258; *Pharmac.*, 583).

Orta admite, porém, que os antigos escriptores arabicos conheciam esta droga. Effectivamente, Avicenna dedica nem menos de quatro capitulos a substancias que deviam ser analogas e alguma d'ellas identifica a esta. Os capitulos têm nas velhas versões latinas os seguintes titulos, que de certo estão muito alterados: *sacolla*, que se distingue em grande e pequeno; *cordumenti*; *cobzbague* ou *chayrbua*; e *eylbua* ou *chayrbua*. Algumas d'estas drogas eram de origem asiatica, e podiam ser a propria *Elettaria*, pois temos motivos para suppor que os arabes a conheciam já então. Maçudi, no x seculo, enumera as substancias que vinham do imperio do Maharadja, isto é, do archipelago e da India: canfora, aloés, cravo, sandalo, areca, noz moscada, cardamomo (القافل) e cubebas. Mais tarde Édrisi dá uma lista das mercadorias, que os navios da China traziam a Aden, entre as quaes figura o *cardamomo*¹; e em outra passagem refere-se á sua existencia em Ceylão, onde se comprava barato um certo vinho doce, cozido com *cardamomo* fresco. Vê-se, pois, que os arabes tinham noticia de uma droga asiatica, a qual pelo nome e pela região d'onde vinha parece ser a *Elettaria* (Cf. Avicenna, II, II, cap. 158, 159, 203, e 232, edição de Rinio (1556); Maçudi, *Prairies*, I, 341; Édrisi, *Géographie*, I, 51, 73).

Succedia, porém, que além das drogas asiaticas, Avicenna mencionava outras de procedencia africana, e isto lançou o nosso escriptor em uma certa perplexidade, e induziu-o em varios erros.

Encontrou-se em antigos tempos, nos mercados, um *cardamomo* de grandes dimensões, procedente da Abyssinia, exportado pelos portos africanos do mar Vermelho, e chamado pelos Gallas *korarima*. Para a

¹ Esta substancia podia ser a *Elettaria*, trazida da India pelos navios da China; mas podia tambem ser algum *Amomum*, dos varios que existem na propria China.

planta que o produz, e que não está ainda bem conhecida, propoz J. Pereira o nome provisório de *Amomum korarima*. Não é fácil decidir com segurança se esta droga era o *chayrbua* de Avicenna; mas parece ter sido o *cardamomum majus* de Matthiolo, de Valerio Cordo e de outros escriptores da Renascença—aquele que Valerio Cordo fez «debuxar», e que Orta estranhava tivesse tão grandes dimensões¹.

Encontrou-se tambem no commercio outra droga, chamada *melegeta* (*malagueta* na fórmula portugueza), *granum-paradisi*, e algumas vezes *cardamomum majus*. Procedia geographicamente da costa occidental da Africa, e botanicamente do *Amomum Granum-paradisi*, Afz., e de outras espécies proximas. Teve tanta nomeada, que uma parte da costa africana, do cabo Mesurado ao cabo das Palmas, se chamou *Costa da Malagueta* ou simplesmente *a Malagueta*—como lhe chama o nosso Orta. Nos tempos d'este havia sobre aquella droga noções extremamente incompletas e nebulosas, e o que elle encontrava nos livros de materia medica só lhe podia augmentar a confusão. Toda a passagem que cita do eruditissimo Laguna, é extremamente incorrecta; e nem é admissivel que Dioscorides conhecesse a *malagueta*, nem fácil saber se Avicenna fallou d'ella, ou de alguma droga de Sofala, que, em todo o caso, ficava bem distante da costa de Liberia. Para avaliar bem como as cousas deviam estar enredadas então, basta ver como ainda é confuso o que diz Whitelaw Ainslie em 1826. Onde Orta poderia ter encontrado algumas noções mais claras, seria nos escriptos dos seus compatriotas, no *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, ou na relação de Diogo Gomes; mas ambos estavam —e um ainda está— ineditos. Tambem as podia encontrar na *Asia* de João de Barros; mas é notável que, sendo a primeira edição de 1552, Orta parece não conhecer este livro que tanto o devia interessar (Cf. *Dioscorides* do dr. Andrés de Laguna, p. 15, na edição de Valencia, 1695; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 55; Barros, *Asia*, I, II, 2; *Memoria sobre a Malagueta*, nas *Mem. da Ac. Real das Sc. de Lisboa*, nova serie, vol. vi, parte I).

Resumindo temos, que tres drogas, de tres afastadas procedencias geographicas, e de tres distintas origens botanicas, comquanto todas tres fornecidas por plantas da familia das *Scitamineæ*, tiveram no commercio, nas pharmacias e nos livros o nome de *cardamomum majus*:

—primeiro a variedade maior da *Elettaria Cardamomum*, procedente da ilha de Ceylão.

—segundo a droga chamada *korarima*, produzida pela especie ainda duvidosa *Amomum Korarima*, e procedente da Abyssinia e outras terras da Africa oriental.

¹ Segundo Dymock este *cardamomum majus* ou *hil-bawa* reappareceu recentemente (1885) nos bazares de Bombaim. Diz-se proceder das terras de Tumhé, d'onde é levado ao mercado de Básio na Abyssinia meridional, e d'ali por Massauá à India (*Mat. med.*, 883).

—terceiro a droga chamada *malagueta*, produzida pelo *Amomum Granum-paradisi* e outras especies, e procedente da Africa occidental.

Orta conhecia *de visu* unicamente a primeira, e por isso elle não sabia distinguir as outras, e por isso elle «andava n'aquelles cuidados» de saber como um cardamomo maior se havia de encontrar na India, e o outro a quatro mil leguas d'ali «na Malagueta»—isto é, na costa da Malagueta. A sua exposição, perfeitamente lucida no que diz respeito á planta da India e de Ceylão, é necessariamente confusa quando falla das plantas da Africa, de que que ninguem lhe sabia dar rasão. Accresciam a isto noções de geographia africana um tanto vagas, que o levavam a dizer que Sofala é «continua á Malagueta».

NOTA (2)

Vimos na nota antecedente, como os escriptores arabicos, Maçudi e Edrisi, enumeram o *cardamomo* entre as drogas vindas da India ou terras proximas; mas o primeiro a marcar exactamente a sua procedencia do Malabar, parece ter sido Duarte Barbosa, como já advertiram Flückiger e Hanbury: *the first writer who definitely and correctly states the country of cardamom, appears to be the portuguese navigator Barbosa (Pharmac., 583)*.

Barbosa indica effectivamente aquella substancia entre as produções da costa do Malabar, nomeadamente dos reinos de Cananor e de Cochim (*Livro*, 341, etc.). É exactamente a região apontada pelo nosso escriptor para a sua variedade menor, que era sobretudo abundante de «Cananor até Calicut.» E ali continua a encontrar-se nas florestas e montanhas de Mysore, Travancore e outras. A planta existe espontanea e é tambem cultivada, como parece succedia já no tempo de Orta, pois este diz, que se «semea como os nossos legumes». O processo de cultura é simples; em algumas partes os indianos queimam os arbustos e rebentos das florestas humidas, poupando as grandes arvores, e depois semeam o *cardamomo*, que cresce melhor na sombra e começa a dar fructo passados alguns annos. Evidentemente o nosso escriptor tinha noticia d'este processo cultural, pois affirma que a planta «não nace senão semeando-se na terra que primeiro seja queimada» (Cf. os processos de cultura na *Pharmac.*, 584).

Este *cardamomo* do Malabar procedia da fórmia menor e typica do *Elettaria Cardamomum*, Maton. Na ilha de Ceylão encontrava-se uma fórmia maior, que foi considerada uma especie distincta, sob o nome de *Elettaria major*; mas hoje se toma por uma simples variedade (*Elettaria Cardamomum* var. β). A distinccão entre as duas foi correctamente feita pelo nosso escriptor, o qual affirma, que a droga de Ceylão é maior e menos aromatico, o que é perfeitamente exacto. E esta dis-

tincção que elle fez, depois de andar muito tempo em «cuidados», depois de conversar em Cochim com um judeu da Turquia, depois de mandar aviar receitas na capital do Berid Schah, ésta distincção constitue o verdadeiro interesse do *Coloquio*. Restavam muitos pontos a esclarecer, muitos *cardamomos* de procedencia duvidosa, e que moderationamente Guibourt, J. Pereira ou D. Hanbury estudaram mais ou menos completamente; mas aquelle ponto ficou assente de um modo definitivo.

Logo no começo do *Coloquio*, Orta indica a existencia do *cardamomo* em «Jaoa». A indicação é exacta, mas a planta era diversa; a droga de Java procede do *Amomum maximum*, Roxb., e com quanto conhecida e usada ali não parece ter sido exportada. D'este *cardamomo* temos uma antiga noticia dada por Fr. Odorico de Pordenone, pelos annos de 1320 a 1330, o qual diz que na ilha de Java se encontravam varias especiarias e entre elles *melegeta*. Este nome, que propriamente se devia dar á droga da Africa occidental, era o mais conhecido na Italia; e o honesto franciscano applicou-o muito naturalmente a uma substancia, que era simplesmente analoga, mas lhe pareceu identica á que elle conhecia da sua terra (Cf. *Pharmac.*, 589; Yule, *Cathay*, 88).

NOTA (3)

Na *Vida* de Garcia da Orta disse eu já quem me parecia ser este personagem. Orta diz-nos: primeiro, que era vice-rei, e morreu na India, sendo elle seu assistente: segundo, que não sabia latim, mas entendia bem italiano, e era «curioso de saber».

O primeiro vice-rei, que morreu na India, estando lá Garcia da Orta (1540), foi D. Garcia de Noronha. Mas, nem elle devia ser muito dado a investigações de historia natural, nem o nosso medico devia ter então a auctoridade scientifica e pessoal, que se revela em toda a anecdotá.

O segundo vice-rei, que ali morreu, foi D. João de Castro. Este, porém, era muito ilustrado e sabia bem latim. Supposse mesmo que elle havia escripto primitivamente n'aquelle lingua o seu *Itinerarium maris rubri*, vertendo-o depois em portuguez. Fica portanto excluido, ainda que por motivos bem diversos do primeiro (Cf. *Roteiro*, etc., pelo dr. Antonio Nunes de Carvalho, p. x, París, 1833).

Ficâmos pois reduzidos a D. Pedro Mascarenhas, a quem a historia parece applicar-se sem dificuldade. D. Pedro Mascarenhas, sem ser homem de muitas letras, era intelligente e culto; e devia saber bem italiano, pois estivera durante annos embaixador em Roma. É mesmo natural, que d'ali trouxesse entre os seus livros o Plinio traduzido por Landino, e de que já então havia varias edições. Morreu em Goa a 23

de Junho de 1555, depois de uma doença curta, mas que lhe deu tempo para fazer todas as suas disposições; e deve ser este o que se «finou nas mãos» de Garcia da Orta; e, portanto, o que assistiu á curiosa discussão do nosso medico com o velho boticario. Quanto a este, não será facil acertar com o seu nome, posto que varios documentos nos conservassem os de alguns boticarios do tempo (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 197; Couto, *Asia*, vii, 1, 12).

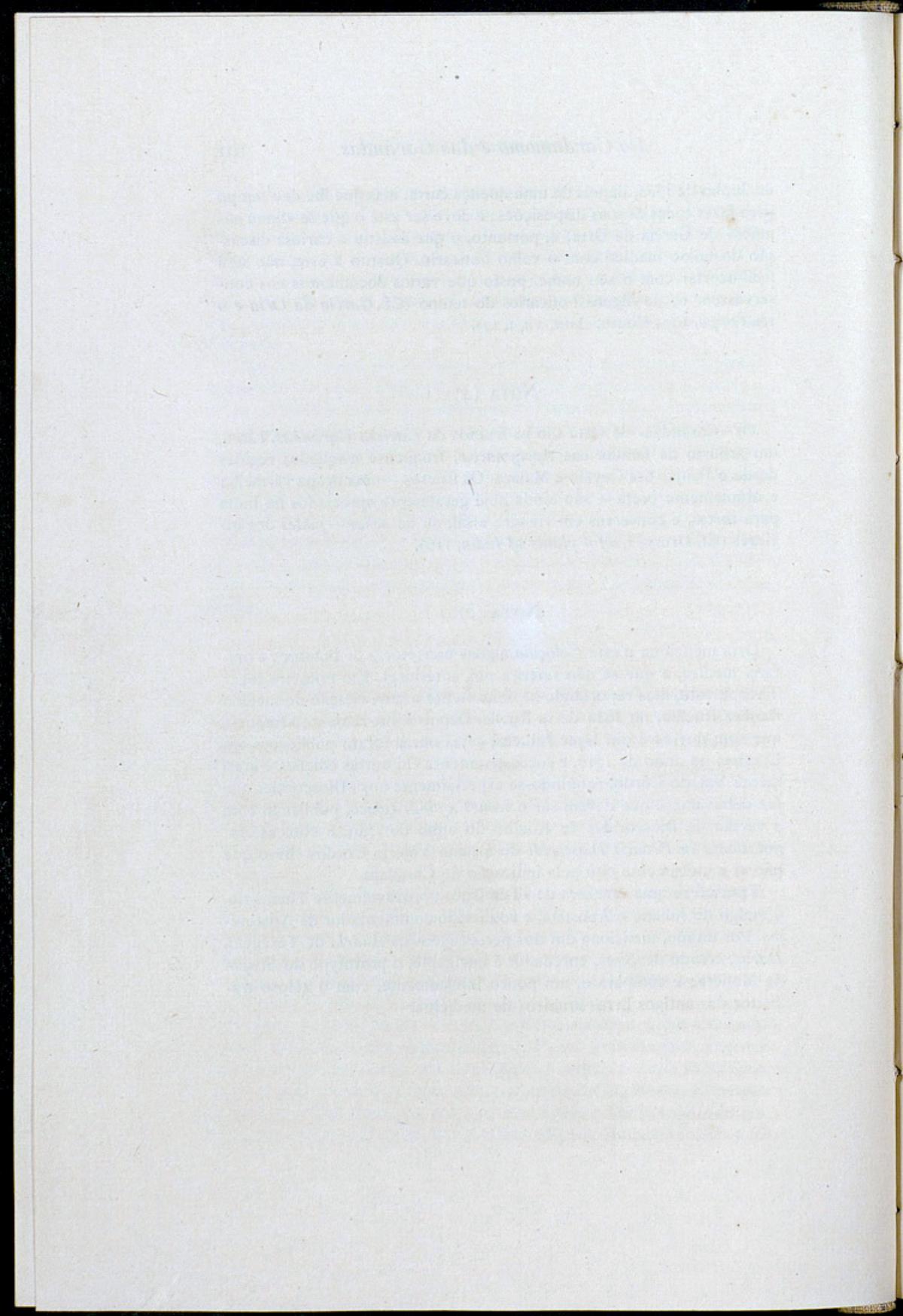
NOTA (4)

Os «Carandas» de Orta são os fructos da *Carissa Carandas*, Linn., um arbusto da familia das *Apocynaceæ*, frequente n'aquellas regiões desde o Panjáb até Ceylão e Malaca. Os fructos —uma drupa vermelha e ultimamente preta— são ainda hoje geralmente apreciados na India para tortas, e conservas em vinagre e sal, ou de *achar*—*pikles* dos ingleses (Cf. Drury, *Useful plants of India*, 116).

NOTA (5)

Orta menciona n'este *Coloquio* alguns escriptores de botanica e mataria medica, a que se não referira nos anteriores. Em primeiro logar Theophrasto, mas reportando-sé unicamente a uma citação do medico francez Ruellio, ou João de la Ruelle. Depois e brevemente «Isaque», que sem duvida é um Isaac Judæus, cujas obras foram publicadas em Londres no anno de 1515, e successivamente em outras edições. Finalmente Valerio Cordo, referindo-se especialmente aos «Dioscorides que fez debuxar»; e que devem ser o *icones xylographico*, publicado com a versão de Dioscorides de Ruellio do anno de 1549, e com as *Annotationes in Pedacii Dioscoridi* do mesmo Valerio Cordo—livro que não vi e unicamente cito pela indicação de Choulant.

Transcreve uma sentença de «Temistio»; provavelmente Themistio, o amigo de Juliano o Apostata, e conhecido commentador de Aristóteles. Por ultimo, menciona um dos personagens da *Andria* de Terencio, *Davus*, criado de *Simo*, enredador e intrigante, o protótipo do *Scapin* de Molière; e compara-o, um pouco injustamente, com o zeloso traductor dos antigos livros árabicos de medicina.



COLOQUIO DECIMO QUARTO

DA CASSIA FISTOLA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Da *canafistola* he muito necessario saber; pois aos vos-
sos Arabios devemos tam boa cousa pera purgar, e tanto
sem trabalho, nem damno do paciente, que bem creo eu
e tenho por certo, que os Gregos que della nam escreve-
ram, que a louvaram muito, se a espermentaram.

ORTA

Pouca necessidade temos de falar em mézinha tam co-
nhecida e espermentada; e onde nam ha mais contradiçam
que o nome, que lhe foi mal posto por Geraldo Cremonense,
que, como já vos dixe muitas vezes, melhor fora leixallo assi
como estava no arabio; pois elles só foram inventores desta
mézinha; e não vieram* a dizer tanto mal Nicolao Leoni-
ceno e Menardo e outros muitos modernos dos fisicos Ara-
bios; como que a culpa de seos treladadores fosse sua; que,
se o pera que aproveita fosse dito falsamente terião razam,
mas pois falão verdade, dignos sam de louvor e nam de
vituperio.

RUANO

Não reprende muitas couisas destas Avicena aos outros
escritores, que o seguem indistintamente, sem fazer diffe-
rença alguma em os nomes que significão muitas couisas;
e pois assim he, dizeilhe o nome em as lingoas onde ha o
arvore.

* «Vieram» por *viriam*; tambem acima «louvaram» e «espermenta-
ram» estão pelo condicional.

ORTA

Em todas estas partes o ha, mas he melhor nas partes mais chegadas ao norte; e os Arabios lhe chamão *hiarxamber*, e he nome de quatro sillabas; este he o mais comum nome ácerca delles; posto que Avicena diga *chiarsamdar*, está corruto o nome: os Malavares o chamão *comdaca*; os Canarins, que he o gentio desta terra de Goa, *bava simga*; os Decanins e Bramenes *bava simqua*; os Guzarates e Decanins mouros *gramalla*. O arvore della chamão nesta terra canarim *bahó*: este arvore he do tamanho de hum pereiro; as folhas são como de pexigueiro, algum tanto mais estreitas e assi verdes: deita este arvore as flores amarellas, como as da giesta, cheira propriamente como cravos verdes, e como caem as flores, nacem no pão da *canafistola* a modo de candeas, como nacem em os castanheiros*; he a cana muito verde no arvore, antes que seja madura, e não he vermelha como diz Laguna; he de cinquo palmos de comprimento ate dous palmos a mais curta. Ha, como dixe, em todas estas terras e no Cairo; porém, como dixe, a melhor he de Cambaya, e de mais dura; e pode ser que a aja em Malaca e em Cofala; mas a pouca curiosidade da gente faz que nam pareça (1).

RUANO

He arvore transplantada ou silvestre?

ORTA

Eu não a vi senão montez em toda esta terra; e foyme dito que, nas chamadas Indias occidentaes, era primeiro montez, e deitava a cana oca e grande; e que a pozera de semente em a ilha de Santo Domingo, no mosteiro de

* Na edição de Goa a phrase é inintelligivel, e só julgo poder-se pontuar d'este modo. Ainda assim é pouco clara; o auctor parece referir-se aos caixos novos, ou ao fructo pendente, que se desenvolve quando «caem as flores»; mas este mal se pôde comparar com os amentilhos dos castanheiros, que o povo ainda hoje chama *candeia* ou *candeio*.

Sam Francisco de la Vega; e que creceo e deu a *canafistola* muito boa e chea de miolo e de semente; e desta maneira plantou cada hum na sua herdade arvores, até que veo a ser tanta que mantem toda Castella. Mas eu tenho por mais bemaventurados os Portuguezes, pois, sem semear, tem tanta cantidade, que em Cambaya dão hum candil, que são 522 arrates, por 360 reaes, que he um pardáo*: e, louvado seja Deos, que tanto bem nos faz cada dia (2).

RUANO

De que compreisão a fazem os Indianos?

ORTA

A elles nam dou muita fé nas graduações, mas dizem ser fria; e Avicena diz ser temperada, nas calidades autivas de quente e frio, e que he humida: Serapiam a faz temperada: Mesue diz que declina hum pouco a quente, e isto deve ser por sua doçura: Antonio Musa a põe quente e humida, no primeiro ou na primeira parte do segundo: tudo se pôde sustentar; pois o fisico julga por os sentidos exteriores.

RUANO

Usam della em fisica os Indios?

ORTA

Sy, pera purgar, e fazem della bocados raspando a cana como nós fazemos.

RUANO

E os grãos são purgativos tambem?

ORTA

Não, senam deitamnos por hi fóra; e eu me maravilho muito de Menardo dizer que os grãos são purgativos, sendo

* O pardáo de ouro valia effectivamente 360 reaes; e o candil (*maratha khandī*) variava nas proximidades de 500 arrateis de porto para porto. Dava-se o mesmo nome a uma medida de capacidade.

cousa que tem mais arte de apertar que de relaxar; e se elle se enganou, foy dando algum mesturado com alguma medulla; e como as sementes acharam a cousa aparelhada, baixarão muito; porque estas mézinhas lubrificativas nam tiram mais que as materias que encontram; e por esta causa, acontece que purgam com huma onça de *canafistola* ás vezes mais que com trinta grãos de *escamonea*; e tambem pôde ser que a imaginaçam da purga o faria purgar mais a esse que purgou Menardo.

RUANO

E pera provocar menstruo usão della, ou pera fazer o parto facil, ou pera deitar a secundina?

ORTA

Pera nenhuma cousa destas usam della.

RUANO

Não pergunto isso sem misterio; porque os nossos usam dos pós das cascas em cozimento de *artemisa*, ou em hum ovo, com quatro onças de mel; e isto diz Sepulveda que foi achado por esperiencia.

ORTA

Esse Sepulveda não he evangelista; e quanto mais que, por razam do cozimento de *artemisa*, podia provocar o menstruo, e não polla tal casca; nem he conforme á razam, por ser muito fria e seca; e se deitou a secundina nam he muito, porque sem mézinha deita a natureza as cousas que a virtude retentiva desempára e solta de si.

RUANO

Pois que direis a Avicena, que a manda dar pera facilitar o parto?

ORTA

Todos os mais duvidaram ser esta a entençam de Avicena; e por isso puseram por regra que quando se diz *cassia* em mézinhas purgativas, se entende *cassia fistola*, e em

todos os outros cabos que se fala em *cassia* se entende *cassia lignea*. E agora veo Andreas Belunensis, e diz que a verdadeira letra diz *cogombro seco*, e não *canafistola*; por onde ficam fóra da reprensam os que mal usam da *canafistola*; digam esses imitadores dos Gregos o que quizerem (3).

RUANO

Em Portugal me dixeram que as camaras erão muito frequentadas* na India; porque as vacas comião *canafistola*, e por isso as carnes eram solutivas: dizeime se he isto assi ou não.

ORTA

Tambem em Portugal me dixe hum homem que cá fôra governador, e outro que era cá visorey, que nam queria tomar a *canafistola* pela mesma causa; e hum fisico seu, posto que cá avia andado, se hia com elle nisso; e eu lhe faley nisso a verdade, dizendolhe que nam era assi como em Portugal cuidavão; porque os arvores são muito altos, e as vaccas não podem lá alcançar; e mais os arvores não são tantos que as vacas se possam delles manter, porque as vacas são nesta terra sem conto; e a causa he porque o gentio as cria e nam as come; e mais a *canafistola* he dura na casca, quando he verde, e não será pera as vacas tam gostosa, como a herva verde, que muito tempo do anno ha cá: e mais já perguntey por isso, e achey que a não comião; e riramse de mim aquelles a quem o perguntey, e porque em esta terra ha muita e nas partes acima ditas, nisto nam falemos mais.

NOTA (1)

A «*Cassia fistola*», ou «*Canafistola*» de Orta é a *Cassia Fistula*, Linn. (*Cathartocarpus Fistula*, Pers.), uma arvore da familia das *Leguminosae*.

* «Frequentadas» por *frequentes*—fórmula bastante habitual no nosso escriptor.

sæ, espontanea na India, e frequente tambem em outras regiões quentes do globo, onde foi introduzida. A polpa das suas longas vagens é medicinalmente bem conhecida, e figura em todas as pharmacopéas.

O reparo de Orta, sobre o emprego do nome de *cassia fistula*, pelo qual Gerardo Cremonense traduziu a designação arabica de Avicenna, é justo, pois os nomes de *cassia* ou *casia*, acompanhados ás vezes do mesmo qualificativo de *fistula*, se haviam antes applicado a uma cousa diversissima, ás cascas e pequenos troncos do *Cinnamomum*, como melhor veremos no *Coloquio da canella*. A confusão, que d'esta nova applicação resultava, levou alguns escriptores do xvi e xvii seculos a darem a esta droga de que fallâmos agora o nome de *cassia solutiva*, para a distinguirem da outra *cassia* (Cf. *Pharmac.*, 195).

Os nomes vulgares de Orta identificam-se todos ou quasi todos com facilidade :

—«Hiarxamber», nome arabico. É a transcripção de خiar شبر, *khiar schamber*, o qual se deriva do persiano, e parece que da palavra *chambar*, que significa collar, pois o longo fructo tem alguma similitudine com um collar (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 60; Dymock, *Mat. med.*, 258).

—«Condaca» entre os Malabares; isto parece ser o nome tamil, que Ainslie dá na forma *konnekäi*, e Dymock na forma *konraik-kai* (Ainslie, I. c.; Dymock, I. c.).

—«Gramalla» entre os Guzerates e Deckanis mussulmanos, isto é, *gurmala* ou *garmala*, o nome ainda hoje vulgar em Bombaim (Dymock, I. c.).

—«Bava simqua», entre deckanis e brahmanes, ou «bava simga» entre os canarins. A primeira parte d'este nome vem citada por J. Murray e por J. C. Lisboa, na forma *bawa*, como sendo a designação deckani ainda usada. Dymock cita o mesmo nome na forma *bhava*¹ (Dymock, I. c.; Lisboa, *Useful Plants of Bombay presid.*, 63; Murray, *The Plants and drugs of Sind*, 130, Bombay, 1881).

NOTA (2)

No tempo de Orta já uma grande parte da *cassia fistula* das pharcacias vinha da America por via de Hespanha. Nicolau Monardes dá-nos a mesma noticia. «Antes —diz elle— vinha por Alexandria do

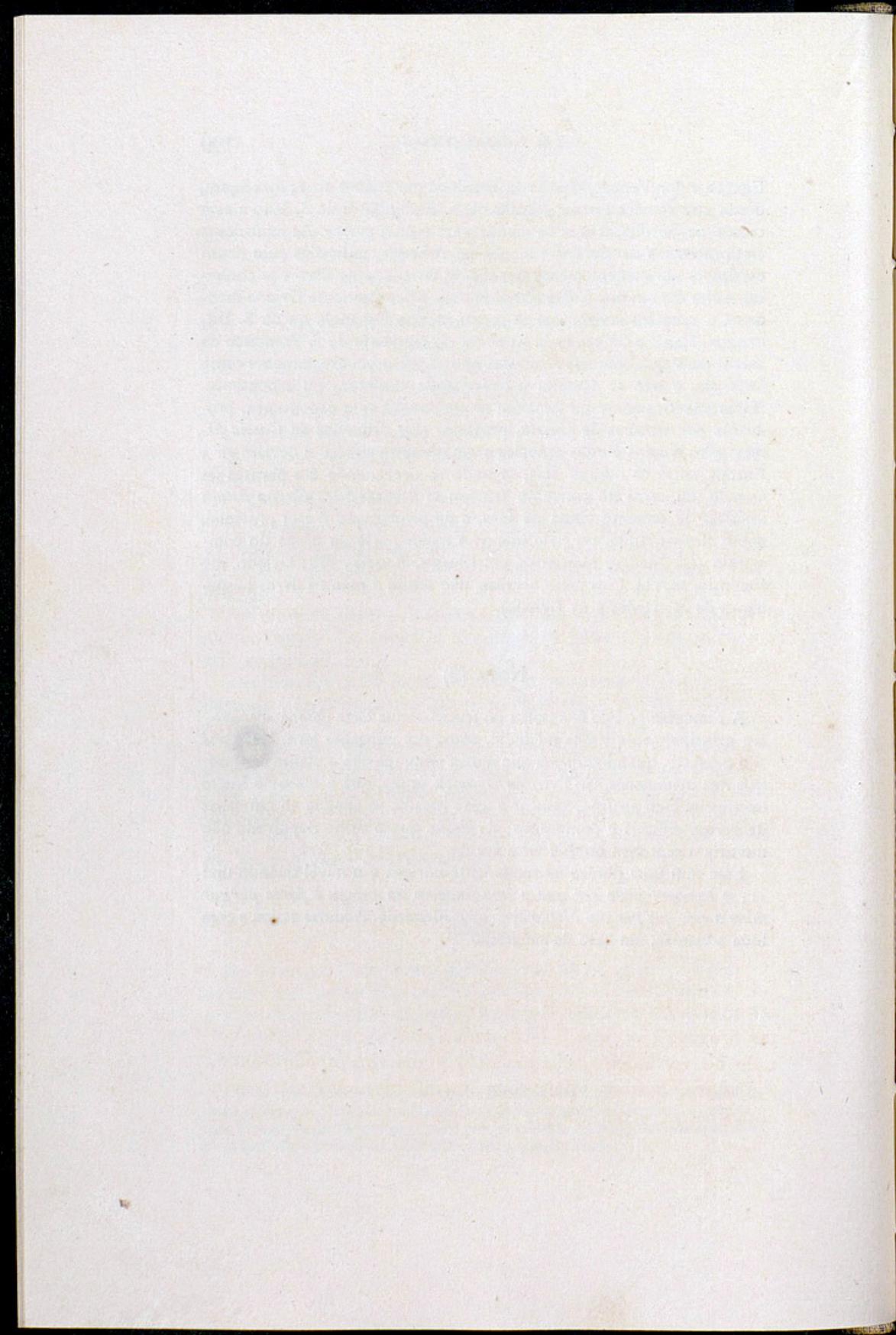
¹ Estes nomes encontram-se tambem em Rumphius (*Herb. Amb.*, II, 84); mas evidentemente copiados dos *Coloquios*, e mesmo com um erro de imprensa, que Orta emenda na *errata*. Como a emenda foi feita por Clusius, torna-se evidente, que Rumphius quando cita Orta, o cita pela edição portugueza, e não pela versão ou resumo latino.

Egypto e por Veneza, d'onde se distribuia por todo o orbe; mas agora, desde que começou a ser trazida de S. Domingos e de S. João a esta cidade de Sevilha, d'aqui se manda para toda a parte». As minuciosas circumstancias da sua introducção na America, indicadas pelo nosso escriptor, são evidentemente tiradas de Oviedo, cujo livro elle conhecia, e cita em um dos *Coloquios* seguintes. Effectivamente Oviedo menciona a primeira arvore que se creou na ilha Espanhola ou de S. Domingos (Haiti) e foi semeada na cerca do convento de S. Francisco da cidade da Vega. Sómente as cousas não se passaram exactamente como Orta diz, e não se semeou a *cannafistula* «montez» ou espontanea. Havia effectivamente na America muita *cannafistula* espontanea, produzida por especies de *Cassia*, proximas mas distinctas da *Cassia fistula*; e os fructos d'estas especies eram ali aproveitados e deviam vir á Europa entre os outros. Mas, segundo se deprehende das phrases de Oviedo, na cerca do convento semeou-se a verdadeira *Cassia fistula* asiatica, de semente vinda de fóra, e da propagação d'esta provinha, annos depois, toda, ou pelo menos a maior parte da droga do commercio (Cf. Nicolau Monardes, em Clusius, *Exotic.*, 333; Oviedo, em Ramusio, III, 114. Cito pelas versões, não tendo á mão os livros hespanhoes de Monardes e de Oviedo).

NOTA (3)

A *cannafistula*, isto é, a polpa do fructo —que Orta chama «cana»— era principalmente usada na India, como um purgante leve. Mas Orta não é exacto, quando affirma que nunca empregavam a planta com outros fins medicinaes. No livro de Dymock se diz, que a casca do fructo ou vagem, com açafrão, assucar e agua rosada, se applica ali em casos de partos difficeis e demorados; de modo que o velho Sepulveda não merecia a reprehensão que Orta lhe dá.

Este tem uma phrase extremamente curiosa e notavel quando diz: ... e tambem pode ser que a imaginaçam da purga o faria purgar mais a esse que purgou Menardo —aliás Manardo. Admitte assim, e com toda a clareza, um caso de suggestão.



COLOQUIO DECIMO QUINTO

DA CANELA, E DA CASSIA LIGNEA E DO CINAMOMO,
QUE TUDO HE HUMA COUSA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Nenhuma especeria se pôde comer com gosto, senam *canela*: verdade he que os Alemães e Framenguos vejo comer *pimenta*; e aqui estas vossas negras vejo comer *cravo*; mas os Espanhoes nam comem destas especerias, senam *canela*. E veome isto á memoria, porque os comeres cheiravam muito a ella, e nam a vy; e perguntey á cozinheira se a levavam ao cozer, e disseme que nam, senam que muitos comeres hião temperados com agua de canela. E por quanto, em logar da que chamamos *cassia lignea*, pôem *canela* muitas vezes, será bom que falemos nella agora.

ORTA

Antes *canela* he o que chamamos *cassia lignea*, e tudo he huma cousa; senão os escritores antigos viram estas drogas tam de longe trazidas, que nam puderam haver perfeita noticia dellas; e porque erão de muito preço quando faleciam, fingiram mil fabulas que Plinio e Herodoto traz; que elle conta por verdadeiras, e são mais fabulosas que podem ser; e por isso não falo aqui nellas, porque todos sabem já a verdade, e que não se merece falar nellas. E porque o preço era grande, e a cobiça dos homens mayor, falseficavam estas drogas; e porque o falso nunca pôde ser semelhante em todo ao verdadeiro, chamavão a huma *canela* hum nome, e a outra, que era mais roym ou falsificada, lhe punham outro nome, sendo ás vezes ambas de huma mesma especia.



RUANO

Dizeime o que nisto sabeis, porque ao cabo eu direi as duvidas que tiver, que não quero ficar com escrupulo. E assi me direis os nomes nas linguas todas, scilicet, nas terras onde nace a *canela*, e no arabio e persio; porque, por estes nomes possamos vir em conhecimento da *cassia lignea*, e do *cinamomo*; ainda que eu até ao presente tenho, com outros que o escreveram, que nam ha verdadeiro *cinamomo* ou verdadeira *cassia*, ou ao menos o *cinamomo*.

ORTA

Eu vos satisfarey a tudo. A *cassia* não a conheceram os Gregos, nem os Arabios; e isto polla grande distancia e pouco trato que com estas regiões tinham; e os que a levavão a Ormuz e á Arabia vender erão Chins, como adiante vos direy; e dahi de Ormuz a levavão a Alepo (cidade principal e cabeça da Suria); e os que dahi a levavão aos Gregos dizião que a havia na sua terra ou na Etiopia; e que se tomava com muitas superstições, scilicet, que o sacerdote partia o que ficava em partes pera o diabo, a quem adoravão, e pera o rey, e pera os sacerdotes.

RUANO

Como? Nam ha *cassia* ou *cinamomo* na Etiopia e na Arabia?

ORTA

E mais me maravilho de vós nam saberdes isto; porque a Etiopia he sabida de nós que a navegamos, e muita parte andáron os nossos nella por terra; e nella nam ha *canela*, nem *cinamomo*, nem *cassia lignea*; e os mesmos Arabios a vem cá comprar pera a levar; e o tempo que lhe de cá nam vay, val lá muito cara.

RUANO

He verdade nesta *canela* que dizeis; mas a verdadeira *cassia* e o verdadeiro *cinamomo* tem o elles, e levam estoutro, ou nam o conhecem por ser gente rude muito.

ORTA

Conheço fisicos, muito bons letrados, Arabios e Turcos e Coraçones, e todos chamam a esta *canela* grossa, de que usão, *cassia lignea*.

RUANO

E de nam nacer na Etiopia que razão me daes?

ORTA

Digo que ambas as Etiopias são dos Portuguezes muito sabidas; porque a costa de Guyné, que he a Etiopia abaxo do Egypto, he sabida pollos nossos, nam tam somente na fralda do mar, mas dentro no sartam; e, como já vos dixe, da ilha de Sam Tomé até Çofala e Mozambique veo hum clérigo por terra, e dahi veo a esta cidade de Goa, e eu o conheci muito bem (1). E do Cabo de Boa Esperança até Moçambique e Melinde vieram muitas pessoas que se perderão em náos, e nunca viram *canela*: assi que ambas as Etiopias, debaixo do Egypto como de cima do Egipto, que he a que está perto de nós, sabemos nam haver nellas *canela*.

RUANO

Será isso porque nam são muito curiosos de saber?

ORTA

Nam são todos assi; porque os da ilha de Sam Lourenço, que são gente barbarissima, amostrároão aos homens, que lá vão a tratar, humas frutas como avelãas no tamanho, sem cabeça; e porque cheiravão a *cravo* lhas vierão a mostrar (2); pois se estes acharam lá *cinamomo* ou *cassia lignea*, tambem lha mostraram; pois parece mézinha tão odorifera. E porque a redondeza nunca foy tam sabida como ao presente, em especial dos Portuguezes, não créais que faltassem tam celebradas mézinhas, porque assi as prantas como as frutas nunca forão tantas como agora são; porque as enxertias fazem diversidade nas frutas, e porque o transplantar de huma terra a outra faz tambem diversidade; logo per amor de mim que nam tenhais que falecem *cassia*

nem *cinamomo*, senam que polla muita cantidade que ha duvidamos sello*. Isto presuposto, direy os nomes.

RUANO

Dizey, que a fim protesto de dizer de meu direito, como dizem os causidicos.

ORTA

Chamam os Arabios á *cassia lignea*, *salihacha*; e os Persios assi a chamão; e os Indios e os que não sabem fisica por os livros arabios, lhe chamam o nome que chamam á *canela*; porque todos nesta terra não fazem diferença nos nomes da *canela* e da *cassia lignea*, como lhe nós chamamos. E na verdade nenhuma pessoa vio *cassia lignea* diferente da *canela*, nem fisico nem boticairo a vio em algum tempo, nem a ha; e se quiserdes ver donde veio este error, chamarem á *canela cinamomo*, e á *cassia* estoutro nome, dirvoloeys.

RUANO

Muito folgaria de o saber.

ORTA

Os Chins navegarão esta terra muito tempo ha; e como a gente d'ella era barbara e sem nenhum saber, tomavam delles as leis e custumes, e navegações em navios de alto bordo, em tanta maneira, que, se vos não enfadasseis, vos contaria disso muitas cousas, que direitamente nam fazem ao caso, posto que folgueis de o saber.

RUANO

Antes me fareis nisso muita merce; pois o tempo temos por nós.

ORTA

Pois sabey que erão tantos os navios da China que navegavão, que contão os de Ormuz que achão em seus li-

* Orta parece admittir n'esta passagem a variabilidade da especie; e com um pequenino esforço de imaginação poderíamos contal-o entre os precursores de Darwin.

vros, que em huma maré entrárão na ilha de Jeru (que agora se chama Ormuz) quatro centos juncos; e tambem dizem que se perderam nos baxos de Chilam mais de 200 juncos; e isto está, por memoria, nas terras que confinão com os baxos. Juncos são uns navios compridos que tem a popa e a proa de huma feiçam. E em Calecut tinhão uma feitoria, como fortaleza, que oje em dia permanece, e se chama *China cota*, que quer dizer *fortaleza dos Chins* (3). E em Co-chim leixarão huma pedra por marquo, e em memoria que ali chegarão os Chins; e quando elrey de Calecut (que tem por ditado Çamorim ou Emperador) cercou a Cochim, porque estavam em elle douos Portuguezes, que alli ficarão no descobrimento da India, e lhos não deram, estruyo Cochim, e levou dally aquela pedra, em logar de trofeo, o qual lhe tem custado bem caro. E nesta pedra se coroava em Repelim, tomando a coroa por elrey de Repelim, que na cabeça lha punha, e lhe fazia homenagem; e em este Repelim ficou aquella pedra por mandado do Çamorim. Este Repelim está apartado quatro legoas de Cochim, onde ficou a pedra até ao anno de 1536, que Martim Afonso de Sousa, nam menos envencível que afortunado capitam, sendo Capitão-mór do mar, destruyo Repelim e queymou e saqueou, fugindo elrey com muita gente; e matou outros muitos que nam fogiram, do que eu sam testemunha de vista; e levou a pedra a Cochim, e a mandou a elrey, o qual fez com ella muita festa, e fez merce a quem lha levou; e a Martim Afonso de Sousa ficou em muita obrigaçam por isso, e por duas vezes deitar a elrey de Calecut fóra de suas terras, e por lhe mandar o sombreiro que tomou com os paros* em Beadalla (que eram cincoenta e sete) onde lhe matou quinze mil homens, não levando comsigo mais de trezentos; e ay lhe tomou seis centas peças de artilheria e mais de mil es-

* Barcos mais habitualmente designados pelos nossos escriptores na forma *paráo*, do maláyalam *pāru*. Nas referencias ás regiões de Malaca e archipelago parece antes dever derivar-se a palavra *paráo* da javaneza *prahu*, modernamente escripta pelos viajantes *prow* e *prau*.

pinguardas. E porque as couisas deste tão gram capitam sam muitas, vos não diguo mais. E estas que vos diguo nam he pollo louvar; porque de si he tanto louvado como todos os de nossos tempos; senão conto isto, porque faz ao caso do que digo dos Chins (4).

RUANO

Mais quero saber isto que toda a *canela*, e, portanto, vindo ao caso, sempre me dizei alguma istoria dessas.

ORTA

Estes mercadores traziam de sua terra *ouro* e *seda*, *porcelana* e *almiscre*, e *cobre*, *aljofre* e *pedra ume*, e outras muitas couisas; das quaes vendiam em Malaca algumas, e della traziam *sandalo*, e *noz*, e *maça*, *cravo*, *lignaloe*; e depois no caminho vendiam muitas couisas destas, scilicet, em Ceilam e no Malavar; e de Ceilam traziam muito boa *canela*, que lhe custava muito pouco dinheiro; e os marinheiros, sem dinheiro nenhum, traziam dos matos do Malavar *canela* brava e roin, e tambem a traziam já de Jaoa, e faziam escalla neste Malavar de *pimenta* e *cardamomo*, e outras droguas; e levavam tudo a Ormuz ou á costa da Arabia, onde o viham comprar mercadores; e o levavam a Alexandria, e Alepo, e a Damasco. E perguntados estes Chins, que couisa era aquella *canela* que tal cheiro e sabor tinha, diziam as fabulas que Herodoto conta, e outras muito maiores, por vender melhor sua fazenda; e como viram a *canela* de Ceilam ser muito deferente da de Jaoa e do Malavar, puseram-lhe dous nomes, nam sendo mais que hum só pão ou casca delle; senão que, assi como huma fruta he melhor em humas terras que em outras, assi a *canela* de Ceilam he melhor que todas as outras, sendo tudo *canela*; e a Portugal nam se leva outra *canela* senam a de Ceilam. E os de Ormuz, porque esta casca traziam a vender os da China, lhe chamaram *darchini*, que em persio quer dizer *pão da China*; e assi a vendiam em Alexandria, e nas partes que acima dixe, mudandolhe o nome por o vender melhor aos Gregos, e chamaram-lhe *cinamomo*, que quer dizer *pão cheiroso*, como

amomo trazido da China; e á ruim *canela* que he a de Mala-var e a de Jaoa, puseramle outro nome, que he o que tem na Jaoa, scilicet, *caismanis*, que em lingoa malaia quer dizer *pão doce*. De modo que a que era huma especia puseramle dous nomes, scilicet, á boa *darchini*, que he *pão da China*, e *cinamomo*, que he *amomo da China*; e á outra *caismanis*, que he *pão doce*.

RUANO

Darchini nam he nome arabio; pois o escreveo Avicena* e Rasis, e todos os Arabios?

ORTA

Não, senam persio; que muitos nomes põe Avicena no *Canom***, que diz serem persios. E porque o nome em arabio da *canela* he *querfá*, e posto que este nome diga Andreas Belunensis que he nome da *canela grossa*, eu comuniquei isto com Arabios, e me dixeram que *querfá* e *querfé* em arabio era a *canela* de qualquer maneira que fosse; e os Gregos, corruto o nome da *cassia*, que era *caismanis*, lhe chamaram *cassia*. E todos os nomes que os escritores Arabios escreveram sam estes; e os que doutra maneira estam escritos, sam corrutos, como *darsihaham* e outros. E pois esta he a verdade, requeiro da parte de Deos aos boticairos que não lancem, por *cassia lignea*, *canela* ruim, senam muito fina *canela*, pois della ha tanta abundancia, e escusaram de dobrar o peso da *cassia lignea* por *cinamomo*.

RUANO

Isso que dizeis do peso da *cassia lignea*, que ha de ser dobrado, em lugar de *cinamomo*, nam careçe de autoridade; pois o dizem Dioscorides e todos os outros.

* Lib. 2, cap. 128 (nota do auctor).

** Isto é, no *Qanun*, o livro de Avicenna, *al-qanun fil tebb*.

ORTA

A mim, como a testemunha de vista mais baixo que todos os medicos, se ha de dar mais fé que a esses padres da medecina, que per falsa enformacha escreverão. De modo que a que chamão os Gregos e Latinos *cinnamomo*, chamam os Arabios *quirfē* ou *quirfá*, e os Persios *darchini*, e os de Ceilam (onde a ha) *cuurdo*, e os Malaios *caismão*, e o Malavar *cameá*. E se achardes que Serapio espõe e decrara *darchini*, que he arvore da China, tende pera vós que a derivacha he falsa, e que foy acrecentada pello trasladador, e a minha he verdadeira⁽⁵⁾.

RUANO

Se bem sam alebrado, dixestes que a *cassia lignea* se chamava primeiro *caismanis*, que quer dizer *pão doce*; e se isto assi he, a *canela* ha de ser *pão amargozo*, como interpreta Menardo do verbo greguo, que senifica que ao menos seja corrosiva.

ORTA

Esse verbo, interpretado por Menardo, quer dizer que punja com hum mordimento suave e cheiroso, e mais diz que amargura he fóra das cousas aromaticas, senam que he chegado a ellas bom cheiro e sabor agudo. E alem disto diguo eu, respondendo a este Menardo, que a gente desta terra nam tem mais que tres sabores, scilicet, doce, e azedo e amarguo, e ao que lhe sabe bem, como não he amarguo, lhe chamam doce; de modo que á cousa que sabe bem lhe chamam doce, e assi lhe puserão o nome *pão doce*.

RUANO

Hum moderno escritor diz que esta nossa *cassia lignea* não he dos antiguos; porque diz que he preta e sem cheiro; e que se alguma *cassia* ha, que he chamada por Dioscorides a *pseudo cassia*, que quer dizer *canela falsa*.

ORTA

Bem pudia ser que falseficasem a *canela* antiguamente; mas aguora nam ha rezam pera fazer tal cousa, por a muyta abundancia que della ha; e comtudo diguo que huma das

drogas que se corrompe nesta terra mais he a *canela*; e mais se for levada muyto tempo por mar. E portanto nam ey por enconveniente que na boa *canela* mesturem alguma da má e danada, e sem cheiro, e que não seja vermelha: e tanto danada pode ser que não seja *canela*, assi como homem morto não he homem. E qua na India achamos muita desta; ou porque não se curou bem, ou porque soy colhida sem tempo, ou porque seja corrompida; porque sabey que esta terra, ao menos a fralda do mar, he muito sogeita a putrefaçam, como achamos por esperiencia cada dia, que a *canela* nunqua dura mais de hum anno sem se danar. Assi que *cassia lignea*, e *cinamomo* e *canela* tudo he hum; posto que nunqua soy sabido dos Gregos, e mal sabido dos Arabios.

RUANO

Estes fisicos letrados Persios e Arabios, que curam a esse rey vosso amiguo, que tomavam em lugar da *cassia*?

ORTA

Canela grossa do Malavar, e eu aporfiava com elles que não lançassem senam *canela* fina; e elles sem nenhuma rezam estavam em sua pertinacia; e o rey os convencia, e era de minha parte. E certo que, tornando a fallar na *cassia*, não posso entender estes modernos escritores; porque huns tem que não ha verdadeira *cassia lignea*, e o Menardo diz que si, scilicet, a que vendem nas boticas, chamandoa *canela* e he *cassia*: e porém diz este mesmo Menardo que nam ha verdadeiro *cinamomo*; e Valerio Cordo diz que não ousára dizer tal cousa, scilicet, que careçemos do verdadeiro *cinamomo*, senão que temos algumas especias delle. Laguna diz, alegando Galeno, que a *cassia lignea* se converte em *cinamomo*; porém que a elle lhe pareçe melhor dizer que o *cinamomo* se converte em *cassia lignea*; porque huma especia não se pode tornar em outra mais perfeita por tempos, antes em outra menos perfeita. Concertaime lá estes escritores; e porém eu diguo que huma especia nunqua se pode mudar em outra; mas que a boa *canela* se pode por

tempos fazer má, e chamaremlhe *cassia lignea*; mas não porque a *cassia lignea* e o *cinamomo* sejam varias especias, senam são nacidas em diversas terras de huma mesma especia. Depois Amato Lusitano teve que avia todas as especias, e a este imitou Mateolo Senense, com outros alguns; e per derradeiro diz Laguna, que quem for á caza da India de Lixboa, achará todas as especias do *cinamomo*; mas fallando a verdade comvosquo, eu nunca pude ver mais que duas maneiras ou tres delle, que são de huma mesma especia, scilicet, a *canela* de Jaoa e a de Ceilam, e a do Malavar; e quando Laguna diz que quem for á casa da India de Lixboa achará todas as especias do *cinamomo*, diguo eu que se entende que achará *cinamomo* bom e corrompido, e achará outro melhor, e outro muito melhor, mas não as cinquo especias distintas, que elle diz.

RUANO

Pois sabey que diz mais que, em tempo dos emperadores romanos, quem pudia achar hum pão de verdadeiro *cinamomo* fazia grandes tesouros delle; que nam nos maravilhemos nós de o não podermos aver; e diz que ao tempo do papa Paulo foy achado um pedaço, que estava guardado do tempo do emperador Arcadio, o que foy ha 1400 annos, de que foy feita grande festa.

ORTA

A tudo vos responderey. Diguo que se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100 annos pellos Romanos; e que o pão que lhe a elle foy dado em peça seria trazido de Lisboa, que nam se corrompeo; e o que acharam do emperador Arcadio seria guardado assi polla vontade de Deos, ou pode ser que foy isto fingido.

RUANO

O pão da *canela* cheira a oregam, como diz Ruelio?

ORTA

Não cheira o pão senão assi como cheira a casca, e assi tem o sabor della; mas nam cheira com cheiro tam forte e

intenso, nem ha oregãos em toda a ilha de Ceilam, nem no Malavar, nem eu os vi na India, senão trazidos de Ormuz.

RUANO

Alguns dizem que temos *cinamomo*, mas não aquele muito louvado a que chamavam *mosselitico*; e dizem que o *cinamomo* quanto he melhor, tanto dura mais; outros dizem que dura trinta annos; e que dura mais feyto em pó. E que respondeis a isto?

ORTA

Ao primeiro vos responderey quando vos dixer onde ha a *canela*; e ao derradeiro vos diguo que esta droga, de que tratamos, dura muyto pouco sem se corromper. E ao que dizeis que, polverisada e feita em troçisquos, dura mais, não tendes nisso muyta rezão, que mais se conserva no seu proprio pão; e nas casas onde comem pó de canela lançado per cima dos comeres, não guardam este pó de hum dia pera outro, porque se corrompe qua na India. E quanto he á corteza, que he a *canela*, em humas terras dura mais que em outras, conservandoa bem; onde não ha humidade dura mais annos. E nas outras terras os fisicos se conformaram com ellas, e com a esperiencia; e assi o saberam bem: de modo que nam sey se dura trinta annos. E a outra *canela*, que achárão do tempo do emperador Arcadio, já vos respondi que queria ver e crer.

RUANO

Outra rezão dá Antonio Musa, trazida per autoridade de Teofrasto, que o *cinamomo* antiquo tinha muytos nós, e que esta *canela* não os tem.

ORTA

Teofrasto não diz bem, nem era homem desta terra pera saber como he o arvore. E como se tyra a corteza bem, direyvos donde vereis craramente a verdade.

RUANO

Dizey, que ao cabo virey com as duvidas que tiver.

ORTA

Os arvores sam do tamanho de oliveiras, e alguns mais pequenos; e os ramos destes arvores sam muytos, e não tortos, senão algum pouco dereitos; as flores sam brancas, e o fruто preto e redondo, mayor que murtinhos, porque será como avelãas; e a *canela* he a segunda corteza do arvore; porque tem duas cortezas, como o sovereiro, que tem cortiça e casca; assi a *canela* a tem; ainda que as cortezas nam sam tam destintas nem tão grossas, como as do sovereiro. E primeiro tiram esta corteza de fóra, e alimpam a outra; e deitâona no cham, feita em fórmā quadrangular; e deitada no cham, ella por si se enrolla em forma redonda, que parece corteza de hum pão, mas nam porque o seja; porque os páos della sam da grossura da coxa de hum homem; e a mais grossa desta *canela* he como hum dedo. E tambem se faz vermelha, e tem aquesta cor que vedes, pollo sol que a queima; e a cor he como de pouca cinza mesturada com vinho vermelho, que fica como vinho cincento, dominando pouquo a cor da cinza e muyto a do vinho. Os arvores nam sam tam pequenos, como dizem Dioscorides e Plinio*, e sam muytos; e o preço he muito pouquo na *canela* em Ceilam, mas de trinta annos a esta parte nam a póde comprar ninguem senão o feitor de elrey. E esta corteza, que este anno se tira, deixando estar o arvore dá outra dahí a tres annos. E os arvores sam muitos, e a folha he como de loureiro; e os arvores que dam *canela* ruim no Malavar e em Goa são muyto mais pequenos que os de Ceilam; e todos são monteses e crescem e nacem per si. A raiz deyta aguoa que cheira a *canfora*, e temse por fria; e elrey veda que se não tirem as raizes, por nam ser estruiçam dos arvores.

* Lib. 1, cap. 12; lib. 2, cap. 19 (nota do auctor). A citação de Dioscorides é exacta, tratando o cap. 12 da *cassia*, e o 13 do *cinnamomo*. A referencia a Plinio é errada; a passagem encontra-se no livro XII, 42, ed. Nisard, cap. 19 das antigas edições.

RUANO

He branca, e vermelha e preta esta *canela*?

ORTA

A que nam he bem curada fica branca ou parda; e a muito seca fica preta; e a bem curada fica vermelha, como antes dixe; e a raiz he casi sem sabor, e cheira a *canfora*; e o fruto não he aprazivel ao guosto; e as flores tambem se estilam, mas não cheiram tam bem como a aguoa estillada da *canela*; postoque Laguna digua que das flores somente se estilla, mas a verdade he que se estilla a melhor das cortezas antes que se sequem. He muyto gentil mézinha pera o estomaguo, e pera tirar a dor da coliqua, que he procedente de causa fria; porque tira a dor de emproviso, como eu muitas vezes vi. Faz o rosto vermelho, e de boa cor; tira o máo cheiro da boca: certamente que pera Portugal he muyto boa mercadoria, se a levassem em cantidade que abastasse; porque, alem de ser muyto medecinal, he saborosa e boa pera temperarem os comeres, como qua fazem na India.

RUANO

Ha em outro cabo esta boa, senão em Ceilam?

ORTA

Não que eu ouvisse dizer.

RUANO

Pois Francisquo de Tamara, no livro que fez dos Custumes, diz que ha no estreito do mar ruivo *cinamomo e loureiros* que os cobre a aguoa, quando cresce a maré. E tambem dizem os que escrevem das Indias Occidentaes, dos nossos Castelhanos, que em muitas partes destas Indias a ha, em especial em huma terra que chamão Zumaco; e tambem dizem, falando na China, que ha lá muita *canela* e especieria; a isto me respondei tudo.

ORTA

Ao que diz Francisquo de Tamara lhe podeis responder que traladou o que os outros falsamente escreveram; que

os Portuguezes, que esse mar ruivo navegam, nunqua tal cousa viram, navegando todos os annos. E os outros coronistas que dizem que as ha nas Indias, tambem não dizem a verdade; porque dizem que a fruta he como bolotas de sôvaro; e que traz huns capelos pegados nella; e a fruta da *canela* de Ceilão e do Malavar he como azeitonas pequenas ou muyto grossas. E já fora bem que alguma desta *canela* viera a Espanha; por onde pode ser que será outra arvore que dá esta fruta e a casca, e seram deferentes ambas as arvores, como he deferente a *pereira de engoxa* da outra *pereira*. E ao que diz da China, bem sabido he ser falso, pois de Malaqua levão pera a China drogas, e sabem não aver lá a tal droqua (6).

RUANO

Do fruto da *canela* que se faz?

ORTA

Fazem azeite, como nós fazemos o das oliveiras, parece como sevo em pães, ou como sabam francez; não cheira bem nem mal, senão, quando se esquenta, cheira alguma cousa a *canela*, aproveita pera esquentar o estamaguo e nervos (7).

RUANO

A *canela* de Ceilão he toda muito fina?

ORTA

Não, senão alguma he muito roim, que se não arredondou bem, e era muyto grossa por não ser daquelle anno; e, como he de mais tempo, não he boa: isto entendei na de Ceilam, porque a do Malavar e das outras terras toda he muyto roim, e val o quintal da *canela* de Ceilam dez cruzados, e a do Malavar val hum *bar*, que sam quatro quintaes, hum cruzado; e levam os Malavares a vender esta *canela* a Cambaya e a Chaul e Dabul; pera dahy a levarem ao Balaguate.

RUANO

Dizeime dos nomes das especias que traz Plinio, pera ver se se podem reduzir a algumas partes da India.

ORTA

Serão reduzidos, como podermos; porque a verdade he o que dixe, e os nomes levalosemos a ella. E diguo que *Zegir* pode ser que se chamasse assi toda a terra dos Chingualas, que sam os de Ceilam; porque os Persios e Arabios chamam os negros *Zangues*; e toda a gente de Ceilam e do Malavar he desta cor; e tambem aquelles baixos que estam entre a costa e a ilha de Ceilam se chamam de Chilam, onde podemos derivar o nome de *Zegir*.

RUANO

E *cinamomo musilitico*, tanto louvado, donde se diz?

ORTA

Da ilha de Ceilam, que he ilha montuosa, que está contraira ao monte *Cory*, que he o cabo do Comorim; e onde achardes em *Dioscorides* que cheira a *aruda* nam lhe deis fé; e *Plinio* diz que trazem esta *canela* ao porto dos Genalabitas que se chama o Ceilam: vedes como craramente quer dizer no porto dos Chingualas, que he Ceilam; porque diz que por direito caminho vem do promontorio de *Cory*, porto das Genalabitas dito *Ocila*; se estas derivações vos nam contentarem, nam vos saberey dar outras melhores (8).

RUANO

Estas derradeiras me parecem melhor; mas os que dizem que he a folha da *canela* como do *lyrio espadanal*, dizem bem?

ORTA

Não, porque a folha da *canela* parece a laranjeira ou a louro; scilicet, a feiçam he de laranjeira, e a cor he de louro.

RUANO

O olyo fazse da *canela* tambem?

ORTA

Já vos dixe que se fazia somente do fruto da arvore da *canela*; e que se fazia, como nós fazemos o das oliveiras, e esta he a verdade.

RUANO

Acho em receitas de hum doutor de autoridade, *toma cinamomo allipitino*: he por ventura alguma parte da ilha de Ceilam, ou donde he?

ORTA

Si*, ay em Alepo, cidade principal da Suria, *canela* naçida, assi como ha em Espanha, senão levamna de Ormuz e de Gida a Alepo; e vendem lá isto, e trazem cavallos a Ormuz, e muitos generos de sedas e brocados; e porque aquella *canela* era boa e nova, ficou aquelle nome á boa *canela*; e não porque a ay aja.

RUANO

Eu sam satisfeito; e diguo que me parece bem que tenhamos verdadeiro *cinamomo* e verdadeira *cassia lignea*; e nam que nos falte; e que toda seja huma, e que, quando achar *cassia lignea* nas receitas, ou *cinamomo*, sempre porey *cinamomo* o melhor que achar, pois todo he hum, e as cousas que os doutores escrevem pera que aproveita hum as dam a outro; e se Deos me levar a Espanha, eu tirarey desta erronea a muitos fisicos e boticarios; e direy áquelle famoso doutor Thomas Rodrigues, que aquella eshortaçam que faz Mateolo aos fisicos de elrey de Portugal, que tirem isto a limpo, que vós lhe presentais, e pondes debaixo de sua correiçam; porque elle vos mandou isto pedir antes. E agora me dizei o que sabeis da ilha de Ceilam, pois he tão celebrada.

ORTA

Tem a ilha de Ceilam de comprimento 80 legoas ou mais, e de largura trinta legoas: he frutifera, está de gráos de 6 até 9; he a mais frutifera e melhor ilha do mundo. Alguns dixeram ser Trapobana ou Çamatra: tem defronte na costa hum promontorio, que chamam o cabo de Comorim. He muito povoada, posto que montuosa por muitas partes: á

* Parece-me que se deve ler: «Não ha ... assi como não ha em Espanha ...»

gente della chamam *Chingalas*: he de elrey nosso senhor e os reys della sam sujeitos a elle. He certo que esta ilha he a mais nobre do mundo; e era toda de um rey, e foy morto por seus netos, e partiram entre si esta ilha. E quando os Portuguezes vieram a esta terra, fizeram consulta de cortarem e esterilizarem muitos arvores, assim como sam *nozes* e *cravo* e *pimenta*. Ha nesta ilha todo genero de pedraria, tirando diamans. Ha muito *aljofre*, como diremos adiante; tem ouro e prata, e nam querem tirallo os reys, senam tello por tisouro: dizem que se ajuntam alguma vez, pera o tirar secretamente. Os matos sam com todas as aves do mundo, e muytos pavões e galinhas, e pombas muitas, e de muitas maneiras; cervos e veados, e porcos em muyta cantidade: ha muitas frutas nella das desta terra e laranjeiras, e tudo isto he montesinho; e as laranjas he a melhor fruta que ha no mundo em sabor e doçura; damse nella todas as frutas nossas, como uvas e figuos. Certo que das laranjas só se podia fazer muito boa pratica; porque he a melhor fruta que ha no mundo. Tem linho e ferro; e entre os negros qua dizem os Indios ser o paraizo terreal; e fabulam que huma serra, que ahi ha muyto alta, que chamam o pico de Adám, e dizem que está ally a pégada de Adam, e outras fabullas muyto mayores, que por tais volas conto, e taes sam. Ha muitas palmeiras e os alifantes são os melhores que ha no mundo, e de muito entendimento (9), e dizem que os outros que lhe tem obediencia (10).

NOTA (1)

Se havia ou não *canella* no interior da Africa, é questão que procuraremos averiguar em uma das notas seguintes. Por emquanto diremos simplesmente, que nos não é conhecido este clérigo, o qual — como ingenuamente diz o nosso escriptor — foi de S. Thomé a Moçambique por terra. O facto — tomindo a phrase no seu verdadeiro sentido — não é por modo algum improvável, pois são bem conhecidas as tentativas, que desde o tempo do infante D. Henrique até ao de D. João III,

e posteriormente, os portuguezes fizeram para penetrar no interior da Africa. Ruy de Sousa, Balthazar de Castro, Gonçalo da Silveira, Re-bello de Aragão, e varios mais, uns pelo oriente, outros pelo occidente, penetraram nas terras do interior; e algum outro iria de costa a costa, mas sem deixar memoria da sua viagem. A affirmação de Orta é muito positiva, dizendo que tinha conhecido em Goa o tal clérigo. É, porém, vaga, e nem mesmo é facil saber d'onde este partiu, pois não é muito provavel que partisse da costa occidental n'aquelle região do equador, em frente de S. Thomé.

NOTA (2)

Orta refere-se á *Ravensara aromatica*, Sonn., uma arvore de Madagascar da familia das *Lauraceæ*, a cujo fructo os franceses chamaram *noix d'épice de Madagascar*. Sonnerat descreveu-a e figurou-a nos fins do seculo passado; e Cérè, director do Jardim botanico na ilha de França, já antes (1779) tinha dado sobre esta planta uma noticia, dizendo: *Le Ravensara est un arbre à épicerie de Madagascar, dont la feuille et le fruit tiennent des quatre épices fines, que nous connaissons.* No catalogo das plantas uteis das Colonias francesas, diz-se que os seus fructos têm *une forte odeur de girofle*—o cheiro «a cravo» do nosso Orta. Sonnerat diz tambem, que os naturaes a conheciam perfeitamente, e se serviam das folhas para adubarem o arroz; era pois natural que a trouxessem a vender aos portuguezes, que frequentavam os portos de Madagascar ou ilha de S. Lourenço.

Orta não foi o unico escriptor portuguez, que fallou na *Ravensara*. Barros, dando conta da viagem de Diogo Lopes de Sequeira, que foi procurar *cravo* á ilha de Madagascar, onde —como era natural— o não encontrou, acrescenta: que os naturaes da terra «vieram a entender em humas certas arvores, que dam hum fructo como baga de louro, que tem o mesmo sabor do cravo, e começaram de o trazer aos portos de mar a ver se lhes davam por isso alguma cousa». E depois diz, que mais tarde veiu a Portugal uma «mostra» d'aquelle fructo.

(Cf. Sonnerat, *Voyage aux Indes orientales et à la Chine*, II, 58, e 226, Pl. 127, Paris, 1782; Lanessan, *Les plantes utiles des colonies françaises*, 532, Paris, 1886; Baillon, *Adansonia*, IX, 299; Barros, *Asia*, II, IV, 3).

NOTA (3)

A noticia de Garcia da Orta sobre as viagens dos juncos chins até ao Golfo Persico é particularmente interessante, porque este facto devia ser pouco conhecido no seu tempo, posto que esteja hoje perfeitamente demonstrado.

O antigo escriptor persa Hamza de Ispahan —citado por Tennent— diz-nos, que no v seculo o Euphrates era navegavel até Hira. E Maçudi, fallando tambem das variações que se têem dado no curso d'aquelle rio, informa-nos de que elle seguia, muito antes do seu tempo, o antigo canal *el-Atif*, passando em Hirah, e vindo lançar-se no mar da Abyssinia (Golfo Persico), que então cobria as terras de *en-Nedjef*, onde: *arrivaient les bâtiments de la Chine et de l'Inde à destination des rois de Hirah*. O termo d'aquelle navegação foi, porém, retrogradando, e passou a ser em Obolla, depois proximo da moderna Basra, ou Bassora, mais tarde em Siraf na costa da Persia (segundo Abu Zeyd), e por ultimo em Hormuz (Cf. Tennent, *Ceylon*, I, 565, 5.th edition (1860); Maçudi, *Prairies d'or*, I, 215; Yule, *Cathay*, LXXVIII).

Estas informações dos escriptores arabicos são em parte confirmadas por documentos chins, citados e commentados modernamente pelo sr. F. Hirth. Um porto ou cidade, chamado pelos chins T'iao-chih, conhecido por elles desde, pelo menos, o primeiro seculo da nossa era, parece dever situar-se na Mesopotamia, justamente nas proximidades da antiga Hira, e da moderna Kufa. É verdade, que os primeiros documentos o mencionam, não como o *terminus* da navegação; mas, pelo contrario, como o das viagens por terra. Os chins viriam então pela Asia central, através do paiz de An-hsi (Parthia), até T'iao-chih, e ali embarcavam com destino ao mar Vermelho, por onde principalmente se punham em contacto com o Ta-ts'in, ou parte oriental do Imperio Romano. Outras passagens, porém, referem-se ás relações directas, que mais tarde a China teve com o T'ien-chu (India) e com o Ta-ts'in ou Fu-lin (as provincias orientaes do Imperio). Se estas relações directas eram, como parece, maritimas, é natural que os chins viesssem demandar o porto de T'iao-chih seu conhecido. O antigo sinólogo De Guignes dá-nos mesmo uma indicação muito mais clara, que no entanto não encontro confirmada por Hirth. Segundo De Guignes, consta dos annaes da dynastia Thang (vii e viii seculos), que os juncos chins partiam de Kuang-cheu (Cantão), e, depois de tocarem em Ceylão, costeavam o Malabar até a um porto chamado Tiyu (Diu?). D'ali seguiam ainda ao longo da costa, e chegavam a um segundo Tiyu, proximo do grande rio Milan ou Sinteu (o Indus, ou Sindu, chamado pelos arabes Mehran). Navegavam depois para um ponto, onde havia um pharol (os estreitos de Hormuz?), indo finalmente a Siraf e á embocadura do Euphrates (Cf. F. Hirth, *China and the Roman Orient*, 37, 42, 147, etc. Leipsic e Munich, 1885, De Guignes, *Mem. de l'Acad. des Inscriptions et Belles letres*, XXXII (1768), pag. 367).

Mais tarde, as navegações dos chins encurtaram-se, á medida provavelmente que os navios mais leves dos arabes se foram multiplicando. Edrisi, que escreveu perto de dois seculos depois de Maçudi, dá conta das relações commerciaes de Aden com a China, mas não diz em que

navios se fazia a navegação; e, fallando de Soar, na costa de Oman, usa da seguinte phrase: *il s'y faisait des expeditions pour la Chine*, por onde parece, que se fazia em navios arabes. Em todo o caso, quando Marco Polo, e depois Ibn Batuta visitaram a costa do Malabar, era ali, em Coulão e Calicut, o termo habitual da navegação dos juncos. Ibn Batuta fixa mesmo aquelle termo expressamente, dizendo de Hili (junto ao monte Dely), e a «*cuja cidade chegão navios da China*». Depois, como é bem conhecido, quando os portuguezes chegaram á India, os juncos chins já nem mesmo vinham ao Malabar, e em geral não passavam de Malaca (Cf. Edrisi, *Géographie*, I, 51, 152; Yule, *Marco Polo*, II, 195; *Viagens de Ben Batuta*, II, 246).

Vê-se pois, que o facto apontado por Orta é absolutamente exacto, e ao mesmo tempo que esse facto tinha cessado alguns seculos antes d'elle escrever, devendo estar já um pouco apagada a sua memoria. Em que o nosso escriptor se enganou, foi em julgar que os juncos entravam na ilha de Jeru, isto é Jerun, ou Gerun. Os juncos frequentavam o velho porto de Hormuz na terra firme, que parece ter sido importante desde tempos muito antigos, pois se tem identificado com a cidade de Armuza de Ptolomeo, e com aquelle sitio chamado Harmozia, *locus ipse Harmozia vocatur*, em que descansou e se refez a armada de Nearcho, segundo conta Arriano. Este foi e era n'aquelles tempos o porto commercial, e só se transferiu para a ilha de Jerun depois do anno de 1302, seguindo a versão de Teixeira, a qual parece mais aceitável que a de João de Barros, e concorda com o que diz Abulfeda. Quando Marco Polo ali passou (1293 proximamente) a cidade ainda estava na terra firme; mas quando ali foi fr. Odorico (1321) já a encontrou estabelecida na ilha. N'esta epocha as viagens dos juncos tinham cessado; e quando antes ali iam, Jerun era uma pequena ilha deserta e salgada, transformando-se depois em uma cidade tão rica, que os orientaes diziam: se o mundo fosse um annel, Hormuz seria a pedra n'elle cravada.

Esta transferencia de nome e de importancia de um ponto da terra firme para uma ilha, é que o nosso Orta desconhecia, ou se esqueceu de mencionar; e que outros escriptores do tempo, por exemplo Camões, indicaram com exactidão:

Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome depois e a gloria teve.

(Cf. Arriani *Indica*, 573, edição de Nicolaus Blaardus; Teixeira, *Relacion de los reys de Hormuz*, 11; Yule, *Marco Polo*, I, 113; *Lus.*, canto x, est. 103).

Ao mesmo tempo, que Orta nos dá noticia dos numerosos — talvez demasiado numerosos — juncos, que entravam na ilha de Jerun, fallanos dos que se perderam nos «baxos de Chilam». Estes baixos ficavam entre a ilha de Ceylão e a costa de Coromandel; e as suas rochas grandes, regulares, aflorando ao lume da agua, parecendo artificialmente collocadas, receberam o nome de ponte de Adão, *Adam's bridge* dos inglezes. Por ali diziam os Hindús, que o seu Rama havia passado para conquistar a ilha; e por ali, segundo os mahometanos, tinha sido o caminho de Adão. Pareceria, pois, por esta noticia de Orta, que os juncos seguiam aquella derrota, no que pôde haver alguma duvida.

Os nossos navios portuguezes, fustas, galeotas e outros, passavam ás vezes pelos canaes dos baixos; mas alguns maiores com certa dificuldade. Gaspar Corrêa diz, por exemplo: «esta armada passou os baixos de Chilão com o galeão e caravellas *descarregadas*, ao que lhe deu muito aviamento Diogo Rabello, que andava por capitão da pescaria» (de perolas). A antiga navegação dos arabes fazia-se tambem por ali, como claramente dizem Soleyman e Ibn Wahab no ix seculo; e por ali continuou no tempo dos portuguezes, como se vê do seguinte trecho de Duarte Barbosa: «por honde (pelos baixos) passaom caminho de Charamandel todolos zambucos do Malabar, e cadano se perdem muitos n'estes baixos, por ho canal ser muy estreito». Todas estas embarcações de pequena lotação tomavam, ou a passagem entre a ilha de Manaar e a de Ceylão, ou o canal de Paumben, entre a ilha de Rameseram e a costa da India.

Sir Emerson Tennent, porém, põe em duvida que os grandes juncos seguissem aquelle caminho, e admite que elles rodeavam Ceylão e frequentavam o porto, hoje conhecido pelo nome de Ponta de Galles. Os antigos juncos eram effectivamente enormes, trazendo grandes cargas, e guarnições, que chegavam a ser — segundo Ibn Batuta — de mil pessoas. Era pois natural, que nem passassem, nem tentassem passar habitualmente pelos canaes dos baixos. A noticia de Orta não deve, pois, referir-se á navegação habitual, mas a um ou a mais factos isolados, de que fallam outros escriptores. João de Barros diz:

«No tempo que os Chijs conquistaram aquellas partes por razão da especiaria, entre o transito d'esta Ilha (Ceylão) e a terra firme, com hum tempo a que elles chamão vara, que he o que faz a maravilha do seu Scylla e Charybdes, em hum dia perderam oitenta vellas, donde aquelle lugar se chama Chilão ... que ácerca d'elles quer dizer os perigos ou perdição dos Chijs».

E fr. Gaspar da Cruz allude ao mesmo ou a outro naufragio:

«...e nos baixos de Chilão, que correm da ilha de Ceilam pera a costa de Cheromandel se afirma pelos da terra, que se perdeo hūa muy grossa armada dos Chinas, que vinha sobre a India, a qual se perdeu porque os Chinas eram novos em aquella navegação».

Deixando de parte a etymologia da palavra Chilão, que não parece exacta, estes factos de naufragios nos baixos devem ser verdadeiros, ainda quando não fosse por ali o caminho habitual da navegação.

(Cf. Tennent, *Ceylon*, I, 587 et seqq.; *Lendas*, III, 560; Duarte Barbosa, *Livro*, 352; Barros, *Asia*, III, II, 1; fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, 19, 2.ª edição, Lisboa, 1829.)

Estas referencias ás expedições militares dos chins ao sul da India, levam-nos a fallar da Chinacota de Calicut, e da origem que Orta lhe attribue. A mesma noticia se encontra nas *Lendas*, e d'ali se vê que o recinto da Chinacota era grande, pois n'ella se aposentou Pedralvares Cabral com toda a sua gente que desembarcou. Este e outros edificios referem os nossos escriptores com insistencia ao dominio dos chins na India. Alem das indicações, dadas por Barros e fr. Gaspar da Cruz nas passagens citadas, Gaspar Corrêa falla de uma grande armada de chins e «lequeos», que quatrocentos annos antes da nossa chegada correu aquella costa, estabelecendo-se ali muitos d'aquelle estrangeiros. E, entre outros, Diogo do Couto falla explicitamente na estada dos chins na India meridional, e nas leis e costumes que ali introduziram. A questão é intrincada, porque é difficil admittir, que não existisse um fundamento real para estas affirmações concordes, e por outro lado esse fundamento se não encontra—ao menos, que eu saiba.

Pôde ter contribuido para introduzir aquella idéa no espirito dos nossos escriptores, o dominio que os chins tiveram na ilha de Ceylão, onde mandaram uma armada depois do anno de 1405, e d'onde receberam tributo até ao anno de 1459. Este facto estava fresco na memoria de todos quando os nossos chegaram á India, e pôde bem ser que os juncos perdidos nos baixos fossem d'esses que se enviavam a Ceylão. Quanto á India, é certo que Yule menciona alguns estados situados n'esta região, e nomeadamente um que identifica com a costa de Mabar, ou de Coromandel, como vindo incluidos em uma lista de paizes tributarios á China, em tempos do imperador Kublai (1286); mas é necessário ter em vista a arrogancia dos documentos chins, que dão a significação de actos de vassallagem a uma embaixada, ou ás vezes a simples relações commerciaes. Dominio efectivo na India parece não ter havido. Havia, porém, colonias commerciaes, ricas e prosperas; e a essas colonias, aos mercadores chins, estabelecidos em Coulão e outros pontos do Malabar e de Coromandel, allude Ibn Batuta e varios viajantes da Idade-media. É perfeitamente admissivel, que essas colonias tivessem feitorias, edificios religiosos, e mesmo recintos fortificados; e é admissivel que a Chinacota tivesse esta origem.

Em outros casos, porém, os nossos escriptores tiveram um equívoco manifesto, e atribuiram aos chins edificios, que haviam sido levantados por algumas seitas religiosas da India. Já na *Vida de Garcia da Orta* eu tive occasião de notar esta confusão entre chins e buddhistas; e vi

depois no *Indian Antiquary* um artigo —de que então não tinha conhecimento— e em que duas grandes auctoridades orientaes, Yule e Caldwell, apontavam uma confusão analoga entre *chinas* e *jainas*.

(*Lendas*, I, 69, 186; Couto, *Asia*, V, I, I; Tennent, *Ceylon*, I, 622; *Cathay*, LXXVI; *Marco Polo*, II, 321; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 259; *Ind. Ant.* IV, (1875), 9.)

No decurso do *Coloquio*, Orta dá uma longa lista das mercadorias, que os juncos deviam trazer, já da sua propria terra, já das compras, feitas pelo caminho: ouro, seda, porcellana, almiscar, cobre, aljofre, pedra hume, sandalo, noz e maça, cravo, madeira de aloés, canella boa e ruim, pimenta e cardamomo. Alguns seculos antes, Edrisi dera igualmente uma lista das mercadorias, que da China vinham a Aden, entre as quaes é facil reconhecer que muitas não procediam propriamente da China, e sim dos pontos intermediarios. Com quanto as listas diffiram, ha entre elles concordancias muito interessantes, e Edrisi aponta algumas das mercadorias citadas por Orta: porcellana? (*vaisselles de terre* na traducção), sedas? (*étoffes riches et veloutées*), noz e maça (*muscade, macis*), almiscar, madeira de aloés, cravo, canella, pimenta e cardamomo (Cf. Edrisi, *Géographie*, I, 51).

NOTA (4)

Para não alongar demasiado estas notas, não repetirei o que disse já na *Vida* de Garcia da Orta, sobre a famosa pedra de Repelim, sobre a tomada d'aquellea chamada ilha, e sobre o combate naval de Beadalá. A pedra devia ser simplesmente um *lingam*; e os sucessos militares são bem conhecidos pelas relações dos nossos chronistas (Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 123 a 132; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 717, 766, 828; Barros, *Asia*, IV, VII, 19, e VIII, 13; Couto, *Asia*, V, II, 4).

NOTA (5)

Como se vê, Orta cita um grande numero de nomes vulgares da *canella*, cuja exactidão é necessario averiguar:

—Dois nomes gregos, adoptados pelos latinos e em muitas linguas modernas, designaram duas substancias distinctas, mas, ao que parece, analogas, *κανά* ou *κανά*, e *κυναρίδη* tambem escripto *κυναρίνη*. Estes dois nomes são geralmente derivados das duas palavras hebraicas, que se supõe terem designado as mesmas substancias, קְנָפָה e קְנָפָה. A pri-

meira d'estas palavras liga Sprengel a uma raiz hebraica, que significa cortar, *abscindere*—e a sua opinião é geralmente seguida, de preferencia

á de Orta, que vê na palavra *cassia*, a corrupção do malayo *cais*. O segundo seria —no parecer do mesmo Sprengel,— a alteração de um nome asiatico¹ da substancia, *cacyn-nama*, que significa pau doce, *dulce lignum*. O nosso Orta procura, porém, outra origem da palavra *cinnamomo*, julgando ser o *Cin* ou *Sin-amomo*, isto é o *Amomo* da China. Esta etymologia excitou as iras de Scaligero, o qual exclama: *nihil jocularius, ineptius, stultius, potuit dici*. No entanto o erudito Cooley, depois de examinar todas as origens propostas para a palavra, considera esta a unica racional; e para ella se inclina igualmente Nees von Esenbeck. A opinião de Orta não era pois tão inepta e ridícula como dizia Scaligero, e tem por si as melhores auctoridades (Cf. Renan, *Hist. des langues sémitiques*, 206; Sprengel, *Dioscorides*, II, 349, 350; *Exoticorum*, 246; W. Desborough Cooley, *On the regio Cinnamomifera of the ancients*, no J. R. G. S. vol. xix, pars I (1849), pag. 169; Nees von Esenbeck, *Disputatio de Cinnamomo*, trabalho que não pude ver e só conheço pelas citações).

—«Salihacha» —diz Orta— chamam os árabes á *cassia lignea*. É um nome conhecido, mas cuja transcripção correcta deve ser *salikhah* سليخة (Cf. Sprengel, I. c.; W. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 58).

—«Darchini» é nome «persio» e não «arabio». Escreve-se na fórmula arabica دار چيني *darsini*, ou na fórmula e alfabeto persiano *darchini*; e é efectivamente de origem persiana, como se vê bem da primeira parte *dar*, (cf. sanskrito दारू *dāru*, que significa arvore e madeira). Todos o interpretam do mesmo modo que Orta, querendo dizer *pau da China* (Cf. Pictet, *Orig. Indo-europ.*, I, 210; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 72; *Pharmac.*, 468).

—«Querfá», ou «Querfé» nome árabe da *canella* em geral. É um dos mais frequentes entre os Árabes, قرفه *qerfah*, e significa casca (*cortex* em Freytag). Chamam á *canella*, *qerfah ed-darsini*, a casca do pau da China, ou simplesmente *qerfah*, a casca por excellencia (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 667).

—«Caismanis» e «Caismão» é o nome malayo, e significa *pau doce*. Os nomes malayo e javanez são efectivamente *kayu-manis* ou *kai-manis*, e têm a significação que Orta lhes attribue. É claro que este deve ser o *cacyn-nama* e o *dulce lignum* de Sprengel; mas não é igualmente claro que seja a origem da palavra *cinnamomo* (Cf. Crawfurd, *Dict. of the Indian Islands*, 100; Ainslie, I. c.).

—«Cuurdo» é o nome usado em Ceylão. *Coronde*, *kurunda*, *kurundi*, e ainda outras fórmulas singhalezas, se encontram nos livros mo-

¹ Singhalez, segundo Royle (*Ant. of hindoo med.*, 84); mas nem o encontro citado entre os nomes usados em Ceylão, nem uma origem singhaleza parece aceitável pelas razões adiante expostas.

dernos. Applicam-se em geral á casca de que tratâmos, distinguindo-se depois a melhor pelo nome de *rassu-coronde*, e as inferiores por diversos e numerosos qualificativos (Cf. Ainslie l. c; Piddington, *Index*, 51; Guibourt, *Drogues Simples*, II, 405).

— «Cameá» no Malabar. Este nome está de certo muito alterado; mas deve prender-se ao tamil *kárruvá*, que Rhede dá na forma mais simples *karua* ou *carua* (Cf. Ainslie l. c.).

Se prescindirmos das variantes orthographicas, faceis de explicar na transcrição de nomes estranhos e de difícil pronuncia, vemos que a nomenclatura de Orta é exacta, e notavelmente completa.

Devemos dizer que Diogo do Couto, sem ser da especialidade, se mostra muito sabedor d'estes nomes da canella; e aponta o nome *corundo* em Ceylão, *caroa* no Malabar, *carfa* entre os arabicos, *darsin* ou *pau da China* entre os persianos, e *caio manis*, ou *pau doce* entre os Malayos, dando outras indicações interessantes. Mas n'este, como em outros pontos, é para mim duvidoso, se as informações de Couto são propriamente suas, ou se elle as extrahiu dos *Coloquios*, sem comtudo os citar. Algumas concordancias curiosas me levam a crer, que Diogo do Couto se aproveitou mais de uma vez do livro do seu compatriota, mas lhe não fez a honra de o mencionar (Cf. Couto, *Asia*, V, 1, 7).

NOTA (6)

Orta conhecia a *canella* de diversas procedencias. Em primeiro lugar a de Ceylão, que era no seu tempo a principal região productora d'aquella substancia, e d'onde ainda vem o *cinnamomum* ou *cortex cinnamomi* mais fino. É a casca do *Cinnamomum zeylanicum*, Breyne, uma arvore da familia das *Lauraceæ*, da qual existem na ilha de Ceylão distintas variedades, tidas por alguns na conta de especies particulares, e fornecendo cascas de diversas qualidades e valores. Orta dá uma descripção bastante exacta da arvore; mas cár em um erro grosseiro e imperdoável em tão consciencioso observador, quando suppôe que tiravam a «corteza» e passados tres annos dava outra¹. Este engano — que teve tambem Gaspar Corrêa — resultou de alguma vaga reminiscencia do que se passava em Portugal com os *sovereiros*; e Orta suppos, que a *canella* se reproduzia, como se reproduz a *cortiça*. Isto, porém, não succede nem pôde succeder, porque a *canella*, principalmente constituída pela parte liberiana da casca, se não torna a formar; e a sua extracção determina mesmo a morte do ramo. Duarte Barbosa, sem ser da especialidade, dá um quinão em Garcia da Orta, dizendo

¹ Apezar de ter notado acertadamente que a *canella* era a segunda casca.

correctamente: «el-Rey ha manda cortar em ramos delguados, e mandando-lhe tirar a casqua ...». É efectivamente assim que se procede; as arvores são podadas, e são descascados depois os ramos que se cortaram (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, I, 652; Duarte Barbosa, *Livro*, 350; *Pharmac.*, 470).

Orta conhecia igualmente a *canella* mais grossa e ordinaria do Malabar, a qual procede talvez de mais de uma especie, mas principalmente do *Cinnamomum iners*, Reinw., uma arvore frequente nas florestas de Travancore, Mysore, e de outras partes da India.

Conhecia tambem a *canella* de Java, que se julga proceder do *Cinnamomum Burmanni*, Blume.

Mas ignorava a existencia da *canella* na China, e afirmou erradamente que a não havia ali. Temos todos os motivos para acreditar — como veremos em uma das notas seguintes —, que a primeira *canella* conhecida foi a da China, e sabemos que hoje vem das provincias meridionaes d'aquelle paiz toda a *canella* mais especialmente conhecida no commercio pelo nome de *cassia lignea*. Procede, segundo parece, da especie *Cinnamomum Cassia*, Blume, que habita aquellas terras, assim como parte da Indo-China (Sobre esta questão complicada das procedencias botanicas da *canella* e *cassia lignea* pôde ver-se Meissner in D. C. *Prodromus*, vol. xv, sect. I. p. 10 et seqq.; Flückiger e Hanbury, *Pharmac.*, 466, 475; e tambem a traducçao franceza d'este ultimo livro pelo dr. Lanessan nas notas finaes).

Em resumo, a insistencia com que Orta, já no titulo e depois em todo o *Coloquio*, affirma que *canella*, *cinnamomo* e *cassia lignea* é uma e a mesma cousa, tem uma certa rasão de ser. Distinguiram-se e ainda hoje se distinguem no commercio, o *cortex cinnamomi* e o *cortex cassia-lignae*, como substancias e mercadorias diversas pela sua procedencia e pelo seu preço; mas no fundo são substancias muito similhantes, e pertencendo a especies do mesmo genero. É isto, e só isto, o que Orta pretende dizer, porque a distincção scientifica das especies se não sabia fazer no seu tempo; e elle só podia notar, como notou, que a arvore do Malabar era um tanto diversa da de Ceylão.

Pelo que diz respeito ás *canellas* de outras regiões, é claro que a *canella aquatica* do mar Vermelho era uma pura phantasia, resultando de antigas noticias a que nos referiremos nas notas seguintes. A *canella* da America, de «Zumaco» ou de Quito, foi muito celebrada, mencionada por Garcilaso de la Vega, Oviedo e Monardes, e ainda hoje se encontra no commercio com o nome de *ishpingo*. Mas era fornecida por uma planta diversa do *Cinnamomum*, comquanto da mesma familia, uma grande arvore, *Nectandra cinnamomoides*, Meissner, que por emquanto está imperfeitamente estudada.

NOTA (7)

Este oleo, extrahido do fructo do *Cinnamomum*, era bem conhecido dos portuguezes; e Gaspar Corrêa tambem falla d'elle dizendo: «da baga se tira hum azeite, que se faz duro como sabão branco, cousa muy forte de quente». Segundo Orta, tinha usos medicinaes: «para esquentar o estomago e nervos». Não o vejo mencionado modernamente; mas o coronel Drury diz, que as sementes do *C. iners* são ás vezes empregadas na medicina hindú (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, I, 652; Drury, *Useful plants of India*, 138).

Alem do oleo da baga, Orta menciona «a agoa de Canella»; e a que «a rayz deita, que cheira a camfora». Refere-se ao producto hoje chamado *Oleum cinnamomi radicis*, tendo um cheiro entre cinnamomo e canfora; e um gosto canforaceo pronunciado. Foi descripto por Kämpfer (1712), e vem mencionado por Flückiger e Hanbury, os quaes se referem ao nosso auctor (*Pharmac.*, 474).

NOTA (8)

Sem entrar largamente na complicada historia antiga da *canella*, é no entanto necessario recordar alguns factos, que esclareçam as duvidas e affirmações de Garcia da Orta.

Os antigos conheciam duas substancias, que reputavam distinctas, mas analogas—a *cassia* e o *cinnamomo*. Passagens de Galeno, repetidas vezes citadas, provam que a boa *cassia* differia pouquissimo do *cinnamomo*; e devemos admittir que elles designavam por aquelles nomes, o mesmo que hoje designâmos, isto é, cascas ou pequenos troncos de *Lauraceæ*, de melhor ou peior qualidade. Ambas as substancias, e particularmente o *cinnamomo*, eram tidas em grande estima; e o erudito dr. Vincent, que tão cuidadosamente estudou o commerçio dos antigos, dá a esta especiaria o primeiro logar n'aquelle commerçio. Nos livros sagrados dos Hebreus é mencionada repetidas vezes; desde o *Exodo* (xxx, 23, 24) em que Deus, fallando a Moysés, lhe manda tomar uma certa porção de *cinnamomo* e de *cassia*; até ao livro de *Ezequiel* (xvii, 22) em que se falla dos mercadores de Sheba, ou Saba, que traziam a Tyro aquelles *universis primis aromatibus*; sem notarmos varias menções nos *Psalmos*, *Reis* e outros. Era igualmente conhecida dos mais antigos escriptores gregos. Herodoto diz-nos, que os seus compatriotas haviam aprendido o seu nome com os phenicios — o que deve ser exacto; e conta-nos, como se encontrava nos ninhos dos passaros, os quaes a traziam das terras, d'onde Bacho era natural; e como algumas serpentes aladas guardavam esta preciosa substancia. Theo-

phrasto falla tambem d'essas serpentes venenosas, mas, com o seu habitual criterio, adverte logo: isto é uma fabula ($\mu\delta\theta\sigma\zeta$). D'estas fabulas, «o mais fabulosas que podem ser» tinha conhecimento o nosso Orta; mas nem lhes dá credito, nem mesmo as quer mencionar. Quanto á patria, tanto Herodoto, como Theophrasto, indicam a Arabia; mas as proprias fabulas que contam, mostram bem que os seus conhecimentos a este respeito eram incertos, e elles suspeitavam que viesse de mais longe. Na Arabia se localisou effectivamente a patria do *cinnamomo*; e Arriano, quando conta como a frota de Nearcho entrou os estreitos de Hormuz e avistou as costas de Oman, acrescenta, que d'ali tiravam os Assyrios o *cinnamomo* e outros aromas (Cf. Herodoto, III, 111; Theophr. *Hist. plant.* IX, 5, 7, pag. 146, 147, edição Wimmer (1866); Arr. *Indica*, 571).

Mais tarde, Plinio, sem nos dar as razões em que se funda, desloca as plantas da Arabia para a Africa; diz: *nascitur in Aethiopia Troglo-dytis connubio premixta*; e marca mesmo o ponto da costa, *Mossyliticus*¹, por onde se fazia o seu commercio. Condemnando as fabulas de Herodoto, Plinio cão em indicações igualmente singulares, sobre os sacrificios que se faziam ao deus *Assabinus*, e sobre a parte que se entregava ao sol. Garcia da Orta refere-se a esta passagem, quando falla da parte que pertencia «ó diabo» (o deus *Assabinus*); e é mesmo evidente, que elle conhecia a relação de Herodoto, unicamente pelo que d'ella transcreveu Plinio. Mas, voltando á patria do *cinnamomo*, vê-se, que depois de Plinio ficou geralmente collocada na Africa. Ptolomeu situa tambem a *regio cinnamifera* no alto Nilo, proximo das suas lagoas (Cf. Plin., *Hist. nat.*, VI, 34, XII, 41, 42, 43; Ptolom., *Geogr.*, IV, 8).

Nas cartas da idade media, que em geral não foram mais do que compilações de antigas notícias, conservam-se vestigios das duas situações. Em um *Mappamundi* do XII seculo, annexo a uns commentarios sobre o Apocalypse, vem na Arabia este distico: *et cinnamomum ibi est*. E na famosa carta do Museu Borgia do XIV seculo, vem do mesmo modo o *cynamomum* indicado na Arabia; enquanto na Africa oriental, a *Phoenix* arde no ninho sobre um fogo de aromas: *se in igne aromatico comburitur*. Por este modo se foram conservando antigas indicações, que, ampliadas e alteradas, levavam a affirmações tão estranhas, como aquella de Francisco Tamara —citada por Garcia da Orta—, o qual collocava *cinnamomos* e *loureiros* no mar Vermelho, cobertos pela maré, em uma situação em que só poderiam viver *mangues* (Cf. Santarem, *Essai sur la Cosmographie*, II, 118, e III, 286).

¹ Ezekiel tambem falla de *Mosel*, Dioscorides de $\mu\delta\alpha\lambda\sigma\zeta$ e varios outros. Garcia da Orta liga o nome de «musilítico» á ilha de Ceylão; mas sem motivo plausivel. Aquelle porto ficava na costa africana, entre Bab el-Mandeb e Guardafui, proximo talvez a Bender Ghasim e Bender Ghor das cartas modernas.

Modernamente (1849), um escriptor eruditissimo, Desborough Cooley, levantou de novo a idéa da antiga existencia do *cinnamomo* na Africa, apoiando-se sobre um grande numero de referencias de escriptores gregos e latinos, e sobre uma discussão muito engenhosa dos textos. As conclusões a que chegou podem resumir-se nas seguintes:

Que o primeiro conhecimento do *cinnamomo* foi derivado da China; e que a substancia, nos tempos mais remotos, chegava á Judéa e á Phenicia por terra, atravez da Persia;

Que mais tarde, os negociantes da Arabia, aquelles mercadores de Sheba de que falla Ezekiel, levaram a Tyro e outros mercados occidentaes o producto das suas possessões africanas; e que então o *cinnamomo* da Africa oriental supplantou o do extremo oriente;

Que depois os gregos se substituiram aos arabes, e foram elles proprios aos portos africanos buscar as famosas cascas, cuja procedencia já então conheciam;

Que finalmente, declinando o Imperio Romano, e augmentando o commercio da Persia com o Oriente sob os Sassanides, affluiu aos mercados o *cinnamomo* asiatico, principalmente da India; e que a decadencia e extincão do trafico na especiaria africana se pôde approximadamente collocar nos fins do vi seculo.

(Cf. W. D. Cooley, *On the Regio Cinnamomifera of the ancients*, no J. R. G. S. vol. xix (1849), P. 1, p. 166).

A principal objecção a fazer a esta apreciação dos factos é ainda hoje a mesma que lhe fazia Garcia da Orta—isto é, que a arvore do *cinnamomo* não existe na Africa. Se acreditassemos nas indicações dos antigos escriptores, deveríamos procura-la na extremidade oriental da terra dos Somalis; ou, querendo alargar a região segundo as idéas de Ptolomeu, n'aquelle terra, e na terra dos Gallas, chegando ao Nilo superior ahi pelas alturas de Gondokoro. Era de certo um atrevimento da parte de Garcia da Orta dizer, que esta região da Africa era bem conhecida no seu tempo. Mas hoje não sucede o mesmo; tem sido visitada por diversos viajantes, e nenhum menciona ali a arvore da *cannela*, nem mesmo uma *Lauracea* qualquer¹. Em questões d'esta ordem, os dados historicos têm grande importancia; mas, em ultima analyse, dominam os argumentos botanicos; e o que sabemos da distribuição geographica das *Lauracea* torna pouco provavel, que uma planta do genero *Cinnamomum* exista, ou existisse em tempos historicos na Africa oriental. Vê-se, pois, que o argumento de Garcia da Orta, pouco fundamentado no seu tempo, se conserva no entanto de pé, ao cabo de tres seculos, e á luz das modernas explorações.

¹ Exceptuando uma indicação de Bruce, que carece completamente de confirmação.

Se o *cinnamomo* não vinha da Africa, d'onde vinha? Parece que também não vinha de Ceylão. Em um exame detido, minucioso, completo, de todos os escriptores gregos, latinos e arabicos antigos, que fallaram de Ceylão, sir Emerson Tennent notou, o que já em parte tinham notado com surpresa Vincent, d'Herbelot, sir William Ouseley, isto é, que em nenhum d'elles ha uma unica referencia ao *cinnamomo* da ilha. É só em tempos relativamente modernos, que Kazwini (1275), e depois Montecorvino, Ibn Batuta e outros o mencionam. E mesmo n'aquelle primeiro tempo parece ser pouco conhecido. Marco Polo não o cita, citando o do Malabar e o da China. Ibn Batuta descreve um estado de cousas, que mostra um commercio nascente. De modo que a famosa ilha, a terra clásica da

..... canella
Com que Ceylão é rica, illustre e bella,

teve as suas florestas desaproveitadas até proximamente dois séculos antes da chegada dos portuguezes (Cf. Tennent, *Ceylon*, I, 600 et seqq.; Yule, *Marco Polo*, II, 47, 297, 379).

Posta assim de lado a *canella* de Ceylão — pelo que diz respeito aos tempos antigos — devemos voltar-nos para a India, e principalmente para a China. Em uma das notas precedentes, vimos existirem provas de que desde o princípio da nossa era os chins vinham por terra, e talvez também por mar, até ao Euphrates. Mas não se segue, que as suas relações com o Occidente começassem então. As trocas, não só de substancias materiaes e de mercadorias, mas as trocas de idéas e de noções científicas, levam-nos pelo contrario a acreditar em um contacto muito mais antigo. O erudito J. Edkins de Peking, entre outros, admite, que o commercio pelo oceano Indico pôde talvez ter logar desde os tempos nebulosos do imperador Hwangti e seus sucessores immediatos, quasi contemporaneo do rei Uruk da Chaldéa, e vivendo mais de vinte séculos A. C. Sem procurarmos, se as relações da China com o Occidente resultavam então de viagens terrestres através do An-hsi, como nos primeiros séculos da nossa era; se a navegação partia dos portos occidentaes da Indo-China, onde as mercadorias viessem da China, aproveitando os grandes valles que parallelamente rasgam aquella peninsula de norte a sul; ou se a navegação partia dos proprios portos da China meridional; sem indagarmos também, que parte caberia n'essa navegação aos juncos chins, e que parte se deva attribuir áquellas naus de Ur na Chaldéa, de cuja existencia (2:000 annos A. C.) sir Henry Rawlinson encontrou noticia; admittindo que todas estas questões são insolueis, podemos no entanto aceitar o facto das relações commerciaes, qualquer que fosse o caminho seguido.

Por outro lado, temos a prova de que a *canella* ou *cassia* era conhecida na China n'esses remotissimos tempos. Sob o nome de *kwei*,

vem mencionada no *Shen-nung Pen Ts'ao king*, ou *Materia medica* do imperador Shen-nung, o qual reinava 2:700 annos A. C. E os nomes occidentaes inclinam-nos tambem para aquella origem: em primeiro logar *darchini*, ou *pau da China*, que é uma designação muito antiga, pois vem citada no *Amara Cocha* na fórmula *darasini*, e nos escriptos do armenio Mosés de Choréne, na fórmula *dareženic*; em segundo logar, a antiquissima fórmula hebraica ou phenicia d'onde veio *cinnamomo*. Quer o derivemos de *cacyn nama*, ou de qualquer outra fórmula malaya, como fazem Sprengel e outros, quer o derivemos de *cin* ou *sin-amomum*, como fazem Garcia da Orta e Cooley, aquelle nome indica-nos uma procedencia do extremo Oriente. Tanto, pois, quanto podemos averiguar questões, destinadas a ficarem incertas e nebulosas, a origem chineza da antiga *canella* parece-nos plausivel (Cf. Edkins, *Ancient navig. in the Indian ocean*, no J. R. A. S., vol. xviii (1886), 7; Rawlinson, *Anc. Monarchies*, I, 16; D. Cooley l. c.).

Qualquer que fosse o caminho por onde traziam a especiaria, ella vinha ter aos portos da Chaldéa, aos da Arabia meridional ou Sabéa, aos da Etiopia. D'ali, pelo mar Vermelho, chegava aos povos do Mediterraneo, e ésses povos, os gregos entre outros, tomaram os paizes por onde vinha, como sendo os paizes d'onde vinha. Esta parece ser a verdade, e esta é exactamente a argumentação de Garcia da Orta. Elle ignorava dois factos capitaes: primeiro, que a *canella* se creava na China: segundo, que a *canella* de Ceylão não fôra conhecida nos tempos mais antigos. Isto induziu-o naturalmente em alguns erros; mas, de um modo geral, os seu raciocinios são correctos, e perfeitamente aceitaveis em face do que hoje se sabe sobre a questão.

NOTA (9)

Orta deve ter visitado a ilha de Ceylão, pelo menos duas vezes. N'este mesmo *Coloquio* nos diz que assistiu á tomada de Repelim; e pouco depois d'aquella victoria, Martim Affonso de Sousa foi de Cochim a Ceylão, desembarcou em Colombo, e seguiu d'ali para Cota no interior da ilha. Orta, que estivera em Repelim, e fazia então parte do sequito pessoal do Capitão Mór, acompanhou-o sem duvida n'esta viagem, que teve logar nos principios do anno de 1537. No anno seguinte, a 15 de Fevereiro, deu-se a batalha de Beadala, de que Orta falla tambem n'este *Coloquio*; e que provavelmente presenceou, posto que o não diga de um modo explicito. O porto de Beadala, marcado hoje nas cartas inglezas *Vedaulay* (propriamente *Vēdālay*) estava situado na lingua de terra que se estende da costa da India em direcção a Ceylão, e limita pelo norte o golfo de Manaar. D'ali mesmo, Martim Affonso atravessou a Ceylão, ao longo dos baixos, e foi de novo a Colombo, e de Co-

lombo a Cota visitar segunda vez o Rei; é provavel que Orta fosse n'esta viagem, como fôra na primeira. Annos depois esteve tambem na ilha das Vacas, na bahia de Palk, muito perto de Ceylão; mas d'essa expedição fallaremos mais tarde (Cf. Barros, *Asia*, IV, VII, 22; e IV, VIII, 14; Couto, *Asia*, V, I, 6; e V, II, 5).

Parte das noticias, que nos dá, resultavam, portanto, de impressões pessoaes; mas outra e a maior parte resultaria das informaçōes que sempre tomava, pois a sua demora na formosa e famosa ilha foi muito curta, e pouco tempo lhe deu para observar. Em todo o caso, as suas noticias são em geral exactas. Das *pedras preciosas* de Ceylão teremos de fallar em outras notas; mas do *ferro* podemos dizer desde já, que existia na ilha, e que os singhalezes conheciam de tempos antigos o modo de tratar o minerio e de lavrar o metal. Não é igualmente exacto, que ali houvesse *oiro* e *prata*; estes metaes apenas se encontravam occionalmente e em pequenissimas quantidades. E se os objectos de oiro eram frequentes nos pagodes, nos palacios dos reis, ou nas casas dos ricos singhalezes, isto resultava de importação.

A vegetação da ilha era e é riquissima, como todos sabem. Encontravam-se ali «muitas palmeiras¹», dos generos *Cocos*, *Areca*, *Borassus*, *Caryota* e outros; tambem «muitas frutas», já das puramente tropicaes, já das que tambem se criam nas regiões temperadas, como as laranjas. D'estas, que Orta diz serem a «milhor fruta que ha no mundo»; e das quaes «se podia fazer huma muito boa pratica», fallaram sempre os viajantes com grande louvor. Varthema tinha dito quasi as mesmas palavras: *aranci dolci, li migliori che siano al mondo*.

Pelos matos creavam-se todos os animaes de que Orta falla: «muytos pavões», que ainda recentemente eram frequentissimos na parte oriental da ilha: «galinhas bravas», a especie *Gallus Lafayeti*: «pombas muytas e de muytas maneiras», dos generos *Treron*, *Turtur*, *Carpophaga* e outros: «cervos e veados», dos generos *Rusa* e *Axis*: «porcos em muyta cantidad», o *Sus indicus* ou uma especie proxima. Havia tambem elephantes nas florestas, e perolas nas aguas dos golfos; mas de elephantes e de perolas teremos de fallar mais largamente em outras notas (Compare-se em geral esta noticia de Orta, com o que dizem Barros, Couto, João Ribeiro na *Fatalidade historica*, e sobretudo Tenant no seu livro classico, *Ceylon*).

¹ Esta phrase de Orta «ha muitas palmeiras», vem citada por Yule e Burnell (*Glossary*, v. *Palmyra*), e applicada especialmente ao *Borassus flabelliformis*. Por esta vez, os eruditos auctores não tiveram rasão. A palavra portugueza *palmeira* designou sempre especies diversas da familia das *Palmae*; deu-se em Portugal ao *Phœnix dactylifera*, como na India se dava ao *Cocos nucifera*, chamando-se *palmar* a reuniao d'aquellas arvores. Orta abrangia, pois, sob aquelle nome formas diversas, bastante similhantes entre si para que se reconhecesse a sua afinidade, e se lhes desse uma designação commun.